

JANETTE OKE

LAUREL OKE LOGAN

RETORNO *ao*
OESTE CANADENSE

3



ONDE A ESPERANÇA PREVALECE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

JANETTE OKE

LAUREL OKE LOGAN

RETORNO *de*
OESTE CANADENSE

3

ONDE
A ESPERANÇA
PREVALECE

Onde a esperança prevalece

Retorno ao oeste canadense livro 3

Janette Oke, Laurel Oke Logan



Lista de Personagens

A Família Thatcher

Beth — Elizabeth Thatcher

Mãe — Priscilla Thatcher

Pai — William Thatcher

Julie Thatcher — irmã de Beth, quatro anos mais nova

Margret Bryce — irmã casada de Beth, dois anos mais velha

John Bryce — marido de Margret

JW Bryce — filho de Margret, sobrinho de Beth

Outros

Beth Jarrick "Jack" Thornton — policial montado e pretendente de

Molly McFarland Russo — proprietária da pensão

Frank Russo — mineiro aposentado que se casou com Molly

Molly Teddy Boy e Marnie — adolescentes órfãos adotados pela

Philip Davidson — pastor e amigo de longa data de Jarrick

Robert Harris Hughes — novo professor da escola

Prólogo

Caríssima Molly,

Hoje comprei minha passagem para a longa viagem de trem de Toronto, através dos quilômetros de pradaria, até Lethbridge e então suportarei mais uma vez as longas horas de carro até sua vila acolhedora — o segundo lar do meu coração. Não tenho medo da viagem desta vez, fico feliz em lhe dizer. Tanta coisa mudou em mim desde aquela primeira colocação como professora. Aquela Elizabeth Thatcher frágil e inexperiente que chegou há mais de um ano em Coal Valley é agora uma mulher completamente diferente. Sinto que já dei algumas provas de mim mesma e que me tornei mais corajosa. Pelo menos, espero que sim.

Será que realmente só passou um longo verão desde que me despedi de você, de meus alunos e de todos os meus amigos de Coal Valley? Eu me pego andando de um lado para o outro, impacientemente, nos corredores acarpetados da casa grandiosa do meu pai, ansiando pela minha vida simples com todos vocês. Quase posso ouvir sua gargalhada enquanto lê um pensamento desses. Mas você, mais do que qualquer um, sabe o que quero dizer, Molly, já que você tem suas próprias raízes profundas em nosso belo vale.

Desta vez, no entanto, percebo com mais clareza o quanto sentirei falta de meus pais e de minhas queridas irmãs. Julie tem implorado repetidamente ao papai para que se junte a mim para mais do que uma visita, mas até agora ele e mamãe não cederam às súplicas dela. Ela ainda é impetuosa e determinada, como você sabe por conhecê-la, mas nós a amamos muito por todas as suas paixões. Margret aceita a inevitabilidade da minha partida com resignação solene. Ela e John logo ficarão bastante ocupados com seu segundo filho. Se ao menos eu pudesse pegar meu sobrinho, JW, e colocá-lo em uma mala! Entretanto, estou muito alegre ao pensar em voltar depois desse tempo longe e em vê-la, minha querida amiga que é como uma segunda mãe para mim! Sinto que, tendo você, não me falta família aí.

Molly, sei que você já ouviu as notícias de que tivemos dias muito difíceis durante a última parte do verão, quando nosso lindo cruzeiro chegou a um fim abrupto e terrível. Queria tanto conversar com você durante o momento horrível em que não sabíamos onde estava nossa querida Julie. Você provavelmente não ficou sabendo, no

entanto, que Nick, o jovem que instigou o sequestro, era alguém que pensávamos ser um amigo. Foi tudo realizado com a ajuda de duas jovens a bordo com quem Julie fez amizade. Elas pareciam ser suficientemente confiáveis. (Posso sentir minha mão tremer enquanto escrevo.) Nosso sofrimento durante os dias do desaparecimento de Julie foi quase insuportável. Devo admitir que minha própria fé foi abalada. Não estou nem um pouco orgulhosa de minhas reações, mas acredito que amadureci. Graças ao bom Deus que ela foi encontrada a salvo!

Só tenho espaço para mencionar o quanto fiquei grata a Edward Montclair e Jack Thornton, nossos confiáveis policiais montados, por virem rapidamente em nosso auxílio. Estou cheia de gratidão ao Senhor pela sabedoria que Ele lhes deu para descobrirem para onde Julie havia sido levada. Seus esforços viraram o jogo, com certeza.

Embora eu sinta que a decência exige que eu mantenha meus comentários breves aqui, sem dúvida você suspeita há muito tempo da minha crescente afinidade por Jack. (Sim, eu ainda me dirijo a ele pessoalmente pelo nome de batismo, Jarrick, mesmo que talvez só sua mãe e eu o chamemos assim!) Como posso expressar como fui confortada por ter sua presença forte e protetora durante nossa crise?

Infelizmente, suponho que temos que lembrar que existe perigo em todo lugar, não esqueci que ele apareceu até mesmo em Coal Valley, com Davie Grant e seus crimes de contrabando, atingindo muitos de meus alunos, crianças que eu amo muito, e até mesmo sua Marnie e seu Teddy Boy. Graças ao Senhor mais uma vez que eles estão a salvo sob seus cuidados, Molly. Ah sim! E agora também sob os cuidados do Frank. Estou ansiosa para parabenizá-los por seu recente casamento. Você e Frank fugindo para casar, na sua idade, como um par de adolescentes! Mal posso esperar para compartilhar mais com você quando eu chegar, por volta do dia quinze do mês.

Sua amiga fiel,
Beth

Capítulo 1

Havia muito menos buracos na estrada através da floresta espessa que leva a Coal Valley e ela havia sido claramente nivelada na ausência de Beth durante o verão — mas algo mais parecia estranho. A viagem ainda estava demorando horas enquanto o taxista se dirigia para o oeste, em direção às encostas, e gradualmente subia as magníficas Montanhas Rochosas. E cada curva na estrada significava que a civilização, com suas conveniências, era deixada mais distante: sem telefones, sem médicos, sem encanamento ou eletricidade.

Mas Beth não hesitou ao pensar em voltar a Coal Valley. Ela já podia imaginar a Molly na varanda de sua grande pensão, cinzenta pelos longos anos, mas acolhedora e convidativa. Grandes refeições caseiras, longas conversas à noite depois que os pratos estiverem lavados e então subir até o aconchegante quarto com uma colcha grossa para se refugiar do frio. A expectativa levava Beth adiante, disposta a percorrer os quilômetros.

Ainda assim, algo estava estranho desta vez enquanto ela olhava para o cenário acidentado. Beth não conseguia compreender o pequeno formigamento de apreensão que fazia sombra sobre sua animação em voltar ao oeste do Canadá.

Ela se esticou para frente para agarrar a parte de trás do banco do motorista e perguntou timidamente:

— Desculpe-me, senhor, odeio dizer isso, mas você tem certeza de que este é o caminho certo para Coal Valley?

Ele bufou.

— Sim, senhorita. Eu já estive aqui muitas vezes. Mais alguns quilômetros e estamos lá.

Beth caiu de volta no assento duro, empurrou o chapéu com mais força sobre seu cabelo escuro e ajustou o longo alfinete de chapéu que o segurava no lugar. Ela esperava que não parecesse muito desarrumada quando chegasse. *Alguém vai estar lá para me receber? A Srta. Molly certamente. Não, ela é a Sra. Russo agora. E o Frank? Ou Teddy e Marnie, as outras crianças da escola ou suas mães? Eu quero ver todos.*

Alisando os amassados em sua saia e ajustando seu casaco,

Beth analisou as inclinações abruptas da montanha, muito acima da linha das árvores e do vale abaixo com seu rio serpenteante. Mas nenhum deles ofereceu sinais de familiaridade. O trilho do trem, sempre presente e subindo constantemente com eles, era a única característica reconhecível na cena. *Já faz tanto tempo que não me lembro mais do caminho?*

A viagem de Toronto para a pequena vila mineira, que ficava bem ao lado da cordilheira no lado leste das Montanhas Rochosas, havia sido tudo menos relaxante. Beth havia se acostumado bastante às dificuldades das viagens de trem, mas pelo menos agora ela sabia o que esperar. Portanto, era estranho que, no final da viagem, quando esperava sentir-se mais conectada ao seu lar no oeste, ela sentisse tal sensação de estar perdida.

E então, enquanto olhava através da janela empoeirada, ela notou as árvores... *elas não vêm até a estrada como eu me lembro*. Beth abriu parcialmente a janela e espreitou o cenário que corria à beira da estrada. Inevitavelmente, ela pôde ver os tocos de árvores espalhados na vala, seus topos circulares ainda amarelados após a recente amputação de todas as coisas acima.

Ela se inclinou para frente novamente.

— Por que tantas árvores foram cortadas?

— Hã?

— As árvores — tantas foram derrubadas.

— Eles estão se preparando para alargar a estrada e cascalhá-la. — O homem deu um risinho. — A sua cidadezinha está crescendo demais, senhorita. Muitas mudanças desde que você esteve aqui, eu imagino.

Beth acenou com a cabeça e franziu a testa. *Não muitas, espero eu!* — ela pensou enquanto fechava a janela contra a poeira.

Já havia tido frustração e tumulto mais do que suficientes durante as últimas semanas de seu verão. Em Toronto, depois que seu cruzeiro pelas províncias marítimas foi interrompido pelo desaparecimento de Julie, Beth não pôde deixar de torcer para que pudesse compartilhar esta viagem para o oeste com Jarrick. *Jarrick*. Somente pensar em seu nome já trazia um sorriso secreto e fazia o rosto de Beth ficar corado.

Toda a família dela havia se apaixonado por ele durante sua curta estadia com eles, até mesmo a mãe. Ele havia sido orgulhosamente apresentado a seus vários círculos sociais e exibido a cada oportunidade em seu chamativo casaco vermelho da Polícia Montada. O sorriso cintilante, o cabelo cor de cobre e o bigode arrumado, junto daqueles olhos azuis brilhantes e a inteligência, lhe rendeu ampla aprovação. E foi mais emocionante do que Beth poderia ter imaginado ficar ao seu lado. Ela se permitiu uma mão repousada

em seu braço e tentou não corar de alegria por eles terem sido aceitos por todos como "um casal cortejando".

Somente a Sra. Montclair conseguiu quebrar o encanto, comparando-o abertamente com Edward e lamentando a recente partida de seu filho.

— Bem, ele foi novamente necessário no oeste, só isso. Não há muitos oficiais que possam preencher o lugar do meu Edward. Eles estariam perdidos sem ele.

Jarrick tinha apenas sorrido para a mulher, com um piscar de olhos discreto para Beth.

E então veio a notícia de que *"a Srta. Thatcher deve adiar seu retorno. O conselho escolar distrital está trabalhando em algumas questões relativas à situação atual de Coal Valley. Estamos ansiosos pelo seu retorno..."* etc. Beth tentou não imaginar o que o atraso poderia significar, mas ficou claro que Jarrick não seria capaz de esperar mais tempo por sua partida adiada. Eles haviam se despedido com lágrimas, e ela permaneceu em Toronto sem ele.

Mais três semanas se passaram antes que tudo estivesse finalmente pronto para que Beth partisse sozinha. Ela passou a viagem para o oeste lendo e aguardando ansiosa por Jarrick se encontrar com seu trem. No entanto, quase no momento exato em que se reuniram na plataforma da estação de trem de Lethbridge, ele recebeu uma mensagem manuscrita de uma missão importante que exigia sua partida imediata. Foi uma grande decepção para ambos, especialmente quando eles tinham previsto alguns dias na cidade, na casa de amigos, antes de Beth continuar para Coal Valley.

Ela segurou as lágrimas, pensando novamente naquele tão esperado e prometido jantar, no restaurante especial deles em Lethbridge, mais uma vez adiado. *A vida certamente consegue roubar momentos preciosos, ou pelo menos minar nossos planos para eles! Bem na ocasião em que eu estava certa de que Jarrick iria fazer o pedido...*

— Obrigada, Pai — ela orou contra suas frustrações, — porque o Senhor sempre entende como eu me sinto e está comigo, mesmo quando não consigo ver Seus propósitos. — Ela orou por Jarrick também, certa de que o desapontamento dele com a forma como as coisas tinham acontecido era igual ao dela.

O carro fez outra curva de forma abrupta demais para Beth. As pernas curtas dela fizeram com que fosse difícil manter seus pés plantados no chão. Em vez disso, ela se apoiou com um braço contra a porta, forçando-se a silenciar a queixa que ela gostaria de ter murmurado em voz alta.

De repente, uma curva familiar na estrada e depois um caminho para dentro da floresta atraíram seu foco para a janela. *Estamos perto!* — ela exultava silenciosamente. *Estamos quase lá!* As

árvores se distanciaram rapidamente e sua pequena cidade apareceu. Coal Valley, finalmente.

Beth pairou na abertura da porta do táxi enquanto o motorista descarregava seus baús e bolsas na pequena calçada de madeira. *Onde eu estou?* Ela não ousou falar o pensamento em voz alta, mas era difícil acreditar que isto era Coal Valley! O olhar de Beth foi primeiro para a camada de tinta branca lustrosa nas duas grandes paredes à sua esquerda. No passado, a empresa de mineração não havia se preocupado em embelezar seus edifícios construídos rapidamente. Agora, as portas da frente e as grandes janelas eram delineadas por tábuas verdes decorativas. Até o nome da empresa havia sido escrito em enormes letras pretas na frente como se eles fossem donos da cidade em si. Beth se perguntava se, de certa forma, eles eram.

Do outro lado da rua, arbustos grandes demais haviam sido aparados e flores haviam sido plantadas ao lado do caminho para o que antes era a taverna dos Grants e, há não muito tempo, a escola de Beth. O letreiro do antigo estabelecimento havia sido trocado, e Beth sorriu ao ver *Café da Abigail* em letras cursivas azuis.

Bom para você, Abigail. Você conseguiu, começou seu próprio negócio. Beth pensou na acolhida que havia recebido lá um ano antes. As mães, a maioria recentemente enviuvadas, tinham se encontrado naquela mesma construção para explicar seu cargo de professora. Claramente, elas esperavam que Beth virasse as costas e fugisse da ideia de dar aulas em um salão de bilhar. No entanto, de alguma forma, elas haviam conquistado seu coração e sua confiança naquele dia. Abigail Stanton tinha sido uma líder forte entre as mulheres, uma fonte de coragem e consolo para todas elas.

A horta comunitária ao lado da cafeteria estava exuberante com plantas, preenchendo o que havia sido um terreno baldio. *Talvez este inverno não seja tão difícil quanto o último, com bastante comida para fazer conservas.* E a seguir... estava a grande pensão da Molly. *Em casa* — Beth respirou com alívio. — *Ao menos isso não mudou.*

Mas então ela notou mais tocos de árvores. Eles pareciam surgir em todos os lugares. Logo atrás de cada uma das construções familiares, eles estavam à espreita, feios e mortos. A floresta havia sido afastada ainda mais do pequeno centro da cidade. O sorriso dela desapareceu.

— Srta. Thatcher! Srta. Thatcher!

Beth virou-se para uma avalanche de crianças que saíam do salão de reuniões da empresa.

— Srta. Thatcher, você voltou. Tivemos tantas saudades suas.

Marnie, de quatorze anos, quase uma irmã mais nova para Beth, foi a primeira a alcançá-la com um abraço caloroso.

— Parecia que você não ia chegar nunca mais.

A silhueta esbelta e o rosto fino da menina pareciam de certa forma mais maduros do que Beth lembrava. Seus longos cabelos castanhos haviam sido puxados com grampos. *Ora, ela não é mais uma criança, está muito mais refinada.*

— Querida, eu também senti sua falta.

Beth foi passada de abraço em abraço, vagamente consciente de que uma multidão estava se reunindo rapidamente. Os vizinhos vieram depressa, de todas as direções, para se juntar a eles enquanto Beth tocava o ombro ou a bochecha de seus alunos, sorrindo para cada par de olhos brilhantes.

— Minha nossa, todos vocês cresceram tanto! O que fizeram durante todo o verão para acrescentar tantos centímetros?

Eles riram com ela, falando por cima uns dos outros com seus comentários e perguntas.

— O que você fez enquanto estava fora, Srta. Thatcher?

— Srta. Thatcher, sentimos sua falta.

— O verão é tão longo sem você.

— Parecia que a escola nunca ia começar!

Beth riu novamente.

— Bem, esse é o melhor elogio que qualquer professor poderia ouvir!

— Estamos muito felizes por ter voltado, de qualquer modo.

A pequena Anna Kate disse:

— Temos uma nova sala de aula, Srta. Thatcher.

— Sério? Onde...? — Mas Beth não recebeu mais informações no meio de todo o alvoroço.

— Temos mais crianças também — disse Levi, puxando a camisa de outro garoto e arrastando-o para mais perto. — Este é Mikey. Ele é o meu novo amigo.

— Prazer em conhecê-lo, Michael. — Beth olhou à sua volta e notou várias outras crianças que estavam mais distantes e que ela não reconheceu. — Estou muito feliz em conhecer todos vocês — disse ela com um aceno e um sorriso. — Tenho certeza de que nos conheceremos melhor muito em breve.

Anna Kate estava puxando seu braço.

— Venha ver nossa nova sala de aula. A mineradora nos deu o prédio deles para usar como escola, porque eles construíram um novo perto do rio. Venha ver, Srta. Thatcher.

Sem fôlego, Beth seguiu o animado grupo em direção ao salão de reuniões que já haviam compartilhado tantas vezes para reuniões de clubes, apresentações escolares e cultos da igreja. *Uma sala de aula de verdade este ano! Não parece muito a empresa de mineração que eu conheço. Terei que lembrar de agradecer o Sr. Gowan.*

Ao ver Molly esperando à margem da multidão, Beth quase

correu em sua direção. Os braços roliços da mulher se abriram e um sorriso enrugou a pele macia ao redor de seus olhos. Seus cabelos finos haviam ganhado ainda mais fios grisalhos entre as mechas escuras, mas o vestido desbotado e remendado era certamente o mesmo. Beth se inclinou para o abraço. *Eu devia ter pensado em trazer tecido para um novo vestido ou dois. Vou comprar alguns em Lethbridge para ela na próxima vez que estiver lá.*

— Bem-vinda ao lar, querida. — Molly deu tapinhas carinhosos em suas costas. — É muito bom vê-la.

Recuando e inclinando a cabeça para o lado, Beth disse com um sorriso:

— Que bom vê-la também, Sra. Russo!

— Que o Céu nos ajude, mas nós fizemos. Nós realmente nos casamos.

— Molly, estou tão feliz por vocês; por você e por nosso querido Frank.

— Bem, haverá tempo suficiente para tudo isso depois. Se você não seguir os pequenos depressa para ver a surpresa deles, acho que eles vão simplesmente pegá-la e carregá-la para dentro.

Beth riu, passando um braço pelo de Molly e seguindo a multidão até o prédio de madeira. Lá dentro havia ainda mais vizinhos, junto com decorações de papel simples e uma mesa repleta de biscoitos e ponche.

— Minha nossa — Beth sussurrou. — Isto é tão lindo! Você deve ter espalhado a notícia de quando eu voltaria, mas vocês não deviam ter se dado a todo esse trabalho...

— Claro que devíamos. — Molly encostou sua cabeça na de Beth. — Estamos muito contentes por ter voltado para nós, Beth. Mas você deve estar muito cansada de suas viagens para desfrutar muito de uma multidão.

— Não cansada demais para isto. Estou esperando por este momento há muito tempo.

Beth circulou entre as pessoas, conversando com as crianças e suas mães. Ela sabia, como antes, que os homens — aqueles que gradualmente substituíram as vítimas da explosão da mina — estariam trabalhando duro na mina próxima. A familiar pulsação rítmica do maquinário por perto era bastante reconfortante para Beth. Significava comércio, trabalho e lucro. Significava que as necessidades das famílias estavam sendo atendidas.

Mas Frank Russo havia se aposentado da mina há muito tempo, apesar de sua mão direita amputada servir como um lembrete constante do quanto ele havia entregado à mineradora. O velho Frank que havia se casado com a Srta. Molly repentinamente durante o verão. Ao mesmo tempo em que Beth cumprimentava aqueles que a

rodeavam, ela procurava o rosto familiar dele. Finalmente ela o viu em um canto da sala. *É típico de Frank esperar silenciosamente em segundo plano até ser notado.* Beth correu para passar seus braços ao redor dos ombros dele.

— Bem-vinda de volta, Srta. Beth.

— Oh, Frank, já faz tanto tempo. E ver você é como voltar para casa para meu tio favorito; meu tio italiano favorito.

Ele riu, seu torso redondo vibrando enquanto puxava Beth para mais um abraço.

— Você é muito gentil, Srta. Beth. Mas nós sabemos que sou mais como o seu avô Frank.

— Qualquer homem enérgico o suficiente para fugir para se casar não pode alegar ser velho.

Seu rosto bigodudo se iluminou com um largo sorriso e ele lhe deu uma piscadela.

— Minha Mollina e eu fazemos um ao outro feliz, não é?

— Tenho certeza que sim. E fiquei tão contente em saber disso.

— Beth beijou de leve sua bochecha.

— Srta. Thatcher, você pode vir comigo? — Ruth Murphy lhe cutucou no ombro, com um ar de contrição. — Estamos prontos para orar pela comida e não queremos começar sem nossa convidada de honra.

— É claro. — Beth deu um tapinha no braço de Frank e virou-se para seguir Ruth.

Durante as festividades, Beth foi apresentada a cinco novas famílias que haviam se juntado à comunidade. Ela ouviu falar das novas casas da mineradora que haviam sido acrescentadas, agora acomodando até mesmo alguns dos homens solteiros que haviam passado o inverno anterior em um acampamento de abrigos improvisados.

Enquanto Beth se familiarizava com as novas adições à sua pequena escola, ela se perguntava como daria conta de tantos estudantes. Cinco novas famílias representavam doze novos alunos, ela calculou rapidamente, de idades variadas entre seis e quinze anos.

Mas várias famílias também haviam se mudado. Com seus maridos sendo as vítimas da explosão da mina, essas viúvas tinham sido forçadas a encontrar sustento em outro lugar. Mesmo mais de um ano após o fato, o terrível acidente ainda estava exercendo seu impacto brutal sobre a comunidade.

Finalmente sentada em um banco de madeira, com Molly ao seu lado, os olhos de Beth varreram a sala. Havia tanta coisa que ela queria discutir com sua querida amiga.

— Vocês todos têm estado muito ocupados organizando esta festa. É um presente tão maravilhoso. — Ela olhou ao redor da sala. —

Mas onde está Frances?

Molly suspirou.

— Ah, você não ouviu falar disso? Ela também se mudou, para ficar com seus parentes em Vancouver. Não tinha mais nada para ela aqui, agora que ela é viúva e também uma mãe de luto. Mas com certeza vou sentir falta dela.

— Lamento muito, Molly. Ela era sua melhor amiga.

— Ela era e é. Mas a vida é cheia de escolhas difíceis. A família tem que vir primeiro. — Ela fez uma pausa para refletir. — E talvez um dia eu vá de trem até lá para fazer uma visita. Não seria uma aventura e tanto?

— Seria magnífico, tenho certeza, Molly, mas talvez um pouco assustador também. — Beth estava imaginando as séries de montanhas que os trilhos atravessariam entre aqui e a costa oeste.

— Bem, há muito mais viagens agora do que anos atrás, quando eu e Bertram, que Deus o tenha, viemos pela primeira vez a estas partes. As pessoas vêm e vão daqui o tempo todo agora, e a estrada só está ficando melhor. Gostaria que você pudesse ter conhecido o homem novo hoje. Mas ele já voltou esta semana para ver sua noiva. Tanta gente indo e vindo. Eu não consigo acompanhar.

— Desculpe, quem?

— O novo professor.

Beth virou para encarar Molly.

— O novo o quê?

Molly fez um bico e a testa dela se franziu.

— Ah, você não sabia? — Ela continuou apressadamente, pegando a mão de Beth. — Tinha certeza de que você tinha ficado sabendo. Não se preocupe. É uma boa notícia, querida. O conselho escolar veio, analisou nossa cidade com atenção, fez uma lista das crianças que temos agora e decidiu que serão necessários dois professores para instruir todos eles. Portanto, você só terá que ensinar metade deles este ano. E até isso é muito. — Ela apertou a mão de Beth, dando-lhe um sorriso reconfortante.

Perguntas que ela não verbalizou giravam na cabeça de Beth: — *Onde ele vai...? O que eu vou...? Quais das minhas crianças...?* Era muito difícil de compreender.

— A divisão ainda não foi feita — continuou Molly. — Claro, não foi feita nenhuma decisão sobre isso até que os dois estivessem presentes. Mas a maioria pensa que ele cuidaria dos mais velhos e você, dos mais novos, tendo um toque mais gentil e maternal.

Beth pensou instantaneamente em Teddy e seu melhor amigo, Addison, em Luela e James, Peter e Bonnie. Ela esperara passar muito de seu tempo se concentrando na preparação desses alunos mais velhos para suas provas de fim de ano. Ela havia ansiado para vê-los

se formar com muito mais oportunidades além da mina de carvão. *Quantos dos meus alunos esse novo professor vai tomar?* Beth escondeu um arrepio ao colocar a xícara de café na mesa.

— Quem é esse homem? O que você sabe sobre ele?

— Temos sorte em tê-lo — respondeu Molly, ainda segurando a mão de Beth. — Sr. Robert Harris Hughes, ele é chamado de dois sobrenomes, só para você ter uma ideia. — O riso dela soou um pouco forçado. — Ele é muito qualificado e é do leste, como você.

— Vocês todos o conheceram?

— Claro. Esteve aqui a maior parte da semana passada. Ele ficou na minha casa.

— E onde ele está agora?

— De volta a Calgary; foi visitar a noiva dele. Parece que ela não se dispõe a viajar até aqui. Mas também ainda não se casaram. Então não vale a pena de qualquer forma.

Beth processou em voz alta as informações fragmentadas.

— Ele está noivo de uma mulher que não vive na área e nem sequer quer visitar. Ele é rico e se especializou no leste. Então, o que o induziria a vir *até aqui*?

Molly sorriu ironicamente e fungou.

— Bem, querida, você também fez isso.

Capítulo 2

Quando a festa de boas-vindas estava terminando e as pessoas estavam indo embora, Beth já estava mais do que pronta para ir para a pensão da Molly a fim de se lavar e tirar uma soneca.

Marnie se aproximou com um sorriso caloroso.

— Eu vou mostrar-lhe onde você vai ficar. Está pronta?

— Com certeza estou. Você sabe para onde minha bagagem foi?

Marnie, que já estava indo em direção à saída, virou-se e afirmou confiantemente:

— Os meninos levaram tudo para você.

Abigail veio depressa de onde estava, limpando uma última mesa, um sorriso gentil em seu rosto.

— Estou tão feliz que dividiremos um espaço este ano, Srta. Beth — disse ela. — Limpamos e esfregamos para deixar tudo pronto. Espero que você goste.

Beth foi pega de surpresa pelas palavras inesperadas.

— Temo não ter entendido. Você também vai ficar com Molly agora?

— Não. Ah, querida, sinto muito. — Abigail hesitou, olhando ao redor do salão quase vazio e de volta para Beth. Seus olhos castanhos examinaram o rosto de Beth. — Bem, eu... Eu acho que ninguém lhe contou, então. Eu sei que Molly tinha a intenção de contar. Acho que ela se distraiu pondo o papo em dia. É que a pensão dela está tão lotada agora, com todos aqueles homens da mineradora indo e vindo. A família nem come mais na sala de jantar, apenas na cozinha, onde há espaço. E o Sr. Harris Hughes também precisava de um quarto. Por isso, todos nos juntamos para pensar em uma maneira de lhe dar um lar. Molly tinha certeza de que você preferiria ter um lugar só seu, agora que você está prestes a se casar. — Abigail, incerta agora, esfregou uma mão na parte de trás de seu pescoço. — Estou surpresa que ela não tenha falado com você sobre isso. Detesto ser eu a...

Beth controlou sua decepção, esforçando-se para esconder o tumulto de pensamentos. *Quem disse que eu vou me casar em breve? Por*

que esse boato me colocaria para fora, sozinha? Então o novo professor vai ficar até com o meu quarto na pensão da Molly! Isso é demais! Eu queria que ela tivesse me perguntado. Acho que eu teria dormido na banheira para poder ficar lá com eles. Mas Beth também estava plenamente ciente de que não era possível comunicar essas decisões de forma eficiente por uma distância tão grande. Ela só podia enfrentar as dificuldades e tirar o melhor do que já havia sido decidido sem seu conhecimento ou participação.

Ao estudar a expressão de Beth, Abigail hesitou novamente e então limpou sua garganta. Suas palavras vieram com ternura.

— Lamento muito que ninguém lhe disse, Srta. Beth. Tenho certeza de que é uma grande surpresa para você. — Ela forçou um sorriso. — Acho que é um dia de muitas surpresas, as boas e as desconcertantes. — Ela olhou ao redor da sala novamente. — Eu não vejo mais a Molly. Você quer ir procurá-la agora? Ela provavelmente já foi para casa, ocupada com o jantar dos seus pensionistas, eu suponho. Mas eu irei com você se quiser. Eu não sei o que deve ser feito...

— Está tudo bem, Abigail. — Beth estendeu a mão para dar um toque tranquilizador no braço da outra mulher. — Se todos vocês acreditam que encontraram um bom plano para mim, estou confiante de que tudo vai dar certo. No entanto, admito que estou bem surpresa. E é só. Eu apenas não esperava que o lugar onde eu ficaria estivesse em questão.

— Você gostaria de vir ver por si mesma, então?

— Sim, é claro. Obrigada.

Marnie saiu depressa pela porta, um ou dois passos à frente de Abigail e Beth. Mas a menina não virou à esquerda, como Beth supôs, em direção à pequena casa de Abigail na fileira ordenada de casas geminadas da mineradora. Ela estava indo diretamente para o outro lado da rua.

Beth recusou-se a expor suas perguntas desta vez, forçando seus músculos faciais a manter um sorriso para que não revelassem mais objeções. *Para onde estamos indo? Vou ficar na cafeteria? Será que a Abigail mora lá agora, economizando dinheiro dessa forma? Há espaço suficiente para compartilhar? Não me lembro de nada além do salão principal, exceto uma pequena cozinha e um depósito.*

Tomando um atalho com um salto sobre o canteiro, Marnie passou a porta principal e apressou-se ao redor da extremidade do prédio. Beth pôde ouvir seus passos saltitando nas escadas externas.

De repente, Beth não conseguia respirar. *Lá não! Em qualquer lugar, menos lá!* A residência no andar acima da taverna dos Grants era o único lugar em Coal Valley em que Beth nunca quis entrar. Não tendo tido motivos para se aventurar por perto, ela havia conseguido

evitar o desagradável casal que tinha morado acima da escola, os donos do prédio no qual ela havia ensinado no ano anterior.

Os Grants não estavam mais na cidade agora, mas os medos de Beth a respeito deles não haviam mudado. Só o som dos passos de Marnie na escada já havia despertado as memórias das cruéis ameaças e da tentativa de ataque de Davie, do comportamento carrancudo de Helen, da eventual prisão do marido e da tentativa de suicídio de sua esposa. Beth não conseguia, neste momento, lembrar se tinham lhe dito onde ocorreu esse último incidente: aqui em Coal Valley ou em outro lugar. A realidade era que ela não quis saber de nenhum detalhe. Agora a mente dela trazia uma imagem do sangue da mulher desesperada no chão... *Certamente, certamente, não foi isso que Abigail quis dizer quando disse que elas tinham "limpado e esfregado".*

Obedientemente, em silêncio atordoado, Beth subiu atrás de Marnie e Abigail até o segundo andar. A mulher pegou uma chave em seu bolso e destrancou a porta depressa, depois colocou o item de metal frio na mão aberta de Beth enquanto Marnie desaparecia porta adentro.

— Isto é seu, querida.

Abigail limpou sua garganta silenciosamente, endireitando seus ombros. Ela parecia compreender pelo menos alguns dos pensamentos de Beth e agora estava empaticamente apreensiva com a situação.

Beth olhou para baixo por um momento e lutou para encontrar uma resposta que seria considerada cortês.

— Não sei o quão grande ela é por dentro, mas quanto mais, melhor, não é? Estou grata por estarem dispostos a compartilhar.

A expressão de Abigail desabou ainda mais.

— Eu estou morando com Ruth Murphy agora que estou sozinha.

— Sozinha? — Beth gaguejou. — E as crianças?

O rosto de Abigail mostrou sua perplexidade.

— Ora, Beth, eu perdi meu filho, meu Peter. Você não se lembra?

Elas se encararam, ambas incapazes de falar. Finalmente, Beth inclinou a cabeça para o lado, curiosa.

— Mas Emily? E Miles e Gabe?

O queixo de Abigail caiu e ela abaixou os olhos. Lágrimas leves já estavam se formando em seus cantos.

— Oh não, querida. Eles não são meus. Você nunca soube disso? — Ela suspirou profundamente como se uma dor familiar estivesse pressionando seu peito, tornando respirar difícil. — Não, eles não são meus. São apenas minha sobrinha e meus sobrinhos. Eles eram do irmão de meu marido. — Ela limpou a garganta antes que fosse capaz de continuar. — Perdemos os dois, Noah e Cyrus, no dia

do acidente. E a mãe deles, Grace, parecia que não conseguiria suportar tudo isso. Ela ficou de cama e sozinha por um longo, longo tempo. — Novamente os olhos de Abigail baixaram. — Nenhum de nós sabia o que fazer, então acho que não fizemos nada além de esperar e orar. Nem sequer falávamos muito sobre isso. Apenas cuidávamos das crianças o melhor que podíamos. Mas Grace está melhor agora e ela voltou a morar com sua própria mãe... e as crianças também foram.

Para dentro da porta, sons ecoaram enquanto Marnie se movia no interior.

Abigail fez uma pausa, depois disse:

— Quando eu falei que estaríamos compartilhando, eu quis dizer que estaríamos compartilhando o prédio, já que eu estarei trabalhando na cafeteria lá embaixo e você estará vivendo aqui em cima — ela terminou com um aceno forçado.

Beth respirou fundo, tentando reunir a mesma coragem teimosa que o rosto de Abigail mostrava.

— Lamento muito. Eu vou ficar bem aqui. Obrigada, Abigail.

Com um aperto solene no ombro de Beth, Abigail desceu a escada e Beth virou-se para a porta ameaçadora. *Oh, Pai!* — ela orou silenciosamente. — *Eu pensei que conhecia este lugar. Pensei que conhecia estas pessoas. Como eu pude ser tão cega para tanto sofrimento? Ajude-me agora. Por favor, por favor, dê-me forças.*

Forçando-se a avançar, Beth entrou em sua nova casa. Marnie tinha aberto as cortinas de duas pequenas janelas voltadas para o norte, em direção ao topo da montanha, deixando entrar um pouco mais de luz. A pequena lâmpada só clareava um pouco o cômodo. Beth deu um passo de cada vez em seu interior, seus olhos indo de um lado para o outro rapidamente, envergonhada do medo que estava sentindo. Além disso, ela ficou chocada com o quão pequena era a área de estar; a inclinação extrema do telhado cortava muito do espaço utilizável abaixo dele.

— Os seus baús estão contra a parede pequena — disse Marnie, com um aceno de mão. — Eles não cabem tão bem, já que já trouxemos alguns móveis para você. Veja! A senhorita Molly lhe deu um sofá que ela encontrou na cidade. Parece novo. E você recebeu uma mesa e duas cadeiras de algumas outras senhoras aqui. Elas não combinam, mas isso não importa. A Sra. Blane fez suas cortinas. Ela as fez de retalhos, e todos concordamos que elas são muito bonitas. — Marnie fez uma pausa. — Você gosta delas?

Beth ergueu as sobrancelhas como se isso pudesse levantar os cantos de sua boca em um sorriso.

— Elas são muito bonitas, como uma colcha de retalhos. Lembrarei de agradecê-la.

— O quarto é por aqui. Vou abrir as janelas, e você terá uma bela brisa cruzada se usar apenas a porta de tela por agora.

Mas os pés de Beth pareciam presos ao chão. Ela deixou que seus olhos examinassem cuidadosamente o lugar em busca de quaisquer sinais de distúrbios anteriores. *Eu não vou chorar. Não vou chorar... pelo menos não até que Marnie saia.*

— Você parece cansada — soltou Marnie. — Quer se deitar um pouco?

— Sim. Ah, sim. Eu gostaria disso. Obrigada, querida. Passarei na casa da Molly depois para uma boa visita. — Ela balançou levemente a cabeça para espantar a nuvem escura que havia aparecido. — Muito obrigada. Estou feliz que tenha vindo comigo. Espero que volte com frequência, a qualquer hora. Você é uma companhia tão boa, Marnie. A qualquer hora mesmo.

— Eu gostaria disso, Srta. Thatcher. Estou tão feliz por ter voltado.

Marnie sorriu calorosamente, e Beth foi lembrada do quanto ela aparentava estar mais madura. Já na porta, a menina se virou e acenou. Beth ouviu os passos descendo pela escada.

Tudo que Beth queria no momento era cair em uma cama macia e chorar até suas emoções turbulentas passarem. Mas entrar no sombrio quarto era impossível. Em vez disso, ela se voltou para o pequeno sofá que Molly havia graciosamente providenciado e se enrolou contra um apoio de braço, com os pés encolhidos sob sua saia. Lágrimas desciam pelas bochechas e logo sua respiração estava irregular e fraquejando. *Eu não entendo, Pai. Pensei que o Senhor tinha me trazido de volta para cá. E agora parece que tudo, absolutamente tudo, está desmoronando. Eu não tenho um lar adequado. Não posso ficar onde queria, com as pessoas que amo. E agora descubro que eu não tinha ideia do quanto as consequências da tragédia da mina foram terríveis, principalmente para as crianças que eu pensava conhecer tão bem. Será que falei com elas sobre a mãe delas? Será que disse alguma coisa que lhes causou mais dor? Suponho que nunca saberei. Nunca mais verei os três novamente.* Beth enfiou o rosto na curva do braço. *E agora a cidade contratou outro professor. E Jarrick está tão ocupado em outro lugar que talvez eu quase não o veja.*



Beth acordou com uma dor aguda no pescoço. Após se lavar rapidamente, tocando o mínimo possível no apartamento, ela ficou aliviada ao fechar a porta atrás de si e abandonar a residência dos Grants, mesmo que fosse apenas para uma breve visita à sua querida

segunda família: Molly e Frank, Teddy e Marnie. Ela esperava poder convencer Marnie a passar a noite com ela. Era totalmente inconcebível que Beth conseguisse ficar sozinha.

Sentada na mesa de cozinha da Molly, ela escolheu cuidadosamente suas palavras enquanto sua amiga falava sobre o arranjo de moradia.

— Querida, fiquei feliz por você poder ter um pouco de privacidade desta vez. E em breve talvez você esteja cuidando de um marido também. Vocês não disseram, mas todos estamos nos perguntando, chutando na verdade, sobre o quão logo haverá sinos de casamento. Então achamos que seria sábio que você estivesse por conta própria.

Não, Molly, Jarrick e eu ainda nem falamos de quando isso aconteceria. Na verdade, ele ainda nem me pediu em casamento.

— Isso é gentileza sua, Molly. É um gesto generoso, já que certamente estou ciente de que há falta de moradia por aqui.

— Bem, não queríamos que o lugar onde você mora fosse um empecilho para planos futuros. — Molly deu um largo sorriso e colocou a chaleira sobre a mesa, sentando-se na cadeira em frente a Beth. Ela parecia estar se movendo mais lentamente do que Beth se lembrava. — Claro, eu sinto muito por não termos lhe contado tudo antes. Parecia que tudo estava acontecendo em pequenas surpresas. Tem certeza de que você está bem com tudo agora? Você está parecendo um pouco para baixo.

— Estou cansada. Foi um longo dia. — Beth prontamente levou a conversa para temas mais agradáveis. — Mas foi tão bom poder conversar com tantas das crianças e suas mães. Todos aqui parecem dispostos e felizes. E eles cresceram. Não apenas em altura, mas de certa forma em maturidade.

— Você está surpresa, querida? — Molly disse brincando. — Eles não a ensinaram na sua escola que é isso que as crianças fazem toda vez que fecham os olhos?

Beth ficou aliviada por conseguir rir junto com facilidade.

— Sim, mas pega a pessoa de surpresa depois de uma ausência. Suponho que eu esperava que todas ficassem como estavam em minha memória.

— Assim como ninguém imaginava tudo que ia acontecer com você enquanto você estava fora — disse Molly, colocando sua mão sobre a de Beth do outro lado da mesa. — Lamentei tanto ouvir falar dos seus problemas no verão, durante o que devia ter sido um tempo tão agradável. Quem sabe dizer quando virão as adversidades? Ler a sua última carta partiu meu coração, mas estou feliz em tê-la perto o suficiente agora para ver que você está de volta ao normal.

Beth balançou a cabeça e endireitou-se em sua cadeira.

— A maior parte da minha visita à minha família foi muito agradável. Tivemos algumas semanas maravilhosas viajando juntos, e depois aquela semana verdadeiramente horrível quando Julie estava desaparecida. Mas conseguimos agarrar-nos à esperança em Deus, e Ele foi fiel.

Molly tomou um gole de seu chá.

— Ele sempre é. Mas isso não deixa o caminho fácil de forma alguma.

— Oh não, não foi. Certamente não foi.

Novamente Beth procurou uma maneira de redirecionar a conversa para algo mais alegre. Ela pegou um biscoito e partiu-o cuidadosamente em dois pedaços. Recolhendo as migalhas com o dedo indicador, ela disse:

— Jarrick queria ter vindo comigo para ver todos vocês hoje. Ele está tremendamente ocupado agora. Acho que estão fazendo com que ele ponha todas as suas tarefas em dia de uma só vez.

— Com certeza eles estão felizes em tê-lo de volta. Mas foi uma benção tão grande que ele pôde seguir o Edward para o leste para ajudar.

— Foi mesmo. Molly, eu pude conhecê-lo de novas maneiras. Sua força. Sua segurança. Sua gentileza. — Beth percebeu que estava ruborizando. — Ele é um homem tão maravilhoso!

— Estou feliz por você, querida. Muito feliz mesmo.

— E você? — Beth olhou nos olhos da mulher mais velha. — Como você está? Casada agora, com outro homem maravilhoso.

— Shh. Não posso negar que ele é. Mas acho que meus dias de corar assim já se foram. Somos felizes juntos, eu e Frank, eu devo admitir. E eu sou muito grata por ele, de verdade.

— Vocês são perfeitos um para o outro. — Beth suspirou. — E ambos merecem amor.

— Bem, eu não tenho certeza se quero afirmar que *mereço*, mas um Deus gracioso me abençoou com um segundo marido, um par das melhores crianças que uma mulher poderia querer para cuidar, e toda uma comunidade da qual fazer parte. E uma jovem amiga amável. — Molly apertou a mão de Beth. — Do meu ponto de vista, eu sou mais abençoada do que mereço.



Marnie ficou empolgada com o convite de Beth para passar a noite, e Beth não podia ter ficado mais aliviada. A adolescente parecia totalmente à vontade se movendo pelo pequeno e assustador apartamento dos Grants e mexendo no armário embaixo da pia para

encontrar uma pequena barra de sabão que ela disse ter sobrado da limpeza delas. Ela puxou e empurrou os baús até que Beth encontrou aquele onde estavam as coisas que ela precisava imediatamente, e então ela subiu em uma cadeira para pegar outra lâmpada no topo do guarda-roupa no quarto. Beth ficou bastante envergonhada de sua própria hesitação no lugar sombrio. Ela lembrou-se a si mesma de que Marnie já tinha estado lá muitas vezes quando havia ajudado na limpeza e na preparação dos dois pequenos cômodos.

Elas conversavam de forma leve enquanto se preparavam para dormir.

— O que mais há de novidade, querida? Conte-me algo que ainda seja uma surpresa. — Beth rapidamente emendou: — Uma surpresa *boa*.

Marnie, sentada na beira da cama, apertou os olhos, pensativa.

— Já ouviu falar sobre a nova igreja?

— Não, há planos para isso também?

— Já está metade pronta. No alto da colina. Na clareira ao lado da estrada secundária, de frente para o acampamento dos mineiros.

— Isso é maravilhoso. Você tem visto o pastor Davidson ultimamente? Tenho certeza de que ele está feliz por ter algo mais permanente do que o salão.

Beth prendeu a respiração enquanto ia para trás da porta aberta do guarda-roupa para vestir sua camisola. Ela não queria mais más notícias hoje. *Por favor, não me diga que Philip foi embora.*

— Ele certamente está muito feliz por nós! E o que é melhor: é ele quem vai ser pastor, todo domingo, assim que a igreja ficar pronta.

— Excelente, Marnie! Fico feliz em ouvir isso — disse Beth, ainda em seu vestiário improvisado.

— Sim, ele tem alguém em treinamento agora. Segue-o por aí, aprendendo nomes, lugares e coisas assim. Vai tomar conta das outras igrejas quando o pastor vier para ficar conosco. — Marnie tirou suas meias e deixou-as cair no canto onde havia largado seu vestido em uma pilha, depois ficou de pé em uma fina anágua branca, velha e habilmente remendada em vários lugares. Beth juntou automaticamente as roupas e estendeu os itens sobre a cadeira do quarto, a ação familiar lembrando-a do quarto desordenado de sua irmã Julie. Embora Marnie fosse vários anos mais nova do que Julie, foi uma sensação reconfortante. E Marnie parecia muito à vontade compartilhando o espaço também.

— Quer deitar-se primeiro? Então eu posso apagar a vela — Marnie ofereceu.

Beth aceitou, grata. Ela teria preferido deixar a vela acesa, mas ela sabia melhor do que sequer considerar tais disparates: um risco de incêndio só para apaziguar seu próprio medo bobo do escuro.

Deslizando seus pés cautelosamente sob os lençóis, ela se lembrou de que esta não era a cama dos Grants, mas sim uma fornecida pela Molly ou por outros habitantes generosos da cidade. Ainda era difícil não dar lugar ao temor. Beth estava ciente demais do quão perto do papel de parede desbotado dos Grants ela era forçada a deitar, como se ele pudesse guardar traços duradouros de maldade e tragédia. Em vez disso, Beth ficou de lado, voltada para o meio do quarto, afastando-se o máximo possível da parede. Ela conseguia ver por pouco o perfil do rosto de Marnie na escuridão, a menina ainda conversando de forma amigável.

Finalmente sinto como se tudo fosse ficar bem. Minha nossa, que dia. A mente de Beth refez os altos e baixos, ouvindo Marnie pela metade enquanto pensava sobre as revelações surpresa. Quando o quarto ficou em silêncio, ela trouxe algumas perguntas.

— Marnie, suponho que você tenha conhecido o novo professor.

— Sim, é claro.

— O que você acha dele?

— Ele é aceitável. Um pouco quadrado e rígido. Mas parece agradável o suficiente. Muito inteligente também. Conhece vários tipos de palavras grandes. — Marnie riu e deu um soco no travesseiro, colocando as mãos debaixo da cabeça. — Acho que às vezes as pessoas concordam com ele só porque não entendem o que ele está dizendo. — Ela riu.

— Hum. Você gosta dele?

Havia um tom de provocação na resposta dela:

— Talvez seja um professor difícil, mas você também é. Então, de qualquer forma, ainda temos que nos esforçar, eu acho.

Beth se permitiu uma risadinha da análise de Marnie.

— Você já ouviu alguém falar sobre como as turmas serão divididas? Os alunos têm uma opinião?

— Bem, é claro que todos nós queremos ficar com você. Mas, como não podemos, eu imagino que pensamos que ele vai levar os mais velhos, e você vai ficar com os menores. — Marnie suspirou. — O Teddy Boy não quer voltar para a escola. Você sabia disso?

— Oh não, ele não quer?

— Não se preocupe. O papai Frank vai convencê-lo.

Beth gostou de ouvir o nome afetuosos da garota para Frank. A perda precoce da mãe deles tinha sido acentuada pela morte trágica do pai deles no acidente da mina. Muito pouco tempo depois, eles tinham vindo viver com Molly, e ela havia abraçado-os em seus braços e em seu coração. Beth ficou ainda mais feliz em saber que seu novo padrasto se posicionaria sobre a questão da educação de Teddy.

— Mas você conhece meu irmão. Ele pensa que é adulto e que

está pronto para trabalhar nas minas. Acha que está pronto para começar a ganhar dinheiro com as mãos como os outros homens, tanto ele quanto Addie. Ainda bem que você voltou para poder falar com eles também. Mas os Coolidges realmente precisam do dinheiro que Addie ganharia. Ele tem que ser o homem da casa agora, mas Teddy Boy tem o papai Frank para cuidar dele. Talvez você pudesse falar com a Sra. Coolidge para ajudar o Addie.

— Farei o que puder. — Beth realmente torcia para poder influenciar a mãe de Addison a permitir ao menino mais um ano letivo, seu último antes da formatura. — Acho que li em uma carta que eles estão morando na velha casa de Frank. Isso é verdade?

— Sim. Mas com sete, eles realmente a enchem até transbordar.

— Eles disseram alguma coisa...?

Beth parou de falar no meio da frase e um arrepio repentino percorreu o seu corpo. Ela estava certa de ter ouvido um leve barulho na sala ao lado.

— Marnie — ela sussurrou. — Você ouviu isso?

— Ouvi o quê?

O som de algo arranhando apareceu novamente, mais nitidamente.

— Isso!

— Provavelmente são apenas ratos.

— Ratos! Onde?

Teve um baque.

— Não, isso não são ratos — disse a garota, virando-se em direção à porta.

Beth já podia se sentir tremendo.

— Você poderia...? Você acha que deveríamos...? Poderia checar?

Sem hesitar, Marnie jogou suas cobertas, colocou os pés no chão e reacendeu a lamparina. Beth se obrigou a seguir enquanto o círculo de luz trêmula se movia à frente de Marnie até a sala principal. Sombras se movendo por todos os lados fez com que Beth pressionasse uma mão aos lábios para não gritar.

— Onde você ouviu?

— Eu—Eu não tenho certeza. Mas soou próximo.

Elas ficaram em silêncio por vários longos momentos, Beth respirando em curtos sopros. No entanto, não se ouviram mais sons.

— Acho que se foi.

— Desapareceu? Para onde?

— Simplesmente se foi. Para o lugar de onde veio.

Beth recuou até o quarto, atrás de Marnie, e arrastou-se de volta para a cama. O teto baixo parecia se aproximar ainda mais agora

enquanto a garota apagava a luz.

— Marnie, o que você acha...? — ela não se atreveu a terminar a pergunta.

— Provavelmente não foi nada. Talvez um pássaro ou um esquilo.

— À noite?

— Parece estranho mesmo. A menos que tenham sido incomodados por pessoas vivendo aqui de novo. — Ela riu.

Beth apertou as cobertas mais forte embaixo do queixo, encolhendo-se sob elas. Com os olhos arregalados, ela olhou em volta do quarto, de uma sombra escura para a outra. Ela temia expressar seu medo crescente em voz alta. Na verdade, ela resistiu a isso desesperadamente, sua mente lhe dizendo que o pensamento louco era um completo absurdo. Por fim, a pergunta escapuliu numa voz trêmula:

— Você não acha que... não poderia ser algo como... como um fantasma, poderia? Da Sra. Grant ou de seu marido?

Marnie estava olhando fixamente para Beth.

— É nisso que você está pensando?

Beth tentou uma risada fraca, como se estivesse brincando.

— Não, bem, quero dizer... não é que eu acredite em fantasmas, é que... não pude deixar de pensar... de imaginar se...

— Não sei muito sobre isso, Srta. Thatcher, mas acho... — disse Marnie em meio a um grande bocejo, — acho que você tem que estar morto para poder assombrar alguém. E o velho Davie, ele não está morto, apenas preso em alguma cadeia em Calgary. E a sua esposa também não. Mesmo que ela tenha tentado se matar.

— Entendo. É claro. Suponho que você esteja certa.

— Se você tem medo do escuro, Srta. Thatcher, talvez tente contar carneirinhos.

A sugestão inocente de Marnie não parecia nem um pouco útil para Beth, embora ela não tenha dito mais nada. Foi um tanto humilhante receber tal conselho de alguém que tinha sido sua aluna, uma simples adolescente. No entanto, mesmo estando muito cansada, horas se passaram antes que Beth fosse capaz de ignorar os muitos sons abafados que ouvia e se render ao sono.

Capítulo 3

Depois de um longo dia desempacotando e organizando, além das idas inventadas à pensão de Molly para uma coisa ou outra, Beth ficou decepcionada que Marnie não poderia passar uma segunda noite com ela. Ela sabia que em algum momento teria que enfrentar seus medos, mas esperava ter pelo menos um pouco mais de tempo para se acostumar à sua nova casa.

Naquela noite, Beth primeiro escondeu cada pedaço de comida que Molly havia mandado para ela na esperança de afastar qualquer criaturinha que buscasse alguma sobra. Ela realmente não gostava de depender tanto da generosidade de Molly. Mas, na verdade, não tivera a oportunidade de se preparar para cuidar de uma casa por conta própria.

Era óbvio que ela precisaria voltar a Lethbridge para comprar louças, panelas e outros itens domésticos. Mesmo que a viagem fosse tomar tempo, a possibilidade de montar sua própria casa aumentou-lhe um pouco o ânimo. Enquanto escrevia sua lista, ela se permitia imaginar viver lá como esposa de Jarrick. *Ah, espero que as coisas deem certo para nós logo. E talvez Jarrick esteja de volta em Lethbridge neste fim de semana!*

Mas à medida que as sombras se alongavam, os pensamentos alegres de Beth não podiam mais adiar o inevitável. Ela trancou a porta de entrada com cuidado e verificou cada canto da sala em busca de qualquer intruso, real e imaginário, trancando até mesmo os baús cheios de roupas e materiais escolares e inspecionando atrás deles. Depois, ela se forçou a entrar no quarto. Mais uma vez ela vistoriou metodicamente todo o quarto, mesmo sendo minúsculo: embaixo da cama, atrás da poltrona fofa e em volta do guarda-roupa. Ainda assim, ela podia sentir as pontadas de ansiedade em seu corpo.

Isto é ridículo! O que Julie diria? Então ela sussurrou em voz alta, tristemente:

— Ah, eu gostaria que Julie estivesse aqui. A coragem dela seria útil esta noite.

Com força, Beth puxou as cobertas e afofou os travesseiros. *Agora já chega!* — ela se repreendeu. — *Você é adulta. Você é*

responsável pelos objetivos educacionais de crianças. Você consegue passar a noite sozinha em um lugar que está vazio há meses, que foi minuciosamente limpo e que é seguro e protegido. Ela deitou na cama e puxou os cobertores até o queixo. Você é certamente capaz de dormir aqui. Ela continuou: — E fantasmas não existem! Além disso, como disse Marnie, Davie e Helen estão ambos vivos, lembre-se, e estão longe de Coal Valley e desta casa há muito tempo.

Quase no instante em que ela apagou a lamparina e acomodou o seu corpo cansado no colchão bastante irregular, os barulhos apareceram novamente. Mentalmente, ela os classificou em categorias: — *Este foi apenas o assoalho rangendo... esse outro vem de fora. Tenho certeza de que isso foi apenas o estalo das brasas quase apagadas no forno a lenha. Oh, será que aquele som de algo batendo poderia ser um pássaro? Será que pássaros voam à noite? Espero que sim.*

Beth orou corajosamente: — *Pai, eu preciso de coragem. É uma tolice e me sinto como uma criança novamente, mas por favor tenha piedade e me responda mesmo assim. Qual é o versículo que aprendi na escola dominical? Ah sim, o Salmo 4:8. "Em paz me deito e logo adormeço, pois só tu, Senhor, me fazes viver em segurança." Eu recebo essa promessa, Deus, como minha. Sei que posso confiar no Senhor, somente no Senhor.*

Ela virou de lado, de frente para o meio do quarto, e recitou o versículo silenciosamente várias vezes.

Mas então... *O que é isso?* Ela se sentou, apertando o cobertor contra o peito. Esse som parecia vir de algum lugar do telhado, ou pior, do longo espaço do sótão que existia sob o telhado. Os medos de Beth vieram sobre ela, onda após onda.

— *Castelo forte é o nosso Deus — cantou ela em voz alta. — Escudo e boa espada...*

A canção pareceu escorar a confiança de Beth e provavelmente abafou qualquer som que tenha vindo em seguida. Infelizmente, no entanto, pouco fez para induzir o sono.

Apenas mais uma noite e depois de volta a Lethbridge. A fuga parecia demorar demais.



Com olhos cansados, Beth cumprimentou Alberto Giordano, o mineiro conhecido que era o motorista da mineradora para viagens de ida e volta da cidade. Ele abriu a porta do carro para Beth, e apesar de seu sorriso caloroso vir facilmente, ele falava devagar e com um sotaque forte.

— *Estou feliz por você estar de volta aqui, senhorita.*

— *Você está falando tão bem, ignore. Estou muito feliz em vê-*

lo novamente também — disse ela enquanto se acomodava no banco de trás do carro. Por mais que ela não gostasse da estrada à frente, Beth ficou grata pela carona em uma das frequentes idas dele à pradaria, trazendo suprimentos e cartas junto com algum passageiro eventual.

Quase instantaneamente Beth adormeceu, e acordou apenas quando sentiu o veículo parando.

— Já chegamos? — Ela rapidamente conferiu seu cabelo e arrumou o chapéu.

— Sim, senhorita — respondeu ele com um brilho nos olhos.

Beth empurrou a porta e saiu para a calçada.

— Encontro você aqui às oito? Está bem? — sugeriu ele.

— Sim, obrigada. Estarei de volta aqui às oito horas desta noite.

Afastando-se do carro, Beth olhou cuidadosamente ao seu redor, decidindo o que fazer em seguida. Seus pensamentos se concentraram primeiro em Jarrick. Ela havia pensado na melhor maneira de contatá-lo, pois não gostava da ideia de aparecer em seu posto policial sem aviso prévio. Em vez disso, ela apressou-se para dentro da loja mais próxima, uma farmácia, e perguntou se poderia usar o telefone que estava na parede.

— É uma ligação local — ela lhe assegurou.

Ela ficou aliviada que o homem atrás do balcão concordou facilmente.

— Olá, telefonista, você poderia me transferir para o posto da Real Polícia Montada Canadense? Obrigada.

Ela limpou a garganta para firmar sua voz enquanto esperava, inclinando-se para mais perto do bocal na esperança de que isso lhe desse mais privacidade. Por fim ela ouviu uma voz masculina forte responder:

— RPMC, Posto de Lethbridge, como posso ajudá-la?

— Sim, eu gostaria de falar com o policial Jack Thornton, se me permite.

— Você está com sorte. Ele está em seu escritório hoje. Se você esperar um momento, senhora, eu irei buscá-lo.

Beth sentiu seu coração palpitar e apertou o receptor contra sua orelha. Os momentos passados à espera pareciam uma eternidade. Finalmente, ela ouviu a voz conhecida:

— Aqui é Jack Thornton.

— Oh, Jarrick, é a Beth.

Uma pausa.

— Beth? É sério? Onde você está?

Beth explicou depressa por que ela estava na cidade, e eles fizeram planos para jantar.

— Às cinco, então. Oh sim, Jarrick, eu também mal posso esperar para vê-lo. Tchau.

Ela corou ao colocar o receptor de volta no gancho e sorriu timidamente para o homem atrás do balcão. Pela expressão dele, era óbvio que ele tinha ouvido tudo.

— Muito obrigada pelo uso de seu telefone.

— O prazer foi meu. Tenha um bom dia, senhorita.

Beth só se permitiu respirar fundo depois de ter fechado a porta da farmácia atrás de si. Ela fez uma pausa na calçada movimentada para se recompor. *Jarrick está aqui. Afinal teremos a oportunidade de nos ver!* Além disso, esta seria a primeira oportunidade dele de apresentar seus colegas a ela, a mulher pela qual ele havia atravessado um continente para ajudar quando sua irmã foi raptada naquele verão. *Será que eles me analisarão, perguntando-se se eu valho todo o tempo e esforço?* Ela imediatamente colocou tais perguntas de lado e então se perguntou se agora eles poderiam ter o jantar que tiveram de adiar apenas uma semana antes, após uma breve reunião na plataforma da estação de Lethbridge. *Como ele conseguiria? Ele acabou de descobrir que eu estou aqui. Não há tempo para fazer uma reserva. Mas ele vai encontrar algum lugar para nós, tenho certeza.*

Beth caminhou em direção à Kirkham Bros. saltitando, pronta agora para encarar seu próximo objetivo. Ela não tinha chegado em Coal Valley com muito dinheiro para gastar, mas torcia para encontrar o que precisava para equipar uma pequena cozinha e fazer a casa parecer renovada e acolhedora. Ela também precisaria de um estoque pequeno de comida, principalmente produtos enlatados e ingredientes secos, pois ela estava decidida a preparar a maioria de suas próprias refeições apesar do convite permanente de Molly. Na verdade, contudo, ela estava apenas adivinhando o que precisaria. Ela nunca havia estocado uma cozinha antes. *Já que eu não sei muito sobre cozinhar... ainda* — ela disse a si mesma. No final da tarde, Alberto pararia em cada uma das lojas que ela havia listado para carregar suas compras no carro enquanto ela e Jarrick jantavam.

Finalmente ela chamou um táxi para a ida até a sede da RPMC, seu coração batendo forte com a vontade de ver Jarrick. Ela já havia estado no prédio na primeira vez que chegou em Lethbridge. Ela e o pobre Edward haviam relatado o roubo de toda a bagagem deles depois de ele tê-la enviado com um ladrão. A memória trouxe um sorriso. *Tudo está bem quando acaba bem, desde que tenha passado tempo suficiente.* Seu precioso violino estava agora guardado em segurança em um baú em seu pequeno apartamento de segundo andar, e a preciosa bússola de bronze do pai estava de volta em sua mesa, que era o seu lugar.

Jarrick apareceu no corredor assim que ela parou na recepção.

Sorrindo em saudação e levantando ambas as mãos na direção dela, ele atravessou a sala em largos passos. Sem uniforme desta vez, ele estava vestindo um terno transpassado cinza escuro. Por um momento, Beth desejou ter escolhido um vestido mais bonito para a ocasião, mas o prazer verdadeiro dele em vê-la afastou todas as dúvidas.

— Beth, você está aqui! Que surpresa feliz que você pôde me visitar tão prontamente.

Ele carinhosamente tocou o braço dela, parecendo agigantar-se sobre ela. Beth sentiu-se corar, mas não se afastou.

— Querida, mal posso esperar para exibi-la. Você está pronta? — perguntou ele.

— Sim, eu acho que sim.

Jarrick começou com o policial na recepção.

— Ollie, gostaria que conhecesse a Srta. Elizabeth Thatcher. Beth, este é Ollie Brannigan, carinhosamente conhecido como o rosto público deste posto.

— É difícil acreditar que esta é a fuça que eles querem que represente a polícia — ele gesticulou para seu nariz bastante arredondado, — mas nós não conseguimos estes trabalhos pela nossa aparência, exceto talvez o Thornton aqui. — Os dois homens riram, e Ollie estendeu a mão. — Muito prazer em conhecê-la, Srta. Thatcher. Jack gaba-se de você o tempo todo.

— Ele é muito gentil...

O homem atrás da mesa continuou:

— Estou feliz por finalmente ter um rosto para ligar ao nome. Ouvi dizer que ele vai levá-la para jantar fora.

Pelo canto do olho, Beth notou que Jarrick fez um pequeno sinal de silêncio e logo em seguida ele disse:

— Bem, Ollie, tenho mais apresentações para fazer. Temos de seguir em frente.

— Prazer em conhecê-la, Srta. Thatcher. Espero vê-la mais vezes. Minha esposa, Alice, gostaria de receber vocês dois para jantar, quando Jack estiver pronto para compartilhar o seu tempo. — Ele riu e piscou para Jarrick.

— Muito prazer em conhecê-lo, Sr. Brannigan.

— Por favor, é apenas Ollie.

As apresentações que se seguiram foram quase a mesma coisa, e Beth tinha certeza de que nunca se lembraria de todos os nomes e rostos. Na maioria das vezes, ela seguiu a deixa de Jarrick e sorriu para cada um deles. Por fim ele estava levando-a embora do prédio e abrindo a porta de um elegante veículo policial, um carro de passeio, com grandes pneus de banda branca e um alarme de polícia montado no teto.

— Sua carruagem a espera, minha senhora.

— Obrigada, gentil senhor.— Beth se ouviu dando risinhos como uma adolescente quando ele pegou a sua mão e a ajudou a sentar no banco do passageiro. — Só não toque esse alarme, por favor.

Eles conversaram sobre os acontecimentos da semana anterior como se não houvesse grandes implicações implícitas à noite. Foi uma linda surpresa quando ele parou o carro em um lugar de estacionamento ao lado do restaurante especial deles e o motor foi desligado.

— Bem, este parece ser o melhor lugar da cidade. Vamos ver se conseguimos entrar? — Ele piscou para ela, ambos conscientes de há quanto tempo esperavam por uma noite assim.

Uma vez lá dentro, Beth ficou surpresa ao descobrir que o estabelecimento não parecia tão elegante quanto ela se lembrava ou talvez ela tivesse se acostumado mais uma vez aos belos restaurantes do leste. O pensamento era fugaz, todavia, e Jarrick logo prendeu toda a sua atenção, começando com a rosa sobre o prato dela na mesa de canto deles.

— Oh, Jarrick, que gentil da sua parte.

— O quê? Eu? Como eu saberia alguma coisa sobre isso? — disse ele com fingida despreocupação, passando um dedo em seu bigode. — Talvez o maître apenas se lembre do quanto você é linda.

Beth corou e sentou-se na cadeira que Jarrick puxou para ela. Ela sentiu seu tapinha caloroso no ombro antes de ele fazer um sinal para o garçom e tomar o assento oposto. Olhando para ele, ela ficou surpresa mais uma vez com o quão bonito ele era, especialmente quando seus olhos azuis dançavam à luz de velas. Ela respirou profundamente, decidida a apreciar cada momento desta refeição.

Jarrick havia pedido a comida deles quando fez a reserva, então o primeiro prato chegou rápido. Seu olhar penetrante e suas perguntas cuidadosas logo fizeram Beth desabafar sobre tudo que havia acontecido quando ela chegou. Ele ouviu com a mesma atenção enquanto ela omitia a principal razão de Molly, um possível casamento, para alojá-la sozinha, mas a omissão o deixou um pouco perplexo.

— Não havia nenhum outro lugar onde você pudesse ficar? Com nenhuma das outras famílias? Nem com... não sei, com os Sanderses ou com Ruth Murphy?

— Abigail está morando com Ruth agora. Você não conseguiria nem imaginar o quanto a cidade está lotada, Jarrick. Não são só os novos mineiros. Eles também têm que alojar os construtores, para toda a construção. Ontem me disseram, durante o café da manhã, que alguns homens estão se aglomerando em seis em uma casa de dois quartos! E você sabe como elas são minúsculas. Em breve eles terminarão dois andares de alojamentos no novo prédio da

mineradora, perto do rio. Há quanto tempo você não vai até lá, Jarrick?

— Hum, já se passaram pelo menos dois ou três meses. Eu não precisei ir para o oeste com tanta frequência, especialmente porque você não estava lá, Beth. — Ele sorriu e tocou a mão dela levemente. — Passo mais tempo no campo agora, quase nunca fico em um lugar por muito tempo. Mas estou ciente de que a cidade cresceu como uma erva daninha durante o verão. Mas ainda me surpreende que não haja algum lugar para você viver mais confortavelmente.

— Eu ficarei bem — Beth assegurou-o e mudou de assunto rapidamente.

A sobremesa chegou, e Jarrick ainda parecia não estar com pressa para falar sobre os dois, sobre o futuro deles. Ele estava claramente gostando do suspense, e Beth se recusou a ser a primeira a falar.

Por fim, ele limpou a garganta e lançou-lhe um sorriso travesso.

— Bem, tenho certeza de que você sabe que não estamos aqui, em nosso lugar especial, apenas para pôr em dia as notícias de Coal Valley.

Ele novamente acariciou as costas da mão dela e depois a cercou com a dele.

Beth sentiu seu pulso acelerando. O calor foi para suas bochechas, e ela virou o rosto para baixo, apenas espiando-o por baixo da borda de seu chapéu.

— Você sabe que eu a amo — sussurrou ele. — Mais do que eu jamais poderia imaginar. E que você é uma pessoa tão mais preciosa, interessante, generosa e corajosa do que eu pensei que algum dia conheceria. — Ele levantou a mão dela, inclinando a cabeça para mais perto da dela. — É evidente que você é verdadeiramente um presente de Deus na minha vida, e eu sou muito grato pela forma como Ele nos uniu. Mesmo as circunstâncias estranhas e difíceis que compartilhamos recentemente são vistas mais claramente à luz do que Deus está fazendo em nossas vidas, sem dúvida para nos preparar para o futuro. — Ele fez uma pausa. — Eu gostaria que estivéssemos juntos em nosso futuro, querida, se você desejar.

Beth o viu tirar uma pequena caixa de seu bolso. Ele a colocou em cima da mesa, na frente dela.

— Você deve saber que eu gostaria que você fosse minha esposa, Elizabeth Thatcher. Ficaria tão honrado se você aceitasse.

Beth respirou rápido.

— Antes de responder — ele continuou, apressado, — há alguns detalhes que deveríamos discutir.

Surpresa, ela desviou seu olhar da caixa fechada para encontrar

o dele.

— Sinto que é importante começarmos em união, Beth, estarmos alinhados sobre o que imaginamos que viria a seguir em nosso futuro. E não acho justo que você responda ao meu pedido, espero que com um "sim", para depois iniciarmos uma conversa sobre o que você acabou de aceitar.

Ela acenou com a cabeça quase imperceptivelmente.

— Isso é sábio. — A sugestão, no entanto, foi um pouco desanimadora.

Ele limpou novamente a garganta e puxou sua cadeira para frente, cruzando os braços sobre a mesa.

— O plano mais óbvio seria você terminar pelo menos o ano letivo em Coal Valley, e eu continuar trabalhando em minhas tarefas aqui. Em algum momento do ano, poderíamos nos casar, e eu passaria o máximo de tempo possível com você nas montanhas. Não é o ideal, mas acredito que conheço-a suficientemente bem para saber que você não gostaria de deixar seus alunos antes do final do ano letivo. — Sua voz ficou mais grave, e ele franziu a testa. — Claro, poderíamos esperar para nos casar até o final do ano, mas prefiro não fazer isso. — Desta vez, foi ele quem desviou o olhar. — Acho que não tenho paciência para esse plano específico.

Beth também não gostou de imaginar uma longa espera. Desta vez, foi ela que se esticou para colocar ternamente a mão sobre a dele.

— O que é... bem, o que você imagina para depois disso? — perguntou ela.

— Você quer dizer, no final do ano letivo?

— Sim. Há alguma maneira de ficarmos em Coal Valley para eu poder continuar dando aulas depois deste ano?

Ele esfregou o queixo.

— Temo que não consigo planejar com tanto tempo de antecedência. Como policial, sou obrigado a ir e vir para onde quer que eu seja transferido, para onde a RPMC me enviar. Eu realmente não tenho poder de decisão sobre para onde sou enviado e por quanto tempo fico em cada um dos lugares. É uma realidade verdadeiramente difícil para qualquer noiva aceitar, e estou muito consciente disso. Mas, Beth, temo que seja improvável que eu volte a ser mandado para perto de Coal Valley. — Sua mão pegou a de Beth. Sua voz ficou ainda mais baixa. — Há outra alternativa, querida.

Beth piscou e esperou.

— Seu pai me ofereceu um cargo na empresa dele. — Ela encarou-o, chocada com a revelação.

— Ele diz que está pronto para nomear um novo chefe de segurança em Toronto e gostaria que eu considerasse o trabalho.

Beth se afastou, deixando suas mãos caírem no colo.

— Mas—mas você acabou de dizer que não tem permissão para escolher seu próprio lugar.

Ela mordeu o lábio e lançou-lhe outro olhar.

— Não seria um trabalho da RPMC, Beth. Eu teria que me demitir da polícia para poder trabalhar para seu pai. — A testa dele se franziu profundamente.

Beth sentiu seu estômago apertar. *Abandonar a polícia? Como ele pode sequer considerar uma coisa dessas? Ele sempre falou com tanta certeza sobre seu papel, sobre seu chamado.* Lágrimas se formaram nos cantos dos olhos dela, e ela piscou para afastá-las.

— Beth, eu só quero fazer a melhor escolha possível para nós. Talvez seja melhor nos estabelecermos em algum lugar, um lugar mais próximo da família.

Mas eu estou... estou perto da família, da minha família aqui — Beth pensou, mas era muito difícil falar as palavras em voz alta.

Ele persistiu, dizendo:

— E algum dia vamos querer ter filhos. Seria muito mais fácil se pudéssemos ficar em um lugar só, não juntando tudo e nos mudando a cada poucos anos.

— Mas acho que lembro de Edward mencionar a obrigação por um período mínimo de tempo. Você sequer pode deixar a polícia?

Ele se mexeu na cadeira antes de responder:

— Ainda não completei meus anos contratuais. Isso exigiria que eu pagasse para sair da polícia.

— Não é caro? Quando ele veio para o oeste pela primeira vez, Edward não estava preocupado com isso porque seu pai é rico, mas...

Jarrick apertou os lábios fortemente antes de responder, sua voz baixa:

— Seu pai disse que estaria mais do que disposto a pagar a quantia por mim.

Beth tinha certeza de que podia ouvir o som da derrota. Ela sussurrou sem fôlego:

— É isso que você quer, Jarrick? É isso mesmo?

— Querida — ele suplicou, — eu só quero cuidar de você da melhor maneira que eu puder. Eu desistiria de tudo desta Terra para ter certeza de estar tomando a decisão certa para nós dois. Você é tão importante para mim, Beth. Eu nem consigo descrever.

A força de seu amor por ela estava, neste momento, partindo o coração de Beth. *É isto que estou lhe devolvendo: a destruição das vontades dele? Mas o que posso dizer? A decisão é dele, a responsabilidade é dele perante Deus. Mas eu pensei que seria eu quem faria um sacrifício. Eu estava preparada para isso. É muito mais difícil vê-lo abrir mão dos seus sonhos. Mas, na verdade, eu tinha esperanças de nunca ter de sair deste lugar, de que pudéssemos ficar aqui juntos.*

— Eu também amo você, Jarrick — sussurrou Beth. — Sei que você vai nos guiar. E não importa o que você decidir, eu sei que quero estar com você e ser sua esposa.

O sorriso dela tremia quando ela sentiu as mãos dele envolvendo as suas, e as lágrimas caíam sobre a toalha de mesa quando ele colocou o anel no dedo dela e prometeu:

— Eu vou cuidar de você, Beth. Vou amá-la da melhor forma que puder, e que Deus me ajude.

— Eu sei que você vai, meu querido. Eu confio em você.

Eles estavam noivos. E Beth estava determinada a se submeter a seu marido, aonde quer que ele a conduzisse. Ela estava alegre, mas seu coração doía pela angustiante possibilidade de ele estar deixando tanto de si mesmo para trás.

Capítulo 4

— Olá, pai. A mamãe está com você? Quero falar com vocês dois, por favor.

Beth apertou o receptor contra sua orelha e olhou para o novo anel de diamante em seu dedo, brilhando em seu engaste de ouro branco. Jarrick estava de pé atrás de Beth, com as mãos sobre os ombros dela enquanto ela estava sentada em frente ao telefone de mesa. Nenhum deles estava preocupado que outras pessoas no escritório da RPMC pudessem ouvir por acaso. Todos no prédio já sabiam de sua notícia por agora.

— Certo, ela está aqui, Beth. Sua mãe está bem aqui. — A voz do pai dela crepitava na linha. — O que você tem para contar?

— Jarrick e eu estamos noivos. — Uma pausa. — Vocês conseguem me ouvir? Eu disse que estamos noivos.

— Sim, sim, nós estamos ouvindo você. Estamos muito felizes por vocês dois.

Beth inclinou sua cabeça para ver a reação de Jarrick.

— Acho que não é uma surpresa muito grande para ninguém aí, mas tenho um anel muito lindo no meu dedo para provar.

Outra pausa mais longa, e então o pai respondeu:

— Sua mãe está extremamente feliz. Ela gostaria de poder lhe dar um grande abraço. — Ele acrescentou: — Assim como eu, minha querida.

— Gostaríamos de nos casar na primavera, pai. Vocês acham que podem vir em abril? Queremos evitar ao máximo possível o inverno. Há sempre uma grande chance de ter uma tempestade mesmo em abril, mas não queremos adiar o casamento por mais tempo do que isso.

— Ah, entendo. Você está planejando se casar no oeste então? — Houve uma pequena pausa e vozes abafadas antes que o pai falasse novamente: — Sim, certamente podemos ajustar nossas agendas. Avise-nos assim que você tiver uma data fixa. Estamos tão felizes por você, Beth! Dê a Jack nosso amor e nossos melhores votos. — Antes que Beth pudesse responder, ele disse: — Sua mãe quer lhe falar por si mesma. Aqui está ela, aqui está sua mãe.

— Beth, Beth, você consegue me ouvir?

— Sim, mãe. Estamos aqui, nós dois.

— Seu pai diz que você vai se casar no oeste. Eu pensei que você voltaria para casa, talvez no verão? Nossa igreja é tão linda no final de junho.

Beth trocou olhares com Jarrick.

— Não, acho que temos certeza de que gostaríamos de fazer a cerimônia aqui, onde as pessoas nos conhecem como um casal.

— Oh... oh, eu nunca pensei nisso. Bem... oh, querida. Claro, não me importo com a viagem, mas ela limitará muito a lista de convidados. Você já pensou nisso? Teremos que analisá-la cuidadosamente.

— Não vai ser um casamento grande, mãe. Será em Coal Valley, onde nos conhecemos. Mal posso esperar para você ver a cidade e para conhecer nossos amigos daqui.

Mesmo com quilômetros de linha telefônica entre elas, Beth pôde ouvir sua mãe suspirar seu desapontamento.

— Sim, querida, nós ficaríamos felizes em ir até você aí.

Tendo aceitado a questão, a felicidade de sua mãe fluiu pelas linhas telefônicas e animou o coração de Beth. Se Beth não soubesse da oferta do pai a Jarrick — sua proposta generosa, mas problemática — ela estaria extasiada por aceitarem seu amado. Mas ela não ousou trazer à tona o assunto da oferta de emprego. Ela sabia que, com Jarrick e seus pais, ela seria a minoria em tal discussão.

Durante a viagem de volta para casa naquela noite, o céu que escurecia estava cheio de estrelas enquanto Beth olhava pela janela do banco de trás do carro de Alberto. A mente dela girava com a pergunta: — *Existe alguma forma de evitar voltar para o leste? Há alguma maneira de manter Jarrick onde ele pertence?*

Ela lembrou-se de que seu papel como esposa dele seria deixá-lo saber o que ela pensava e depois apoiar decisão dele. *Ó Senhor Deus* — ela orou, — *sempre pensei que foi a influência indevida da minha mãe que levou meu pai a abandonar o mar que amava e a assumir um cargo de gerência. Mas ele continuou viajando mesmo assim, apesar das objeções dela. É verdade, ninguém nunca me contou diretamente, mas tenho certeza disso. E não vou seguir o exemplo dela, não importa o que aconteça. Não vou tentar manipular meu marido.* Ela balançou a cabeça e torceu um fio de cabelo que caiu do chapéu. *Eu só nunca pensei que o problema seria invertido, que eu estaria resistindo a Jarrick aceitar um emprego na cidade, mesmo que isso o levasse a estar em casa todas as noites. Sei que se ficássemos aqui seria muito mais difícil de várias maneiras, incluindo ausências frequentes e longas, mas realmente não consigo vê-lo como nada exceto parte da RPMC. Será que estou errada, Senhor? Se sim, por favor dê-me paz a respeito disso. Mas a decisão tem de ser do Jarrick.*

O jantar na pensão da Molly no domingo à noite foi um grande evento. Todos se aglomeraram na mesa da cozinha dela, e a anfitriã ficou correndo de um lado para o outro para servir duas salas cheias de pessoas. Depois de os pensionistas estarem alimentados e terem ido embora, apenas a família continuou reunida, na sala de estar, para a sobremesa. Beth sabia que eles previam que ela tivesse voltado com notícias boas para contar. Ela olhou ao redor, para os rostos esperançosos deles, e mostrou o anel de noivado que havia mantido escondido o dia todo, radiante de orgulho e gratidão por sua "outra família", com quem ela podia compartilhar sua alegria.

— É tão bonito! — Marnie exclamou. — Caramba, Srta. Thatcher! É a coisa mais linda que eu já vi.

Molly deu tapinhas no joelho de Beth enquanto elas se sentavam juntas no sofá da sala de estar.

— Não está feliz agora por termos colocado você no apartamento da Abby?

Sim — Beth pensou consigo mesma, — *é assim que eu vou chamá-lo. Não mais de apartamento dos Grants, mas sim da Abigail.*

Ela disse:

— Creio que ainda vou ficar sozinha lá por algum tempo. Não planejamos nos casar até a primavera, provavelmente em abril. Há muitos detalhes para decidirmos.

— Eu poderia ficar com você para ajudar — Marnie ofereceu, levantando-se do apoio de pés para ficar na frente da Molly, de braços abertos, de uma forma suplicante. — Isso também facilitará as coisas aqui, Srta. Molly. Você não vê? Dessa forma, você poderia dar meu quarto para dois dos homens. Isso ajudaria todos a caber melhor, não é?

Beth prendeu a respiração. Seria certamente um alívio compartilhar o espaço, especialmente com alguém tão querida quanto Marnie. Em voz alta, ela disse:

— Eu não me importaria nem um pouco. Na verdade, eu realmente apreciaria a companhia dela. Se estiver tudo bem para vocês, penso que é uma ideia esplêndida.

Molly parecia incerta.

— Mas ainda preciso de sua ajuda aqui, Marnie. Com a escola e tudo mais, não sobraria muito tempo. Você dificilmente faria mais do que dormir por lá.

— É uma boa ideia de qualquer maneira e libera o meu quarto para você alugar.

— De fato, seria.

Molly olhou de Marnie para Beth e então deu de ombros.

O arranjo foi acertado e os planos foram feitos imediatamente.

Frank levaria um colchão de palha para o quarto de Beth para ser colocado onde o telhado ficava tão baixo que a área não era utilizável para mais nada. Beth posicionaria o menor de seus baús como mesinha de cabeceira de Marnie, o que daria à garota espaço de armazenamento para suas coisas. A menina se juntaria a Beth todas as noites depois que suas tarefas estivessem cumpridas.

— E vai ser tão fácil de ter ajuda com meus deveres de casa. Estarei morando com a professora. Talvez até consiga as melhores notas que já tive! — Marnie exclamou triunfantemente.

Beth sorriu e disse:

— Sim, querida, eu posso ajudar, mas você mesma terá de fazer o trabalho em si.

Todos riram, e Marnie assegurou-lhes que não tiraria vantagem de sua situação habitacional.

Impaciente para fazer as coisas acontecerem, Marnie pegou a mão boa de Frank e o persuadiu a sair de sua poltrona para que eles pudessem levar o colchão e os pertences dela para sua nova casa. Molly e Beth os seguiram, seus braços cheios de roupas e roupas de cama.

Do lado de fora do prédio de Abby, três caixas contendo as compras de Beth estavam esperando no pé da escada. Frank rapidamente anunciou que voltaria para carregá-las:

— Assim que colocarmos o colchão no lugar.

Enquanto Molly ajudava Beth a desembalar os novos produtos, ela admitiu discretamente:

— Frank está ficando velho demais para ficar carregando coisas desse jeito, mas não tenho como dizer isso para ele.

— Ajudar os outros é uma parte tão grande de quem ele é. Seria muito difícil para ele ouvir que tem de parar.

— Pode ter certeza.

Molly e Beth então fizeram a cama de Marnie.

Mais tarde, naquela noite, na escuridão, Marnie sussurrou para Beth:

— Acha que vamos ouvir os barulhos de novo?

— Suponho que sim. Eu os ouvi de novo ontem à noite.

— Talvez consigamos descobrir o que é. Eu vou prestar atenção.

Entretanto, Beth ouviu os sons suaves da respiração de Marnie, adormecida, muito antes dos sons de algo raspando voltarem. A essa altura, a presença da menina era suficiente para Beth relaxar e descansar mais facilmente.

Beth levantou-se cedo na segunda-feira embora a escola não fosse começar realmente até o outro professor voltar de Calgary. Ela estava determinada a descobrir como usar seu fogão e preparar um café da manhã de panquecas e ovos, sem acordar Marnie. Mas era muito mais difícil de lidar com o fogo do que ela tinha previsto. Cada vez que ela pensava que as pequenas chamas estavam altas o suficiente, ela se virava e descobria, um momento depois, que as chamas haviam se apagado novamente. Quando Marnie apareceu, esfregando os olhos, Beth ainda não tinha conseguido fogo suficiente para aquecer a panela.

— Eu faço isso — a adolescente propôs. — Não me levará mais que alguns minutos.

Ela foi diretamente ao trabalho.

— Agora, para você saber, é melhor não deixar as brasas apagarem. Mantenha-as enterradas em areia durante a noite para que tudo que você precise fazer seja mexer na areia de manhã e adicionar mais lenha. É claro, carvão durará mais tempo, mas não é tão fácil de acender.

Os ombros esbeltos se curvaram para ficar mais perto da caldeira enquanto ela dava as instruções, soprando periodicamente sobre a pequena chama. Beth ouviu atentamente e tentou observar por cima do ombro de Marnie para ver exatamente o que ela fazia. Em pouco tempo, Marnie colocou a frigideira no lugar.

— Por agora você pode ajustar a temperatura da frigideira movendo-a em círculos em cima. Mas logo você saberá, pela aparência do seu fogo, o quão quente ele está. — Ela hesitou. — Quer que eu cozinhe enquanto você se veste? Eu ouvi você dizer ao Teddy Boy que iria pescar com ele esta manhã. Eu sei que ele gosta de começar antes do sol estar muito alto.

— Sim, ele está animado para me mostrar os novos prédios. Ele me disse “por volta das sete”. Ainda tenho muito tempo para ajudar com a cozinha. Eu quero aprender, Marnie. Eu realmente quero. Como vou alimentar Jarrick se não consigo nem acender um fogo?

Ela manteve seu tom brincalhão, apesar de suas preocupações genuínas sobre cuidar de uma casa para um marido. Quando Marnie não estava olhando, Beth levantou a mão para admirar o anel novo.

As primeiras panquecas queimaram antes de Beth pegar o jeito de ajustar a temperatura. Só as últimas quatro ficaram grandes, fofinhas e uniformemente douradas. Ela as apresentou a Marnie.

— Como estão?

— Boas como as da Srta. Molly.

— Ah, sua pequena mentirosa! — As duas riram. — Mas suponho que estejam boas o suficiente para comermos, de qualquer maneira. E isso é o que conta.

A batida de Teddy à porta veio antes de Beth e Marnie terem terminado de comer. Quando ele entrou e cumprimentou as duas, ele olhou desejosamente para a última panela. Beth sorriu e convidou-o a terminar a comida enquanto ela se arrumava para o passeio deles. Ela colocou um chapéu de palha e pôs um lenço leve por cima de um vestido simples, bom o suficiente para uma pescaria.

Marnie insistiu em lavar as louças do café da manhã, repetindo o quanto estava grata por estar morando com Beth.

— Os peixes estão mordendo mais, perto da ponte — disse Teddy por cima de seu ombro. — Mas eu quero levá-la primeiro à serraria. Imaginei que você gostaria de ver de onde vem toda essa madeira nova. — Ele sorriu sob a luz da manhã, e Beth pensou conseguir ver um pouco de penugem acima de seu lábio. — Trabalhei um tanto para a empresa nesse verão. Agora tenho um pouco de dinheiro guardado.

Beth tentou acompanhar os passos dele enquanto caminhavam pela rua entre as casas da mineradora. Àquela hora, o único movimento do lado de fora das casas era um único pai cortando madeira com uma pilha de toras ao seu lado. Eles acenaram em cumprimento, e então Teddy virou-se para um caminho que Beth não lembrava, descendo a colina em direção ao rio. O barulho da mina, que ela ouvia da cidade, estava cada vez mais alto. A floresta acabou abruptamente, abrindo-se para uma grande encosta árida, cheia de máquinas e homens. Para Beth, parecia um cemitério florestal, com os tocos feios como lápides. Ela sentiu uma pontada de tristeza.

— Eles removeram tudo isso em um verão?

— Pode apostar que sim — declarou Teddy, seu orgulho inocente estufando seu peito. — Não é difícil com o equipamento certo. E tínhamos quase duas dúzias de homens trabalhando nisso na maioria dos dias, sem contar os que estavam na mina.

— Não é de se admirar que não haja espaço suficiente para abrigar todos na cidade.

O olhar de Beth circulou pela desolação da encosta, descendo em direção ao frenesi de atividades ao redor do enorme moinho na beirada do rio. Por um momento, ela observou homens colocarem carcaças de árvores redondas e retas em uma extremidade de um edifício oblongo enquanto outros retiravam longas tábuas brancas para serem adicionadas às pilhas montanhosas. Escondida em algum lugar sob o longo telhado, a máquina barulhenta cortava a madeira e jogava serragem no ar. Beth apertou sua garganta com a mão.

— O quanto mais eles pretendem derrubar das árvores? Você tem alguma ideia?

— Não, acho que o plano é continuar cortando; assim que terminarem de construir o que precisam aqui, eles vão começar a

transportar a madeira, assim como o carvão. Ouvi dizer que há muito mercado para tudo isso. As pessoas estão chamando de “boom de construção”. E os homens da empresa dizem que, tendo ambos os negócios, eles estarão ganhando rios de dinheiro.

Beth suspirou. Marnie havia usado a mesma frase para descrever as esperanças de Teddy.

— Entendo — foi tudo que ela conseguiu dizer em resposta.

Ela olhou para a paisagem mais uma vez, agora reconhecendo apenas um afloramento rochoso de calcário, perto de onde ela havia muitas vezes colhido flores silvestres às margens do rio. De forma súbita, virando as costas para a devastação, ela disse:

— Não temos muito tempo. Vamos pescar. Você está pronto?

— Pode apostar — ele concordou. — Já levei as varas e as outras coisas para o local e peguei algumas iscas frescas.

— Você deve ter se levantado antes do sol.

Teddy franziu o nariz.

— Tive de levantar, ou eu não teria tempo para fazer as coisas que eu *quero* fazer.

Logo Addison e Peter se juntaram a eles, lançando suas linhas na água, perto de uma árvore suspensa. Depois que o Teddy arrumou a vara de Beth, eles se sentaram em fila na margem gramada e ficaram ouvindo a água gorgolejando pelo leito do rio rochoso.

Cinco lindos peixes estavam pendurados em uma linha na mão de Teddy quando estavam prontos para partir. Ensopados até os joelhos por andarem dentro do rio e jogarem água uns nos outros, eles fizeram um desfile esfarrapado voltando para a cidade, Beth caminhando ao lado de Teddy, com Peter e Addison à frente. Ela se sentiu anã perto de suas silhuetas altas e magras. Será que *todos eles* cresceram tanto durante o verão? Seus sapatos esguichavam água com cada passo, mas ela não se importava: os sapatos eram velhos e logo secariam.

— Bom dia, senhores — uma voz masculina os cumprimentou.
— Como foi a pescaria de vocês hoje?

Ainda sem conseguir ver o homem, Beth supôs que ele era um de seus pais.

— Oi — disse Addison quando se aproximaram dele.

— Bom dia, Sr. Hughes. Epa, quero dizer, Harris. Hã, senhor.
— Peter estava obviamente tentando lembrar a maneira correta de se dirigir ao homem.

Addison disse rapidamente:

— Foi muito bem, senhor. Conseguimos cinco.

Ele fez um gesto para trás, para Teddy, que segurou os peixes no ar, mostrando-os e balançando-os quase acima da cabeça de Beth.

— Foi muito *boa* — corrigiu o Sr. Robert Harris Hughes.

— Sim, senhor — os meninos responderam em uníssono, tímidos de repente.

Eles tinham parado, e Beth pôde espreitar pelo meio de uma confusão de corpos e braços para ver o homem que estava diante deles. Ele era bem jovem e não era muito alto ou robusto, mas a maneira como ele se portava exigia respeito, ela notou imediatamente. Beth hesitou, desejando poder conhecer seu colega professor em circunstâncias mais apropriadas, mas ela se obrigou a sair do meio dos meninos, com toda a confiança que podia reunir. Embora extremamente consciente de seus sapatos molhados, das marcas de água em seu vestido modesto e do seu emaranhado de cabelos que ela tinha prendido em um galho, ela conseguiu dizer:

— Bom dia. Você deve ser o Sr. Harris Hughes. Sou a senhorita Elizabeth Thatcher. — Decidindo que o nome provavelmente não significava nada para ele, ela puxou um cacho desobediente para trás de sua orelha, engoliu em seco e explicou, esperando soar com alguma dignidade: — Eu sou *a outra* professora.

Ele levantou as sobrancelhas escuras.

— É um prazer conhecê-la, Srta. Thatcher. Não tinha ideia de que a encontraria... aqui. — O sorriso dele se transformou em algo um pouco menos cordial enquanto ele ficava em pé diante dela, com roupas mais indicadas para um passeio a cavalo em um campo bem cuidado, usando um terno de tweed marrom com cinto na cintura e calças enfiadas em botas de couro altas. Em sua cabeça havia uma boina reta de lã inclinada em direção a uma orelha. — Você pode imaginar minha surpresa ao encontrá-la pescando aqui com estes garotos.

— E passando tempo com os meus... com os nossos alunos. — Beth forçou um sorriso débil e deu de ombros. — Onde mais eu estaria?

— De fato.

Por um longo momento, ninguém falou. Os meninos pareciam desconfortáveis, e Beth não conseguia pensar em mais nada até que finalmente disse:

— Ah sim, eu esperava que você e eu pudéssemos nos encontrar a fim de planejar o ano letivo. Você imagina que terá tempo hoje, Sr. Harris Hughes? — A voz dela desapareceu.

Ele acenou uma vez com a cabeça, seus olhos quase fechando em contemplação. — Sim, Srta. Thatcher, eu esperava que pudéssemos fazer isso. Que oportuno que nos encontramos tão cedo no dia.

— De fato. Existe—haveria um momento que lhe conviesse? — Ela se repreendeu internamente por parecer tão incerta.

— Estou saindo agora para uma vigorosa caminhada matinal. Se você estiver disponível às dez e meia, creio que teríamos a escola à

nossa disposição.

— Isso seria bom.

— Muito bem. Um bom dia, então, Srta. Thatcher. Estou ansioso para falar com você em breve.

Ele tirou ligeiramente a boina e fez uma breve pausa para acenar com a cabeça para os meninos. — Senhores. — Então ele passou pelo meio deles no caminho estreito.

— Tenha uma boa caminhada, senhor.

Os meninos ficaram encarando-o até que ele completasse a primeira curva.

Teddy soltou um assobio baixo.

— Ele não é extremamente...

— É mesmo — murmurou Beth.

— Ok, certo. Ele não é um absurdo? Você viu as botas? Aposto que ele até as poliu!

— Ah, Teddy, por favor.

Beth apressou sua comitiva de volta para a cidade, prometendo que passaria na casa de Addison depois de sua reunião para comer da pesca deles no almoço, depois correu de volta para sua moradia singela. Ela deixou os sapatos nos degraus para secar. Beth desejou brevemente poder tomar um banho antes de seu compromisso, mas não havia tempo suficiente. E já seria necessário muito trabalho para colocar o cabelo emaranhado de volta no lugar. Lavar-se bem na grande bacia teria que ser o suficiente. Ela esfregou com força. Seria indesculpável se ela ainda cheirasse um pouco que seja a peixe às dez e meia.

Capítulo 5

Usando um vestido cinza fumê, de crepe, na altura da canela e bordado com rosas rosa, além de sapatos apropriados e com seu cabelo agora preso de forma elegante e adequada, Beth atravessou a rua de terra batida. Embora ela soubesse que estava compensando mais do que o necessário por sua impressão anterior, ela não havia encontrado mais nada em seu guarda-roupa que parecesse apropriado o suficiente para o momento. Ela só torcia para que não encontrasse ninguém. Eles pensariam que ela estava a caminho de um funeral e se perguntariam de quem.

Ela se aproximou da porta, ponderando se deveria bater à porta ou se deveria entrar ousadamente. Ela decidiu fazer esta última opção e empurrou a porta para entrar na escola. Para sua surpresa, a grande sala estava agora repleta de tábuas serradas e ferramentas de trabalho manual.

— Olá? Sr. Harris Hughes? — ela chamou.

Ele surgiu imediatamente de um canto escondido atrás da porta.

— Srta. Thatcher, você é muito pontual. Preciso o seu respeito pelo tempo do outro.

— Mas é claro. — Ela deu um passo à frente com cautela e olhou em volta. — Eu esperava que as coisas estivessem prontas para as aulas. Estive aqui na semana passada, e não havia nenhuma desordem na hora. Você sabe o que está acontecendo?

Ele estendeu uma mão para ajudá-la a andar pelo entulho, e Beth a aceitou com cuidado. Ele havia tirado o casaco e o chapéu, e ela agora podia ver o cabelo dele todo alisado para trás, exceto por uma mecha ondulada arrumada na frente. Usando camisa de colarinho, suspensório e calças formais, ele a fazia lembrar de alguns dos cavalheiros que haviam estado em seu cruzeiro no verão: uma mistura pretensiosa de lazer e grande estilo. *Pare com isso* — ela se censurou. *Você ainda nem o conhece.*

O comportamento dele, no entanto, era de confiança arrojada e de estar totalmente no comando.

— Nosso espaço está sendo dividido em duas salas de aula. Não

sei por que não foi concluído antes, mas só posso supor que a decisão foi tomada no fim de semana. Eu tentei incentivar a construção há duas semanas, quando estava na cidade, mas aparentemente eles tinham outras prioridades na época.

— Entendo.

Ele parecia estar bastante seguro de suas próprias opiniões.

Talvez eles quisessem esperar até minha chegada. Você não deveria presumir que eu deveria ter um voto, Sr. Harris Hughes? Mas então ela admitiu silenciosamente que ninguém havia falado com ela sobre quase nada relacionado à escola e certamente nada sobre esta construção.

Ele fez um gesto para apontar para uma mesa no único canto arrumado do lugar.

— Poderíamos nos reunir no café da Abigail — sugeriu Beth.

— Pelo menos ele é limpo e silencioso.

— Oh? — Ele parecia surpreso. — Pensei que você gostaria de conversar aqui sobre o projeto. Como você pode ver, tirei o pó completamente desta mesa. Meus livros estão nestas caixas. — Ele fez um gesto em direção às caixas. — E pedi aos operários que fizessem uma pausa para que tivéssemos um pouco de silêncio para nossa discussão.

— Sim, se você quiser — concordou Beth.

Ele arrastou uma cadeira e limpou-a com um lenço.

— Só para ter certeza — disse ele com um pequeno sorriso. Então ajudou Beth a se acomodar nela. Ela colocou o caderno que havia trazido sobre a mesa e o abriu onde havia enfiado um lápis.

— Acho que devemos começar com os alunos — disse ela. — Eu os listei aqui, e estive pensando...

As palavras de Beth foram cortadas pelo som do homem sugando ar pelos seus dentes:

— Perdoe-me, Srta. Thatcher, mas eu esperava que pudéssemos começar com o prédio em si, é o motivo pelo qual eu marquei nossa reunião aqui. Espero que você não se importe muito. Esbocei algumas ideias de design, e ainda haveria tempo para mudar a ordem do trabalho se eu pudesse falar com o capataz ainda hoje.

— Há um capataz?

Isso parece estranho, até mesmo desnecessário, apenas para colocar uma simples parede.

— Bem, eu presumo que sim.

— E quem é? — Beth sentiu o calor subir a suas bochechas. *Por que estou discordando de tudo? Sinto que estamos lutando ao invés de conversando.* Ela limpou a garganta e tentou relaxar os ombros, sentando-se confortavelmente em vez de reta como uma vara.

O homem checkou as anotações na mesa na sua frente:

— Eu falei com um Walter Deedles, que parece estar no comando.

Beth não pôde deixar de sorrir, lembrando-se da aparência do pequeno supervisor de mineração que usava óculos.

— Sim, ele trabalha para a empresa, isso é verdade. Suponho que Walter é tão bom quanto qualquer um para ser o contato. Eles já lhe explicaram o que pretendem construir?

— Não em detalhes — disse ele, — mas se eu puder apenas mostrar-lhe estes esboços, acho que você concordaria com meu projeto. E depois vou passar adiante as instruções para que todos possamos estar de acordo.

Beth segurou sua língua. *É apenas uma parede. Eles a colocarão bem no meio do espaço e a darão por terminada.* Mas ela se inclinou para mais perto enquanto ele explicava sua proposta. O plano parecia justo e muito viável. Ela ficaria satisfeita com qualquer uma das salas de aula, e ele tinha sabiamente acrescentado uma pequena sala para guardar as botas e os casacos, o que seria inestimável neste clima.

— E no centro da parede divisória — disse ele, — desenhei uma porta para acessar a sala oposta.

Beth pestanejou, tentando imaginar a razão para a porta que ele sugeria.

— Quando a usáremos?

— Usar o quê?

— A porta... entre as salas de aula. Já que estamos dividindo os alunos por idade, em que momento do dia eles precisariam passar de uma para a outra? Não seria bom o suficiente acessar as salas pela entrada compartilhada? — Ela apressou-se para terminar antes que ele pudesse interromper novamente: — E você não acha que, isso é, temo que isso tornaria as coisas muito mais barulhentas para nós dois. O som se propagaria mais facilmente entre as salas dessa maneira.

— Misericórdia. É isso que você pensou? Que cada um de nós ensinaria a metade das crianças? — Ele se reclinou em sua cadeira.

— De que outra forma dividiríamos o ensino? — perguntou ela mansamente.

— Eu pensei, talvez, que ensinaríamos por matéria. Concentrei a maioria de meus estudos em ciências e artes, embora, é claro, meus estudos de pós-graduação tenham sido na pesquisa mais ampla da educação em si. Já que li demasiadamente sobre as várias filosofias educacionais, posso assegurar-lhe, Srta. Thatcher, que o modelo de escola de apenas uma sala é bastante ultrapassado, substituído agora por um ensino especializado com base em matérias.

Beth piscou, encarou-o por um momento e depois piscou novamente. *Como eu posso...? O que ele pode...? Do que ele está falando?*

— Sr. Harris, hã, Harris Hughes — disse ela, tropeçando no

nome dele. — Eu acho que você não entende as famílias que temos aqui. Se você pudesse ver o progresso feito no ano passado, em apenas um ano. Nós nos concentramos em leitura, escrita e...

— Em “*ritmética*”? — Ele riu de forma zombeteira. — Por favor, Srta. Thatcher. — Ele estendeu a mão com a palma na direção dela. — Por favor, não espere que eu acredite que você se rendeu a métodos tão arcaicos. Há muito mais que as crianças modernas precisam saber para, em algum momento, elevarem-se acima dessas comunidades retrógradas.

Como ousa! Ela respirou rápido e se obrigou a permanecer calma, embora suas palavras soassem mais duras do que era sua intenção:

— Eu acredito em ensinar primeiro as competências fundamentais e então usar outras matérias para enriquecer as lições. E eu lhe asseguro, Sr.-Sr.-senhor, que recebi meu diploma de professora da melhor faculdade para mulheres de Ontário.

— Ah — ele rebateu. — Bem, então... sim, entendo.

Beth respirou fundo e ficou de pé.

— Por favor, por favor, não fique chateada, Srta. Thatcher. Eu não quis desrespeitá-la. — Ele fez um gesto para que ela tomasse seu lugar novamente.

Beth permaneceu firme, inclinando-se para frente com as mãos sobre a mesa, pronta para armar uma defesa.

— Srta. Thatcher, temo que as pessoas frequentemente entendam mal minhas intenções. Talvez eu devesse ter dito simplesmente que acredito que agora existem métodos superiores e que podemos alcançar mais se usarmos uma abordagem mais especializada para o aprendizado. Estou certo de que você concordará se apenas me ouvir. — Ele levantou-se de repente e tirou uma apostila de uma de suas caixas, colocando-a em cima do caderno de Beth. — Veja, proponho que miremos mais alto, pensemos no impacto da sala de aula sobre a sociedade como um todo e eduquemos com a intenção de produzir pensadores em vez de apenas trabalhadores.

Beth balbuciou, tentando em vão responder.

Ele continuou, apressado:

— Vejo que não estamos chegando a lugar nenhum. Deixe-me fazer uma sugestão. Vamos deixar este tema de lado e voltar ao projeto das salas. Acho que você vai constatar que minha proposta geral funciona bem com qualquer um dos modelos de ensino. Sim? E esse é o primeiro obstáculo que podemos vencer juntos. Você não concorda?

Beth se forçou a sentar de volta em sua cadeira. Ela colocou suas mãos trêmulas fora de vista, em seu colo, e ficou mexendo com seu anel, girando-o constantemente em seu dedo enquanto ele falava.

— Tenho certeza de que você deve estar tranquila o suficiente com o que eu desenhei para que isso possa ser apresentado ao Sr. Deedles hoje.

— Eu realmente não gosto da porta.

— Minha nossa. Não precisamos fazer tanto escândalo por uma porta, precisamos? Se você não gostar, com certeza pode simplesmente ignorá-la.

Em cada ponto do resto da discussão, Robert Harris Hughes usou a mesma tática. Ele parecia não se importar nem um pouco com as ideias de Beth, com os hábitos que ela havia estabelecido, com o calendário de eventos escolares que ela esperava que melhorassem as aulas diárias ou com as crianças específicas das quais ele ficaria encarregado. Tudo que ela podia fazer era manter um tom cuidadosamente comedido. De uma coisa ela tinha certeza: ela manteria sua posição sobre a confusa divisão dos alunos em diferentes matérias. Ela não deixaria os pequeninos preciosos nas mãos deste estranho, não importando o que ele dissesse para manipulá-la e intimidá-la. Já era difícil demais imaginar os seus alunos mais velhos sendo obrigados a aprender sob sua tutela autoritária. Mas ela certamente não permitiria que ele dirigisse seus maneirismos soberbos à pequena Anna Kate ou a qualquer um dos menores da turma do ano anterior. Ela encolheu-se ao imaginar Jonah Sanders gaguejando para responder a uma pergunta feita por este professor arrogante ou então o pobre do Levi Blane, tão pequeno e frágil.

Beth endireitou seus ombros. *Se aprendi alguma coisa durante o verão, é que não vou ignorar meus instintos novamente, principalmente quando pessoas que amo estão em risco. Não sou a mulher que eu era, Sr. Robert Harris Hughes. Acho que você vai descobrir que sou bem capaz de enfrentá-lo agora.*

Mas, quando Beth se arrastou pela escada para seu apartamento, ela já estava fatigada de corpo e alma. Ela sabia que tinha perdido o almoço com os meninos. O único resultado positivo da reunião deles foi que Beth tinha conseguido manter a guarda exclusiva da metade mais jovem dos alunos. Com o coração esgotado, ela tirou e dobrou o vestido bobo e vestiu uma blusa e saia confortáveis, depois se enrolou na cama e adormeceu, exausta pelo combate mental que ela tinha enfrentado.

Quando Beth acordou, sombras escuras haviam se agrupado nos cantos de seu quarto. O anoitecer havia chegado, e ela estava dormindo há horas. Envergonhada, ela jogou um pouco de água em seu rosto e inspecionou seu fogo. Ele tinha se apagado. Então o longo processo de acender as chamas começou novamente até que Beth pôde

aquecer uma simples refeição de restos de carne assada e vegetais que Molly havia mandado para ela. Sentada sozinha à mesa, ela estendeu sua mão esquerda e observou o anel de noivado à luz das velas, desejando com todo o seu coração que Jarrick estivesse sentado na cadeira em sua frente. Ela teria dado quase tudo para ouvir as palavras reconfortantes dele, para que ele se pusesse entre o homem agressivo e ela, para que ele defendesse o ponto de vista dela. Mas Beth se recusou a chorar. Ela seria capaz de encarar esse estranho revoltante sabendo que ele não a havia levado às lágrimas.

Soando como se estivesse bem ao lado de sua cadeira, um arranhar familiar demais fez arrepiar suas costas. *Este é o barulho! É isto que eu tenho ouvido!*

Beth deu um salto da cadeira e se afastou. De uma distância segura, ela examinou o canto onde a mesa estava. Não havia nada no chão, nada mesmo além de pernas de cadeiras e pernas de mesa. No entanto, havia uma pequena parede ao lado da cadeira dela: uma divisória baixa que apoiava as vigas e criava um minúsculo espaço de sótão do outro lado dela. *O que quer que seja o que eu ouvi, está do outro lado daquela parede!*

Beth agarrou seu lenço e saiu correndo para fora. Ela precisava desesperadamente se sentir segura novamente, ouvir vozes carinhosas e ver olhos bondosos. Ela se apressou até a casa da Molly.

Capítulo 6

Beth viu-se evitando o novo professor sempre que possível. A parede da escola foi rapidamente montada, e agora ela estava trabalhando para limpar a poeira e os detritos deixados para trás. Robert Harris Hughes, ao que parecia, tinha trabalho mais importante em outro lugar. O que afligia Beth mais ainda é que ele tinha recebido um quarto na pensão da Molly, embora ele normalmente optasse por não comer lá. Ele havia dito abertamente que preferia o salão tranquilo do café de Abigail à sala de jantar movimentada da Molly. Ainda assim, a presença dele na casa familiar deu-lhe mais um motivo para comer sozinha o máximo que pudesse ao invés de correr o risco de cruzar com ele na pensão. Contudo, se não fosse pelas generosas porções de sobras enviadas por Molly com Marnie, Beth tinha certeza de que estaria comendo comida enlatada fria pela manhã, ao meio-dia e à noite. Ela tinha tão pouca experiência em cozinhar, e havia poucos pratos que ela sabia como preparar. Como vou alimentar um marido, ou então uma família? — ela inquietou-se.

Mas agora, ao invés de se preocupar com tais assuntos, Beth tomou a decisão de ser grata. Ela podia ter resmungado sobre limpar as salas de aula sozinha, mas determinou que, de muitas formas, ela preferia dar um jeito de fazer sozinha, sem seu colega. Então ela orou, enquanto varria e arrumava as duas salas, para que Deus lhe desse um coração para servir da maneira que pudesse.

O tamanho generoso de sua sala de aula encantou Beth. E, na quinta-feira, houve uma entrega de novas carteiras pelo distrito escolar: eram o suficiente para acomodar vinte alunos em cada sala. Dezoito alunos estavam matriculados na turma de Beth, do primeiro ao quinto ano, incluindo nove das crianças novas. Haveria um grupo com uma quantidade similar na sala ao lado.

Perto da frente de sua sala, entre a única janela e um quadro-negro que cobria a maior parte da parede, Beth arrumou a grande mesa e a cadeira destinadas a seu próprio uso. Uma caldeira pequena ficava no fundo, ao lado de um balde bem-abastecido de carvão e uma fileira baixa de ganchos para os casacos das crianças. Enquanto ela pensava sobre os dias de ensino na taverna emprestada, Beth

regozijou-se com o maravilhoso presente novo. E o melhor de tudo: no final de cada dia, ela podia simplesmente fechar a porta sem ter que desmontar e guardar todos os seus materiais de ensino em preparação para a chegada dos clientes noturnos do salão de bilhar.

Ela pendurou as preciosas pinturas que sua irmã Julie havia fornecido uma a uma, cada uma contendo lembranças especiais de suas viagens nas províncias marítimas. Mesmo nas telas, as cenas vibrantes do oceano conseguiam expressar vida e movimento. Quase todas as crianças de Coal Valley haviam nascido e crescido nas montanhas ou na pradaria. Beth estava certa de que elas iriam apreciar essas paisagens canadenses que mostravam cenários muito diferentes dos que conheciam.

Em seguida, Beth colocou na parede os pequenos cartazes do alfabeto onde seriam facilmente vistos de todas as carteiras. Ela pendurou a bandeira com uma reprodução emoldurada da fotografia do rei ao lado. Depois vieram as caixas de livros de leitura e cartilhas, um livro ilustrado de histórias bíblicas, um globo e um atlas, e então os materiais de ciências, de artes e de música. *Aquele homem tolo certamente não pode me acusar de não desenvolver meus alunos em todas as áreas de seus estudos* — ela disse a si mesma, depois riu ao pensar em dar uma aula de música enquanto ele tentava dar uma lição de filosofia. *Bem, a culpa não seria minha!* Ela balançou a cabeça. *Foi ele quem insistiu na porta ridícula dele.* Na pressa de terminar a parede, a construção da porta tinha sido bastante irregular, e havia uma fresta de mais de dois centímetros embaixo. As portas da salinha dos casacos para as salas de aula também eram insatisfatórias, e Beth estava certa de que ambas as turmas ficariam frustradas com a abertura desnecessária entre sua sala de aula e a dele.



Na maior parte das noites, Beth demorava-se na cozinha da Molly, relutante em voltar para onde tinha alguma criatura, ou criaturas, que pudesse estar vagando por trás das paredes. Quando Frank soube de sua aflição, ele foi até o apartamento e encontrou uma pequena abertura sob o beiral que dava para o sótão ao lado de sua mesa de jantar e a fechou bem. Beth ficou muito aliviada por ele não ter encontrado nenhum acesso das áreas do sótão para dentro de seu quarto. Ela esperava que as visitas noturnas parassem completamente, mas pelo menos o empenho de Frank assegurava a Beth de que o que estava fazendo barulho ficaria do outro lado da parede. Ainda assim, ela frequentemente ficava com a família de Molly até Marnie terminar as tarefas, e as duas voltavam caminhando juntas no escuro. Beth

obtinha coragem da atitude indiferente da menina em relação aos sons não definidos. Ela sabia que Marnie não tinha interesse em falar mais sobre o problema, a menina simplesmente minimizava a preocupação de Beth com o desembaraço da juventude.

Duas vezes, quando estava sozinha, Beth tinha reunido coragem para procurar qualquer evidência de um intruso, embora não tenha encontrado nada específico e não tenha conseguido localizar outras aberturas que davam para o sótão. Entretanto, ao chegar em casa depois de voltar da escola um dia, ela tinha quase certeza de que uma tigela de mingau de aveia que ela havia colocado na pia após o café da manhã havia sido misteriosamente lambida. *Certamente não poderia ter secado tão depressa.* E, ao prestar mais atenção nos dias seguintes, ela estava certa de que o cesto de lixo estava sendo invadido e que alguns restos de comida estavam sendo roubados. Mas nunca havia rastros suficientes para convencer-se completamente de que não estava imaginando coisas.

No entanto, ela foi capaz de pôr tudo isso de lado quando segunda-feira de manhã chegou e a escola reabriu. Ela estava empolgada por começar a fazer o que amava e também preocupada pelo mês de setembro já ter quase acabado. Havia muito tempo de aula a ser recuperado de alguma forma antes que o ano letivo estivesse no caminho certo.

— Por favor, sentem-se, crianças — Beth falou por cima do burburinho do primeiro dia de aula. — É hora de começar. Estou tão feliz em vê-los novamente e estou ansiosa para conhecer aqueles de vocês que são novos este ano. Vocês encontrarão um cartão, com seu nome escrito, colado no canto de sua mesa designada. — Os sons de andanças similares podiam ser facilmente ouvidos da sala de aula vizinha.

Beth ajudou os mais novos a encontrar seus assentos na primeira fileira. A irmã mais velha Anna Noonan, de nove anos, estava levando sua irmã mais nova, Dorothy, para a frente da sala.

— Esta é Dotty — disse Anna a Beth. — Ela ainda não sabe ler. Mas eu tenho lido para ela em casa. Não temos tantos livros assim, mas ela gosta muito, especialmente dos contos de fadas.

— Fico feliz em ouvir isso, Anna. E não se preocupe, ela está no lugar perfeito para aprender agora. E você pode continuar a ajudá-la em casa. — Beth ajoelhou-se ao nível dos olhos da menina e sorriu para a tímida criança que tinha seus longos cabelos castanhos amarrados para trás com um laço amarelo vivo. — Bem-vinda, Dorothy. Estou feliz por você estar aqui. — Com essas palavras da professora, a menina esboçou um sorriso acanhado.

O último dos alunos encontrou seu nome e sentou-se depressa em sua cadeira.

— Vamos começar como já fazíamos antes, com a Oração do Senhor e com o juramento de fidelidade à bandeira — disse-lhes Beth. — E, crianças, não se preocupem se isto for algo novo para vocês. Nós praticaremos todos os dias, e logo vocês poderão participar facilmente. Por favor, fiquem de pé, em silêncio, ao lado de suas mesas, juntem as mãos e fechem os olhos.

A longa ausência no verão parecia evaporar da memória de Beth. Ela estava totalmente viva, fazendo o que mais amava.



— Marnie, sinto muito, mas o fogo se apagou novamente. Acho que o café da manhã terá de ser da despensa. Creio que sobrou um pouco de queijo e alguns biscoitos. Você se importaria? — Era a terceira vez naquela semana que Beth não conseguia cozinhar nada para elas antes da escola.

— Posso comer aquele último pedaço da torta da Srta. Molly?

— No café da manhã?

— Por que não? Ela é tão boa fria quanto é quente, e é de maçã, então é bom para mim. Como diz o ditado, uma maçã por dia...

Beth suspirou.

— Pode ser. Não se esqueça da sua tarefa.

— Não vai importar — Marnie murmurou. — Ele vai me forçar a refazer de qualquer forma.

— Você fez o seu melhor, querida. Isso é tudo que qualquer um de nós pode fazer. — Beth colocou o bule frio de volta na prateleira com um suspiro.

O rosto de Marnie surgiu de trás da porta do armário da despensa:

— O queijo desapareceu.

— O quê? Tenho certeza de que ainda tinha...

— Alguma coisa deve ter comido. Tem marcas de mordida nos biscoitos também.

Beth correu para olhar.

— O que aconteceu...?

— Não são ratos, então — declarou Marnie. — A menos que haja um bando inteiro deles.

— Misericórdia! Você acha que... é possível que algo grande, como talvez um guaxinim, tenha entrado? Eu tenho deixado a janela aberta durante o dia para entrar ar fresco, mas tem uma tela nela.

— Não tem guaxinins por aqui.

— Você tem certeza?

Marnie encarou-a ironicamente.

— Bem, você já viu algum?

— Acho que não. Nunca pensei sobre isso, suponho. Então o que foi? Um esquilo? Uma ratazana? — Ela não conseguia conter seu calafrio.

— Também não tem aqui, pelo menos não ratazanas. Mas tem muitos esquilos. Mas eu não acho que eles conseguiriam entrar no armário da despensa. A porta é muito pesada.

Beth estava perdendo a paciência.

— Tenho certeza de que não tenho ideia do que possa ser. Mas vamos manter as coisas fechadas agora, como precaução.

Ela fechou a janela que se projetava do teto e colocou o puxador firmemente no lugar. Marnie verificou se a porta da despensa estava fechada antes que as duas se apressassem juntas para a escola.

Depois do início frenético de seu dia, Beth apreciou os momentos de silêncio passados na preparação do início da manhã em sua sala de aula. Ela escreveu as primeiras tarefas de leitura e as questões de aritmética no quadro-negro para que seus alunos mais velhos pudessem começar a trabalhar em silêncio enquanto ela ensinava os mais novos.

Nesta manhã foi a vez de Daniel Murphy cuidar do fogo. Ele saudou Beth e se apressou em remexer as brasas antes de colocar mais carvão. Logo o fogo crepitante deixou o frio da sala mais tolerável. O Sr. Harris Hughes havia elaborado uma programação para que cada garoto designado fosse necessário apenas uma vez por semana. Felizmente, isso era uma coisa a menos para perturbar Beth, já que ela já estava frustrada por estar tendo dificuldades em manter seu fogo aceso em casa. De alguma forma, os meninos conseguiam provocar muito menos fumaça do que Beth. Ela se perguntava se jamais seria competente nisso.

Apesar da desaprovação implícita do outro professor, Beth continuava indo para a porta principal para tocar o sino da escola de manhã. É verdade que não era necessário, pois as crianças e suas mães sabiam muito bem do horário, mas ela achava que era uma forma agradável de começar o dia e ela esperava ansiosamente para cumprimentar cada um pessoalmente quando entravam na sala compartilhada. Na verdade, era também uma rara oportunidade de falar com os alunos mais velhos, com os quais ela ainda sentia uma conexão.

— Bom dia, Luela. Que lindo colar!

— Eu ganhei de aniversário. Mamãe o encomendou da loja.

— Bem, feliz aniversário, querida! Isso significa que você tem dezesseis anos agora? Minha nossa.

— Sim, tenho.

Os olhos da garota brilharam até que o irmão dela apareceu

com:

— Doces dezesseis^[1] e...

— Fique quieto, Addie! — Luella balbuciou.

Beth estalou a língua em reprovação para o adolescente que se agigantava sobre ela, balançou a cabeça e revirou os olhos.

— Addison, você deveria se envergonhar.

Ele apenas riu, e Luella deu um tapa no braço dele.

— Agora, não se esqueçam — repetiu Beth várias vezes, para cada grupo que entrava, — o clube bíblico começa hoje à noite. Vamos nos reunir aqui na escola. Espero que vocês possam vir.

Com o passar dos dias, uma fonte considerável de irritação para Beth era o volume da voz de Robert Harris Hughes. Ela duvidava que suas aulas dadas com voz suave o incomodavam muito quando comparadas ao incômodo que era as palestras imponentes dele ao ressoarem pelo vão embaixo da porta. Havia momentos em que ela conseguia até entender palavras, mas felizmente era mais frequentemente um barulho monótono de fala indistinguível.

A queixa mais comum dos alunos dele ao ouvido empático de Beth era que o novo professor simplesmente falava demais. Beth, do seu lugar do outro lado da parede, não podia concordar mais. No entanto, ela sabia que não havia nada que esse homem aceitaria se viesse como sugestão dela. Dessa forma ela, e o público cativo dele, aguentavam a falação durante a maior parte do dia. Seus alunos pequenos pareciam ignorá-lo tão facilmente quanto faziam com a barulheira da serralha e da mina.

Reconhecidamente, Beth sentia um pouco de satisfação por ele também estar ouvindo as recitações orais de suas aulas. Ela tentava não permitir que esse pensamento influenciasse a frequência com a qual ela ensinava seus alunos com repetição de poesias e de versículos bíblicos ou cantando músicas juntos. Em momentos de total honestidade, ela estava bastante certa de que a tensão que sentia com seu colega estava provocando sua personalidade teimosa mais do que um pouco.

Quando as aulas acabavam a cada dia, ela levava uma quantidade considerável de trabalhos para casa, para corrigir, mas Beth ficava tão grata quanto as crianças por deixar a sala de aula para trás. Às vezes, numa noite amena, ela sentava-se na varanda da Molly, em uma das cadeiras de balanço, com os pés enfiados debaixo dela e com os papéis empilhados debaixo de um livro pesado para evitar que eles voassem. Enquanto ela trabalhava em cada uma das páginas, ela apreciava a atividade ao seu redor: as crianças brincando por perto, as mulheres chamando umas às outras e os homens voltando para suas famílias depois de um longo dia. Se houvesse remendos a serem feitos, Molly às vezes se juntava a Beth para uma conversa enquanto elas se

sentavam para dar notas e costurar remendos.

— A igreja está quase pronta. Já passou lá para vê-la?

— Ainda não tive tempo.

— Tempo? Não é tão longe assim, querida.

Beth suspirou.

— Eu sei. Eu deveria apenas decidir caminhar até lá uma dessas noites. Eles a mantêm trancada?

— Ora, não. Não há nada lá para roubar.

Beth sorriu.

— Acho que você tem razão.. Talvez eu vá amanhã.

— Qualquer uma das suas crianças ficaria orgulhosa em ir junto para mostrá-la para você. Talvez você devesse perguntar-lhes.

— Essa é uma boa ideia. Tenho certeza de que todos estão entusiasmados em vê-la finalizada e em ter um culto em um prédio destinado a esse fim. Sem falar em ter o pastor Davidson só para nós.

— Um outro pensamento trouxe um suspiro. — Quando Esther e Bardo vão se casar? Não será em breve? Aposto que ninguém está mais ansioso do que ela.

— Oh, talvez sim. Mas, como não é sua primeira ida ao altar, querida, eu não acho que ela está com tantas expectativas quanto você.

— Eu? Eu estou com expectativas?

Molly baixou a meia que estava remendendo e espreitou por cima de seus óculos de leitura. Seus lábios franzidos e uma sobrancelha levantada revelavam seu divertimento.

— Está bem — Beth admitiu com um pequeno sorriso. — Sim, estou bastante empolgada. Mas eu tenho de esperar muito tempo até abril. Parece uma eternidade. E o que é pior, eu mal vejo Jarrick.

— Bem, eu também gostaria que seu Jack estivesse por perto mais vezes. Tinha me acostumado com sua perspicácia. — O som agudo do choro de uma criança fez a cabeça das duas virar. — Oh não, é uma das meninas novas. — Molly levantou-se para ver melhor. — A menor criança dos Ruffinelli. Qual é o nome dela?

— Pearl? Ah, que pena. Ela é tão meiga. Você consegue vê-la, Molly? Ela está em apuros? — Beth ajuntou as páginas depressa e colocou-as debaixo de um livro.

Molly, com a mão sobre os olhos, disse:

— Seu irmão Henry está com ela agora, carregando-a para casa. Parece que ela vai ficar bem. Provavelmente foi um joelho esfolado.

— Sabe de uma coisa, Molly? Eu não ficaria nada surpresa se ela tivesse tropeçado em um desses tocos ridículos — resmungou Beth.

— Os tocos? Por que você diz isso?

— Eles estão por toda parte. Dificilmente se pode dar um passo

nesta cidade sem ter que passar entre eles.

Molly sentou-se de volta e retomou seu trabalho.

— Onde você tem andado que tem tantos tocos?

— Só... bem, em todo lugar! Eles estão amontoados atrás da maioria dos prédios. Onde as crianças estão tentando brincar. Algo deveria ser feito a respeito deles. Eles são tão feios e—e perigosos.

— Não diga! O que você acha que deveria ser feito?

— Ah, eu não sei. Eles não podem ser cortados em pedaços ou retirados ou algo assim?

— Bem — Molly sorriu, talvez um pouco condescendente, — por que você não tenta retirar um? Veja se isso dá certo por si mesma.

— Eu não, é claro. Mas, com todos esses homens e a maioria deles sendo pais, sem contar tantas máquinas, é de se imaginar que haveria um pouco mais de preocupação com o bem-estar das crianças.

— Hum? — Uma pausa ponderada. — Você está se incomodando desse jeito por causa das crianças, é?

Beth estava ficando cada vez mais impaciente.

— Você não concorda? Estou bastante surpresa.

— Querida, temo que você não tenha como saber como é difícil se livrar de um toco. Eles se recusam a ser desenterrados. — Molly tirou seus óculos de leitura e examinou o rosto de Beth. — Além disso, você não tem observado essas crianças? Ora, os tocos são o melhor brinquedo que elas têm. As garotas os usam para festas de chá e para brincar de casinha em volta deles. E os meninos prenderam uma tábua em cima de um na clareira atrás de suas casas e o usam como gangorra. Eu os ouço rindo e brincando lá sempre que vou visitar. Parece-me que eles estão muito bem.

Beth pressionou os lábios, incapaz de ceder.

— Mas, no inverno, a neve os cobrirá, e as crianças tropeçarão e se machucarão. Eu acho que são perigosos. Realmente acho.

Molly parecia genuinamente intrigada.

— O que você realmente está dizendo, querida? Qual é a sua reclamação de verdade? — Ela balançou sua cadeira para frente para ficar mais perto de Beth.

— Eu simplesmente não gosto deles. É só isso.

— Mas por quê?

Depois de uma longa pausa tentando ordenar seus pensamentos confusos em palavras, Beth lembrou-se de seus sentimentos quando chegou de volta à cidade e viu o restolho das árvores na encosta para além do novo moinho.

— Eu não sei. Eles são totalmente feios, eu creio, como cicatrizes no que antes era uma paisagem tão bela. Não a entristece pensar sobre isso, Molly? As árvores estavam vivas outrora, lindas coisas vivas que cresceram e deram sombra e conservaram pássaros

em seus galhos. — Quanto mais ela expressava a amargura crescente em voz alta, mais Beth sentia um carço subindo em sua garganta. Ela não tinha percebido o quanto vê-los a angustiava. — Está pior do que árido agora, pior do que se houvesse um simples campo em seu lugar. Perto do moinho é absolutamente horrível de se ver.

Molly colocou uma mão reconfortante sobre o joelho de Beth.

— Sim, querida, mas elas também estavam no caminho. Para nossa cidade continuar a crescer, as árvores tinham de ser cortadas, tinham de dar espaço ao novo. E, além disso, agora essas mesmas árvores foram transformadas em tábuas para novas casas, para a benção de uma parede para a escola e de uma bela igreja quase pronta. Parece-me um bom negócio.

— Mas eu gostava do jeito que era. — Beth esfregou seus dedos manchados de tinta, recusando-se a levantar os olhos. Ela imaginava que poderia ser útil discutir suas frustrações, mas sentir-se tão vulnerável e infantil despertava-lhe a humildade.

— Entendi. É da *mudança* que você não gosta.

— O que você quer dizer com isso?

— O quanto tudo parece diferente. Que você voltou para descobrir que as coisas não têm nem a mesma *aparência*. Pelo menos, não da forma como você lembra deste lugar. Talvez às vezes até pareça feio para você agora.

Beth sussurrou:

— Eu suponho. Sim, é *assim* que eu me sinto.

Por um momento, Molly pareceu estar contemplando cuidadosamente a reação de Beth, observando a vista de sua varanda. Deste ponto de vista, as árvores desaparecidas revelavam muito mais da cidade do que se podia ver na primavera anterior.

— Querida, eu já vivi muito tempo. E posso lhe dizer que minha própria vida é cheia de tocos, de todos os tipos. Começando pela dor de perder meu primeiro marido, meu querido Bertram, e muito antes disso quando tivemos de lidar com todas as mudanças em nossos planos juntos. Deixando amigos e família e nos mudando sempre que ele tinha algum plano novo na cabeça. — Sua garganta parecia apertada, e as palavras soavam mais forçadas. — Até vir a entender que nunca teríamos um bebê nosso. Tudo isso foi difícil, nada aconteceu do jeito que eu queria que acontecesse. E quando cada um desses lindos e elevados sonhos desabaram como árvores derrubadas em uma clareira, parecia que não restava nada na minha vida além de um campo de tocos.

Beth pegou a mão da mulher, apertando-a firmemente. Molly continuou:

— Descobri que você não pode se apegar ao que não vai acontecer, não pode nem reconstruir sobre as ruínas até que o desejo

pelo que você queria morra. Mas leva tempo para isso acontecer. Muitas vezes o tempo tem de passar antes que você consiga ver os velhos sonhos mortos sumirem. E é só nesse momento que algo novo pode nascer em seu lugar. Para mim, é esta cidade, minha nova família com Frank e Teddy Boy e Marnie, todas essas crianças, esses amigos, e você. — Ela secou a bochecha sem um pingo de vergonha, e seu sorriso era um pouco trêmulo.

— Lamento muito que não seja fácil, mas é a verdade. Por mais difícil que seja, um corpo não pode crescer sem ter algumas dores de crescimento no processo. Não se pode seguir em frente sem abrir mão do que ficou para trás. Não apenas deixando o sonho inicial ser derrubado, mas às vezes vivendo ao lado dos feios tocos do passado até que ele esmoreça e algo novo crie raízes. Mas temos esperança, mediante isso tudo, de que o bom Deus sabe muito antes de nós o que está por vir. E podemos confiar nEle. Para aqueles de nós que têm fé em nosso Deus redentor, há sempre esperança.

Beth tentou apresentar um sorriso. Ela gostaria de poder concordar completamente com as palavras sábias de Molly. Elas continham claramente uma verdade poderosa. Mas a implicação profunda era mais do que Beth, nesse momento, podia aceitar. Havia sonhos em seu coração que ela ainda não conseguia ter a coragem de abandonar. Em vez disso, ela ficou de joelhos ao lado da cadeira de balanço da querida mulher, envolveu Molly em seus braços e partilhou de um longo e consolador abraço.

Capítulo 7

Justamente quando Beth estava pegando suas últimas coisas para a escola, o som de algo arranhando veio claro como o dia. Marnie já tinha descido as escadas, saltitando. Beth ficou perfeitamente imóvel, tentando ouvir a fonte do barulho — ou pelo menos uma direção. E então um ronco baixo pareceu vir da janela da cozinha, já bem fechada. Da forma mais silenciosa possível, Beth andou em direção a ela, tentando não respirar. Lentamente, muito lentamente, ela se aproximou do vidro, seus olhos voltando-se para todas as direções.

Primeiro ela viu apenas um rabo. Uma longa coisinha com listras finas arqueou e depois sumiu de vista. *Eu acho que é mesmo um guaxinim!*

Mas quando um rosto com olhos oblíquos e orelhas triangulares eretas surgiu, Beth arfou. *Ora, é um gato! Acho que é a velha gata malhada da Sra. Grant, Penelope! Então ela é a fonte de toda a barulheira! Mas como ela conseguia entrar antes e, ainda mais inacreditável, entrar no armário?*

Ao ver Beth na janela agora, a gata se tornou mais assertiva, contorcendo-se para frente e para trás, berrando para a deixarem entrar. Falando para si mesma que não teria medo de uma gata velha, Beth torceu o puxador e abriu um pouco o vidro, com a intenção de espantar a intrusa. Imediatamente a gata passou por baixo de um canto da tela e se lançou ao chão com um pulo selvagem. Beth caiu para trás, contra a mesa, tentando manter seu equilíbrio. *A tela está solta! Oh não, o que eu fiz?*

Rondando e esgueirando-se pela sala, Penelope era *de fato* assustadora de se ver, como se o animal estivesse procurando por sua antiga dona por todo canto. *Se eu a alimentar, talvez ela vá embora.* Beth correu para a geladeira e derramou leite em um pires, colocando-o no chão o mais rápido possível, sem derramá-lo. Mais depressa ainda, a gata se agachou ao lado da tigela, lambendo furiosamente. O estômago dela parecia comprimido nos lados, seu pelo esfarrapado e fino.

Vendo seu estado definhado, Beth tirou uma fatia de frango da geladeira e jogou-a no chão ao lado do leite. A gata diminuiu o tom do

berro e ele se tornou um temível tom de alerta. Beth recuou.

E agora? A escola começaria em breve, e havia uma gata em sua cozinha. Ela não podia deixá-la ali dentro, mas não se atrevia a tocá-la. Então ela esperou, desesperadamente se perguntando o que fazer.

O frango logo desapareceu e o pires foi seco a lambidas. Penelope começou novamente a rondar a sala. Ela pulou e prendeu suas patas dianteiras no balde do lixo, colocando sua cabeça dentro dele. Beth ficou grata pelo velho balde de metal ser tão pesado. *Como posso me livrar dela agora? Ela provavelmente tem pulgas ou carrapatos ou coisa pior. Eu tenho de colocá-la para fora!*

Andando de costas em direção à porta, Beth abriu-a bem.

— Aqui, gatinha. Vem, gatinha, aqui, Penelope. — O que alguém deveria dizer a uma gata? A sua mãe nunca havia permitido que a família tivesse um animal de estimação dentro de casa, então Beth não tinha ideia de como convencê-la a obedecer. A gata ignorou cada chamado e pulou no balcão com um único salto.

— Não! — Beth correu para frente, acenando com as mãos, apreensiva. — Xô! Desça! Xô! — Ela foi arrogantemente ignorada.

Então Beth avistou a vassoura em um canto. Ela a pegou e a segurou como uma arma e um escudo.

— Xô! — ela repetiu, agora com a ameaça adicional da vassoura. — Saia, Penelope! Vá embora!

Durante vários minutos, Beth brincou de esconde-esconde com a criatura maltrapilha enquanto ela passava por baixo e ao redor dos móveis, mas lentamente se aproximou cada vez mais da porta.

— Xô! Sai! Vá! — *Quase lá, quase lá, quase lá...* Uma última sacudida da vassoura e Penelope esgueirou-se pela porta. Beth bateu a porta e se encostou nela, respirando com dificuldade.

Levou vários minutos para arrumar o cabelo, ajuntar seus papéis e livros e sair apressada pela porta. Só então lhe ocorreu que ela poderia simplesmente ter colocado o frango nos degraus. O pensamento a fez rir alto. Ela sentiu que havia sido por misericórdia que ninguém tinha visto a batalha de vontades e inteligências que ela travara com a gatinha abandonada dos Grants.



Quando Beth liberou sua turma no fim do dia, ela perguntou:

— Quem gostaria de caminhar comigo para ver a nova igreja? Eu ainda não fui lá e estou ansiosa para vê-la.

— Ah, Srta. Thatcher. Eu quero ir, mas mamãe disse que eu tenho de ir direto para casa — reclamou Anna Kate.

— Talvez em outra hora, querida. Além disso, você terá muitas oportunidades para vê-la. Sua mãe e o noivo dela se casarão lá em breve.

— Aham, na semana que vem. — Os olhos da garotinha brilharam. — E eu serei a daminha. O Levi vai pegar algumas flores para mim perto do riacho.

Beth deu um sorriso largo enquanto puxava um pouco a trança da criança.

— Que lindo, querida. Alguém mais quer me acompanhar?

— Eu a levo — Ida Edwards, de dez anos, voluntariou-se. — Meu papai tem ajudado a construí-la. Eu vou às vezes e levo um lanche para ele, então eu sei o caminho.

— Quem se importa? — Georgie falou do outro lado da sala. — Todo mundo sabe o caminho. Não é tão longe assim.

Beth levantou um dedo em alerta e respondeu à menina, que era uma das crianças novas.

— Obrigada, Ida. Eu ficaria feliz em ter a chance de conversar com você um pouco pelo caminho. Podemos nos conhecer melhor. — Um largo sorriso, revelando dois dentes faltando, apareceu em resposta.

No final, um pequeno grupo se juntou a Beth e Ida em sua caminhada, passando pela pensão da Molly e subindo a colina em direção à antiga casa de Frank. Em vez de virar para o caminho bem usado através da floresta, eles continuaram e, logo depois do cume da colina, viram as fileiras de tábuas novas na lateral do novo prédio da igreja.

— Tem um monte de janelas — Ida apressou-se a destacar. — Mais de uma dúzia. E tem uma salinha no final, depois do espaço onde faremos os cultos, para o pastor, minha mãe disse. Não é para morar, apenas para trabalhar. — Ela fez uma pausa, tendo se confundido com a explicação. — Não sei o que ele faz quando não está pregando, mas, de qualquer forma, ele terá uma sala para isso.

Beth sorriu carinhosamente.

— Tenho certeza de que o Pastor Davidson encontrará boas maneiras de se manter ocupado.

— Vai ter um sino também. Agora não, mas um dia. Eles construíram um lugar no topo para colocá-lo.

— É um prédio bem grande. — Beth examinou as paredes da entrada do templo, o pináculo alto acima e o espaço vazio no campanário simples. — Eu não imaginava que seria tão grande assim ou a torre tão alta.

— Sim, meu pai ajudou a fazê-la alta assim na frente. E ele disse que foi por misericórdia que ninguém caiu dela. Eles podiam ter morrido ou algo assim. — Os olhos de Ida se arregalaram.

Georgie murmurou:

— Ele não fez nada a mais do que todos os outros. Eu sei porque minha mãe lava as roupas da equipe do Sr. Gowan, e eles falam dessas coisas quando estão esperando na minha casa às vezes. O Sr. Gowan disse que talvez Deus seja bom com a nossa cidade porque estamos construindo uma casa tão boa para Ele morar. Você também acha, Srta. Thatcher?

Beth respirou devagar.

— Eu acho que Deus é sempre bom, não importa o que façamos ou não façamos. E Ele também ama muito cada um de nós. — Ela sentou-se em um dos tocos que odiava para estar à altura dos olhos das crianças. — Suas mães os amam mais se vocês se comportam, mas menos se não se comportam?

Houve um silêncio momentâneo enquanto as crianças se debatiam com a pergunta.

— Eu-eu-eu acho que não — respondeu Jonah lentamente. — Mamãe sempre diz que me ama não importa o que aconteça. — Ele pensou mais um pouco, seu rosto apertando. — Mas talvez ela fique *mais feliz* quando eu me comporto.

Beth sorriu e acenou com a cabeça.

— E é assim que Deus ama, e ama ainda mais, não importa o que aconteça. Mas, assim como sua mãe, Jonah, podemos *agradá-lo* fazendo coisas boas e gentis, obedecendo ao que Ele nos diz na Bíblia e construindo um lindo lugar para as pessoas da nossa igreja congregarem. Este é um lugar onde podemos aprender mais sobre Ele, orar e cantar hinos de louvor. Fazer isso juntos é bom para nós e é algo de que Deus gosta muito.

A reação deles foi menor do que Beth esperava. As crianças pareciam ter perdido o interesse. Ela orou para que a verdade desta conversa entrasse em seus corações com o tempo.

— Quer entrar? — Ida sugeriu.

— Sim, vamos.

O interior do edifício parecia ser ainda maior, principalmente porque ainda estava vazio. Beth esperava, para o bem do casamento de Bardo e Esther, que o acabamento ficasse pronto a tempo. Parecia impossível que o templo estivesse pronto para um casamento em uma semana.

Beth ficou surpresa com a simplicidade do púlpito no templo — um altar de madeira em uma pequena elevação, sem qualquer decoração ou ostentação. Sem insígnias, sem piano, sem nem mesmo uma cruz. *Eu não esperava muito* — ela pensou. — *Mas parece tão humilde e simples. Será que expressará uma noção de respeito adequada?* Quase instantaneamente ela ouviu uma repreensão silenciosa vinda de dentro de si: — *Não é sobre o prédio, é sobre o que Deus vê no coração*

do Seu povo. *Eu sei disso. Eu sei.*

Mesmo assim, ela não podia deixar de desejar que Esther tivesse um local mais elegante onde se casar. E então ela parou abruptamente quando uma imagem mental de seu próprio casamento surgiu em sua mente, junto com uma respiração brusca. Seus olhos deslocaram-se pelo lugar novamente. *É muito mais acolhedor do que o que eu pudesse ter imaginado. Ser acolhedor é uma coisa boa, mas o que a mamãe vai achar? Como pode ser decorado? Será que existe criatividade suficiente que possa suavizar este espaço vazio?*

A única maneira de Beth parar sua consternação era começar imediatamente a planejar como ela poderia ajudar Esther a transformá-lo em um salão para um casamento.



O casamento próximo de Esther e Bardo trouxe um frenesi de atividades. Mais homens juntaram-se aos construtores para trabalhar durante a noite para terminar a igreja, e então as mulheres assumiram. Beth transformou uma aula de arte na escola em uma fabricação de decorações elegantes de outono, feitas de folhas, grama seca e frutas vermelhas, para prender nas pontas das fileiras de bancos no corredor principal da igreja, e as meninas e alguns meninos ajudaram a colocá-las nos lugares certos. Beth também fez uma grinalda para a frente do púlpito, e Frank fez uma pequena cruz de madeira para colocar no meio. *Talvez isso possa ficar aqui por um tempo* — Beth pensou enquanto examinava a peça finalizada.

Ao mesmo tempo em que tirava o pó e polia o lugar para deixar o novo templo arrumado, ela mentalmente elaborava opções para sua própria cerimônia. O piso havia sido envernizado com cor de nogueira e as molduras das janelas e das portas haviam sido pintadas de branco, criando um contraste com o verde claro das paredes. Os bancos de madeira eram escuros e o altar era coberto com um fino carpete marrom. Beth se apegou à esperança de que, com adornos suficientes, o interior seria considerado pitoresco em vez de rústico e charmoso em vez de simples. Ela se sentiu um pouco culpada por ficar aliviada que só a família viria, já que eram mais de três mil quilômetros em um trem empoeirado. *Principalmente não a Sra. Montclair, que nunca entenderia minha decisão de casar-me aqui... e, o pior de tudo aos seus olhos, não casar-me com seu Edward!* — ela pensou com um pequeno sorriso. Mas ao olhar pela janela novinha para a vista esplêndida das montanhas, Beth suspirou com alegria. *Não me importo. Eu prefiro estar aqui.*

Ela escreveu à mãe naquela noite, explicando algumas das

ideias que ela estava elaborando, e pediu para usar o especial vestido de noiva, ainda cuidadosamente embrulhado e conservado no baú esculpido de cedro no andar de cima — o vestido europeu que havia sido passado pela avó. Margret havia ficado deslumbrante quando se casou usando o vestido. E mesmo que Beth soubesse muito bem do quanto ele precisaria ser ajustado para seu tamanho bem menor, ela sempre sonhara que também teria a honra de casar com ele.

Margret — Beth suspirou para si mesma enquanto terminava sua carta, — eu gostaria que não estivéssemos tão distantes. Quem me dera poder visitar você agora mesmo. Você deve estar tão ansiosa por esse bebê que vai nascer em janeiro. Não está tão longe assim. Ah, e o que eu trocaria para passar mais um dia brincando com seu doce menino. Ela tinha certeza absoluta de que Margret e sua família não fariam uma viagem tão intimidadora com um bebê recém-nascido.

Começando uma segunda carta, Beth pediu a Julie para ser sua madrinha e solicitou que ela e a mãe comprassem dois vestidos iguais em Toronto — um para Julie e o outro para Marnie, que Beth queria que fosse sua madrinha também. Ela não tinha dúvidas de que a garota aceitaria prontamente. "Vestidos na altura da canela, cor azul anil, mas não extravagantes demais e que não precisem ser alterados", rogou Beth em sua carta. "E eu gostaria muito que fosse algo que Marnie pudesse usar novamente em ocasiões especiais".

Abril parecia distante demais para ela aguentar. Beth tocou o anel em seu dedo. *Se ao menos eu soubesse quando Jarrick vai visitar, se pudesse ter a chance de falar com ele sobre todos os detalhes, visitar a igreja com ele e fazer planos.* Ela esperava não ter exagerado no que ela tinha organizado sem ele. Mesmo assim, parecia que ainda havia milhares de decisões a serem tomadas.

Quem vai nos casar? Jarrick certamente escolherá Philip como seu padrinho, mas então quem será o pastor? Quantos outros padrinhos ele vai querer? Será que minhas duas madrinhas serão suficientes? E, se não, quem eu chamaria? A Molly? — Beth sorriu afetuosamente ao pensar nisso.

Todas as noites, Beth desejava, na escuridão, que Jarrick fizesse uma visita surpresa logo. Ela forçou sua mente a não se preocupar com onde morariam após o término do ano letivo. E ela muitas vezes pedia a Deus para Ele *por favor, por favor* tocar o coração de Jarrick para ficar no oeste. Mas, ao passar pelos tocos de árvores mais próximos de sua escada, ela lutava contra a preocupação incômoda de que seu sonho persistente pudesse ser cortado como uma dessas árvores perenes.

Beth contou a Marnie sobre sua descoberta de Penelope, e a garota parecia impressionada com a coragem de Beth.

— Talvez possamos fazer amizade com ela — sugeriu Marnie. — Aposto que a Srta. Molly ficaria feliz em nos deixar pegar alguns restos do lixo de frango — disse ela. Então elas começaram a deixar pedaços de comida ao pé da escada para Penelope. Surpreendentemente, foram necessárias só algumas vezes para que a gata comesse a aparecer regularmente, no momento em que Beth e Marnie saíam pela manhã.

— Aqui, gatinha — elas chamavam. Mas Penelope se escondia nos arbustos, esperando até elas irem embora. Cada vez que uma delas dava um passo em direção a ela, a gata malhada se afastava, fazendo um som baixo de aviso. Mais um passo e, com uma revirada de sua cauda, ela ia embora. Beth manifestava sua preocupação de que a oferta delas fosse rejeitada e que os restos atraíssem roedores da floresta próxima. Mas Marnie tinha certeza de que a criatura maltrapilha sempre rasparia seu prato, e ela parecia ter razão.

Certa manhã, Beth falou para os arbustos:

— Eu vou conquistar você, sua boba. Ainda seremos amigas.

No mínimo, Beth estava grata por não ficar mais aterrorizada sempre que algo batia à noite — e por Frank ter consertado a tela solta da janela.

O fogo em seu fogão a lenha ainda era um fardo constante. Beth achava o processo todo mais fácil agora, mas também era fácil simplesmente esquecer e negligenciá-lo. *Que perturbação! Como as mães conseguem, com tanto trabalho a fazer?* Com a ajuda de Marnie, Beth tinha se tornado bastante competente em fazer biscoitos e panquecas, ovos e mingau de aveia, mas ela ainda não tinha dominado nada mais substancial. Outubro estava passando, e Beth havia preparado apenas três ou quatro jantares por conta própria.

Marnie se oferecia frequentemente, depois do jantar, para ajudar a corrigir alguns dos trabalhos e para preparar os materiais que Beth precisava para o dia seguinte. Uma esperança secreta começou a despertar enquanto Beth observava a garota fazendo o seu melhor em cada uma dessas atividades. *A Marnie não seria uma professora maravilhosa? Ah, como eu amaria vê-la receber um diploma de professora. Isso mudaria tudo no futuro dela.*

Capítulo 8

— Srta. Thatcher, com licença, por favor. Tenho aqui uma carta para você.

Um jovem alto e de cabelos escuros estava na porta da sala de aula, os alunos passando por ele para sair.

— Ora, Paolo — exclamou Beth, — é tão bom ver você! Já faz tempo demais. O que o traz ao nosso vale?

— Sim, senhora — respondeu ele com um sorriso largo e cruzou a sala. — Eu queria vir aqui para vê-la, mas não encontrava o momento certo. E então meu pai, ele me deixou vir visitar. E também vim para entregar esta carta vinda da cidade para você. — Sua explicação saiu rapidamente, como se ele sentisse a necessidade de se desculpar por sua ausência. — Ainda estou trabalhando em Lethbridge, mas muito em breve o trabalho acabará. E, com o resto de nossa família, em breve virei juntar-me ao papai aqui. Ele está trabalhando depressa para terminar a casa, e eu o ajudarei por alguns dias. — Sua fala havia melhorado consideravelmente desde a última vez que Beth havia falado com ele.

Beth recebeu a carta com um rápido olhar ao remetente. *Jarrick!* Seu coração disparou, e ela colocou a carta junto com os papéis que levaria para casa. Ela gesticulou para que Paolo se sentasse na primeira fileira. A cadeira era pequena demais, é claro, e suas pernas ficavam no meio do corredor.

— Sinto muito pelo fim de seu trabalho em Lethbridge, mas fico feliz que sua família virá em breve. Você certamente parece bem e saudável.

Ele riu.

— Mamãe diz que eu sou mais girafa do que menino.

Beth sorriu da sua piadinha.

— Tenho de dizer, Paolo, eu esperava que você tivesse se matriculado na escola. Você ao menos teve a chance de continuar seus estudos do idioma por conta própria?

— Um pouco — respondeu ele, hesitante. — Eu leio à noite, tanto quanto consigo. Mas fico tão cansado, tendo trabalhado o dia todo. Muitas vezes eu adormeço. De qualquer forma, estou velho demais para frequentar a escola.

— Você não tem dezesseis anos ainda? Teddy e Addison são ambos mais velhos que você, eles têm dezessete.

— Sim, senhora — respondeu ele, — mas eu devo ajudar a sustentar minha família.

Beth sabia que Heidi Coolidge, que era viúva, certamente estava se sacrificando para se certificar de que Addison conseguiria terminar sua formação.

— Talvez você ainda possa fazer as provas se estudar por conta própria. Eu poderia ajudá-lo...

— Obrigado, Srta. Thatcher — ele interrompeu depressa. — Você é muito gentil.

Pela maneira como ele balançou a cabeça, Beth sabia que ele já havia descartado a hipótese. Ela não iria insistir, pelo menos não agora.

— Quando sua família chega?

— Ainda não sabemos. Os planos ficam mudando. Mas meu pai, ele afirma que estará pronto para nossa chegada assim que pudermos vir.

— Tenho certeza de que ele só quer a família unida novamente. Já faz tanto tempo. Mais de um ano para ele, não é mesmo?

— Sim, logo serão dois anos. Mas meu pai está feliz sendo motorista para a empresa. Ele fica feliz de poder visitar minha mãe sempre que está na cidade.

Eles conversaram por mais alguns minutos até que Paolo ficou de pé de repente e pediu licença:

— Devo voltar agora. Meu pai não permitiu que eu ficasse muito tempo.

Beth acompanhou o jovem até a porta.

— Por favor, venha novamente sempre que puder, Paolo. É tão bom vê-lo. E cumprimente seu pai por mim. — Ela deu um tapinha no braço dele. — Mal posso esperar para conhecer sua mãe e sua família. Estou tão feliz que vocês poderão estar juntos novamente. Espero que eles venham logo.

— Obrigado, senhora.

Um novo pensamento lhe ocorreu e ela disse rapidamente:

— Você tem irmãos mais novos, não tem?

— Sim, eu tenho. Uma irmã e dois irmãos.

— Então eles poderão frequentar a escola aqui. Terei o maior prazer em ajudá-los com o idioma.

Paolo hesitou.

— Poderia ser assim, Srta. Thatcher. Mas, como já disse, não sei quando...

— Bem, teremos que esperar para ver, suponho.

— Sim, senhora — respondeu ele, — vamos esperar e veremos.

Tocando a aba de seu chapéu, ele partiu. Beth correu de volta para sua mesa e para a carta.

Minha querida Beth — começava a carta, — acabei de voltar para Lethbridge e queria que você soubesse que foi aprovado que eu a visite neste fim de semana. Chegarei na sexta-feira à tarde com Edward. Ele levará sua noiva, Kate, que queria conhecer a área. Também sei que ela quer lhe conhecer. Eles voltarão logo após o jantar, mas eu posso ficar até que Philip venha para a cidade no domingo. Mal posso esperar para vê-la. Já faz muito tempo...

Lágrimas quentes encheram seus olhos, impedindo que ela lesse mais. *Ah sim, já faz muito tempo, tempo demais, quase um mês inteiro.* Ela piscou até que as lágrimas sumissem e pôs a carta de volta com sua pilha de papéis até que ela estivesse sozinha. Ela estava determinada a não correr o risco de ser pega chorando pelo Sr. Robert Harris Hughes.



— Marnie — Beth chamou enquanto trabalhavam juntas cortando papel em formas geométricas para a aula de geometria. — Quero fazer um jantar aqui na sexta-feira à noite. Você pode me ajudar?

A garota olhou para Beth.

— Para quem?

— Bem, para Jarrick e...

— Está se referindo a Jack Thornton?

— Sim, e o policial Edward Montclair e sua noiva. E o pastor Philip, eu suponho. Ele também estará aqui durante o fim de semana.

Marnie olhou fixamente para Beth.

— Você só tem duas cadeiras.

As ideias de Beth não tinham resolvido esse problema em específico.

— Talvez eu poderia pedir algumas emprestadas.

— Onde você as colocaria? A sua mesa não é grande o suficiente, nem sua sala. — Ela gesticulou ao seu redor, para o cômodo pequeno.

— Bem, eu não sei.

Elas voltaram a trabalhar em silêncio. Finalmente, Beth olhou para cima mais uma vez.

— Poderíamos fazer um piquenique. Ainda está quente o suficiente.

— Bem... — Marnie, com sua mente pragmática, parecia estar

analisando a ideia. — O sol se põe bem cedo. Você consegue alimentá-los tão cedo se forem comer ao ar livre?

— Você tem razão, já está escurecendo cedo. Mas eles chegam à tarde. Acho que posso fazer dar certo. Vamos ter que comer às cinco. — Ela hesitou. — É que, bem, você sabe que eu ainda não tive a chance de cozinhar muito.

Marnie manteve a cabeça baixa, olhando para o trabalho, mas Beth sabia que ela estava sorrindo enquanto continuava a cortar o papel com a tesoura. Sem levantar os olhos, Marnie disse:

— Eu poderia ajudá-la. Não é difícil.

— Você ajudaria? Eu agradeceria muito.

— Claro. — Ela acenou com a cabeça. — Eu posso *ensinar* você. — Ela deixou a palavra pairar entre elas.

Estendendo a mão, Beth apertou, de brincadeira, o ombro esbelto.

— Sim, querida, você pode ser *minha* professora, para variar.

Os planos foram criados rapidamente. Beth serviria um assado que Marnie prometeu que era simples de preparar, característica particularmente importante já que Beth daria aulas durante o dia na sexta-feira. Ela deixaria o máximo que pudesse pronto naquela manhã. No entanto, seu plano exigia que ela se levantasse ainda mais cedo na sexta-feira para descascar legumes, além de que significaria lidar com o fogo muito temperamental. Tanta coisa dependeria de o fogo não apagar durante o dia. Beth torcia para que tivesse oportunidades durante a escola para atravessar a rua depressa e verificar se tudo estava bem. *Como é que Molly sabe com certeza que sua carne estará bem cozida após a igreja toda semana, e com tantas bocas extras para alimentar? Eu não tinha ideia do quanto isto é difícil!*

Na quarta-feira, Beth alternou entre momentos de confiança alta e de receio terrível. Marnie tinha ajudado a fazer duas tortas, uma de maçã e uma de creme. Elas tinham ficado lindas, mas criaram uma sujeira horrível no forno que precisou ser raspada por muito tempo para ser limpa e que tinha um cheiro péssimo quando os resíduos queimaram. Na quinta-feira, elas trabalharam juntas para fazer uma forma de pães. Desta vez, a limpeza foi mais simples.

Antes da escola, na sexta-feira de manhã, Marnie estava falando alto sobre os planos para a refeição enquanto colocava um livro de leitura em cada mesa.

— Está quase pronto agora. Todas as partes difíceis já foram feitas. O policial Thornton ficará surpreso e orgulhoso! Você tem um grande e delicioso assado de panela, muitos legumes, pães, tortas e limonada. Isso é um banquete para um rei. É, no mínimo, adequado para dois policiais e um pastor. — Ela virou-se para sorrir, mas então seu olhar passou para além de Beth e sua expressão mudou.

— Srta. Thatcher. — A voz autoritária veio da porta que ficava entre as salas de aula. — Posso falar com você, por favor?

Robert Harris Hughes estava em pé no vão, um grande atlas em suas mãos. *Há quanto tempo ele está ali? E por quê?*

— Claro que sim. — Beth colocou o giz, com o qual ela estava escrevendo tarefas, de volta no lugar, tirou o pó das mãos e atravessou a sala, sentindo sua boca seca de repente. — Como posso ajudá-lo?

Seu sorriso habitual apareceu como resposta.

— Como você pode ver, eu estou devolvendo seu livro. Aqui está. Obrigado por me emprestar. Achei muito útil para a minha turma.

— Você certamente pode usá-lo sempre que quiser. — Beth pegou o atlas de suas mãos.

Ele limpou a garganta.

— Eu também queria dar-lhe uma cópia do cronograma de limpeza dos quadros-negros que eu elaborei para as meninas. Como os moços estão ajudando com o fogo, acho apropriado que as moças também recebam uma tarefa.

— Senhor, não estou certa de que todas as meninas serão capazes de ajudar assim. A maioria tem tarefas em casa...

— Bem, não creio que haja nenhum mal em estabelecer o cronograma para inclui-las. Se seus pais acharem insatisfatório, tenho certeza de que eles entrarão em contato.

Beth respirou fundo e se esforçou para encontrar uma resposta adequada.

— Bem, penso que não me importo em limpar os dois quadros eu mesma. Não leva muito tempo para limpá-los, são apenas dois.

— Veja — insistiu ele, — você está reforçando o meu argumento. Também não tomará muito tempo das meninas, e elas terão um senso verdadeiramente importante de compartilhar a manutenção do nosso prédio.

Beth esfregou a capa do grande livro, tentando não deixar transparecer sua frustração.

— Tenho certeza de que você terá notícias de algumas de suas mães.

— Pode ser que aconteça. Estou ansioso para falar com elas.

Ele enfiou o papel contendo seu cronograma na mão de Beth e virou como se fosse sair, depois voltou-se para trás novamente.

— Perdoe-me por bisbilhotar, Srta. Thatcher, mas eu entendo que você terá visitas neste fim de semana. Que bom para você.

Beth tentou sorrir.

— Sim, meu noivo está vindo, com alguns amigos.

— E o pastor Davidson?

— Sim, ele é um amigo.

— Compreendo. Srta. Thatcher, eu o acho um homem difícil de encontrar. Já enviei várias mensagens e ainda não recebi nenhuma resposta. É claro, ele está frequentemente ausente da cidade, mas pode-se esperar...

— Tenho certeza de que ele só tem estado ocupado. Philip está montando sua nova igreja aqui e ao mesmo tempo está treinando um substituto para as outras igrejas que ele tem pastoreado.

— Philip? Entendo. Sim, vocês devem ser amigos.

Sentindo que seu rosto estava ficando corado, Beth continuou depressa:

— Ele é amigo do meu noivo há muitos anos. Nós...

— Tudo bem, tudo bem. — Suas sobranças levantaram-se. Beth sabia que essa mudança de expressão seria seguida por um pedido especialmente difícil. — Srta. Thatcher — disse ele lentamente, alongando as palavras, — será que você poderia fazer a gentileza de marcar uma reunião entre seu amigo, pastor Davidson, e eu?

Por um momento, Beth ficou completamente perdida. Por fim, ela gaguejou que provavelmente não haveria tempo.

Marnie propôs do outro lado da sala:

— Srta. Thatcher, você poderia convidar o professor para o jantar. Você tem bastante comida.

Beth travou. Ele observou, parecendo se divertir com a situação desconfortável que tinha criado para Beth. Os ombros dela se ergueram enquanto ela lutava contra o desejo de negá-lo categoricamente. Sua mente correu para descobrir se falaria algo que seria considerado simpático ou se ela tomaria uma posição.

Ela sentiu seu coração acelerado.

— Sim — ela ouviu sua voz responder, — claro que você pode vir jantar se quiser. Nós planejamos comer às cinco.

— Esplêndido. — Suas sobranças se levantaram novamente. — Chegarei pontualmente às cinco. — E, com um aceno de cabeça, ele se foi. A porta se fechou atrás dele.

Olhos arregalados em incredulidade, Beth virou a cabeça lentamente em direção à garota que estava sorrindo orgulhosamente.

— Oh, Marnie — ela gemeu.

— O quê? O que eu fiz?



Logo depois das aulas na sexta-feira, Beth atravessou a rua correndo, passou pela entrada do café da Abigail e contornou o prédio em direção à sua escada. Para sua alegria, Jarrick já estava sentado em um dos degraus, esperando por ela.

— Querido! — ela chamou, ajudando-o a levantar e jogando seus braços ao redor da cintura dele.

Ele a abraçou com força e beijou o topo da cabeça dela, suspirando.

— Você é um colírio para os meus olhos.

Beth então lembrou-se da carne que havia colocado no forno. Ela pegou a mão de Jarrick e começou a puxá-lo escada acima.

— Venha para dentro. Tenho que dar uma olhada no assado.

Ele riu, mas não se mexeu.

— Primeiro as coisas importantes, minha Beth. Estava com saudade de você. — Ele puxou-a para perto novamente.

E naquele momento nada mais importava, nem a refeição e nem a responsabilidade de receber convidados. Beth olhou em seus olhos, admirada que seus familiares olhos azuis pudessem suscitar uma reação tão forte nela só de fitar os dela.

— Estava com saudade — repetiu ele, com significado.

Beth, de pé no degrau da escada, se inclinou para frente para um longo abraço e um beijo suave.

— Eu também senti sua falta — sussurrou ela. — Já faz um mês que não o vejo.

— Sêrio? Para mim parece pelo menos dois.

— Oh, Jarrick.



Frank tinha conseguido fazer uma pequena mesa para a comida, com tábuas sobressalentes, e ela foi montada na clareira atrás dos aposentos de Beth. Ele sugeriu usar um agrupamento de tocos como assentos. Teddy acendeu uma grande fogueira para fornecer luz para quando escurecesse e para manter os mosquitos longe. Ela podia imaginar o que sua mãe diria sobre seu primeiro jantar como anfitriã, mas não parecia haver alternativas.

Aqueles tocos! — ela quase conseguia ouvir sua mãe exclamar. — *Como seus pobres convidados vão lidar com seus pratos?* Beth não sabia se concordava com sua mãe ou se defendia a distribuição de assentos.

Espero que Kate use um vestido prudente para uma visita às nossas montanhas — ela pensou enquanto checava o assado.

Jarrick concordou que a bela tarde de outono seria um cenário maravilhoso para uma refeição. Ele carregou várias cargas de pratos, utensílios e comida pela longa escada. Para o grande alívio de Beth, o assado de panela parecia estar perfeito e todo o resto logo ficou pronto e foi servido.

Philip chegou com Edward e Kate ao mesmo tempo em que Jarrick desceu ao térreo, levando a jarra de limonada para a mesa. Beth podia ouvir o som cada vez mais próximo de suas risadas. Ela verificou o cabelo, secou o suor do rosto com um pano de prato e desceu depressa para se juntar a eles.

— É tão bom ver todos vocês. Estive aguardando ansiosamente por isto a semana toda. — As palavras eram verdadeiras até certo ponto. Ela também estivera bastante apavorada. — Edward, esta deve ser a Kate. É um grande prazer finalmente conhecê-la!

A jovem era muito bonita, com o rosto redondo e a pele branca e lisa contrastada pelos cabelos escuros num corte chanel perfeito. Surpreendentemente tímida, Kate quase escondeu seus lindos olhos castanhos atrás de sua longa franja, inclinando a cabeça no ombro de Edward.

— Esta é minha garota! — Edward gabou-se. — Katherine Duncan, esta é Elizabeth Thatcher. Elizabeth, esta é a minha Kate.

— Olá, Elizabeth. É um prazer conhecê-la — disse a jovem, estendendo a mão, mas permanecendo perto de Edward.

Beth pegou a mão dela com as suas duas, sorrindo calorosamente. A pele de Kate era muito macia e fria ao toque. *Ela não se encaixa aqui* — Beth se preocupou. — *Por que é que esta adorável criatura quereria vir até aqui para fazer um piquenique no meu quintal?*

— Lamento que não possamos comer dentro de casa, Kate — disse ela rapidamente. — Temo que meu apartamento não acomode todos nós. Espero que não se importe de sentar perto da fogueira.

— Não, está tudo bem. É encantador, na verdade.

— Gostamos de ficar ao ar livre — Edward assegurou-lhe enquanto colocava um braço ao redor de Kate. — Você não adivinharia isso só de olhar para ela, mas minha Kate está pronta para qualquer coisa.

Você está certo, Edward, eu não adivinharia isso. Ela parece, em todos os sentidos, uma... uma boneca de porcelana, e uma boneca tímida ainda.

Beth deu outra olhada ao redor, imaginando como os outros viam a cena, mas ela endireitou seus ombros e convidou seus visitantes a encontrar seus assentos, intencionalmente evitando chamá-los de tocos.

— Vamos tirar proveito do clima agradável que nos resta e das vistas maravilhosas — Philip concordou com uma piscadela enquanto Edward ajudava Kate a se sentar em um toco e depois se sentava em um próximo.

Então Beth ouviu o som inconfundível de passos firmes e de uma garganta sendo limpa. Robert Harris Hughes tinha chegado. Com o máximo possível de elegância, ela gesticulou na direção dele e

anunciou, com o entusiasmo apropriado:

— Pessoal, por favor, permitam-me que lhes apresente nosso segundo professor. Sim, isso está correto. Neste ano dois professores foram designados a Coal Valley. Este é o Sr. Robert Harris Hughes. Ele acaba de chegar do leste.

Jarrick deu um passo à frente para apertar a mão do professor.

— É um prazer conhecê-lo, Sr. Hughes. Eu sou Jack Thornton. Você é de Ontário?

— Sim, de Hamilton. Minha família do lado Hughes trabalha com aço e a do lado Harris trabalha com educação. — Ele levantou bem alto as sobrancelhas escuras. — Minha avó, na verdade, foi quem me encorajou a manter os dois sobrenomes para não desconsiderar nenhum dos lados da árvore genealógica. Então é por respeito a ela que escolhi atender seu pedido, usando o sobrenome composto Harris Hughes. Mas por favor — ele pediu, sem pausar, — por favor me chame apenas de Robert.

Ele certamente não fez uma oferta dessas para mim — Beth protestou internamente enquanto começava a remover as tampas das vasilhas na mesa. Mas a tarefa de servir sua refeição, que estava com um cheiro delicioso, logo precisou de toda a sua atenção. Ela não conseguiu evitar um sussurro quando sabia que ninguém a ouviria:

— Obrigada, Senhor, porque tudo ficou bom.

E devo agradecer a Marnie também. Ela contaria à garota mais tarde como teria sido impossível sem a ajuda dela.

A conversa fluía facilmente. Edward e Robert conduziram a maior parte da conversa, com Jarrick e Philip opinando com frequência. Kate ficou quase calada, embora tenha sorrido para Edward muitas vezes. De algum jeito, essa jovem conseguia manter uma pose feminina mesmo sentada em um toco, ao ar livre. *Não tenho nem ideia se ela está se divertindo* — Beth pensou enquanto observava Kate. — *Ou talvez ela simplesmente goste de estar perto de Edward.* — Ela se viu sorrindo um pouco enquanto pensava: — *Estou feliz que ele tenha encontrado alguém que parece tê-lo em tão alta estima quanto a mãe dele.*

O sol já estava desaparecendo atrás dos picos da montanha. A maioria dos pratos e vasilhas havia sido levada de volta para o segundo andar por diversos ajudantes, e Beth havia conseguido servir torta e café. Ao desaparecer o pôr do sol, as chamas da fogueira pareciam ganhar vida, lançando reflexos brilhantes nos rostos e nas mãos.

Beth trouxe um cobertor para Kate e um para ela mesma por conta do frio crescente, e Jarrick rolou um tronco cortado para mais perto do toco de Beth para sentar-se ao lado dela. Ela repousou sua mão no braço de Jarrick, e ele colocou sua mão por cima da dela. Ela

se perguntava se poderia estar mais feliz, mais em paz. *E eles gostaram da minha refeição* — ela exultou.

Robert começou a fumar um cachimbo, mandando nuvens de fumaça para o alto junto com as faíscas do fogo. O céu noturno cheio de estrelas era o pano de fundo para um contorno de pinheiros escuros. E a conversa agradável continuou.

— Você já esteve na Europa, Edward? — perguntou Robert ao redor da boquilha de seu cachimbo.

— Ainda não, mas esperamos viajar para lá em nossa lua de mel. Não imediatamente. Terá de ser adiado, então talvez no próximo verão. Estando na polícia, você sabe, não consigo planejar com tanta antecedência.

Robert mudou de posição e se inclinou para frente.

— Viajei bastante na Europa e, quando estava lá, conheci alguns filósofos interessantes. Até assisti a uma palestra do Bertrand Russell sobre educação.

— Conheço — disse Edward com um aceno de cabeça. — O atomismo lógico e tudo o mais. Li um pouco de suas obras durante a faculdade. Não era uma obrigação, mas era o que meus colegas estavam lendo e debatendo. É tudo muito elevado e intelectual. Temo que seja também atordoante e erudito demais para mim.

Robert descansou os cotovelos sobre os joelhos e então começou:

— Talvez — ele contestou, — mas sinto que ele também expõe muitas aplicações práticas, especialmente à luz da teoria educacional moderna. Nossa sociedade está mudando muito velozmente, não apenas nos âmbitos tecnológicos, mas também nas áreas da filosofia e das ciências humanas. — E ele continuou falando sobre descartar os "modelos antigos" e que aqueles que alcançassem um grau mais elevado de educação liderariam o progresso das ideias. — É nosso dever, bem como um privilégio — acrescentou ele, inclinando-se para trás com outra tragada em seu cachimbo.

— Suponho que seja, de certa forma — disse Edward, apesar de não parecer muito convencido.

— Ele não era um pacifista que se recusou a lutar durante a Grande Guerra? — Philip perguntou.

— Ele se recusou, e ele é.

— Então perdoe-me, Robert, mas de que forma ele esteve realmente disposto a *defender* a sociedade?

Robert ignorou a pergunta e seu tom altivo não mudou:

— Um debate sobre as opiniões de Russell sobre guerra e pacifismo não é necessário em uma discussão acerca de educação. Mas eu acredito que é um debate válido por si só. Porém, se formos abordar adequadamente as ideias dele sobre a reforma social através

da escolarização, eu penso que ele tem uma perspectiva fascinante que deveria ser analisada com atenção.

Jarrick baixou sua xícara de café e sorriu.

— E você acha que essas perspectivas se aplicam até mesmo aqui, longe de, bem, quase tudo?

— Claro. Aqui, mais do que em qualquer outro lugar. Veja, se as teorias dele se revelarem eficazes em uma comunidade tão iletrada e subdesenvolvida quanto esta, isso fundamentaria bem a eficácia delas em outras partes.

Beth sentiu-se enrijecer com a atitude desdenhosa do homem em relação à sua amada Coal Valley.

Ele prosseguiu:

— Essa, na verdade, é a razão principal pela qual vim para tão longe do meu lar. Para testar o modelo de Russell no mais difícil dos contextos.

Beth sentiu um calafrio involuntário e respirou fundo. *Ele está aqui para fazer experimentos com nossas crianças? Para provar de alguma forma que as ideias dele e as de Russell são as únicas corretas para todos nós?*

— Veja, Philip, é exatamente disso que eu estava falando — continuou Robert. — Sem educação não podemos mudar o teor de nossa sociedade, não podemos ajudar o homem comum a superar suas próprias expectativas em relação à sua posição e a seus deveres. E isso nunca é mais aparente do que em circunstâncias em que pouco foi disponibilizado para elevar a dignidade de um homem, onde sua noção de si mesmo está confinada ao trabalho manual para o qual ele foi empurrado, como se ele não tivesse escolha no assunto.

— Ah, eu concordo que a educação é importante, Robert — respondeu o pastor. — E eu acho que você está absolutamente correto sobre as suposições frequentemente feitas. Mas eu não acredito que a educação, por si só, traga o tipo de mudança que você está sugerindo sem envolver também o coração da pessoa. Nós não fomos criados para sermos pessoas unidimensionais. Há muito mais no conceito da existência de uma pessoa do que apenas a mente dela.

— Sim, sim. E Russell certamente estabeleceu isso, mas...

— Não, eu acho que você não entendeu o que eu estou falando — insistiu Philip. — Não é que, de alguma forma, possamos descobrir algo, na forma como vemos a nós mesmos ou a nosso entorno, que nos preencha, que nos ajude a superar a luta diária da existência. Estou dizendo que tudo no mundo natural declara que há algo infinitamente maior, alguma sabedoria e razão por trás de tudo que vemos. É só olhar à sua volta. Não é necessário ter um diploma universitário para ver. — Philip gesticulou na escuridão e em direção às estrelas, penduradas como se estivessem ao alcance da mão. — Nós não somos

o centro de tudo isso. Mas acredito que temos um valor inestimável, pois fomos feitos à imagem de um Deus amoroso e criativo. É daí que vem nosso senso de identidade e dignidade, do maravilhoso Criador que encheu o mundo com uma beleza tão incrível e deu-o para nós por um tempo. Tudo ressalta o valor que Ele coloca em nós, Sua criação.

— Entendo. Bem, é claro que esse seria seu ponto de vista. Afinal, você é um homem religioso por vocação. Todavia eu direi: começou um movimento dentro das faculdades religiosas mais prestigiadas para descartar esses antiquados...

— Não sou apenas um homem religioso por vocação — interrompeu Philip, — isso é a base de todas as facetas de quem eu sou. O fato de eu saber que tenho um Criador e um Salvador muda cada pensamento e ação.

Beth ficou muito grata ao ouvir Philip falar tão francamente com aquele homem. Ela havia percebido que havia muito mais por trás das teorias de educação do Sr. Robert Harris Hughes, e agora ela sentia que entendia melhor o que exatamente ela estava enfrentando. *Quem sabe o que ele tem ensinado à sua turma? Terei de prestar atenção de vez em quando. Talvez eu possa compensar essas coisas para as crianças mais velhas durante nosso clube bíblico.* Ela estremeceu novamente e sentiu Jarrick colocar o braço ao seu redor e puxá-la para mais perto, como se ela estivesse apenas com frio. Beth se aninhou ao lado dele, grata por seu calor, assim como por seu apoio implícito.



Jarrick se hospedou no chalé que Philip dividia com dois outros homens, indo até a pensão para as refeições. No sábado, o casal passou a manhã com Frank e Molly. Depois do almoço, eles caminharam ao ar livre por um tempo e acabaram na igreja. Beth levou Jarrick para dentro do templo na esperança de tomar algumas decisões sobre o casamento deles. Ela chamou:

— Olá... Philip, você está aqui?

Ele apareceu rapidamente na pequena porta ao lado do altar.

— Olá, Beth. Jack. Eu imaginei que vocês dariam uma passada aqui. Talvez vocês tenham vindo para conversar sobre seu casamento?

Jarrick riu.

— Isso seria indicado, eu suponho. Se perguntar minha opinião, temos muito tempo. Mas duvido que a Beth veja as coisas dessa maneira.

— Sim, acho que ela provavelmente está pronta para planejar

agora.

Beth olhou em volta, sem saber como começar.

— Eu, hum... — Sua mente foi subitamente sobrecarregada com o que abordar primeiro: os padrinhos, as decorações, a cerimônia em si... *O que o pastor precisa saber e o que deve esperar até mais tarde?*

Jarrick quebrou o encanto.

— Vamos começar com você, Phil. Você pode nos casar?

Beth piscou com força, incapaz de olhá-lo nos olhos. Essa era uma de suas perguntas sem resposta.

— Claro que sim. Eu ficaria honrado em fazê-lo. E talvez então você possa parar de dormir no meu chão toda vez que vem à cidade.

— Ele sorriu e estendeu a mão para apertar a de Jarrick. — Mas falando sério, eu tinha esperança de que vocês fossem pedir.

— Bem, a quem mais pediríamos? — Eles riram juntos.

Beth esforçou-se para manter a compostura.

— Eu fiz algumas anotações, mas não as tenho comigo agora. Eu sei que tinha mais algumas perguntas a respeito de como o casamento...

— Olha — anunciou Philip, — eu tenho uma cópia do roteiro de uma cerimônia lá dentro. Vamos ao meu escritório examiná-la.

Ela seguiu obedientemente em fila, franzindo a testa em direção ao carpete marrom. Várias estantes remendadas, uma escrivaninha bastante surrada e quatro cadeiras que não combinavam eram a mobília do pequeno escritório.

— Lamento que ainda não esteja muito arrumado — disse ele, direcionando-os para as cadeiras. — É difícil guardar tudo e eu ainda tenho mais caixas de livros. Alguns eu ainda nem trouxe de Lethbridge. — Ele continuou depressa: — Eu recebi a maioria deles de um pastor que é meu amigo em Calgary, um mentor na verdade, e que se aposentou. Não posso descrever o quanto sou grato. — Revirando uma pilha de papéis, ele encontrou o livreto da cerimônia de casamento. — Isto é o que eu tenho. É claro que vocês podem alterar as coisas, mas isso lhes dá o formato básico. — Ele passou o folheto para Jarrick. — Leve-o com vocês. Não acho que vou precisar dele de volta tão cedo.

— Obrigado.

Ambos se voltaram para Beth.

— O que mais? — Philip quis saber.

Ela sentiu o rosto dela corar.

— Não tenho certeza. Eu... — As expressões atentas deles dificultaram a organização de seus pensamentos.

Philip riu, seus olhos brilhando, e disse:

— Bem, é compreensível. Você nunca fez isso antes.

— Então vamos tentar acertar da primeira vez — Jarrick

respondeu, e eles riram mais.

A leviandade deles não ajudou. *Ah, Jarrick, eu gostaria que pudéssemos ter conversado sobre isso sozinhos primeiro.* Finalmente Beth conseguiu falar silenciosamente:

— Bem, eu estava pensando em usar tule branco para decorar.

— O que branco? — Philip franziu o cenho.

— Um “tuli”? — Jarrick repetiu.

— Tule. É um tecido. É leve e faz belos laços. Cai bem... —

Beth parou a explicação quando percebeu que ambos ficaram desesperadamente desorientados com o assunto. — Tudo bem, talvez devêssemos dar uma olhada por aí, conversar um pouco entre nós mesmos e determinar o que precisa ser decidido agora e o que pode esperar. — Beth não se sentia tão confiante quanto suas palavras soavam, mas os outros dois pareciam aliviados.

— Além disso — disse Jarrick enquanto eles se levantavam, — tenho certeza de que ficarei feliz com o que você decidir fazer com as decorações, Beth. Não consigo conceber o que eu poderia sugerir.

Mas eu quero fazer isso com você, Jarrick — ela lamentou em silêncio.

— Eu sei que eu não confiaria em você para isso, Jack — brincou Philip, e os homens riram novamente. — Estarei aqui a maior parte do dia se vocês quiserem falar sobre os planos para o casamento novamente.



— É um lindo templo — disse Jarrick enquanto andavam pela igreja. Ele parecia não notar que ela estava muito quieta e retraída. Ele subiu no altar. — Você acha que teremos lugar para todo mundo? Quantos você espera que venham de Toronto?

— Só minha família e não são todos — respondeu ela, sua voz baixa. — Margret e John não poderão vir por causa do novo bebê. — Ela desviou os olhos. — Mas Julie e meus pais provavelmente virão de trem por volta de uma semana antes.

— Acho que também não terei muitos membros da família. Meus pais virão, é claro, e meus dois irmãos mais novos e minha irmã mais nova. Mas acho que será só isso. Meu outro irmão, o mais velho de nós, vive no leste agora, em Halifax, por isso ele não pode vir. — Ele limpou a garganta e cruzou o corredor central para sentar-se perto de onde Beth estava. — Você pode se sentar comigo por um minuto? Há algo que eu quero tentar falar.

Ela sentou-se no banco ao lado dele e esperou, ainda se sentindo decepcionada com como as coisas haviam travado e com a

falta de interesse de Jack pelos detalhes.

— Sinto que preciso lhe contar sobre minha mãe, Beth. Mas não sei como. E não quero soar... bem, desrespeitoso.

— Oh?

Ele estremeceu e disse lentamente:

— Minha mãe pode ser um pouco... difícil. Acho que ela tem boas intenções, mas ela é bastante franca sobre opiniões e ideias.

Uma imagem da própria mãe veio à mente de Beth.

— Posso imaginar.

— Não, receio que você provavelmente não possa, Beth. Mas suponho que um casamento é um daqueles momentos em que aqueles com ideias fortes não conseguem não as manifestar. Quero que você saiba que a minha única ideia forte é que eu quero me casar com você. Não estou preocupado com todos os detalhes. Na verdade, é mais coisa de mulher, não é mesmo? — Ele deu um risinho. — Mas eu a apoiarei em todas as suas decisões. Eu prometo fazer isso.

Você não vai ajudar?

Ele suspirou.

— O que eu posso fazer por você é adiar a vinda dos meus pais até o último momento possível. Dessa forma, ela não terá muito tempo para falar nada.

Beth examinou uma costura em sua saia e tentou entender o que exatamente ele queria dizer.

— Minha mãe gosta de estar no comando, Beth. E não quero que ela comprometa tudo que você já fez. — Jarrick balançou a cabeça. — Eu não sei como meu pai lida com isso. Ela questiona quase tudo que ele faz, até mesmo as decisões agrícolas.

— Ela questiona? — Os olhos de Beth estavam arregalados enquanto ela encarava Jarrick.

— Sim. — Ele balançou a cabeça. — Estou tão feliz que você não é assim, querida. Eu sei que você é minha auxiliadora. Você é tão boa em confiar em mim, em me deixar conduzir. É um traço de caráter seu que eu valorizo profundamente. Mas você também é ótima em cuidar das coisas. Eu sei que você fará um trabalho maravilhoso com os planos do casamento. Mal posso esperar para ver como você vai dar um jeito neste salão. — Ele pegou a mão dela.

Beth ficou sentada em estado de choque. *Eu tenho de fazer tudo? E sua mãe vai odiar tudo? É isso que você está dizendo?* Ela tomou fôlego antes de tentar responder, mas depois decidiu não falar absolutamente nada.

Aconteceu que Philip precisava ir embora logo após o jantar de domingo, então o fim de semana de Beth com Jarrick terminou de forma bastante abrupta. Cedo demais, eles estavam colocando sua mala no porta-malas do carro de Philip.

— Foi tão maravilhoso tê-lo aqui. — O sussurro de Beth soou um pouco trêmulo.

Jarrick colocou uma mão em volta da cintura dela e se aproximou.

— Não vai demorar muito até eu voltar. Talvez daqui a umas duas semanas, se eu conseguir. Acho que minha próxima missão não será tão distante.

— Isso seria... bom. — Ela fungou e olhou-o nos olhos.

— Estou muito feliz em saber que Marnie está ficando com você, Beth. Quando você me disse que estava morando sozinha, especialmente lá, tive medo de que não gostasse muito.

— Na verdade, não gosto. — Ela baixou o olhar, com medo de ter sido muito brusca.

— Bem, não será assim por muito mais tempo. Espero que lembrar disso ajude.

Beth balançou a cabeça.

— Ajuda e não ajuda. Mas eu vou me virar de qualquer forma.

— Essa é a força e a coragem que eu amo em você. — Ele abaixou-se para beijar a testa dela. — E Beth — acrescentou ele, — quero dizer que notei como você reagiu ao Robert. Eu tenho a sensação de que você não gosta muito dele.

— Você quer dizer, do *Sr. Robert Harris Hughes*? — Ela sabia que estava permitindo que as emoções reprimidas caíssem injustamente sobre os ombros de Robert... e agora sobre os de Jarrick.

Ele se abaixou um pouco para olhar nos olhos dela.

— Espero que ele possa passar mais algum tempo conversando com Philip. Eu acho que eles se comunicam muito bem um com o outro, com um respeito mútuo que pode ser importante para ele ver a fé por uma nova perspectiva.

— Ele não dá nos seus nervos? Eu o acho muito irritante. Seu porte, sua presunção.

— Era disso que eu tinha medo. — Jarrick balançou a cabeça. — Não, ele não me incomoda. Ele parece estar sinceramente procurando sabedoria, mas eu temia que você não o visse assim.

— Como que ele não incomoda você? Quem sabe o que ele está dizendo a esses alunos?

— Ore sobre isso, querida. E eu também orarei. Nunca se sabe o que Deus está falando ao homem de maneiras que não podemos ver.

Enquanto Beth observava o carro de Philip se distanciar numa nuvem de poeira, ela percebeu que ela e Jarrick não tinham nem

decidido o número de padrinhos. Certamente ele teria uma opinião pelo menos sobre isso. Neste momento, Beth sentia que Jarrick tinha acabado de chegar, mas já tinha ido embora, sua visita se tornando apenas uma lembrança.

Gostaria de saber quando ele voltará. Acho que teria sido muito mais fácil me despedir se eu soubesse o dia em que ele voltaria. Mas talvez... talvez seja isso que é estar apaixonada por um policial montado.

Capítulo 9

A semana começou com o novo hábito diário de Beth. Ela desceu com um punhado de sobras até o degrau inferior e tentou chamar a gata teimosa para uma refeição. Marnie simplesmente deu de ombros e caminhou para a escola.

— Estou aqui, sua bobinha — Beth buscou convencê-la. — Vamos, pegue seu café da manhã. Venha para fora. — Ela sabia exatamente onde estariam aqueles olhos amarelos debaixo do arbusto próximo, mas a gata se recusava a colocar até um de seus bigodes para fora de seu esconderijo.

Beth deu um pequeno passo à frente.

— Estou vendo você. Não seja tímida. — As palavras dela foram quase inaudíveis. Ela deu mais um passo. Os olhos da gata sumiram e depois lentamente voltaram a aparecer. Beth se abaixou para se tornar menor e, com sorte, menos ameaçadora. — Vamos, gatinha. Deixe-me acariciá-la só um pouco. Eu não mordo. — Ela pegou um pedaço de comida e o segurou o mais longe de si quanto podia. — Aqui, gatinha.

Nenhuma reação. Ela deu mais um passo adiante e jogou a porção no chão perto do nariz de Penelope. A gata ainda não se moveu em direção a ela.

Beth virou-se para longe, agachada e esperando, observando apenas de canto de olho. Nada. Ela se voltou para a gata de novo e apresentou-lhe outro pedaço.

— Você pode confiar em mim — sussurrou ela.

Sem mais tempo a perder, Beth colocou o restante das sobras no chão e se afastou lentamente, com um passo de cada vez. Mesmo assim, Penelope não se moveu, mas seu nariz laranja tremeu.

— Vejo você amanhã, gatinha boba. Que Deus lhe abençoe de qualquer forma — ela desistiu, sentindo-se um pouco encabulada.

— Srta. Thatcher — uma voz masculina a interrompeu, — há algo de errado?

— Perdão?

Seu professor rival estava no canto do prédio com as mãos enfiadas em seus bolsos como se estivesse lá há algum tempo.

— Notei você aqui também há alguns dias. Você está procurando por algo que perdeu?

Beth sentiu o rosto enrubescer.

— Não é nada. Eu estava apenas... Eu estava apenas alimentando... Não é nada.

— Você está alimentando um animal? — Ele olhou para as sobras de comida no chão. — E isso é sensato, Srta. Thatcher? Receio que só vai encorajar mais bichos a ficarem por perto.

Beth balançou a cabeça e começou a apressadamente ajuntar seus materiais escolares que estavam na escada.

— É só uma gata, Sr. Harris... hã, Robert. Abandonada pelo dono anterior. Não quero que ela passe fome.

— Ah, gatos são muito competentes em sobreviver na natureza. Tenho certeza de que...

— Esta gata, Robert, foi um animal de estimação doméstico e estava praticamente só pele e ossos até eu começar a alimentá-la. — Suas palavras soaram mais secas do que ela pretendia.

— Entendo. — Ele deu um passo para mais perto e estendeu a mão. — Bem, você aparenta estar pronta para a escola. Posso carregar sua bolsa? Parece bastante pesada.

— Não. Obrigada, mas não. — Beth colocou a alça em seu ombro.

Incansável, ele esperou, evidentemente tendo a intenção de acompanhá-la até o outro lado da rua. Não havia nada que ela pudesse fazer a não ser andar ao lado dele.

Ele finalmente disse:

— Srta. Thatcher, posso fazer um pedido a você?

— O que é?

— Meu nome. Veja, é bem importante para mim que os alunos mantenham o grau apropriado de respeito. Você faria a gentileza de continuar se referindo a mim pela minha designação mais formal ao invés de usar meu primeiro nome? Tenho trabalhado duro para estabelecer uma base sólida de respeito em minha sala de aula. Agradeceria muito pela sua consideração neste assunto.

Beth repousou a mão em sua bochecha vermelha. *Como ele pode fazer um caso sobre isso, e não tendo aluno algum por perto? Mas suponho que não tenho motivos para negá-lo.*

— Muito bem, então, respeitarei sua vontade e usarei seu nome completo.

Se é que direi o seu nome.

— Obrigada, Srta. Thatcher. Eu considero isso uma demonstração de cortesia.

Beth forçou um sorriso. Ele parecia ser totalmente indiferente ao tom dela e à atitude distante. Ela se lembrou das palavras de

Jarrick e tentou espantar sua irritação.

— E mais uma coisa — ele ousou acrescentar. — Eu gostaria de propor outra reunião. Gostaria de ter a oportunidade de explicar melhor meus métodos. Sinto que nossa escola se beneficiaria se estivéssemos de acordo.

Ele acabou de passar dos limites. Isso eu não farei. Beth quase podia ver o rosto presunçoso de Nick Petrakis, o jovem que havia cativado e enganado sua família no verão anterior. Esse rosto agora estava sobreposto ao de Robert. *Ah não, de novo não. Eu não tenho mais medo de me manter firme. Recuso-me a ser coagida a permitir que algo de mal aconteça aos alunos que amo.* Ela parou abruptamente no meio da rua.

— Sr. Harris Hughes, temo não concordar com sua filosofia de educação. E sinto-me bastante confiante de que meus alunos estão progredindo bem sem seus métodos.

O rosto dele se apertou, verdadeiramente surpreso.

— Eu não fazia ideia de que você se sentia assim. Estava certo de que, se houvesse alguém nesta cidade que compreendesse a importância da unidade e da cooperação em tais questões, alguém que pudesse ser meu igual pedagógico, seria você, Srta. Thatcher.

— Isso é porque você nunca me perguntou o que eu penso. E você também nunca ouviu o que eu tentei dizer.

— Entendo.

— Será mesmo? Receio que você não entenda o quanto somos diferentes um do outro.

— Estou atônito, Srta. Thatcher. Em que sentido?

— Em todos os sentidos. Desde suas longas palestras até suas roupas chiques, desde a maneira como você corrige constantemente a fala das crianças até a forma como você deixa Deus completamente fora de cena.

O homem inclinou a cabeça, olhando para Beth com aparente confusão.

— Receio não saber o que dizer. Eu não fazia ideia.

— Mais uma vez, porque você não *ouviu*.

Houve uma pausa longa e desconfortável. Beth desviou os olhos, torcendo para que ninguém estivesse perto o suficiente para ter ouvido seu surto. Ela se arrependeu imediatamente de suas palavras. Elas foram incisivas, críticas e desrespeitosas demais. Ela sabia que havia ido longe demais. Ela virou o rosto para ele e prendeu a respiração. *O que ele vai dizer?*

Ele estava fitando-a de volta e seus olhos haviam se estreitado. Suas palavras vieram de forma calma e objetiva:

— Eu me visto como me visto para criar um respeito adequado à minha posição em minha sala de aula. Corrijo a fala de meus alunos

porque não é provável que ela melhore se não for corrigida. Na verdade, eu nunca entendi como você consegue ignorar seus erros óbvios. De que adianta ensinar um conjunto de regras para a linguagem escrita, mas ao mesmo tempo permitir que a fala do dia a dia continue como está? Acredito que essa sua prática falhe com o aluno. Dou palestras porque é um aspecto fundamental do ensino. Não vejo como qualquer uma dessas coisas possa ser mudada. — Ele deu um pequeno passo à frente e encarou Beth diretamente, e ela ficou surpresa ao ver tão pouca emoção em seu rosto. Suas palavras eram bem factuais, apesar da demonstração emotiva dela. — E no que diz respeito a Deus, eu simplesmente não acredito nEle, Srta. Thatcher. Ele não pode ser comprovado, e eu não consigo pensar em nenhum motivo para um suposto deus se esconder daqueles a quem Ele faz grandes declarações de amor. Religião me parece ser uma tentativa vã de controlar o próprio ambiente usando superstição. Portanto, não tenho a intenção de incluir ideais sobre religião em minhas aulas.

Ao invés de sentir raiva, Beth agora estava quase assustada. *Como ele pode dizer essas coisas?*

— Veja, Srta. Thatcher, eu não tentei mudar suas crenças pessoais com as quais eu não concordo. É claro que acredito que seria benéfico para você corrigir sua abordagem, mas no final serei eu quem terá mais influência nesta comunidade. Como você insistiu, eu ensino somente aos alunos mais velhos. E francamente, não importa quantas histórias cristãs e versículos bíblicos você faça sua turma mais nova repetir em voz alta e com frequência, eu terei a influência duradoura, entenda. Receio que, no final das contas, eles deixarão para trás as tolices que você lhes ensinou tão facilmente quanto abandonarão todos os outros contos de fadas infantis quando amadurecerem e começarem a ter pensamentos devidamente disciplinados sob minha orientação.

Beth só conseguia encará-lo com os olhos arregalados.

Ele fez uma pausa.

— Ainda assim, eu sinto que, se você me escutasse, você entenderia que...

— Não, senhor. Asseguro-lhe que não.

Beth virou as costas para ele e correu para a segurança de sua própria sala de aula, seu rosto ardendo de raiva.

Eu não vou chorar — repetiu ela, andando em círculos pequenos pela sala enquanto tentava recuperar sua calma. — *Eu não vou chorar.*

Então murmurou:

— Mas talvez eu mova meu quadro-negro para cobrir sua porta ridícula, seu homem irracional e arrogante!

Capítulo 10

— Molly, eu estou em um dilema — disse Beth para trás enquanto enrolava pequenas bolas de massa para formar pãezinhos e os colocava em uma assadeira.

— Ah é, querida? Parece sério.

O cheiro de um conjunto de pães que já estava no forno pairava sobre a cozinha.

Beth não tinha certeza do quanto ela deveria partilhar, mesmo com Molly.

— É sobre... bem, o novo professor. Você sabe que ele não acredita em Deus, nem um pouco?

Com mãos rápidas, Molly começou a sovar outra grande bola de massa.

— É uma pena. Acho que todos temos de fazer a nossa parte para ajudá-lo a chegar lá.

— Sim, temos. — A resposta de Molly fez Beth se sentir um pouco culpada. — Por outro lado, você não fica preocupada por ele ter tanta influência sobre as crianças? A profissão dele é tão determinante em suas mentes impressionáveis.

Depois de colocar um pano limpo sobre a massa e levá-la para um lugar ao lado do forno quente, Molly voltou para a mesa da cozinha, limpou as mãos no avental e sentou-se em uma cadeira.

— Ele tem de fato, mas isso não faz com que o resto de nós tenha de ficar calado.

— Não, não, eu não estou insinuando isso. Mas estou preocupada com o tipo de coisa que ele tem lhes ensinado nas aulas. A Marnie disse alguma coisa para você?

— Não sobre isso. Ela parece não gostar do seu estilo prolixo de ensinar e ela gostaria de reclamar das peculiaridades dele, mas eu não a deixo fazer isso. Entretanto, ela não falou nada sobre as crenças dele.

O relato surpreendeu Beth. Ela arrancou outro pedaço de massa e começou a enrolá-lo pensativamente.

— Pode não ficar tão obvio, só se manifesta na forma como ele explica as coisas, na forma como aborda cada lição. História e ciência, até mesmo matemática. Temo que a sua maneira de ver o mundo

permeie todo o resto.

— O mesmo acontece conosco. Está errado se o que você acredita não altera todo o resto. Você quer uma xícara de chá?

A resposta despreocupada dela irritou Beth.

— Não, obrigada. Molly, é só que, se as crenças erradas se tornarem integradas à mente de um jovem, será tão difícil removê-las mais tarde.

— Você tem certeza de que não quer chá? — Molly esticou-se para apanhar duas xícaras e dois pires de uma prateleira próxima e colocá-los sobre a mesa. O som alegre das xícaras de chá batendo suavemente em seus pires fez Beth reconsiderar a oferta.

— Sim, tudo bem então.

Molly foi ao fogão buscar a água quente e as outras coisas para o chá, levando embora a forma de pãezinhos que Beth acabara de terminar.

Enquanto limpava as mãos no avental emprestado, Beth esforçava-se para organizar seus pensamentos. O rosto de Nick veio de novo à mente, e ela franziu a testa.

— Eu sinto que é nosso dever proteger essas crianças de falsos ensinamentos enquanto são jovens — disse ela finalmente. — É tão importante termos cuidado com quem as influencia. — Molly acenou a cabeça, concordando, o que encorajou Beth a prosseguir: — Somos responsáveis pelo que permitimos que entre em suas vidas, especialmente quando ainda são tão novos. E temo que Robert tenha outros objetivos.

— Como assim?

Beth se aproximou e cochichou:

— Pelo que eu pude entender da conversa dele com Jarrick e Philip, ele coloca a educação... bem, no lugar de Deus. Ele acredita que os males do nosso tempo podem ser eliminados pela humanidade se formos suficientemente educados.

— Bem, querida, isso não parece muito surpreendente vindo de um professor.

— Mas é humanismo moderno, puro e simples. Transforma os seres humanos em deuses.

Molly colocou sua xícara de volta no pires, balançando a cabeça.

— Perdão, Beth, eu não tenho nem de perto a mesma escolarização que vocês dois. Mas o que você está chamando de humanismo novo e moderno parece existir há muito, muito tempo, não é?

— Claro que sim, Molly. É tão antigo quanto o livro de Gênesis.

— E por mais que gostássemos, não me parece realista remover

do mundo de nossas crianças todos as pessoas que acreditam nas velhas mentiras. — Beth abriu a boca para responder, mas Molly continuou com um tapinha no braço dela. — Por outro lado, nós não somos impotentes, querida. A verdade vai vencer. E também temos o amor como arma. Nunca existiu uma arma tão poderosa quanto o amor para defender a verdade e ganhar almas. E não há ninguém que receba mais do nosso amor e atenção do que nossas próprias crianças. Isso tem muito valor.

— Tem, Molly. É claro que tem.

— Então, você continue a ensiná-los, e todos nós juntos continuaremos a amá-los e a orar por eles. E isso inclui o Sr. Qualquer-Coisa. O Espírito da verdade nunca será silenciado ao falar ao coração das crianças ou ao dele. Eu não acho que devemos ter tanto medo de um só homem.

Beth levantou sua xícara de chá para esconder parcialmente seu tumulto interior. Desde que foi terrivelmente enganada durante o verão por três pessoas que ela pensava serem amigas, ela não se considerava tão ingênua quanto já havia sido.



Durante vários dias, Beth não se preocupou em cobrir as brasas com areia para garantir um café da manhã quente, mas as noites do início de novembro eram frias demais para ignorar. Ela tremia quando se levantou de sua cama quentinha para colocar depressa suas roupas. Agora que havia neve no chão, um fogo estável seria necessário para manter sua pequena casa quente o suficiente.

O almoço era fácil: sanduíches na escola com o pão caseiro da Molly. O jantar, que Beth geralmente comia sozinha enquanto Marnie ajudava Molly, frequentemente era composto de apenas torradas e chá, às vezes seguido por uma lata de frutas se ela estivesse especialmente faminta. Era trabalhoso demais fritar algo mais substancial para uma pessoa só sendo que a frigideira de ferro fundido era tão difícil de limpar. No fundo de sua mente estava a preocupação constante de que logo ela precisaria preparar refeições para dois e que Jarrick poderia não ficar satisfeito com apenas um lanchinho à noite.

O fato era que as saias de Beth agora estavam bastante largas na cintura. *O que minha mãe dirá? Não vai demorar muito até que minha família venha para o casamento, e é melhor que eu não esteja tão magra quanto Penelope.* Pensar na família trouxe um suspiro quando Beth lembrou da cozinheira que havia cuidado das necessidades nutricionais deles durante seus anos de crescimento. Ela não supunha que era possível pagar uma cozinheira com o salário de um policial

montado, mesmo que fosse complementado por sua renda de professora.

Além do mais, ela estava muito ocupada com eventos como o clube bíblico, que acontecia duas noites por semana. No início, Beth se perguntara se os alunos mais velhos perderiam o interesse. No entanto, as mães deles aparentavam apoiar a atividade, e parecia que nem mesmo os adolescentes estavam entediados. Ela recomeçou de onde tinha parado antes, no livro de Êxodo. As histórias eram algumas de suas favoritas e eram fáceis de encenar usando cada uma das crianças para fazer o papel de um personagem bíblico durante a noite. O constrangimento da maioria das crianças havia sido abandonado há muito tempo e até mesmo os novos membros pareciam ávidos em participar da animação.

Então, por fim, Beth ouviu o tipo de declaração que ela temia.

— O Sr. Harris Hughes diz que não havia realmente faraós como aquele da Bíblia. — Daniel Murphy estava encostado na sua mesa enquanto os outros organizavam a cena daquela noite. — Ele diz que homens chamados arqueólogos têm escavado no Egito por mais de cem anos e que ninguém encontrou um único sinal de nenhum escravo israelita.

Beth sentiu os cabelos no couro cabeludo se arrepiando. Ela se esforçou para manter a compostura.

— Isso é muito interessante, Daniel. Vocês estão estudando o Egito?

— Não, ele só falou.

Beth direcionou-o a uma cadeira junto de dois outros meninos que haviam se juntado a ele.

— Você sabe por que há tanta areia cobrindo um país que já foi tão grandioso?

— Não, senhora — falou David Noonan.

— No tempo de Moisés, o Egito era uma nação formidável, uma das mais impressionantes do mundo. Pessoas como Abraão frequentemente iam para o Egito quando não havia comida suficiente ou se algum outro inimigo era forte demais. Posteriormente na Bíblia, vemos que Deus até disse a José, em um sonho, para fugir para lá com Maria e o menino Jesus.

— Mas por que não é mais assim? — perguntou o gordinho Henry Ruffinelli, com os olhos fixos em Beth.

— Não a interrompa, Huffy! Deixe-a falar.

Beth colocou uma mão no braço de David como alerta.

— Bem, rapazes, na Bíblia, Deus instruiu seus profetas a anunciarem que o Egito se tornaria uma terra desértica. E foi exatamente isso que aconteceu. Outras nações vieram e destruíram suas cidades e templos, roubando o ouro e as joias de onde quer que

pudessem encontrá-los. Com o tempo, as belas construções foram cobertas com montes de areia e esquecidas. Entretanto, a Bíblia registrou a magnitude do Egito. E mesmo quando muitos estudiosos de história se perguntavam se ele era tão especial assim, aqueles que liam a Bíblia sabiam a verdade. Só agora estamos começando a encontrar as evidências do quão rica e poderosa era a nação. — Os meninos a observavam de perto, com os olhos arregalados. — O Sr. Harris Hughes está correto a esse respeito. Foi apenas há cem anos que foi encontrada uma pedra que ajudou os arqueólogos a decifrar a escrita por desenhos, chamada de hieróglifos, que cobre muitas das construções egípcias. E quando puderam entender mais dos escritos secretos, puderam ler palavras dentro das tumbas e descobrir qual pertencia a cada faraó, os reis deles. Finalmente, isso levou a uma das maiores descobertas recentes no Egito, a tumba do faraó Tutancâmon ou rei Tut. Vocês já ouviram falar dele?

— Não — eles responderam em uníssono. Mais quatro crianças haviam se aproximado.

Beth podia sentir seu pulso acelerar pela atenção cativa deles.

— A maioria das tumbas onde os faraós ricos foram enterrados já havia sido aberta há muito tempo por ladrões de sepulturas e todas as relíquias haviam sido roubadas. Mas um homem tinha certeza de que conseguiria encontrar o túmulo de um faraó específico, chamado Tutancâmon, que era apenas um menino quando governou e quando morreu. Esse arqueólogo procurou por muito tempo, e muitas pessoas riram dele, mas ele continuou escavando de qualquer maneira. E por fim, há apenas alguns anos, o Sr. Carter achou o que procurava: a tumba desse menino faraó. Estava escondida e a salvo de ladrões por milhares de anos. Imaginem como foi emocionante para ele ser o primeiro homem a olhar por um buraco na parede e ver mesas cobertas de ouro cintilante, um trono e um enorme sarcófago, que é uma caixa grande usada como caixão.

— Uau! — Vários suspiros se seguiram.

— O que eles fizeram com todo aquele ouro, Srta. Thatcher?

Beth sorriu.

— A maior parte do que eles encontraram lá ficou em um museu em Cairo, no Egito. Então eu nunca vi nada daquela tumba, exceto em fotos. Mas uma vez, quando estava em um museu em Toronto com meu pai, eu vi uma coroa de ouro, um bastão e o caixão de outro faraó. Foi fascinante. — Percebendo que todas as outras atividades na sala haviam parado, Beth tentou trazer o assunto de volta à sua aula sobre Moisés. — E sabiam, crianças, que as coisas que eu vi em Toronto eram ainda mais antigas do que a nossa história de hoje?

— Elas eram?

— Mas, Srta. Thatcher, por quê? — Henry perguntou. — Por que nenhum desses escritos fala sobre Moisés e os escravos israelitas?

Beth sorriu com confiança.

— Bem, se você fosse um grande e poderoso faraó e seus escravos todos fugissem, você permitiria que alguém escrevesse sobre isso fazendo entalhes nas *suas* construções ou nas páginas de história que você contratou pessoas para registrar em papéis chiques de papiro? Os faraós eram quem ditava o que seria escrito. Às vezes, eles até mandavam os trabalhadores apagarem os nomes dos faraós que vieram antes deles, tentando excluí-los da história. Você acha que eles sempre contavam a verdade quando algo de que não gostavam acontecia?

— Não, senhora — os rapazes concordaram.

— Acho que não — reconheceu Henry.

— Então, se você quer minha opinião, acho que é por isso que não conseguimos encontrar um registro do Êxodo.

Eles pareciam acompanhar sua explicação, mas antes que mais pudesse ser discutido, Beth apressou os alunos de volta às posições, sentindo-se bastante satisfeita por ter habilmente neutralizado o ensinamento de Robert.



— O Sr. Harris Hughes fez Daniel, David e Huffy ficarem de castigo hoje — Teddy informou com a boca cheia, durante o jantar de sexta-feira na pensão de Molly.

— Ah é? Por que ele fez isso? — perguntou Frank.

Marnie tomou conta da história depressa:

— Por causa das *atitudes desrespeitosas*.

Os olhos de Beth foram de Marnie para Teddy, procurando mais pistas.

— Parece que eles mereciam ser punidos — disse Frank.

— Não — Teddy rebateu, balançando seu garfo de um lado para o outro. — Eles estavam apenas contando a ele o que a Srta. Thatcher disse sobre o Egito e Moisés. Mas ele não gostou nada de ouvir.

Beth engasgou-se um pouco, esticando o braço rapidamente para pegar seu copo de água.

— David lhe disse que a Bíblia fala do rei Tut, mas Huffy afirmou que não era isso, que a Bíblia fala de outros faraós e de como Deus iria puni-los. E então Daniel falou que os faraós até mentiram em suas paredes porque eles não queriam dizer a verdade sobre Deus ter

enviado Moisés para salvar o povo.

Marnie continuou a história:

— E quando o Sr. Harris Hughes lhes perguntou onde eles ouviram tudo isso, os meninos falaram que você os ensinou ontem à noite no clube bíblico. E então o Sr. Harris Hughes mandou os três ficarem em um canto, de castigo. — Ela riu. — Não no mesmo canto. Cada um em um canto diferente.

Beth baixou o olhar para evitar os olhos interrogativos da Molly.

— Não é exatamente isso que eu disse. Você sabe como são as crianças. — Ela tentou rir enquanto empurrava várias ervilhas em seu prato com um garfo.

Depois do jantar, Frank e Molly se sentaram no sofá, um em cada lado de Beth. Ela se sentiu pequena, como uma criança entre seus pais.

— Queríamos conversar com você — começou Molly.

— Oh, Molly, eu não lhes expliquei isso para que eles *discutissem* com ele. Eu tentei tanto dar a eles apenas a verdade. Não sei como isso acabou soando tão... tão agressivo.

Frank acenou com a cabeça, inclinando-se para mais perto.

— Nós acreditamos em você. Só nos preocupamos... que as crianças ficarão no meio desse fogo cruzado.

— Eu sei. — Beth colocou o rosto nas mãos e sussurrou: — Não era isso que eu queria. — Seus dedos escorregaram pelas bochechas, juntando-se na frente dos lábios. — Eu me sinto péssima. Não foi culpa deles.

— Agora espere um pouco, querida. Vamos conversar sobre isso. Aquele homem lhes ensinou o que ele acreditava ser verdade e depois você também. Eu não sinto que você errou nisso, a menos que seu coração estivesse contra ele. Você acha que sim?

Beth se encolheu e usou as mãos para mexer com os botões de seu suéter.

— Eu não sei, Molly. — Ela fez uma pausa, esforçando-se para ser honesta. — Eu realmente não gosto muito dele. Ele me irrita toda vez que eu falo com ele. — Ela suspirou e seus ombros caíram. — Ah, Molly, um tempo atrás eu lhe disse algumas coisas tão críticas e grosseiras.

— Entendo. Bem, você pediu perdão?

— Ah. Não, eu não pedi.

— Você acha que deveria?

Só a ideia já revirou o estômago de Beth. *Como posso me desculpar por apenas defender o que acredito?*

— Ele estava empurrando suas ideias para cima de mim, Molly. E então eu falei, categoricamente, que não ia concordar com ele. —

Beth lentamente se lembrou de que ela havia dito muito mais a Robert. — Suponho que eu deveria... deveria pedir desculpas. — No momento, parecia impossível.

Frank fitou-a de novo.

— Isso é algo que você terá que perguntar ao Pai. Mas o que você acha que pode ser feito para evitar que isso, essa confusão, aconteça novamente?

— Ele não vai mudar, ele é bastante intransigente. Mas, por outro lado, se eu ouvir as crianças falando sobre coisas que ele lhes ensinou e que vão contra a Palavra de Deus, sinto que preciso dizer-lhes a verdade. Suponho que, em uma escola comum, o conselho escolar trataria de tais questões. Mas Coal Valley é muito pequena...

— Não, não é bem assim. — Frank estava balançando a cabeça, seu rosto se iluminando. — Olhe em volta, *mia cara*. Somos uma cidade grande agora, não é? Talvez esteja na hora de aprender a governar a nós mesmos.

— Mas não temos nem um prefeito mais. Os Ramseys foram uma das famílias que se mudaram no verão. Andamos para trás em vez de para frente.

— Isso não é tão difícil. Precisamos de outro, não é?

Beth olhou fixamente para o tapete. Suas palavras vieram lentamente:

— Uma eleição? Mas quem se candidataria a prefeito?

— Quem sabe? Mas se for a coisa certa, é isso que faremos.

— E depois disso criaremos um conselho escolar — disse Molly. — O prefeito estaria no conselho. E alguns dos pais, eu imagino. Então isso já ajuda.

Beth estava se sentindo um pouco atordoada e sem fôlego. *Sim, um prefeito e um conselho escolar. Talvez seja exatamente isso que precisamos para evitar que Robert desvie nossas crianças.* Sua mente estava rapidamente cogitando cada um dos habitantes da cidade, perguntando-se quem estaria interessado em participar.

— Mas — acrescentou Molly, — ainda acho que talvez você deva orar sobre o outro assunto, aquele pedido de desculpas.

Capítulo 11

Beth ficou se revirando durante toda a noite de domingo em seu quarto frio. Três vezes ela atravessou a sala para atizar as brasas e adicionar mais carvão. Seus esforços não produziram muito calor extra, mas de manhã ela conseguiu fazer uma xícara de chá para ela mesma e uma tigela de mingau de aveia para sua colega de quarto. O chá foi calmante para o seu nervosismo, e o café da manhã mais nutritivo para Marnie apaziguou sua culpa. Ela sabia que teria de encarar Robert e apresentar um sincero pedido de desculpas. Pior ainda, ela ainda não tinha certeza se conseguiria realmente fazer isso. Senhor, ajude-me a fazer a coisa certa — ela orou enquanto caminhava para a escola.

No fim do dia, ela organizou sua mesa e ficou escutando os últimos passos saindo da escola para ter certeza de que encontraria seu colega sozinho. Ela respirou fundo várias vezes, endireitou os ombros, foi para a salinha de entrada e bateu no batente da porta aberta dele.

— Sim?

— Olá, Sr. Harris Hughes — ela começou timidamente, entrando na sala. — Você tem um momento?

— Sim. Certamente. Sente-se, por favor. — Ele gesticulou com a mão, e Beth sentou-se em uma carteira na primeira fila.

— Fui informada que... — Ela fez uma pausa, então começou de novo: — Soube que três meninos da sua turma foram castigados na sexta-feira por algumas coisas de que falamos em nosso clube bíblico. E eu só queria dizer...

— Isso não está totalmente correto, Srta. Thatcher — ele interrompeu. Ele saiu de trás da sua mesa e sentou na borda dela pela metade. — Eu corriji os meninos por falarem fora de hora e com tom agressivo.

— Entendo. — Beth hesitou. — Eu tinha entendido que... que você não aceitou o que eles disseram e achou suas afirmações hostis e desrespeitosas.

— Srta. Thatcher, não os culpo de forma alguma por expressarem uma opinião diferente da minha. Acho essa troca

perfeitamente aceitável e até revigorante. O debate de ideias opostas é um excelente exercício para a mente. Minha única objeção foi a maneira com a qual eles escolheram se expressar. Estou tentando treiná-los para reagir como cavalheiros em qualquer situação. Acredito que é crucial para a melhora da sociedade que cada um de nós exponha nossas opiniões de forma eficaz e as defenda também, mas que o faça com o decoro apropriado.

— Entendo. — Beth tinha começado a conversa com o que ela pensava que seria o tema mais fácil. Ela agora tentava encontrar uma maneira de fazer a transição para o segundo assunto, o mais difícil. — Receio que eu também não tenha falado com você com o decoro apropriado quando estávamos na rua na semana passada. E quero que você saiba que lamento muito, Sr. Harris Hughes. Espero que possa me perdoar.

— Srta. Thatcher. — Ele limpou a garganta e se inclinou muito para trás, enfiando as mãos em seus bolsos, e depois balançou para frente novamente. — Não fiquei tão ofendido com o que você disse... quanto com o que você não disse.

— Perdão, senhor? Eu não...

— Expressei meu desejo de me reunir com você para discutir as responsabilidades que compartilhamos nesta escola. E você me negou essa oportunidade.

Beth ficou tensa.

— Sinto muito, mas não acho que isso seria, bem, sensato.

— Por que, se posso perguntar?

Isto não era o que ela havia esperado. Talvez fosse até pior.

— Não creio que possamos conversar sobre um assunto sobre o qual... claramente não concordamos. E é pouco provável que cheguemos a um acordo.

— Mesmo que isso simplesmente nos ajude a entender melhor um ao outro?

Beth lembrou de sua discussão anterior e da declaração intimidadora dele de que ele teria a influência decisiva sobre as crianças.

— Acho que você não ouve... — Ela parou antes de dizer o nome dele.

— Srta. Thatcher, como é você que está recusando uma reunião, receio que eu poderia afirmar racionalmente que é você quem opta por não ouvir.

A cabeça de Beth estava começando a embaçar. Esse homem alegava incentivar a comunicação e até mesmo estimular ideias contrárias, mas ela se sentia na defensiva sempre que falava com ele.

— Não — insistiu ela. — Eu não acho que uma reunião entre nós dois seria prudente.

— Como queira. — Ele ficou de pé.

Beth também se levantou rapidamente, saindo para o corredor e voltando para sua sala de aula sem mais comentários. Ela recolheu os trabalhos para corrigir à noite e foi embora, sua mente ainda transtornada.

Eu não o entendo. Suas palavras parecem tão racionais, mas há uma certa pontada nelas. Então ela ofegou, perguntando-se se os alunos também estavam se sentindo reprimidos e pequenos. Era isso que Teddy e Marnie estavam tentando expressar? Há algo a mais nesse incidente que ele tentou fazer parecer tão calmo e plausível?



Beth tinha decidido pedir a ajuda de Marnie para fazer flores de tecido para o casamento. Mesmo durante os cultos na igreja, ela havia se distraído pensando sobre o que poderia fazer para melhorar o templo. Após conversar com Molly sobre a possibilidade de conseguir flores frescas em abril, Beth sabia que suas opções seriam extremamente limitadas e muito imprevisíveis. Em vez disso, ela havia encomendado vários metros de organza, tule e cetim brancos que chegariam da próxima vez que Alberto Giordano viesse da cidade. Ela tinha visto esses tecidos cortados em forma de pétalas, as bordas delas aquecidas sobre uma vela para enrolá-las e fazer o acabamento, e então as peças eram costuradas em camadas mistas para criar flores de tecido lindas. Várias pérolas no centro davam um aspecto encantador. Mas o processo tomava muito tempo.

Fazer a encomenda lembrou a Beth de sua decisão de comprar alguns tecidos para vestidos novos para Molly — uma lã leve para os domingos e dois tecidos floridos para vestidos casuais. Quando foram entregues, Molly ficou bastante comovida pelo presente.

— Mas você está sempre me deixando comer com vocês — argumentou Beth. — Esta é apenas uma pequena maneira de mostrar minha gratidão.

— A família é sempre bem-vinda — protestou a mulher. Mas os olhos de Molly brilhavam afetuosamente.

Finalmente, Beth e Marnie estavam prontas para começar a trabalhar nas flores. A menina pegou emprestada a tesoura de costura boa de Molly, que era uma grande melhora quando comparada com as tesouras escolares de Beth, e as duas começaram o trabalho na pequena mesa de cozinha enfiada no canto da sala principal de Beth, tentando usar uma abordagem de linha de produção. Marnie cortava, e Beth esquentava as bordas cortadas com uma chama, sua mão firme e rápida. Logo ela conseguia fazer o processo de forma ágil e sem

queimar o tecido. E então veio o arranjo e a costura, e elas rearranjaram as camadas enroladas até que cada uma delas ficasse satisfatória.

— Quantas você acha que vai precisar mesmo? — Marnie perguntou pela décima vez.

A resposta de Beth tinha mudado gradualmente para apenas:

— Tantas quantas conseguirmos fazer a tempo.

Elas logo usaram todos os materiais que Beth tinha encomendado. Ela sabia que precisaria de pelo menos o dobro e que, com a chegada do inverno, haveria menos idas à cidade. Por isso, ela ficou muito contente ao saber que Philip iria para Lethbridge no sábado para uma reunião com os líderes distritais de sua igreja. Ele alegremente concordou em levá-la, junto com seu outro passageiro. Philip explicou que o homem era um funcionário novo que havia machucado a mão quando tropeçou e caiu em algumas das máquinas da serraria. Seus colegas de trabalho já haviam colocado o osso no lugar e dado pontos para fechar a ferida o melhor que puderam, mas ficou claro que Donato precisava de uma cirurgia em Lethbridge. E, em um ato de benevolência bastante surpreendente, a empresa havia concordado em pagar as despesas.



Na manhã de sábado, Beth se encontrou com Philip na caminhonete. O outro passageiro já havia subido por cima da tampa traseira e se acomodado na caçamba do veículo velho e desajeitado que Philip havia pegado emprestado. Havia vários cobertores na caçamba para que o homem ficasse confortável.

— Mas eu não sabia que havia apenas dois assentos — sussurrou Beth a Philip. — Não quero que ele tenha de sentar-se atrás por minha causa. Por favor, diga-lhe que eu posso...

— Você pode o quê? Você pode se sentar na caçamba? — Philip balançou a cabeça com um sorriso torto. — Este é o único jeito. Mas acredite em mim, ele está apenas grato por ter a mão consertada por médicos de verdade. Ele não se importa.

Um sorriso por baixo do bigode e um aceno de cabeça na direção deles parecia confirmar as afirmações de Philip. Beth observou de canto de olho enquanto o homem arrumava um cobertor em torno de seus ombros e enfiava a mão grosseiramente enfaixada sob o cobertor. Philip a ajudou a subir no banco da frente, e ela deu uma olhada rápida na pessoa empacotada que estava encostada na janela da cabine. *Espero que ele fique bem, mas Philip provavelmente ficará de olho nele durante nossa viagem.*

Foram necessários vários quilômetros até que Beth pudesse se concentrar em outras coisas. O pensamento que mais a distraiu foi a possibilidade de surpreender Jarrick e de compartilharem uma agradável refeição. Mas, como não havia linhas telefônicas em Coal Valley, ela não tinha como saber se ele estaria na cidade.

— Talvez tenhamos neve novamente em breve — observou Philip acima do ronco do motor. — E desta vez mais do que só um pouquinho. Espero que não neve até depois de voltarmos esta noite.

— Eu não me importo com a sensação de ficar presa em algum lugar por causa da neve. Acho isso bastante agradável e aconchegante, mas só quando estivermos em casa novamente!

— Concordo — disse ele, — e pelo menos sabemos que há muita comida armazenada por conta da horta que cultivamos durante o verão.

— Ah sim, e que alívio!

— Então, Beth, eu ouvi um boato de que você está tramando algo. — A voz de Philip tinha assumido um tom de provocação. — Estou tentado a dizer “novamente”, mas isso seria um pouco exagerado.

— Ora, você me lisonjeia — ela rebateu, brincando também.

— Fiquei intrigado um dia desses quando Frank mencionou que você e ele conversaram sobre fazer uma eleição para um novo prefeito. No início fiquei mais do que um pouco surpreso. E então me perguntei por que ninguém sugeriu isso antes. Parece bastante óbvio. Como não percebemos?

— Bem... sim, é verdade. Estamos movimentando as coisas um pouco, mas o que eu realmente quero é um conselho escolar. Frank sugeriu arranjarmos um prefeito primeiro. Então eu fiz cópias de um folheto convocando as pessoas para uma assembleia de cidadãos no próximo sábado à noite, e ele colou os folhetos pela cidade e no prédio da empresa perto do rio.

— Por que um conselho escolar? Eu imaginaria que é muito mais divertido fazer as coisas da sua própria maneira. — A pele nos cantos dos olhos dele estava enrugada pelo seu riso.

Beth ignorou sua levandade.

— Sinto muito, mas é exatamente esse o problema. Venho tendo dificuldades com Robert por causa de nossas opiniões conflitantes sobre como ensinamos. — Ela então explicou suas diferenças, esforçando-se muito para não entrar em julgamentos pessoais e fofocas. — Acho que um conselho escolar resolveria o problema imediatamente e para isso, bem, acho que precisamos de um prefeito primeiro.

— Vocês, professores, estariam no conselho?

— Eu duvido. Os professores normalmente não são incluídos.

Embora tenhamos uma comunidade tão pequena que talvez seja necessário por enquanto, principalmente porque são poucos os pais que são formados. O que eu quero é um grupo com autoridade para supervisionar o que é ensinado e como isso é apresentado. — Ela fez uma pausa e fechou mais o colarinho do casaco por conta do frio no veículo mal vedado, lançando outro olhar rápido sobre seu ombro em direção ao passageiro na caçamba. Ela estremeceu diante das frias condições de viagem dele, antes de continuar: — Admito, não me sinto muito confortável em fazer uma reunião sozinha com Robert.

— Eu consigo entender isso. Pode até ser considerado inapropriado, embora Coal Valley não se apoie muito em tais proibições sociais.

O motor chiou enquanto eles subiam uma colina íngreme; Beth buscou um lugar onde segurar e lançou um olhar preocupado para Philip, que apenas riu.

— Ela é velha e barulhenta, mas é totalmente confiável.

Quando a caminhonete desceu o monte do outro lado, Beth criou coragem:

— Philip, por que *you* não se candidata a prefeito?

— Eu?

— Claro. Você é formado na faculdade. Você conhece todo mundo muito bem. E todos gostam de você.

— Bem, nem todos. — Ele inclinou a cabeça e forçou um risinho. — Não é possível pregar muitos sermões sem atizar *alguém* que acha que você está errado.

— Sério, Philip, eu acho que você seria o candidato ideal.

— Onde eu arranjaria tempo? E, além disso, não seria algo que automaticamente me colocaria em desacordo com ainda *mais* pessoas da minha igreja?

— Não consigo imaginar por que isso aconteceria. — Mas Beth sabia que ele provavelmente estava certo.

— Além do mais, eu não quero ser uma figura política. Eu quero ser mais como um pastor de ovelhas, um servo. Eu não acho que os dois papéis são complementares. Você consegue me imaginar tentando concorrer a um cargo, distribuindo broches políticos depois da igreja no domingo? Seria mais difícil ser sal e luz se tivesse que fazer esquemas para criar políticas, pavimentar ruas e multar infratores da lei. — Ele deu outra risada. — Deixe-me colocar desta maneira: não quero decidir onde construir pontes, eu só quero ser uma, se você sabe o que quero dizer.

— Eu sei — suspirou ela. — E você está certo, é claro. Acho que era só uma esperança.

Jarrick ficou realmente surpreso ao encontrar Beth de pé na recepção do posto policial. A explicação apressada dela veio assim que seus olhos se encontraram e eles correram em direção um ao outro.

— Lamento não poder avisá-lo que eu viria, Jarrick. Eu não tinha como entrar em contato com você.

Ele pegou as duas mãos dela e a puxou para perto.

— Quando Ollie disse que você estava aqui, eu pensei que ele estava apenas brincando de novo. Esta é a melhor surpresa de todas.

— Você está extremamente ocupado? Você tem algum tempo?

— Vou arranjar tempo, Beth. Estou feliz por estar na cidade hoje. Só voltei ontem à noite.

Beth sentiu-se relaxar.

— Eu estava preocupada que você não estaria aqui ou que eu estaria atrapalhando.

— Você nunca precisa se preocupar com isso. — Jarrick virou-se para a mesa da recepção, puxando o braço de Beth junto. — Ollie, você pode chamar um táxi para nós? Hoje vou fazer meu intervalo para o almoço mais cedo. Agora mesmo, na verdade.

O homem piscou para Beth.

— Não posso simplesmente selar seu cavalo para você, Jack?

— Muito criativo, Ollie. Nunca ouvi essa antes. Estaremos esperando lá fora. — Jarrick deu uma batidinha na mesa, sorrindo para Ollie, e depois levou Beth para fora.

Já parecia que o tempo estava parado. Enquanto esperavam juntos na escada do prédio, Beth aproximou-se dele como se isso fosse afastar a solidão que ela sentira.

— Isso é terrivelmente difícil, sentir tanto a sua falta — sussurrou ela.

— Acredite, eu entendo o que você quer dizer — ele murmurou com o rosto no cabelo dela.

O vento frio queimava o rosto de Beth, e ela virou-o para a manga do casaco dele.

— Você realmente tem um cavalo, Jarrick? — perguntou ela, a voz dela abafada pelo tecido.

Ela podia sentir o peito dele tremer enquanto ele ria.

— Você ainda não sabia disso? Sim, na verdade tenho. Bem, não apenas um. Aqueles de nós que se deslocam com frequência precisam compartilhá-los, mas eu tenho uma égua favorita que eu costumo montar quando estou na minha área principal de missões. As estradas ficam muito piores quanto mais ao norte você vai, e os carros geralmente são inúteis. E admito que aprecio a chance de cavalgar, eu

realmente gosto. É uma sensação incrível de liberdade e serenidade, pelo menos quando não está chovendo ou, pior, nevando.

— Qual é o nome dela, da sua favorita?

— O nome dela é Luna, é uma Appaloosa salpicada com as cores da lua.

— Ela parece linda.

— Ela é. E espirituosa como você.

— Bem, estou feliz por saber dela agora. — A imagem dele andando a cavalo pela neve pareceu estranhamente romântica na imaginação de Beth.

— Você sabe, querida — disse ele, colocando seu braço livre ao redor dela, — provavelmente há muitas coisas que ainda não sabemos um sobre o outro.

Ela virou seu rosto para fitá-lo, tirando um fio de cabelo que estava na frente do rosto dela.

— Então temos de encontrar oportunidades para conversar mais, ou... ou precisaremos voltar a escrever cartas novamente.

Os olhos azuis dele cintilaram.

— Bem, por que não? Só porque moramos mais próximos um do outro não significa que não possamos escrever cartas de qualquer maneira. Não é como se nos víssemos muito ou que seja possível falar por telefone.

— E — acrescentou ela, — também precisaremos ser eficientes nos momentos em que estivermos juntos.

— Bem, isso não vai ser fácil. Eu fico me distraindo quando olho para seu lindo rosto.

— Oh, Jarrick.

E então o táxi deles chegou para levá-los para almoçar.



Como Beth esperava, o almoço pareceu curto demais, e ela se apressou para encaixar todos os assuntos que esperara tratar, tentando obrigá-la a abandonar os sentimentos conturbados da conversa anterior deles na igreja. Eles concordaram que os dois irmãos mais novos de Jarrick seriam seus padrinhos. As madrinhas de Beth seriam Julie e Marnie, se a menina concordasse.

Beth ficou feliz em informá-lo do progresso de seus alunos, e então Jarrick contou o que ele estava livre para dizer sobre as recentes missões da Polícia Montada. Depois de terem pedido a sobremesa, ela mencionou a eleição iminente em Coal Valley.

— Você pediu a Philip para concorrer? — Jarrick pareceu se divertir. — O que ele disse?

Beth balançou a cabeça em silêncio.

— Bem, quem mais você tem em mente?

— Eu não sei. Toby Coulter, o homem que administra a loja, está lá há tanto tempo quanto qualquer um, mas ele trabalha para a empresa de mineração. Eu não gostaria que eles ganhassem ainda mais controle sobre o que acontece na cidade, embora isso descarte muitos dos homens.

Jarrick concordou com a cabeça.

— Não consigo pensar em muitos que não sejam muito novos — explicou ela. — E certamente não conheço muitos deles fora da igreja. Howard McDermott é muito calado. Acho que ele não estaria nem um pouco interessado. Bill Shaw e até mesmo seu filho Parker são hipóteses válidas. Ele é mais velho que o irmão dele, Roark, que morreu no acidente da mina, então provavelmente tem pelo menos vinte e poucos anos. — O escasso grupo de homens no qual encontrariam seu prefeito causou um longo suspiro de Beth. — E se formos em frente e elegermos alguém que trabalha na mina ou na serraria, ele estará sob muita pressão dos chefes da empresa. O único homem em quem consigo pensar que não é novo e não trabalha para eles é Fred Green. E eu não gostaria que ele fosse eleito. Ele era um bom amigo de Davie Grant, e temo não confiar nele.

— Você está certa. Não há muitas opções boas. — O suspiro de Jarrick igualou o dela. — É uma pena que Abbie Stanton tenha perdido seu marido, Noah. Ele teria sido um prefeito muito bom. Por outro lado, suponho que não há nada que impeça que um dos novos homens se candidate. Tenho certeza de que alguns deles devem ser bem competentes.

— Veremos. — Por um momento Beth hesitou, sem saber se deveria expressar seu próximo pensamento em voz alta, e então desembuchou: — Não ria, mas... eu gostaria de poder concorrer, mesmo sendo uma mulher. Não é como se as coisas não estivessem mudando... E eu poderia seguir os passos da rainha Vitória, não é?

O rosto de Jarrick ficou sério.

— Tenho certeza de que você faria um trabalho muito bom, Beth. Mas...

A mente dela terminou a frase de uma dúzia de maneiras diferentes: — *Mas você não é uma líder. Você está ocupada demais em outro lugar. Você não sabe o suficiente sobre política. Uma mulher deveria cuidar da casa. Você é pequena e não será forte o suficiente para controlar os mineiros desordeiros...* — Ela baixou o olhar para seu prato de sobremesa.

Ele terminou:

— Mas eu pensei que tínhamos concordado em ir para o leste no final deste ano letivo.

Essa era talvez a pior possibilidade de todas. Beth havia torcido para que a questão ainda pudesse ser parte de uma discussão inacabada.

— Nós concordamos...? Eu pensei... Você já falou com meu pai?

— Não, ainda não. Eu disse a ele que queria algum tempo antes de me comprometer.

Beth sabia qual era a esperança de seu pai. *O que digo? Jarrick é o líder do nosso casamento e da nossa família algum dia. Eu quero me submeter à sua liderança. O que posso dizer sem soar como a mãe dele ou até mesmo como a minha?*

— Você já tomou uma decisão? — perguntou ela com cautela.

— Tentei pensar em outras opções, Beth, mas fora continuar como policial montado e viajar com muita frequência, e isso não é o que nenhum de nós desejaria, não parece haver outra solução prática. — Jarrick estava fitando-a com atenção. — De qualquer forma, não importa o que aconteça, não ficaríamos mais em Coal Valley depois do final do ano letivo. Mesmo que eu ficasse na polícia e nós permanecêssemos no oeste, teríamos de morar onde quer que me mandassem. Não há nem sequer uma vaga para policial em uma cidade tão pequena...

— Mas se eu fosse prefeita... — ela tentou brincar, mas rapidamente abandonou a tentativa. Os pensamentos preocupantes sobre o futuro incerto quase a esmagaram. *Depois de tudo que me propus a realizar aqui, vou acabar voltando para Toronto, sem mais Coal Valley, sem montanhas, sem liberdade, sem aventuras, apenas uma turma de crianças da cidade que não precisam de mim ou me querem, se é que poderei dar aulas novamente. Ficarei cuidando de uma casa e tendo uma vida comum.*

Ela sentiu seu lábio tremer. *E Jarrick nunca mais usará seu uniforme, não poderá montar seu cavalo, não poderá fazer o que se sentiu chamado a fazer.* Ela tentou enxugar furtivamente uma lágrima antes que Jarrick notasse, mas não adiantou.

— Querida, o que foi? O que você quer?

Beth limpou a garganta e tentou dar um sorriso.

— É tão difícil pensar em ir embora.

Era a verdade, mas não toda a verdade.

Capítulo 12

— Onde está aquela menina? — Molly se preocupava enquanto ela e Beth davam os toques finais no jantar de domingo. — Eu a vi sair correndo depois da igreja, e ela não está aqui.

— Isso não é coisa da Marnie — Beth constatou, com a testa franzida.

— Bem... — Molly colocou o purê de batata em uma vasilha de servir e entregou-a a Beth. — É mais do que você imaginaria. Esta não é a primeira vez nas últimas semanas.

Beth levou o purê para a sala de jantar, depois voltou para pegar uma travessa de beterrabas fumegantes. Depois de checar pela última vez que tudo estava em ordem, ela fez um sinal para que os hóspedes viessem, e os homens tomaram seus lugares com conversas animadas e risos.

De volta à cozinha, Beth se aproximou e perguntou em voz baixa:

— O que você quis dizer com isso, Molly?

A mulher balançou a cabeça, enxugando o rosto no avental e pendurando-o.

— Ela desaparece o tempo todo ultimamente, e eu tenho de mandar o Teddy Boy atrás dela. Eu sei que não é o trabalho que ela está evitando. Ela parece realmente gostar de trabalhar, ainda mais nos últimos tempos. Muitas vezes ouço ela cantarolando quando está trabalhando. Só estou confusa, é só isso.

— Onde Teddy a encontra? Não na minha casa, eu presumo.

Molly pausou e deu de ombros.

— Não, ele não conta. Apenas andando, eu suponho.

— Bem, ela gosta mesmo de caminhar. Eu sou do mesmo jeito.

— Aham. Mas está ficando frio demais para isso.

A família se sentou ao redor da mesa da cozinha. Marnie finalmente apareceu, sentando-se rapidamente em sua cadeira.

— Desculpe, Srta. Molly — ela murmurou. — Eu perdi a noção do tempo.

— Onde você estava, criança?

— Só fui até o rio e voltei. — Seu rosto estava voltado para baixo, sua expressão escondida. Beth observou Molly e Frank trocando

olhares.

— Conte para eles. — Todos os olhos se voltaram instantaneamente para Teddy, que estava olhando feio para sua irmã. — Você conta ou então eu conto.

— Não se atreva!

Mas agora não havia como evitar as perguntas.

— O que está acontecendo? — exigiu Molly.

— *Mia cara* — começou Frank, colocando uma mão sobre a de Marnie, — estamos preocupados com você. Você precisa nos dizer aonde tem ido.

— Ah, papai — disse ela, levantando os olhos marejados, — eu não sei como contar. — Todos esperaram, agora ainda mais preocupados. A cabeça de Marnie baixou novamente e os ombros dela caíram.

— Eu conheci um amigo, um menino. — Ela fungou e levou uma mão aos olhos.

O olhar de Beth circulou a mesa. Uma fila de garotos da escola passou em sua mente. *Ela nunca disse uma palavra. Como que eu não vi isso? Mas Marnie disse que o “conheceu”.*

— Quem é? — Beth conseguiu perguntar em voz alta.

— Vocês não o conhecem. Nenhum de vocês.

A voz de Molly estava baixa e brusca:

— Então onde...?

— Na floresta. Eu o conheci na floresta. Isso não é tão difícil de acreditar, é?

— Quem é ele? Há quanto tempo você tem...

Finalmente a informação veio:

— O nome dele é Harold. Ele é um mineiro. Ele é novo. Ele veio para se juntar a seu tio e tia, Sr. e Sra. Edwards. E ele não é uma pessoa ruim. Ele é... ele é simplesmente o homem mais gentil que eu já conheci.

— Um *homem*? Quantos anos ele tem? Por que não o vimos na igreja?

— Ele quer ir — disse Marnie rapidamente, esquivando-se da pergunta mais difícil. — Ele diz que planeja ir à igreja. Mas eles estão fazendo ele fazer o trabalho que ninguém mais quer, porque ele é novo, eu acho. E ele tem de trabalhar quando os outros estão de folga.

— No domingo? — Beth ficou intrigada com a estranha afirmação.

Molly foi implacável e, antes que a garota pudesse responder, exigiu:

— Então como é que você e ele se encontram?

— Não temos muito tempo para conversar. Nós apenas, nós apenas conversamos por um minuto ou dois, entre os momentos...

— Ele poderia perder o emprego, Marnie — disse Frank calmamente. — Vocês não podem correr esses riscos.

Beth segurou a respiração. Molly empurrou sua cadeira para trás e andou em direção ao fogão. Os olhos de Frank a seguiram e depois voltaram para Marnie.

— Você sabe que não é certo esconder isso. Não parece nada bem. Para nós... ou para qualquer um.

— Sim, papai Frank.

Ele passou uma mão em seu rosto.

— Você não vai mais encontrá-lo na floresta. Se ele quiser falar com você, ele virá aqui, certo?

— Sim, papai. — Sua voz estava baixa. — Posso sair da mesa, por favor?

Frank olhou de volta para Molly.

— Sim, *mia cara*.

O jantar de domingo continuou em silêncio.



Molly e Beth limparam e lavaram toda a louça e Frank secou-a, segurando habilmente cada peça no balcão com o coto de um braço enquanto usava o pano com a outra mão. A cozinha havia sido arrumada antes de Marnie ser mencionada novamente. Não parecia haver pressa. Pelo menos por ora, a garota estava segura na sala de estar, lendo. Ela não tinha lugar para se refugiar. Beth tinha certeza de que Marnie estava sentindo falta da privacidade de ter um quarto próprio, principalmente agora.

Beth colocou uma mão no ombro de Molly e manteve sua voz baixa.

— Quer ir comigo para a varanda antes que eu vá embora?

— Seria bom, um lugar tranquilo para conversar.

— Se isso ajudar.

— As senhoras vão — incentivou Frank. — Eu vou ficar de guarda.

Ele conseguiu dar um sorriso de provocação.

As cadeiras de balanço estavam cobertas de poeira e folhas secas. Molly e Beth se encostaram no corrimão, olhando para a rua.

Por fim Beth disse:

— O que você está pensando?

— Ainda não sei. É um choque para o meu coração.

— Eu entendo. Não posso acreditar que ela estava escondendo isso. Pensei que ela e eu estávamos... — Beth balançou a cabeça com um pequeno gemido.

— Frank vai descobrir quem ele é. Não vai se passar nem um dia. Mas se ele é um mineiro, então ele não é um menino.

— Com qual idade eles aceitam que os meninos comecem a trabalhar na mina? Paolo Giordano tinha quinze anos quando começou. Há mais alguém da idade dele ou mais novo?

— Não sei, querida. Teremos que esperar o Frank descobrir.

— Molly, ela só tem quatorze anos. — Beth tinha dificuldades em não demonstrar seu lamento em sua voz.

— Verdade. Mas nós ainda não sabemos de nada. Talvez seja apenas uma paixonite infantil. Temos de deixar isso se desenrolar. Só que ela não andar­á por aí sozinha por muito tempo. Isso eu posso dizer com certeza. — Molly balançou a cabeça. — Graças ao bom Deus que eu posso contar com Frank nestes dias difíceis.

— Ele a ama, Molly.

— Ah, ele tem um coração muito terno para aquela garota. — O rosto de Molly desmoronou.

Beth colocou um braço em volta dos ombros de Molly, surpresa ao ver o rosto envelhecido mostrando tanta emoção. Ela estava certa do que sua querida amiga era incapaz de dizer: que o coração de Molly estava se partindo com o quanto ela também amava Marnie.

De volta aos seus aposentos e esticada no sofá durante a tarde preguiçosa, o coração de Beth estava conturbado demais para ela conseguir ler. Seus pensamentos voltavam continuamente para a querida Marnie, tentando imaginar o que aconteceria em seguida. Primeiro ela imaginou Frank em pé, nos degraus da varanda, encarando um mineiro mal-intencionado: um homem adulto, com barba áspera, cuspidando tabaco de mascar na grama. E depois, em vez disso, ela viu um menino coberto de pó de carvão, jovem demais para estar nas minas, declarando seu afeto por Marnie com a respiração chiada. Cada cena que ela imaginava só aumentava sua angústia.

Se ao menos eu pudesse argumentar com ela. Mas Beth se perguntava o que ela diria se estivesse no comando. *Acho que eu simplesmente a proibiria de ver o garoto novamente. Eu seria firme e insistiria para que ela focasse em seus estudos até que ela os completasse. Isso é o que minha mãe faria.* O último pensamento doeu um pouco. Beth sabia muito bem como era ser jovem e ter seus desejos juvenis desconsiderados e negados, mesmo com a melhor das intenções. *Que irônico que tudo que eu queria naquela época era dar aulas, mas minha mãe só queria que eu me casasse bem.* Agora a chance de Marnie de conseguir um diploma de professora pode estar em risco porque ela entregou seu coração para um homem. Mas, mesmo assim, é diferente com a Marnie. *Ela é apenas uma criança e ainda não tem ideia do que quer. É que a ideia do amor soa tão tentadora, tão emocionante. Ela não tem como saber como é difícil ser uma esposa.*

Beth olhou em direção àquele velho fogão irritadiço. Em pouco tempo, ela seria a única responsável por manter os cômodos quentes dia e noite e por preparar refeições para seu novo marido. Ela não estava certa de que estaria à altura desses desafios. Mas Jarrick nunca ganharia dinheiro suficiente para pagar uma ajudante doméstica.

Depois, ela se perguntou se esse luxo seria de fato viável se Jarrick trabalhasse para seu pai. *Isso não importa.* Beth balançou a cabeça com firmeza. *Eu preferiria debater-me para colocar uma refeição em nossa mesa todos os dias aqui no oeste do que vê-lo sair todas as manhãs para um trabalho em um escritório em Toronto. Ele vai odiar isso. Pai celestial, se ao menos o Senhor pudesse arranjar alguma forma de nos manter aqui.* A oração pareceu egoísta, mas ela continuou: — *E por favor, por favor, proteja Marnie de se prender a uma cozinha, e a uma lavanderia, e à limpeza e... bem, o Senhor sabe todas as coisas que ela enfrentaria, e enquanto ela ainda é tão jovem.*



Na segunda-feira, Molly apareceu na porta da sala de aula de Beth assim que todos os alunos tinham ido embora. Beth fechou a porta atrás dela, e elas não perderam tempo.

Molly manteve sua voz baixa ao dizer:

— Ele é mesmo um mineiro. Frank conversou com Lloyd Edwards, o tio dele.

— Oh não, Frank não mencionou nada sobre Marnie ao tio, sobre os dois...?

— Claro que não. Foi apenas amigável.

Beth expirou com alívio.

— Eles o chamam de Harry, ele tem vinte e um anos. — Molly prosseguiu depressa: — Ele é um bom menino. Veio para cá quando o tio dele lhe ofereceu moradia e comida. A família dele é pobre, e ele manda a maior parte do dinheiro dele para eles. O Sr. Edwards disse que ele é sério e inteligente e era o melhor de sua turma do oitavo ano antes de começar a trabalhar ao invés de estudar.

— Ele tem vinte e um anos?

— Sim, mas não perca o quadro geral.

Beth desmoronou em uma cadeira e Molly sentou-se em outra do outro lado do corredor.

— Frank diz que conheceu o menino hoje também. Convidou-o para jantar em casa em breve. E pela expressão no rosto de Harry, parece que ele ficou grato pela oportunidade. Então há algo entre eles.

— Ele tem vinte e um anos — disse Beth novamente. — Ele não é um garoto.

— Bem, mas ele também não é exatamente um homem, querida.

— Molly, ele é *sete anos mais velho* que Marnie! Sete, isso é metade da vida dela. Ela é jovem demais... — Mas Beth não conseguiu continuar.

Uma expressão sombria passou pelo rosto de Molly.

— Eu tinha dezesseis anos quando me casei com Bertram, e ele tinha vinte.

— Mas... mas as coisas eram diferentes.

— Diferentes como? Ainda nos apaixonamos da mesma maneira, ao que me parece.

Beth sentiu a frustração crescendo, mas empenhou-se para se manter calma e racional. *O que devo dizer e como posso dizê-lo de uma forma que ajude Molly a entender?*

Mas foi Molly quem quebrou o silêncio:

— Eu vejo naquela garota mais a oferecer a um casamento do que eu tinha na época. Marnie passou por muita coisa e foi forçada a amadurecer rapidamente, Beth. A mãe dela morreu quando ela era apenas uma criança pequena, e eu sei que ela carregava um fardo pesado muito antes de estar pronta. Ela sabe cozinhar quase tudo que eu sei, sabe tudo sobre cuidar de uma casa, sobre cuidar dos outros. Ela é muito madura para a sua idade. Uma jovem mulher realmente capaz. É...

— Exatamente! — Beth interrompeu, não conseguindo se conter por mais tempo. — Ela é capaz, e eu... eu tinha sonhos... sonhos tão grandes para ela. Ela daria uma professora excelente, Molly. Ela tem tantas das qualidades ideais. Desejo muito mais para ela do que só cuidar de uma casa, trabalhando o dia todo em uma cozinha...

Vendo a expressão de Molly, as palavras de Beth cessaram abruptamente e ela sentiu seu rosto ficando vermelho de vergonha. *Não era bem isso que eu queria dizer. Ou era?* A confusão embaralhou seus pensamentos. *Como eu pude dizer uma coisa dessas e ainda por cima para Molly? Isso sem dizer que eu mesma estou ansiosa para me casar. Como posso explicar que parecem coisas diferentes?* Durante um longo e tenso momento, houve silêncio.

Molly tirou um lenço da manga e o passou em sua testa. Beth ouviu-a suspirar. Quando a mulher levantou o rosto novamente, Beth pensou ter visto lágrimas brilhando nos cantos de seus olhos cansados. Para a surpresa de Beth, Molly estendeu a mão e pegou a dela.

E não havia censura em sua voz quando Molly falou suavemente:

— Sei que você também a ama e sei que quer que ela tenha o melhor que a vida pode oferecer. Mas... mas você já parou para pensar

que para Marnie esse outro caminho talvez seja *o sonho dela*? Ela quer um lar, Beth. Ter sua própria casa. Há tempo demais ela não tem isso. Apenas uma casa cheia de pensionistas, homens que ela não conhece. Já nem tem mais seu próprio quarto. Ela quer amor, não coisas. E Marnie tem todos os dons de uma dona de casa, uma boa esposa. Acho que quando essa hora chegar, ela estará mais do que pronta. E ela fará um bom trabalho. Ela é muito hábil, aquela minha garota. Por isso, tenho de confiar nela. Preciso confiar que seu Pai celestial cuidará dela.

Beth secou sua própria lágrima e acenou com a cabeça.

— Você está certa, Molly. Eu... eu sei disso. Acho que estava imaginando uma vida para ela que eu não tinha o direito de planejar. Eu... eu vi uma maravilhosa professora em potencial, uma... — Ela contorceu as mãos, suspirou e tentou novamente colocar seus pensamentos em palavras: — Marnie se dá tão bem com as crianças. Ela tem um dom tão grande e é tão paciente, organizada e meticulosa. É só que... — Beth balbuciou até parar. Ela tocou na renda na manga, perguntando-se o que dizer para compensar suas palavras descuidadas. Outro pedido de desculpas era a única opção.

— Molly, foi presunçoso e egoísta da minha parte pressupor isso. Eu não tinha o direito. E minhas palavras não transmitiram o respeito que tenho por você, pelo papel que você desempenhou em tantas vidas, por todas as maneiras como você dá tanto de si mesma todos os dias. Eu sinto muito, Molly. — Beth baixou a cabeça e mordeu o lábio para evitar que ele tremesse.

Um leve aperto em sua mão fez com que ela levantasse o olhar. Molly estava sorrindo.

— Eu sei como você se sente, querida. E você deve saber que não estou dizendo que vamos deixá-los se precipitar. Neste momento, ambos parecem ter interesse. Sou esperta o suficiente para ver o brilho nos olhos dela. Mas ninguém falou que eles vão se casar logo. Vamos simplesmente confiá-los ao Senhor e deixar que Ele decida se isso vai acontecer e quando. Vamos conversar com ela, eu e Frank. Tenho fé de que Marnie vai ouvir, desde que estejamos falando a verdade em amor, não forçando nossa própria vontade nela.

Beth conseguiu dar um sorriso fraco enquanto apertava a mão de Molly de volta.

— É claro — ela respondeu. — É claro. E, Molly, eu também tenho fé nela.

De volta em sua casa, Beth tirou um livro da prateleira, mas ela sabia que seria impossível se concentrar na leitura. Pensamentos sobre Marnie passavam por sua mente.

Pai — ela orou, — eu não consigo evitar. Não posso deixar de acreditar que, se ela apenas terminasse a escola, isso abriria tantas portas

para ela. Mas tenho certeza de que Molly tem razão e que não podemos forçá-la, que temos de permitir que ela estabeleça seu próprio rumo e escute Sua voz em seu coração.

Um pensamento desconcertante incomodou Beth e, finalmente, ela se perguntou: — *Sou assim tão parecida com a minha mãe? Será que eu realmente importaria minha vontade a outra pessoa, apesar de saber que ela quer outra coisa?* Beth deixou o livro cair de suas mãos e as cruzou. *Ó Senhor, por favor, perdoe-me por acreditar que eu sei o que é o melhor. Quero que seja feita a Tua vontade na vida de Marnie, não a minha. Mas, Deus, por favor, dê a todos nós sabedoria para guiá-la nessas decisões importantes. E feche nossas bocas se tivermos algo a acrescentar além do que o Senhor quer que digamos. Amém.*

Capítulo 13

A neve caía no sábado em que aconteceria a assembleia de cidadãos, era uma manhã perfeita de fim de novembro, sem nem sequer um sopro de vento. Flocos grandes e fofos enchiam o ar, pairando em uma queda lenta e de tirar o fôlego. Enquanto Beth ia para o prédio da escola, ela viu as crianças chamando umas às outras com entusiasmo, fazendo anjos de neve e abrindo bem a boca para pegar os flocos enormes com suas línguas.

Beth fez uma pausa para observar por um momento, encantando-se com a alegria delas em saudar a neve. *Este é exatamente o motivo para esta assembleia: as crianças. A escola é para elas e a cidade será delas em breve. Oh, Pai, por favor, ajude-me a fazer tudo que eu puder por elas e ajude-me a honrá-lo com cada palavra e ação.*

Ela entrou no prédio e bateu os pés para tirar a neve de suas botas e então colocou seus pés nos sapatos secos que trouxera consigo. Já havia uma pequena multidão reunida na sala de aula de Robert, muitos deles em pé. Beth andou entre as pessoas, falando com várias mães antes de sentar-se perto da frente. *Há mais pessoas aqui do que eu esperava* — pensou ela, satisfeita ao olhar ao seu redor.

Toby Coulter, sentado na mesa de Robert, lideraria a reunião. Logo, o assobio agudo, feito através dos dedos dele, encerrou as conversas.

— Acomodem-se — disse Toby, com um ar encabulado. — Vamos tentar fazer isso. Eu nunca liderei uma assembleia de cidadãos antes, mas somos todos amigos, e vai dar tudo certo. Henry Gowan aqui será nosso secretário e escreverá a ata para que tenhamos um registro do que for dito, tudo bem oficializado.

Uma voz grave gritou:

— O professor é quem deveria fazer isso. Todo mundo sabe que o velho Gowan não sabe soletrar. — A afirmação foi seguida de risadas.

— Tudo bem, tudo bem. Não estamos de brincadeiras hoje, Fred. Guarde os seus comentários para si mesmo.

Beth corou, feliz por não ter sido convidada a transcrever a ata da reunião. Então ela viu Robert levantar-se no lado oposto da sala e

acenar com a cabeça em reconhecimento à palavra *professor*.

— Fico feliz em ajudar em qualquer função, senhores.

— Muito obrigado, Sr. Harris Hughes. Estamos felizes por você estar aqui. Talvez voltemos a falar com você se tivermos uma pergunta sobre uma questão de ordem.

Robert acenou novamente, seu casaco de tweed e seu cabelo esculpido parecendo incongruentes no meio dos macacões jeans e barbas ásperas. No entanto, ele parecia estar pelo menos familiarizado com estes homens. Beth apertou as mãos no colo. *Foi Robert que eles reconheceram como professor, não eu.* Foi uma percepção que trouxe humildade, principalmente porque ela tinha chegado um ano antes dele.

— Primeiro, é melhor resumirmos o que tem acontecido até agora. O prefeito anterior deixou os registros com Bill Shaw, e ele os trouxe para que pudéssemos examinar algumas coisas. Bill, você quer vir à frente e ler o que você tiver de registro?

— Não vai demorar muito! Não temos muita coisa. — Mais gargalhadas.

— Fred, estou avisando que já chega.

O pai de Sadie Shaw andou desengonçado para a frente da sala. O que se seguiu foi uma longa leitura sobre limites e alívios, impostos e anexações, departamentos e comitês. *Uma quantidade exorbitante de burocracia para uma cidade tão pequena* — pensou Beth.

Ela logo notou que os mesmos nomes apareciam com frequência nos relatórios: Silas Ramsey, Stanley Murphy, Bill Shaw, e Noah Stanton. Esses homens haviam formado a câmara municipal e haviam estado profundamente envolvidos em todas as empreitadas anteriores de Coal Valley. Mas o prefeito Ramsey havia se mudado, e Stanley Murphy e o marido de Abigail, Noah, estavam entre os mortos no colapso da mina. Até o pobre Bill havia perdido um filho adulto naquele dia terrível. Beth estremeceu ao pensar que um pai enlutado era tudo que restava da câmara municipal.

— Agora, pessoal — continuou Toby Coulter, — vamos começar as indicações para a câmara e depois disso vamos deixar que pensem sobre o assunto antes de realizarmos uma eleição para prefeito. O prefeito não precisa ser um dos homens que elegermos hoje, mas parece-me que se tem um homem disposto a servir, é melhor falar agora. Não faz sentido guardar bons candidatos. Ah, e todos estamos de acordo que vamos realizar a eleição depois do Natal, provavelmente em meados de janeiro. Então começaremos a receber indicações para prefeito a qualquer hora depois desta noite. — Ele fez uma pausa. — Muito bem então, não me parece que haja motivo para falar mais sobre isso. Vamos ao que interessa. Quem vocês querem na câmara?

— Que tal você? — uma voz na parte de trás da sala gritou.

Toby balançou a cabeça com firmeza.

— Não tenho tempo para isso. Todos vocês sabem que é por isso que não deixei meu nome disponível. Quem mais?

O longo silêncio foi entrecortado apenas pelo barulho ocasional de sapatos. Finalmente alguém disse:

— Howard McDermott.

— Você está disposto, Howard?

Uma resposta inaudível.

— O que você falou?

— Ele falou que não — disse uma voz forte ao lado de Howard.

Vários homens riram alto.

— Anote isso — Toby instruiu o secretário deles. Ele examinou a multidão. — Quem mais?

Outra pausa prolongada.

— Eu indico Lloyd Edwards. — O som de sapatos remexendo-se aumentou.

— Sim ou não, Lloyd?

Um confiante "sim, claro" atravessou a sala.

— Bom. Temos um, então. Todos já conhecem o Lloyd? Dê um passo à frente, sim?

Beth se virou para ver um homem alto com cabelos cor de palha e a barba cheia levantar uma mão em saudação de seu lugar inclinando-se contra a parede de trás. Ele parecia ser simpático, fazendo contato visual com as pessoas ao redor da sala. *Então esse é o tio de Harry e pai de quatro das crianças novas em nossa escola.*

Beth procurou nas proximidades de Lloyd por um jovem que poderia ser o namorado de Marnie, mas ela não conseguia ver ninguém que fosse jovem o suficiente.

— Quem mais? — Toby incentivou. Os rostos começaram a fitar uns aos outros, refletindo a mesma pergunta.

Por fim Lloyd Edwards deu um passo à frente novamente e disse:

— Parece-me que o professor deveria estar em nosso quadro.

Beth congelou. Desta vez ela estava imediatamente ciente de que não era a professora em questão. A percepção de que Robert poderia ser eleito foi revelada lenta e dolorosamente. Ela não havia nem pensado nele para isso, assumindo que ele não seria elegível. Beth havia negligenciado completamente o risco.

— O que você diz, Sr. Harris Hughes? — perguntou Toby, um sorriso esperançoso em seu rosto.

— Eu ficaria honrado.

Não! Beth fechou os olhos em choque e prendeu a respiração. *Isto não pode estar acontecendo!* Robert estar na câmara municipal

significaria que sua influência seria expandida, não limitada. Pelos acenos de cabeça e murmúrios, não havia dúvida de que ele era amplamente aceito pelos homens na sala.

— Ótimo. Agora são dois. Quem mais?

Beth não prestou atenção no resto dos procedimentos, processando desesperadamente o que havia acabado de acontecer. Em um único momento, tudo havia fugido ao seu controle. Ela percebeu rapidamente que sua falha em prever essa reviravolta significava que o conselho escolar que ela planejara propor nesta mesma reunião provavelmente estaria sob o comando de Robert e não o contrário. A descoberta a silenciou.

No final das contas, apenas dois outros nomes foram indicados: Bardo Mussante, que havia se casado recentemente com Esther Blane, e Vern Ruffinelli, cuja família também era nova na cidade. Os nomes foram aceitos unilateralmente, compondo uma câmara de cinco pessoas junto com Bill Shaw. Beth rapidamente caminhou até a porta, substituiu seus sapatos pelas botas e se retirou para casa, aturdida e derrotada.



— Srta. Thatcher — chamou a voz indesejada. — Será que posso conversar com você por um momento?

Durante todo o dia, Beth tinha temido a conversa que ela estava certa de que aconteceria. Ela havia suspeitado que Robert faria questão de procurá-la. Agora ele estava no vão da porta que ficava entre as salas de aula deles, com as mãos nos bolsos, parecendo bastante presunçoso.

Beth engoliu a seco para dar a si mesma tempo de repelir as respostas indelicadas.

— É claro. Por favor, entre e sente-se.

— Isto só vai levar um minuto. — Entrando na sala, aparentemente sem pressa para chegar ao ponto, ele permaneceu de pé e examinou a tarefa de soletração que Beth havia escrito no quadro-negro. Por um momento desesperado, o coração dela bateu mais rápido e ela torceu fervorosamente para que não houvesse erros nas palavras que ela havia escrito.

Ela podia ouvir o som tênue de moedas tilintando no bolso dele. *Ele está zombando de mim?* Ela se virou para encará-lo completamente. Seu sorriso, que parecia quase arrogante, não a ajudou a se sentir menos desconfortável. *Será que ele veio para se vangloriar? Para fazer eu me sentir ainda mais derrotada?*

Por fim, ele arriscou:

— Eu esperava levantar a bandeira branca, por assim dizer. Mas receio que ainda não a tenha decifrado, Srta. Thatcher. Não sei muito bem o que dizer.

Então, por que fazer questão de dizer alguma coisa? Ela pousou o giz e limpou as mãos.

— Se você veio para pedir outra reunião, temo que minha resposta não tenha mudado.

— Certamente você não quer dizer que nunca se encontrará comigo, para conversar sobre qualquer coisa?

— Não sobre filosofia de ensino. — Beth levantou uma pilha de livros de uma mesa da frente e se abaixou para colocá-los de volta no lugar na estante. — Há mais alguma coisa?

Ele hesitou.

— Acho que é uma pena, realmente. Quando se pensa nisso, é quase irônico. O mesmo pensamento progressista que você está rejeitando obstinadamente por causa de sua inclinação religiosa é o método exato que a levaria de um papel de mulher tradicional para um lugar onde você poderia aumentar sua eficácia. Você poderia ter conseguido um lugar na câmara municipal, onde você teria sido capaz de preservar seus ideais tradicionais e impedir o progresso. Você não acha que isso é um tanto paradoxal, Srta. Thatcher?

Então você sabe exatamente o que está acontecendo! Exatamente o que eu pretendia. Beth enrubesceu, envergonhada.

— Tenho certeza de que não sei do que você está me acusando. A voz dele ficou mais baixa:

— Srta. Thatcher, não sou seu inimigo. Não consigo entender como você começou a pensar em mim assim. E quero lhe assegurar que acredito que um servidor público deve prestar contas, acima de tudo, por ouvir cada voz de seu eleitorado e escutar principalmente as palavras daqueles com quem ele discorda.

Beth se aprumou, sentindo-se um pouco como uma criança pequena olhando para os pais e não apenas por causa da diferença de altura.

— Prestar contas a quem?

— Ora, aos cidadãos, é claro.

— Não, Sr. Harris Hughes. Todo servidor público deve prestar contas a Deus, em primeiro lugar e acima de tudo. Ele é a fonte de *todo* poder.

Robert balançou a cabeça.

— Sinto muito então, Srta. Thatcher. Talvez você realmente esteja certa. Nós simplesmente não temos nada a conversar. — Beth não tinha certeza se via condescendência ou pesar genuíno na expressão dele. — Tenha um bom dia, Srta. Thatcher.

— Bom dia.

Ele saiu com a mesma postura reflexiva com que havia entrado.

Capítulo 14

Na volta da escola para casa, Beth quase tropeçou em um pacote embrulhado, que era do tamanho e da forma de uma caixa de chapéu, no patamar do lado de fora de sua porta. Fazendo malabarismo com livros e sua bolsa, ela conseguiu passar o dedo mindinho pelo cordão ao redor do pacote e carregá-lo para dentro.

— O que é isto? — ela resmungou quando não encontrou nenhum bilhete. *Deve ser de Jarrick. Talvez ele o tenha enviado com o carro da empresa.*

Ela rapidamente desatou o cordão e abriu o papel. Levantando a tampa, ela encontrou um lindo chapéu clochê de feltro vermelho, com um laço de cetim da mesma cor, adornado por uma única pluma branca. Encantada, ela colocou o chapéu em forma de sino em sua cabeça, enfiando fios de cabelo desgarrados para dentro do chapéu enquanto caminhava até o espelho para olhar. Ela deu uma olhadela despretensiosa por baixo da aba baixa. *Mas eu nunca uso vermelho. Pergunto-me por que ele o escolheu para mim.*

Mesmo assim, depois de não ter nada novo por meses, ela ficou emocionada com a adorável surpresa. *Talvez Jarrick mencione isso em sua próxima carta* — ela pensou ao pôr o chapéu de volta na caixa.

Beth estava quase terminando de corrigir as lições quando ouviu os passos de Marnie na escada. Desde que descobrira sobre Harold Edwards, o prazer de Beth nos preparativos diários para a escola, que elas faziam juntas, havia desaparecido, principalmente agora que parecia que Marnie não seria professora.

A porta foi fechada delicadamente antes de Marnie virar-se para Beth.

— Tive medo de acordá-la — disse ela com um pequeno sorriso. — Quer que eu alimente Penelope ou você já fez isso?

— Já fiz — respondeu Beth, — um tempo atrás.

Marnie tirou o casaco de inverno e o pendurou em seu gancho. Parando para checar tanto a pia quanto o lixo, ela suspirou.

— Bem, acho que vou me recolher então.

— Estou feliz que você está em casa, querida — disse Beth. — Espero que você e Molly tenham feito algum progresso na colcha que

ela está ajudando você a fazer. — Sem esperar uma resposta, Beth lembrou-se: — Ah sim, Marnie, você gostaria de ver a surpresa que chegou hoje?

— Claro — disse Marnie. — O que é?

— Olhe naquela caixa na cadeira.

Marnie levantou a tampa lentamente.

— É um chapéu. — A voz dela soou estranhamente contida.

— É mesmo. Não havia bilhete na caixa, mas tenho certeza de que Jarrick deve tê-lo enviado. Quer experimentá-lo?

A garota hesitou, e Beth acenou vigorosamente com a cabeça. Por fim, Marnie concordou. Com muito cuidado, ela pegou o chapéu na caixa e o colocou sobre sua cabeça, puxando-o para baixo e indo em direção ao espelho.

Beth levantou-se de seu assento para poder olhar a imagem refletida também.

— Ele fica lindo em você. Combina com seu rosto e com a bela cor de seu cabelo. — Beth teve uma inspiração repentina. — Quer usá-lo no domingo?

Marnie arfou.

— Eu... mas você... é que, Srta. Thatcher, eu...

— Eu não me importo, de verdade — Beth garantiu-lhe rapidamente. — Eu gostaria mais de vê-lo em você do que de usá-lo eu mesma. E Jarrick concordaria. Eu sei que ele concordaria.

A confusão turvou o rosto de Marnie, e ela virou as costas para o espelho.

— Eu não sei, Srta. Thatcher. Eu vou... vou ter de pensar sobre isso.

— É uma coisa pequena, Marnie. — Beth repousou uma mão no ombro da garota. — Você é quem tem a verdadeira beleza, Marnie, não o chapéu. Mas fica lindo em você da mesma forma.

Marnie conseguiu dar um meio sorriso e tirou-o da cabeça. Cautelosamente devolvendo-o à caixa, ela foi para a cama sem falar mais nada.

Beth sentou-se para terminar de corrigir as lições, imaginando Marnie usando o chapéu deslumbrante no domingo de manhã.



— Harry Edwards irá à igreja hoje — informou Molly a Beth ao se encontrarem no portão da pensão. Frank, que estava alguns passos atrás, conseguiu se inclinar para o lado e piscar para Beth sobre o ombro de sua esposa.

Beth pegou as mãos de Molly e as apertou por um breve momento.

— Estou tão feliz em ouvir isso.

— Marnie disse que ele não tem trabalho hoje. Eles lhe deram o dia de folga, o tio dele vem pressionando-os. Então ele irá para a igreja. E depois ele também virá para o almoço.

— Oh, Molly, então todos nós poderemos conhecê-lo.

— Exatamente.

Os três subiram a rua nevada até a igreja, um atrás do outro, andando com cuidado pelo caminho feito pelos pneus dos caminhões. Os bons-dias deles para os vizinhos criavam pequenas nuvens no ar gelado da montanha.

Marnie já estava no saguão quando Beth entrou, o feltro vermelho era facilmente visto entre os chapéus das outras mulheres. Beth abriu caminho pelo saguão até chegar a ela. A garota estava encantadora, com suas bochechas ainda coradas pelo frio. Talvez, Beth supôs, tinha até o mais leve toque de batom vermelho.

— Você está linda, Marnie, querida. Simplesmente linda.

Sua testa se franziu enquanto ela saudava Beth.

— Obrigada.

— Ele já chegou?

— Não. Ainda não.

Beth começou a desabotoar seu casaco.

— Bem, nós vamos arranjar assentos. Você gostaria que guardássemos um lugar para vocês dois?

— Sim, senhora — sussurrou Marnie, ainda com um ar confuso.

Beth deslizou pelo banco ao lado de Molly e Frank até que eles se acomodaram com espaço de sobra no final. Eles trocaram olhares cúmplices, e Beth pegou o hinário. Rose Shaw, no pequeno órgão, já estava tocando os acordes de Maravilhosa Graça. Philip tomou seu lugar atrás do púlpito e fez sinal para que todos ficassem de pé. Marnie e Harold ainda não tinham aparecido. Beth levantou-se junto de todos à sua volta e então deu alguns passos em direção ao corredor para arriscar um olhar para o fundo da igreja.

Como Beth imaginava, Marnie e um jovem estavam de pé perto do aquecedor a lenha, sussurrando um para o outro. Beth voltou para seu lugar e acenou com a cabeça para Molly. Durante o segundo verso, Marnie entrou na fileira ao lado deles, seguida por um jovem magro de cabelos loiros curtos e orelhas bastante salientes. Beth forçou-se a olhar de volta para o hinário, tentando não pensar sobre o casal ao seu lado para que pudesse se concentrar no culto, embora ela tenha achado isso bastante difícil.

— Harry, você pode se sentar nesse lugar ali, bem ao lado de Frank. Vamos todos caber de alguma forma. Vá para a frente, Teddy Boy. Ele precisa passar atrás de você.

Suas cadeiras arranharam o piso de madeira e a mesa foi empurrada repetidamente, mas todos conseguiram chegar aos seus lugares.

Marnie entrou apressada da sala de jantar onde ela estava servindo os hóspedes, seu rosto brilhou ao encontrar o olhar de seu convidado mais uma vez.

— Eles ainda precisam de cenouras, Srta. Molly. Eu vou pegá-las. — Ela as amontoou em uma tigela e cobriu-as com manteiga antes de correr de volta para o outro cômodo. Beth observou discretamente enquanto o jovem prestava atenção em tudo que Marnie fazia.

Molly estava explicando:

— Hoje tem muito presunto, então comam bastante. E tem uma torta de pêssago para a sobremesa. Frank, arrume esse cesto de pães para que não caia, pode ser? Obrigada, querido.

Molly foi a última a se sentar. As conversas cessaram imediatamente para que Frank pudesse orar pela comida. Quando ele terminou, todos voltaram a conversar instantaneamente, servindo-se e passando comida ao redor da mesa cheia. O jovem sentado de frente para Molly assistia de olhos arregalados.

— Estamos tão felizes por você ter vindo hoje, Harry. Para a igreja e também para partilhar de nossa refeição.

Marnie se mexeu, incomodada, e sussurrou com o canto da boca:

— Eu lhe disse, Srta. Molly, que ele gosta de ser chamado de Harold.

— Ah, desculpe-me. Harold, então, estamos felizes com sua presença.

Frank ofereceu a tigela de batatas gratinadas ao convidado deles.

— Você deve saber como é uma família grande, não é?

Harold acenou devagar com a cabeça, as mãos grandes segurando a tigela de batatas.

— Não sei se já vi tanta comida no mesmo lugar antes. — Ele se recompôs rapidamente. — Está com um cheiro delicioso, senhora. Obrigado pelo convite.

— Bem, é bastante trabalho cozinhar para tantas pessoas, mas não estamos reclamando de jeito nenhum. Sabemos que somos muito abençoados.

— Onde a sua família mora, Harold? — perguntou Frank.

— Meu pai trabalha numa fazenda de gado na pradaria, mas a fazenda não é dele. O dono mora em algum lugar no leste. Quando nos mudamos para lá, eu tinha apenas quinze anos. Tudo o que tínhamos era um velho celeiro vazio onde morar, todos nós, os sete. Mas agora temos uma pequena casa que alugamos. — Ele riu, parecendo relaxar um pouco mais. — Lembro-me que, antes disso, mamãe costumava dizer que já seria melhor do que o celeiro acampar em uma tenda novamente! Mas o papai sempre lhe respondia a mesma coisa: “Melhor é ter pouco com o temor do Senhor do que ter muitas riquezas e os problemas que elas trazem”. Ele ainda fala isso sempre.

Harold olhou ao redor da mesa e pareceu receber incentivo suficiente para continuar:

— De qualquer modo, o tio Lloyd também trabalhava na fazenda até que eles tiveram de começar a despedir homens. Até então, eu pensava em seguir os passos do meu pai e ser um vaqueiro. Não demorou muito para eu perceber que precisaria encontrar trabalho em outro lugar, e agora tenho idade suficiente para viver por conta própria. — Seus olhos se desviaram em direção à Marnie, mas ele rapidamente baixou o olhar. Beth sabia que Harold não tinha pretendido revelar tanto com o olhar impulsivo.

Ele colocou algumas fatias de presunto em seu prato.

— Não tenho experiência em mineração — ele falou, — mas meu tio diz que estou aprendendo rápido. Estou realmente me esforçando muito. É tão bom ter um domingo de folga para variar e ir a um culto. Sinto como se estivesse em casa de novo. — Ele sorriu. — Ter um belo jantar de domingo como este também me transporta de volta para lá.

Beth ficou cada vez mais contente ao ouvir Harold falar tão livremente, respondendo perguntas e fazendo suas próprias perguntas também. Ele não era como ela o havia imaginado em nenhum de seus cenários inventados, e Beth se viu naturalmente gostando dele. Ele era educado e articulado, cordial e transparente. Ela determinou: — *Eu acho que Marnie escolheu bem, mesmo que ele tenha sete anos a mais.* Beth olhou para o prato dela com um pequeno suspiro. *E definitivamente vale a pena esperar alguns anos para ter aquela garota como esposa. Acho que ele é esperto o suficiente para saber disso e para reivindicá-la como sua antes que qualquer outro rapaz tenha uma chance... Espero apenas que os dois estejam dispostos a ser pacientes.* Ela suspirou de novo.

Após o jantar, Harold sugeriu uma caminhada e Marnie foi rápida em aceitar, apanhando seu casaco. Frank e Molly trocaram um olhar significativo, e Beth apresentou-se depressa.

— Posso ir junto? Eu adoraria dar uma olhada na paisagem

agora que o inverno realmente chegou.

Harold acenou com a cabeça, concordando.

— Será um prazer tê-la conosco, Srta. Thatcher. Sr. e Sra. Russo, vocês também gostariam de vir? — Ele pegou o casaco de Marnie e o segurou para que ela pudesse deslizar os braços para dentro das mangas. — O gelo ainda não está completamente congelado no rio, e eu encontrei algumas pegadas de castor lá. Ele deve ter feito seu dique perto da curva onde a água ainda está livre.

— Podem ir em frente — respondeu Molly por ambos. — Provavelmente nos sentaremos por um tempo.

Harold parou e olhou em volta.

— Onde está seu chapéu, Marnie? — Ela deu uma resposta incoerente, mas Harold tirou o chapéu vermelho de um gancho junto à porta. — Aqui está.

Marnie desviou o olhar e colocou-o sobre seu cabelo escuro.

O sol, refletido na neve intacta, já havia aquecido o ar. Eles ficaram de pé na varanda por um momento.

— O inverno sempre me faz desejar saber pintar — disse Beth pensativamente.

Marnie explicou:

— A irmã dela pinta quadros, Harold. Ela pintou muitos para a sala de aula na escola. Eu posso mostrar para você um dia desses. Eles são do oceano e de navios e coisas assim.

Ele deu um passo ao lado para que Marnie e Beth pudessem precedê-lo na escada.

— Eu gostaria disso — disse ele. — E eu gostaria de ver sua escola, Marnie.

Beth já estava se sentindo como uma vela. Contudo, ela sabia que Frank e Molly esperavam que ela fizesse companhia ao jovem casal.

— Aonde iremos, Harold? Vou apenas seguir vocês dois.

— Claro, acho que sou eu quem conhece o caminho.

Beth achou difícil encontrar um equilíbrio. Ela queria interagir, mas sem monopolizar a conversa. Marnie havia ficado quieta, quase reticente. Beth torcia para que a garota não estivesse se sentindo ressentida por Beth estar se intrometendo.

— Esta é uma cidadezinha ótima — Harold falou por cima do ombro enquanto as conduzia em direção ao rio. — E passa a sensação de ser tão limpa e nova. Puxa vida, a madeira dos prédios ainda tem cheiro de recém-serrada. Talvez o cheiro venha mais da serraria, mas mesmo assim, a cidade inteira parece... nova e recém-nascida.

Beth notou que esse jovem era um pouco poeta.

— Você gosta de ler, Harold?

— Com certeza. Não tenho mais muitas chances, mas eu

costumava ler bastante, especialmente tarde da noite. Hoje em dia eu acabo adormecendo quando tento.

— Que bom. — Beth levantou o colarinho grande de seu casaco para cobrir suas orelhas. — Marnie já pegou emprestada toda a minha série de livros sobre a terra de Oz. Harold, você trouxe algum livro com você? O que você gosta de ler?

O jovem voltou sua atenção para Marnie.

— Você também gosta daquela história? Minha mãe costumava ler para nós todas as noites, e *O Mágico de Oz* era um de nossos favoritos. Eu nem sabia que tinha mais do que um livro, Marnie.

A resposta dela veio suavemente:

— *A Menina de Retalhos de Oz* era o meu favorito.

— Talvez isso explique sua gramática e dicção, Harold — comentou Beth, andando do outro lado dele enquanto o caminho pelas árvores se alargava. — Você é bastante articulado.

Ele deu um sorriso maroto e olhou para ela de canto de olho.

— Você quer dizer que eu falo demais? Já me falaram isso muitas vezes.

— Ora, não, Harold. Significa que você fala bem e é expressivo. Ele riu.

— Sim, eu sei. Só estou brincando. Mas agora você soa *mesmo* como uma professora. — Ele sorriu para Beth e então estendeu a mão para pegar a de Marnie enquanto eles atravessavam um pedaço de neve mais profunda, soltando-a com relutância depois. — Na verdade, eu tinha um professor muito bom, o Sr. Flemming. Todos nós gostávamos dele, até mesmo as crianças que estavam tendo dificuldades com seus estudos. — Beth estava prestes a responder e falar sobre o valor de um bom professor quando Harold acrescentou: — O Sr. Harris Hughes me lembra muito dele.

Beth virou-se de costas, fingindo que estava amarrando o lenço novamente.

— Eu sei, Marnie, que você não gosta da postura dele, mas você está aprendendo — ele disse a Marnie. — E esse é o motivo para se ir à escola. — Sua atenção voltou para Beth. — Eu fico dizendo para ela, Srta. Thatcher, que ela tem de se formar na escola. Não são mais tantos anos assim, não se comparado com o resto da vida dela.

De alguma forma, Beth conseguiu não atirar seus braços em torno do namorado de Marnie. Se Harold Edwards não tivesse dito mais nada durante a tarde toda, só essa afirmação já teria conquistado Beth. Ela só conseguiu dar um largo sorriso, não confiando muito em sua voz.

Juntos, eles encontraram pegadas recentes de castor, mas não conseguiram ver as criaturas que as tinham feito. Marnie prestou muita atenção enquanto Harold apresentou uma grande quantidade de

fatos interessantes, explicando que os castores vivem em pequenas colônias e como armazenam comida suficiente para o inverno. Beth seguiu-os, permanecendo quieta enquanto o casal explorava juntos.

Eles voltaram quando o sol começou a se pôr. Beth foi à frente desta vez, dando a Harold e Marnie a chance de se sentirem quase sozinhos, com o ritmo deles diminuindo e eles ficando mais para trás. Quando Beth chegou ao portão, ela gritou para eles:

— Eu vou entrar. Vocês podem se despedir na varanda se quiserem.

Harold se adiantou depressa, com Marnie logo atrás.

— Não, nós vamos entrar com você.

Molly estava costurando na sala de estar, e Frank estava cochilando e roncando alto em uma poltrona ao lado dela. Beth e Marnie tiraram suas roupas de neve em silêncio e as penduraram em ganchos.

Harold, ainda com seu casaco de inverno, chamou Beth baixinho, com um olhar para Frank dormindo atrás, na sala de estar.

— Srta. Thatcher? — Beth, que estava colocando suas botas de lado, olhou para cima e viu que ele estava segurando o chapéu vermelho. Marnie ficou parada atrás dele, enrolando apreensivamente uma mecha do cabelo. — Acho que lhe devo um pedido de desculpas. Fiz uma bobagem e temo que isso tenha causado alguns problemas, um mal-entendido que eu nunca tive a intenção de causar.

— O que foi, Harold? — Beth sussurrou de volta. Ela se perguntou se o chapéu novo havia sido danificado de alguma forma.

Ele baixou o olhar para as mãos e então voltou-o para Beth.

— Tenho vergonha de dizer, mas acho, na verdade tenho certeza, que você preferiria saber a verdade em vez de descobrir depois de alguma outra maneira. Eu nunca quis colocá-la nessa posição. — Ele fez uma careta, uma sobrelanceira levantada de uma forma bastante adorável. — Esta semana, eu deixei uma caixa na porta do lugar onde Marnie mora, mas não escrevi seu nome nela... e nem o meu. E então eu causei...

Beth arfou e isso interrompeu a explicação de Harold. Ela rapidamente levou uma mão à boca.

— Oh, Harold! — Ela se moveu para olhar para Marnie, mas a garota ainda estava encarando o chão. — Sinto muito, Marnie! Eu simplesmente presumi. Presumi muito precipitadamente que... oh, Marnie, sinto muito — repetiu ela.

Só então a menina olhou timidamente para cima.

— Está tudo bem. Não aconteceu nada.

Beth riu, depois gemeu, depois riu de novo, e os outros dois riram junto.

— E se eu tivesse... — ela hesitou, sem saber como falar, — eu

poderia ter... oh, estou tão envergonhada que nem consigo... Marnie, você sabia que era seu?

Harold sorriu, e Marnie começou a rir.

— Bem, sim. Harold me disse que faria uma surpresa. Ele disse que era algo para manter a neve longe. Mas então eu não sabia o que dizer quando você me mostrou. Eu tentei, mas não consegui dizer nada sem parecer... — A mudança de expressões no rosto de Marnie era estranhamente cômica, oscilando entre lamentável e entretida.

Beth riu ainda mais, enxugando uma lágrima do canto do olho.

— Você deve ter ficado fora de si.

Marnie deu um pequeno passo para mais perto de Harold.

— Não conseguimos pensar em uma boa maneira de contar para você.

— Ah, querida, e eu não parava de falar como ele ficava lindo em você, o seu próprio chapéu! — A gargalhada fazia os ombros de Beth tremerem. — Você deve ter pensado que eu estava louca.

— Não, senhora, só muito gentil por me deixar usá-lo primeiro.

Harold deu um toque no ombro de Marnie, cumprimentou Beth com seu chapéu e foi embora, fechando a porta silenciosamente atrás de si.

Marnie e Beth caminharam pelo corredor curto até a cozinha para abafar suas risadas, as duas explodindo em gargalhadas espontaneamente sempre que uma olhava para a outra, o que provocava ainda mais risadas mesmo depois de pensarem que tinham parado.

Capítulo 15

— Srta. Thatcher, nós tivemos uma ideia. — Três meninas adolescentes estavam enfileiradas em frente à mesa de Beth, suas expressões sérias. Era o intervalo do almoço, e Beth estava apenas colocando em dia algumas correções enquanto comia seu sanduíche. Alguns dos alunos de Robert haviam começado a trazer seus almoços para que pudessem comer juntos na sala de aula, mas todos os alunos mais novos de Beth simplesmente caminhavam a curta distância até suas casas e suas mães.

Beth olhou para cada rosto, de Bonnie Murphy a Marnie e depois Luela Coolidge.

— O que vocês têm em mente, meninas?

— Queremos escrever a peça de Natal deste ano — anunciou Luela.

Beth rapidamente impediu que sua testa se franzisse. As coisas estavam muito mais complicadas este ano, com dois professores, principalmente porque ela estava evitando reuniões com Robert. Ela havia pensado em fazer uma noite discreta de recitações para a turma dela, convidando suas famílias. Beth esforçou-se para encontrar uma resposta adequada.

— Isso parece uma ideia maravilhosa. Mas por que vocês estão me pedindo? Vocês já falaram com o Sr. Harris Hughes sobre isso?

Elas confirmaram solenemente, e Bonnie fez uma pequena careta.

— Ele nos disse apenas para falarmos com você. Disse que era o seu setor.

— Por que o meu? — Beth perguntou.

— Ele disse que se limitaria a nos ensinar ciência, matemática, fatos e coisas assim.

— Ele nem sequer vai à igreja, Srta. Thatcher!

— E ele não ora antes da aula.

Beth suspirou.

— Tudo bem, então. Se é isso que ele quer, então é claro que vamos planejar uma celebração natalina. Se o Sr. Harris Hughes não tem interesse em coisas espirituais, nós não deixaremos que isso nos impeça — disse ela enquanto colocava sua caneta em seu suporte. —

O que vocês têm em mente?

Todas falaram ao mesmo tempo:

— Queremos que todas as crianças participem da peça, como no ano passado...

— Podemos apresentar na igreja...

— Vamos dizer a Bertie Benedict para perguntar à sua mãe se podemos usar seu irmãozinho como Jesus. Porque Charlie, nós o usamos no ano passado, já tem um ano e não fica quieto mais.

— Essas são ideias maravilhosas. Vou falar com o pastor Davidson sobre apresentar a peça na igreja. Por que não nos reunimos depois da escola hoje à noite, se vocês tiverem tempo depois de fazer o dever de casa e suas tarefas domésticas, e começamos a decidir os detalhes. Vamos começar com o roteiro?

Sua sugestão foi recebida com silêncio. Marnie, a mais nova das três, respirou fundo.

— Gostaríamos de escrevê-lo nós mesmas, por favor, Srta. Thatcher. E fazer todo o trabalho também. Podemos reunir as crianças no sábado e dar-lhes seus papéis para que eles pratiquem e tal.

— Vocês querem cuidar de tudo?

— Sim, senhora. — Luela assumiu o comando novamente. — Teddy Boy e Addie disseram que ajudariam a construir um cenário, e Sadie vai pedir que sua mãe toque o órgão para as canções. Esperávamos que você e o vovô Frank pudessem fazer um dueto com seus violinos novamente, como no ano passado. Talvez até a mesma música.

Beth pensou em seu violino abandonado. Ela precisaria praticar para estar pronta para um evento público. Frank manteve a prática muito melhor do que ela, mesmo com o mecanismo que ele tinha armado para manter o arco amarrado ao pulso depois de perder sua mão direita. Ela se reclinou em sua cadeira e contemplou as meninas.

— Parece que já planejaram e pensaram muito sobre isso. Estou orgulhosa de todas vocês. E é maravilhoso ver vocês tomando a iniciativa. Posso fazer apenas um pedido?

— Claro!

— Vocês podem me mostrar suas ideias enquanto as desenvolvem? Penso que seria bom ter um adulto envolvido e ao menos informado de tudo que vai acontecer. Afinal de contas, este será um evento escolar.

— Sim, senhora! — Elas correram da sala para se juntar aos outros conspiradores que estavam almoçando na sala ao lado.

Beth livrou-se da pequena pontada de decepção que sentiu, sorriu e orou rapidamente para que a noite fosse do jeito que as meninas imaginavam e para que Robert não colocasse nenhum obstáculo no caminho delas.

— Está sabendo da notícia, Beth? — Molly perguntou enquanto trabalhava em um dos retalhos da colcha que ela e Marnie estavam costurando no sofá. Metade da parte superior já estava costurada, um complexo desenho de Pata de Urso em uma sarja verde-clara. Elas haviam se reunido na sala de estar, cada uma em seu lugar favorito.

Beth, em uma poltrona, tirou os olhos de seu livro.

— Que notícia? Acho que não estou.

— Os apartamentos no antigo prédio da empresa ficaram prontos. Então alguns dos homens estão se mudando para lá neste fim de semana, e Marnie pode ter o quarto dela de volta. Frank e Teddy Boy podem ir buscar todas as coisas dela no sábado. Se estiver tudo bem por você.

— Eles terminaram *neste* clima?

— Só faltavam os quartos do lado de dentro. A parte de fora, eles acabaram antes da neve.

— Ah, isso é bom. Tenho certeza de que os homens vão gostar de poder ficar mais à vontade. Você também deve estar contente, Molly.

— Sim e não. O dinheiro tem sido muito bom. Talvez na primavera possamos retocar a pintura desta velha casa. Mas eu estou exausta de lavar tanta roupa a mais. A maioria deles ainda virá para jantar, o que ainda é uma boa renda. Significa que ficaremos bem.

— Bem, você merece um descanso ou pelo menos um pouco menos de trabalho. Estou tão feliz que tudo deu certo para vocês.

Beth notou que Marnie estava atenta à sua reação e, como ela aceitou tudo tranquilamente, a garota parecia aliviada.

— Srta. Thatcher, tem sido tão bom ficar com você. Mas eu acho que gostaria de ter meu próprio quarto de volta.

— Claro que você gostaria, querida. Quem poderia culpá-la? Mas, Marnie, você tem sido a melhor colega de quarto que eu poderia querer, e espero que você saiba o quanto sentirei sua falta. Você até me ensinou muitas coisas importantes, como manter aquele fogo bobo aceso.

As três riram, e Molly disse:

— A melhor parte é que, Marnie querida, da próxima vez que o Harry mandar um chapéu, eu é que poderei pegar para mim. Espero que desta vez seja um azul para combinar com meu novo vestido.

— Oh, Molly — Beth gemeu com um sorriso leve, balançando a cabeça em resposta aos olhos travessos e brilhantes da mulher.

Marnie murmurou silenciosamente:

— É Harold. — No entanto, ao levantar-se para sair, ela se

abaixou para beijar a cabeça de Molly e acrescentou: — Obrigada pela sua ajuda com a colcha.

Molly estava dobrando o projeto, tendo terminado de mexer nele por ora, e ajuntando os outros materiais para colocar de volta em seu kit de costura quando Frank voltou do demorado trabalho de carregar baldes de água quente para encher a banheira e ocupou seu lugar na poltrona do canto.

Ele pareceu agradavelmente surpreso ao ver Beth na sala de estar.

— *Buona sera*, Srta. Beth. Pensei que você estaria ocupada em casa.

— Boa noite para você também, Frank. Eu terminei de corrigir as lições na escola hoje. Por isso, tive uma noite livre.

— Isso é muito bom.

Marnie havia quase chegado à porta quando se virou para Molly:

— Posso usar a mesa de jantar agora, para fazer dever de casa?

— Claro, querida. Só não deixe nada para trás quando tiver terminado.

Beth colocou seu livro de lado, tirou os pés de seus sapatos para aconchegá-los debaixo de si e se acomodou para uma longa e agradável visita. Ter Frank e Molly só para si era um prazer raro.

— Está tão tranquilo esta noite, e nunca é tranquilo aqui.

Molly colocou uma manta sobre seu colo.

— Há uma reunião da empresa no novo prédio. A cidade está cheia de mandachuvas, então eles querem que todos os funcionários se reúnam.

— Onde está o Teddy esta noite?

Molly se reclinou no sofá com um suspiro contente.

— Na escola.

— Na escola? Tão tarde? Para quê?

— O Sr. Harris Hughes os mandou trabalhar em algum projeto. Algo sobre eletricidade.

— Ah é? — Beth baixou o olhar para o tapete, seguindo com os olhos a costura ao redor de sua borda enquanto pensava sobre Robert. — Você acha que ele vai ser eleito prefeito, Frank? — Virando-se na direção do homem mais velho, Beth o viu mexer-se e esperava não o ter acordado.

— Talvez. Eu sei que você não gosta dele, mas os habitantes da cidade, eles parecem confiar em seu conhecimento. E eu acho que eles também gostam que ele não trabalha para a mina.

— Suponho que sim.

Eu sou igualmente bem qualificada. Bem, quase — ela refletiu. — *Se eu não fosse uma mulher, talvez fosse eu a...* — E depois, como

sempre, veio aquele outro pensamento: — *Exceto que eu irei embora neste verão.*

Os olhos de Frank tinham se fechado novamente.

— Eu falei com Philip sobre ele um dia desses. — Ela falou tão baixo que achou que não tinha sido ouvida. — Ele também não parece ter problemas com Robert.

Molly respondeu:

— É mesmo?

— Philip me perguntou como estava indo o clube, e eu lhe falei sobre a confusão com Robert um tempo atrás. Fiquei realmente surpresa que Philip não se preocupou mais com isso. — Frustrada, Beth empurrou seus cabelos para trás com as duas mãos. — Vou ser franca, Molly. Eu não entendo o que todos parecem ver nele. Talvez seja apenas porque estou mais próxima da situação, porque eu cruzo com ele diariamente ao invés de apenas socialmente. — Beth deu de ombros. — Claro, ele é uma pessoa bastante simpática fora da sala de aula. Muito educado. Bem articulado.

Molly ergueu uma sobancelha e inclinou a cabeça para o lado.

— O que exatamente você tem contra ele? — perguntou ela, inclinando-se para frente e fitando Beth cuidadosamente.

Beth irritou-se com a reprovação em sua pergunta.

— Você não o ouviu, Molly. Às vezes, quando ele fala comigo, ele é tão... ele é tão condescendente e, bem, presunçoso.

— Você quer dizer quando ele discorda de você?

— Sim, mas é mais do que isso. É como se ele tivesse a *intenção* de discordar de mim. E que, mesmo quando ele sabe o que eu penso sobre alguma coisa, ele faz do jeito dele de qualquer forma.

Molly se encostou no sofá novamente e repetiu:

— Quer dizer, ele discorda de você.

— Não, não é só isso. — A irritação de Beth com o homem fazia com que fosse muito difícil para ela expressar seus sentimentos. — Ele está plenamente consciente de tudo isso, Molly. Acho que as pessoas não entendem os motivos por trás de suas ações, por trás de suas palavras. Ele sabe que somos uma comunidade cristã e que ele é o estranho. E ele pretende nos *consertar*, eu acho.

— Por quê?

— Como assim?

— Por que você acha que ele quer nos consertar?

— Porque eu acredito que ele acha que sabe mais.

— E você não concorda?

Os olhos de Beth se estreitaram.

— Não, Molly. Eu não concordo. Eu acho que ele é um elitista. Eu acho que sua educação cara e de primeira o fez sentir-se superior. Acho que, por causa disso, ele não só se colocou acima de todos nós e

acima de toda esta cidade, mas ele também se colocou acima de Deus. E temo por aquelas crianças que se sentam em sua sala de aula todos os dias e o ouvem falar de suas ideologias nocivas. — Beth tentou se encolher em sua poltrona. Até ela não se sentiu confortável com o rancor que ouviu naquela última frase.

— Entendo. — Molly levantou a cabeça e lentamente ajustou sua posição para ficar de frente para Beth, posicionando um braço no encosto do sofá. Ela deu um tapinha no assento ao seu lado. — Você viria sentar-se aqui, querida?

Beth obedeceu, mas seus movimentos foram bastante rígidos e formais. Ela se sentou empertigada, com os dedos cruzados no colo.

Molly se aproximou, pegando uma das mãos de Beth com a sua própria, enfraquecida pela idade.

— Há uma batalha, não nego. Mas você tem de lembrar quem é o inimigo.

O olhar de Beth desviou-se para Molly. Os olhos da mulher demonstravam grande preocupação.

— Não estou dizendo que você não pode fazer escândalo quando for preciso. Não estou dizendo isso de jeito nenhum. Deus sabe que eu fiz bastante confusão na minha época. Mas o que estou dizendo é que você tem de fazer isso direito, à maneira bíblica.

— E você acha que eu não estou? — Beth engoliu em seco, já sabendo a resposta em seu coração.

— Eu não acho que você deu um soco em ninguém... ainda. — Ela sacudiu a mão de Beth de forma brincalhona. — Você não matou, não roubou nem perjurou. É só que suas palavras estão mostrando o que o seu coração está sentindo, e receio que você esteja se armando muito fortemente contra ele. — Ela acrescentou cautelosamente: — E talvez você até tenha fofocado, não acha?

Beth apertou os olhos. *Molly está certa.*

— Sim, eu fiz essas coisas... todas elas — ela sussurrou através de lábios trêmulos, lágrimas encheram seus olhos. — Mas o que eu posso fazer, Molly? Eu não posso simplesmente ficar olhando sem fazer nada, posso?

— Bem, acho que isso traz à mente alguns versículos bíblicos. Eu os conheço bem porque já precisei recordar-me deles muitas vezes. O primeiro é do Sermão do Monte. As próprias palavras de Jesus: “Amem os seus inimigos, abençoem os que os amaldiçoam, façam o bem aos que os odeiam e orem por aqueles que os perseguem”. — Molly balançou a cabeça tristemente. — É difícil, às vezes é difícil demais. Eu sei disso muito bem. Mas isso não muda o fato de que é o caminho do Senhor. E Ele sabia uma coisa ou outra sobre inimigos, não sabia?

Beth acenou com a cabeça lentamente, secando seus olhos

úmidos. Molly apertou a mão de Beth com ternura.

— E o segundo é de 1 Pedro: “Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que pedir a razão da esperança que há em vocês. Contudo, façam isso com mansidão e temor”. Agora, esse temor não é temor de homens. É somente o temor a Deus. E de ninguém mais. Veja, a maneira bíblica de fazer um escândalo não significa que você não possa falar. Ela apenas lhe diz o modo correto de fazê-lo. E você notou as palavras “a qualquer pessoa que pedir”? Às vezes nosso melhor caminho é esperar até que nos peçam.

Beth assoou o nariz.

— Eu não sou muito boa nisso, em esperar. E então, quando falo, geralmente estou bem brava e não o faço direito.

— Essa é a maneira da carne, que chegou a você sendo passada por todas as gerações que vieram antes. Então isso significa que todos nós temos espaço para melhorar. — Molly puxou Beth para perto com um forte abraço. — Somos todos apenas peregrinos, caminhando, tentando seguir os passos dAquele que foi o único a dar cada um dos passos certos.

Frank atravessou a sala, sentando-se do outro lado de Beth.

— Podemos orar com você, *mia cara*?

Beth derreteu, finalmente permitindo que as lágrimas caíssem de seus olhos.

— Eu gostaria disso — ela sussurrou.

Molly falou de novo, suavemente:

— Você o ama, Beth?

— Quem...?

— Seu inimigo, o Sr. Harris Hughes.

Beth queria responder “é claro”, mas ela não tinha certeza de que isso seria sincero.

— Não sei.

— Não seja muito rápida em desistir dele, em pensar que ele está longe do amor de Deus, longe demais para ouvir a voz do Espírito.

Frank começou a orar, sua mão no ombro de Beth enquanto pediam ao Pai sabedoria, coragem e amor em nome dela. Beth enxugou silenciosamente suas lágrimas, acrescentando em sua mente: — *E perdão, Pai. De novo.*

Capítulo 16

Beth passou no meio de montes de neve que chegavam acima de suas botas. Ela sentia os cristais de gelo afiados e frios como se estivessem rasgando suas meias, cortando suas pernas e congelando toda pele que tocassem. Embora a noite estivesse tranquila e quieta, iluminada por uma lua cheia e alegre, Beth não estava desfrutando desta caminhada em particular. Havia chamado ela para ir à casa de Bonnie Murphy para ajudar as meninas com o espetáculo de Natal. Havia avisado-a de que havia um problema. E assim ela esforçou-se para andar pela rua, no escuro, entre as fileiras de casas iguais, cada uma com gelo pendurado e emoldurada por neve de forma idêntica, como se fossem duas fileiras de casas de biscoito de gengibre.

Beth procurou nas janelas iluminadas pelas cortinas cor-de-rosa que sinalizavam a casa dos Murphy, onde Abigail também estava morando. *Lá está ela.* Ela andou depressa e encontrou-se de pé, tremendo, no degrau.

— Srta. Thatcher, entre, entre — ela ouviu quando a porta foi aberta mesmo antes de ela ter batido. — Você parece congelada. — Ruth ajudou Beth a passar pelo amontoado de botas na entrada e pegou o casaco dela. — Daniel, coloque outro pedaço de lenha. Bonnie, abra um espaço para sua professora e dê a manta para ela pôr no colo.

As crianças apressaram-se para obedecer enquanto Beth aceitava um assento na única cadeira almofadada da pequena casa. Perto do fogo, ela estava grata pelo calor ao estender as mãos em direção ao fogão. Bonnie se juntou a Marnie e Luela na mesa da cozinha.

Abigail veio com o bule, serviu uma xícara de café e a colocou nas mãos de Beth. Estava maravilhosamente quente, ainda quente demais para beber, mas tinha um cheiro delicioso.

As expressões que ela viu encarando-a ao redor da mesa eram um pouco sombrias.

— Sinto muito que você tenha precisado sair com este frio, Srta. Thatcher — disse Bonnie. — Sentimo-nos muito mal com isso.

— Qual é o problema, meninas? Como eu posso ajudar?

Elas trocaram olhares, e Luela disse:

— Os meninos não ajudarão com nossos cenários. Disseram que estão muito ocupados agora.

— Por quê? O que eles estão fazendo em vez disso?

— Aquele projeto com o Sr. Harris Hughes.

— Projeto? Quem está participando?

— Addie e Teddy Boy. Também Kenny Edwards, e James, e o Peter. Todos eles, ao menos todos os rapazes com idade suficiente.

O murmúrio de Daniel atravessou a pequena sala:

— Eu tenho onze anos. Eu posso ajudar vocês.

Bonnie revirou os olhos e balançou a cabeça para seu irmão mais novo.

— Eles já tinham terminado metade da estrebaria para *nosso* projeto. Eles *estava*, quer dizer, *estavam* construindo na casa dos Coolidges. Agora já é pesado demais para nós o movermos, mas Luela não pode fazer o resto sozinha só porque está na casa dela.

— O que os meninos estão fazendo nesse... nesse outro projeto?

— É um rádio — explicou Marnie rapidamente. — Vai tocar música e falar as notícias e todo o tipo de coisas. Mas precisa de uma manivela para fazê-lo funcionar, para dar-lhe a eletricidade. Não temos nenhuma tomada por aqui para conectá-lo. E acho que é mais difícil de fazer do que eles pensavam — ela terminou depressa, revelando seu próprio interesse na empreitada.

Beth soprou o café em sua xícara e arriscou-se a tomar um gole.

— Por que eles não podem terminá-lo após as festas de Natal?

— O Sr. Harris Hughes diz que é para um concurso e que tem de estar terminado antes de ele ir embora no fim do bimestre, porque ele vai enviar para o concurso em Calgary.

O projeto também pareceu bastante empolgante para Beth.

— E eles não têm nenhum tempo sobrando?

— Não — declarou Bonnie, abanando a cabeça com força. Beth tomou um gole novamente e começou a pensar em voz alta:

— E se... vocês não construísem uma estrebaria este ano? —

Ela se apressou antes que as meninas expressassem sua consternação. — Não, escutem, e se vocês pintassem a cena da estrebaria ao invés disso? O altar é bem pequeno, como vocês sabem. Poderíamos usar rolos de papel da loja colados juntos, e eu tenho algumas tintas. Então até mesmo alguns dos mais novos poderiam ajudar.

Elas não estavam convencidas.

— Mas então como colocamos a manjedoura nela?

— Iria para o chão lá na frente.

— Então, como nós...

— Espere um pouco — Luela interrompeu, estendendo a palma

da mão para suas amigas. — Se a pintássemos, poderíamos colocar todas as outras coisas que não conseguiríamos construir, como uma vaca e um cordeiro...

— E um camelo — terminou Marnie, batendo palmas de alegria.

Do outro lado da cozinha, Ruth acenou com a cabeça para Abigail, que estava arrumando biscoitos em um prato.

— Isso pode dar certo. Seria muito menos trabalho. E eu acho que ficaria ainda mais criativo, mais bonito e mais colorido.

Daniel estava agora com um braço pendurado em volta de sua mãe.

— Mamãe, posso pintar o camelo?

As meninas mais velhas pairavam sobre a mesa, falando todas de uma vez enquanto planejavam o próximo passo.

Beth bebeu seu café novamente, aliviada pela crise ter sido resolvida. *E sem precisar envolver Robert... desta vez.* Mas ela se perguntou se haveria mais problemas por vir. *Ah, Pai, ajude-me a enfrentar cada dificuldade com Sua graça... e amor.*



— Crianças, sentem-se! — Beth mandou por cima do burburinho. — Se eu tiver de falar novamente, enviarei bilhetes para suas mães. Estou falando muito sério. — Era o último dia de aula antes do Natal e, para tornar as coisas mais caóticas, era apenas metade de um dia de aula, pois a peça seria apresentada à noite. A cidade inteira estava animada e na expectativa, e as crianças estavam loucas de entusiasmo.

Beth interiormente lutou contra sua própria impaciência, tentando ignorar o relógio que se arrastava até que Jarrick chegasse à tarde. Os dois planejavam assistir à apresentação e depois partir pela manhã para Lethbridge. Jarrick tinha vários dias de folga seguidos, e Beth estava praticamente fora de si pensando no primeiro Natal deles juntos.

— Georgie, eu lhe disse, nada de escrever no quadro. Já o lavei e quero que fique limpo. Agora, crianças, todos vocês, sentem-se e terminem suas lições para que não tenham de levá-las para casa. Vocês não querem ter dever de casa durante o Natal, querem?

Finalmente, o apito da mina soou, sinalizando o horário do almoço para os trabalhadores e, neste dia, anunciando o fim das aulas até o próximo ano. Beth correu para vestir seu casaco, apressando a última criança para fora da escola e fechando-a atrás de si. Ela andou cuidadosamente pela rua esburacada e com gelo e subiu depressa a

escada para conseguir praticar, por algum tempo, sua parte do dueto de violino antes da chegada de Jarrick.

No primeiro degrau, Beth quase tropeçou em Penelope. A gata estava mais gordinha agora e muito menos selvagem, então ficava frequentemente no meio do caminho, seus olhos brilhantes implorando por mais sobras para comer.

— Agora não, senhorita gatinha. Você vai ter de esperar até o jantar. — Empurrando delicadamente o animal com o lado de uma bota, Beth subiu até sua casa e destrancou a porta.

Havia muito o que fazer. Ela vestiu seu melhor vestido, pendurou um chapéu que combinava com ele no gancho ao lado do casaco, mudou o penteado do cabelo e arrumou o apartamento. Era improvável que Jarrick entrasse em sua casa a menos que estivessem acompanhados, mas ela queria que tudo estivesse perfeito para o caso de chegarem mais convidados. Tirando seu violino do baú, ela o afinou e tocou a melodia. Não era uma música difícil, mas ela temia ainda estar terrivelmente enferrujada.

Por fim houve uma batida à porta e Beth correu, esperando encontrar Jarrick na entrada. No entanto, Bonnie Murphy estava ali com Marnie, ambas à beira das lágrimas.

— O que aconteceu? O que há de errado? — Ela as puxou rapidamente para dentro, onde estava quente.

— Oh, Srta. Thatcher, os meninos não estão aqui!

— O quê? Como assim?

— Eles subiram a montanha esta tarde para conseguir um sinal de rádio melhor, e ninguém os viu desde então.

— Os garotos dirigiram?

— Não — disse Bonnie, quase gritando, os punhos levantados em frustração. — O Sr. Harris Hughes dirigiu. Mas os meninos foram junto.

O coração de Beth deu uma guinada. Ela rapidamente pegou seu casaco e colocou os pés dentro das botas.

— Quem foi exatamente?

— Teddy Boy e Addie, Peter e James e Kenny. Todos os meninos mais velhos que estavam fazendo esse projeto.

— Há quanto tempo eles foram?

— Horas, *horas*!

— Minha nossa. Sim, venha, vamos descobrir... — Mas ela não terminou a frase enquanto elas desciam a escada correndo.

— Todo mundo está na escola. É lá que eles estão se encontrando agora.

Beth tentou expressar quaisquer palavras de conforto e incentivo que conseguiu dizer às meninas. Seus próprios pensamentos, no entanto, estavam frenéticos.

E se aconteceu alguma coisa com eles? E se ficaram presos na neve? E se o carro deles saiu da estrada e caiu de um penhasco? Logo escurecerá! Ela olhou em direção ao oeste, o sol já estava apenas uma mancha baixa contra o céu cinzento. *Oh, Pai, por favor, não deixe nevar agora.*

Abigail encontrou-as na porta da escola e pegou as mãos das garotas preocupadas.

— Os meninos estão bem. O Sr. McDermott e o Sr. Shaw foram procurá-los com a caminhonete. O Sr. Shaw acabou de voltar a pé para nos contar a notícia. Parece que o carro do professor ficou preso em um amontoado de neve, e o pai de Peter está usando correntes para tentar desatolá-lo. O Sr. Shaw pensou que eles poderiam até chegar antes dele, mas o carro deve estar mais atolado do que ele pensava. Ele está reunindo mais homens, em uma segunda caminhonete, para ir ajudar.

Beth olhou de volta para o céu.

— Eles vão precisar de cobertores. Eu vou...

— Molly já foi. Ela e Heidi Coolidge estão ajuntando o máximo de cobertores que puderem. Entrem. Não faz sentido vocês morrerem de frio.

As palavras de Abigail só reiteraram a preocupação de Beth com a segurança dos meninos. Parecia que a maior parte da cidadezinha já tinha sido mobilizada. Ela ficou parada perto da janela da sala de entrada, de frente para a rua, prestando atenção a sinais do retorno dos meninos ou do carro de Jarrick. Logo um grupo das crianças menores havia se agrupado ao redor dela, mais crianças do que ela conseguia abraçar ao mesmo tempo.

Uma caminhonete passou, com Philip dirigindo e com Toby Coulter na cabine. Na caçamba, vários homens estavam abaixados para evitar o frio. Beth reconheceu o namorado de Marnie, Harold, ao lado de seu tio Lloyd.

— Srta. Thatcher, quanto tempo eles vão demorar para encontrar os meninos? — Marian Edwards fungou. — A mamãe disse que Kenny deixou seu cachecol e suas luvas em casa. — Ela fungou mais algumas vezes.

Beth acariciou o cabelo loiro e ofereceu seu próprio lenço a ela.

— Eles sabem onde os meninos estão, querida. E eles podem ficar sentados dentro do carro para esperar, então eles estão protegidos do vento.

Wilton Coolidge balançou sua cabeça lentamente:

— Hã-hã, meu pai costumava dizer que um carro é o lugar mais frio em que se poderia estar durante uma nevasca. Ele disse que era melhor se enfiar em um monte de neve do que esperar em um carro de metal.

Os olhos de Beth olharam pela janela de novo. *Onde está Jarrick? Por que ele não vem?*

As nuvens, que estavam escurecendo, pareciam prontas para soltar em breve a próxima queda de neve. Ela tentou não permitir que as crianças vissem seus medos. Respirando fundo e pedindo calma a Deus, ela sugeriu:

— Por que não oramos? Isso é algo que podemos fazer para ajudar. — Ela virou as costas para a janela. — Vamos sentar aqui juntos e pedir a Deus que proteja os meninos e os homens que os estão resgatando. Não precisamos de cadeiras. Podemos simplesmente sentar-nos aqui mesmo, no chão. Está limpo o suficiente. Eu varri perto do fim da aula, lembram-se? Vamos fazer um círculo e dar as mãos. Quem quer começar?

Os irmãos e irmãs, um a um, com inocência infantil, começaram a falar sobre a situação assustadora com seu Pai celestial.

— Ajude-os a tirar o carro, Deus. Ajude-os a ficar bem.

— Deus, Kenny nem sequer tem o cachecol e as luvas. Você poderia manter as mãos dele quentes, por favor?

— E não deixe ninguém se machucar.

— Por favor, Deus, não deixe nevar até que eles voltem. Isso só tornaria tudo tão pior!

— E ajude meu pai a não gritar muito com James, pelo menos até que eles estejam em casa a salvo.

De quem é a culpa disto, afinal? — Beth ponderou. Foi a primeira vez que ela tinha pensado em culpar alguém. *Certamente não dos meninos. De fato, há apenas um adulto envolvido.*

Logo ficou escuro demais para ficar junto à porta da frente. Então, o pequeno grupo se levantou e se juntou às suas mães, que estavam esperando na sala de aula de Beth, onde as lâmparas já estavam acesas e colocadas estrategicamente ao redor da sala. Era uma luz sinistra e inconstante e fazia com que o grande espaço familiar parecesse um grande vazio, lançando sombras contra as paredes sempre que uma mãe ansiosa passava perto de uma lâmpara. O pequeno aquecedor a lenha estava crepitando e expelindo calor e ainda assim as mãos de Beth estavam frias. Ela as esfregou uma na outra e continuou a orar silenciosamente.

— Tem um carro — gritou Henry Ruffinelli. — Eu estou ouvindo um carro. — Eles correram para a janela da sala de entrada, os menores chegando lá antes que suas mães pudessem se levantar das cadeiras.

— Não, você não ouviu, Huffy! Não há nada lá fora. — Um silêncio angustiado se seguiu.

— Há sim! Eu também ouvi. — Mais silêncio.

Depois veio o som inconfundível de um carro e longas luzes de

faróis apareceram sobre a neve e o gelo. Os observadores correram para fora, gritando:

— Quem está aí? Quem está aí?

A porta de um carro se abriu e alguns jovens passageiros saíram correndo.

Abigail tinha trazido uma lamparina e a levantou bem alto sobre a multidão, refletindo a luz no lado do carro de polícia de Jarrick e nos cinco adolescentes. Eles se espalharam pela multidão em busca de suas famílias, não resistindo aos longos abraços e exclamações de agradecimento a Deus.

— Você está a salvo! Oh, graças a Deus!

Obrigada, Pai. Obrigada por ouvir as orações das crianças... e as minhas. Beth foi em direção ao lado do motorista e caiu nos braços de Jarrick.

— Desculpe o atraso — sussurrou ele, fazendo-a rir tremulamente. — Eu estava a caminho da cidade quando alguns pais me chamaram na estrada.

— Estou tão feliz porque você pôde ajudar. Estou tão grata que todos estão finalmente a salvo.



Beth dormiu até surpreendentemente tarde. Não havia motivo para se apressar. Os meninos estavam em suas casas, a neve não havia caído, e a peça de Natal havia sido simplesmente adiada para a noite seguinte, embora isso significasse que ela e Jarrick estariam em Lethbridge e não poderiam ver o espetáculo. Frank alegremente concordou em tocar seu violino sozinho.

— Tenho muitas canções que posso escolher — ele garantiu a Beth.

Beth também recordou-se das reclamações, que havia ouvido enquanto as mães ajudavam a colocar as carteiras de volta em seus lugares e a apagar lamparinas, sobre a viagem imprudente de Robert até a montanha em um clima inclemente.

— O que ele pensou que estava fazendo?

— Isso só mostra que toda essa educação chique não se transforma em bom senso!

— Afinal de contas, ele é apenas um menino da cidade.

— Nem sequer percebe que não é sábio tentar dirigir no meio de noventa centímetros de neve com nossos meninos em seu carro. Quem faria uma coisa dessas?

As pessoas da cidade pareciam ter se voltado contra ele.

Quando Beth correu para tomar café da manhã na casa de

Molly, o sol já brilhava intensamente. Ela podia ver os sinais da agitação da noite anterior na neve: marcas de pneus em ângulos estranhos e muitas pegadas em áreas amplas. Ela chegou no momento em que o café da manhã estava sendo retirado e recebeu um prato de ovos e bacon. Frank e Jarrick ainda estavam sentados com suas xícaras de café enquanto Molly e Marnie lavavam os pratos. Beth não conseguiu resistir a um bom-dia sussurrado no ouvido de Jarrick quando ela passou atrás dele para encontrar um lugar na mesa da cozinha.

A notícia de que o Sr. Harris Hughes havia ido para Calgary antes do amanhecer já havia circulado. Beth não fez perguntas sobre a aventura dos meninos na noite anterior e sobre o destino do projeto. Ela esperava, pelo bem do Teddy, assim como dos outros, que ele ainda pudesse participar do concurso.

No final da manhã, ela e Jarrick colocaram as malas no carro e se despediram, com todos desejando “feliz Natal” uns aos outros. Molly insistiu que eles levassem um cobertor extra “só por precaução” e colocou um bule de cerâmica cheio de café quente e enrolado com uma toalha entre as sacolas aos pés de Beth.

— Uma semana inteira — disse Beth enquanto se aninhava ao lado de Jarrick. — Uma semana inteira de descanso e felicidade. E você... — ela acrescentou, olhando para ele.

— Estou mais que pronto para isso — respondeu ele, olhando para ela de canto de olho com um sorriso de ternura. — Vamos torcer para que esta viagem não seja tão agitada quanto a minha chegada ontem à noite.

— Sem dúvida!

— **** —

— Beth, você se lembra de Dillard e Eliza Smith, é claro. E que eles trabalham na mesma organização ministerial que Philip.

— É claro. — Beth acenou com a cabeça para o jovem casal que estava de pé na porta, recebendo Beth como sua hóspede pela segunda vez. — É maravilhoso estar aqui com vocês e desta vez não ficar preocupada com um garotinho no hospital. Teremos a chance de ter uma visita mais tranquila.

A anfitriã de Beth sorriu, seus olhos brilhando enquanto ela rapidamente levava Beth para dentro da confortável casa, passando pela sala de entrada e por uma estreita escada de madeira.

— Eu gostaria de ter a chance de conhecê-la melhor, querida, se você e eu pudermos encontrar tempo. — Eliza apertou de leve o cotovelo de Beth, um tom de provocação na sua voz.

— Acho que isso não será um problema, Eliza. Na verdade, não conheço mais ninguém em Lethbridge.

Elas atravessaram o vão de uma porta e entraram em uma sala de estar.

— Você tem certeza disso?

Seguiu-se um grito de alegria e Julie correu pela sala, pegando Beth em um abraço apertado antes que ela pudesse pronunciar uma palavra.

— Surpresa! — Julie exclamou. — Nós a surpreendemos, Bethie?

— Mas como assim... *Julie*? O que... como você chegou aqui?

A irmã de Beth riu e disse:

— A ideia foi do seu Jack, do Jack e do papai. Eles estavam conspirando, resolvendo os detalhes para que eu pudesse vir de trem em suas férias de Natal. Não é maravilhoso?

Beth abraçou Julie com força.

— É mesmo! É maravilhoso, querida. Não consigo pensar no que dizer.

Logo elas estavam sentadas no sofá, e Julie estava transbordando de notícias. Margret estava, na maior parte do tempo, ficando na casa dos pais, esperando o nascimento de seu segundo filho. A mãe estava cuidando de Margret e supervisionando as decorações de Natal e comprando presentes.

— Eu trouxe o seu comigo — garantiu Julie a Beth.

O pequeno JW estava agora falando o tempo todo, subindo no corrimão da escada e esperando ansiosamente pelo "ta-tal". Julie prometeu mostrar as fotos dele que estavam dentro da mala no andar de cima. Ela também disse que o pai tinha acabado de voltar de uma curta viagem de negócios e que partiria novamente após o Natal.

— Que generoso da parte dele deixá-la vir, Julie, tendo em vista o pouco tempo que ele tem...

— Oh, não voltarei a ver o papai por algum tempo — disse sua irmã entusiasmada. — Eu não vou voltar até depois do casamento, para poder ajudar.

— Julie, querida, você está falando sério? Você pode realmente ficar?

Julie riu.

— Bem, seria bastante cruel dizer isso se eu não pudesse. Sim, é claro. Se você quiser que eu fique, isso é. Eu teria de ficar com você, e você disse que sua casa é bem pequena.

— Pequena ela é, mas nada poderia ser melhor!

Capítulo 17

Ao mesmo tempo em que Beth estava feliz pelo aparecimento surpresa da irmã, ela se sentia um pouco desorientada. Ela havia esperado ansiosamente por este tempo com Jarrick por semanas, mas agora ela se sentia dividida entre essas duas pessoas tão queridas em sua vida. Depois de apenas um dia e meio, ela estava se perguntando: — Existe algum modo de falar gentilmente com Julie e pedir alguns momentos de privacidade? Será que seus sentimentos serão muito feridos?

O problema era que a Julie era a Julie. Ela não era atraída por ler em silêncio na sala de estar, ela certamente nunca escolheria ir para a cama cedo e ela não era de oferecer ajuda com algo tão banal quanto decorar uma árvore de Natal. Julie queria ação e animação, e as criaria ela mesma se não as encontrasse. E embora o que Beth mais queria fosse um tempo a sós com Jarrick, Julie era assustadoramente persistente em sua necessidade de atenção.

Na segunda-feira de manhã, a garota já parecia estar desesperada por diversão.

— Bethie, quer almoçar naquele restaurantezinho de novo, aquele perto da estação de trem? Podemos ir de bonde se ninguém puder nos levar. Eu gosto que eles toquem música de rádio enquanto comemos. Você provavelmente não sabe disso, mas ultimamente tenho gostado muito dos sucessos da Broadway. E eles estão tocando bastante no rádio atualmente. Nós podemos ir, não podemos? Você não vai fazer mais nada, vai? E não tem nada que não possa esperar?

Beth deslizou as pipocas, que ela estava amarrando, pelo longo fio e segurou um suspiro.

— Falarei com Jarrick sobre isso daqui a pouco. Mas, por favor, tente entender, Julie querida, que precisamos ter cuidado com nossos recursos. Estamos economizando para o casamento e para tudo que vem depois. — De seu lugar no sofá, Beth estendeu uma mão para pegar mais uma pipoca na tigela, a agulha pronta na outra mão.

Julie riu com leveza.

— Ah, isso não é problema. O papai me deu dinheiro suficiente para compartilhar, e eu provavelmente não precisarei dele quando

chegarmos à sua pequena vila. Não há nada de bom em que eu possa gastá-lo lá de qualquer maneira.

Beth começou a responder que Coal Valley havia crescido e mudado desde a visita de Julie, mas percebeu imediatamente que seria inútil. Sua irmã não admitiria nenhum dos avanços e riria de suas descrições de progresso e crescente "civilização" da cidade. Então Beth deixou o assunto morrer, dando um sorriso fraco e levantando um ombro para Jarrick.

Ele estava ocupado com Dillard, prendendo a perfumada árvore de Natal em seu suporte. Percebendo o olhar de Beth, Jarrick limpou sua garganta, e Dillard espreitou por trás do pinheiro. Beth notou que Jarrick e os Smiths trocaram olhares.

— Diga, Eliza — falou Dillard, seu tom descompromissado, — você teve notícias de sua irmã?

— Sim — respondeu sua esposa enquanto levantava uma caixa, que estava no chão, para a mesa. — Ela disse que vai aparecer mais tarde esta manhã. Eu lhe disse, Beth?

Beth se perguntou se eles tinham tramado alguma coisa. Suas palavras vieram lentamente:

— Não, eu acho que você não mencionou isso. Que bom...

— Sim, eu acho que você vai gostar de Mary. Ela e seus amigos são muito ocupados, especialmente nesta época do ano. Nunca conseguimos acompanhá-los. — Eliza abriu uma caixa de ornamentos e começou a desembulhá-los de seus papéis. — Acho que eles vão esquiar hoje mais tarde, na verdade. Você e sua irmã já fizeram esqui nórdico, Beth?

Julie aprumou-se em seu assento.

— Nós nunca fizemos, mas eu sempre pensei que seria divertido.

— Talvez você devesse perguntar a Mary sobre isso, então, quando ela chegar. Ela é uma entusiasta e tanto. E há alguns belos desfiladeiros nesta área, vales profundos que são pitorescos, principalmente no inverno. Mas eles são bastante desafiadores, mesmo para os esquiadores experientes.

Por fim, Beth entendeu o plano. Ela balançou um pouco a cabeça.

— Bem, como Julie não tem nenhuma experiência, talvez seja melhor para ela não tentar. Além disso, está muito frio lá fora. Não tão frio quanto geralmente está aqui, mas bem frio mesmo assim. Julie não gostaria de se sentir tão desconfortável ou de ter problemas para acompanhar o ritmo.

— Não seja estraga-prazeres, Bethie! — Julie estava de pé. — Você sabe que eu pego coisas novas rapidamente. E meu casaco novo me mantém bem quente. — A atenção de Julie voltou-se para Eliza. —

Sinceramente, na verdade sou uma espécie de atleta, apesar da monotonia da minha família.

— Então você realmente precisa conhecer minha irmã mais nova, Mary. Ela tem apenas dezessete anos e ela e seus amigos são um grupo fantástico. Eu acho que você gostaria deles.

— Bem... — Julie hesitou por um momento e olhou para Beth. — Não sei se minha irmã está disposta a isso. Ela é uma pessoa mais caseira. Você não estaria interessada, não é, Bethie?

Beth escondeu o rosto para que seu divertimento não aparecesse.

— Ah, não se preocupe comigo. Eu vou ficar bem aqui. Seria bom ter sua ajuda para terminar a árvore, porque talvez levaremos a tarde toda sem você. Mas, depois disso, provavelmente só vamos conversar um pouco aqui, perto da lareira. — Beth não ousou olhar para Jarrick.

— Acho que vou de qualquer forma — decidiu Julie. — Sim, eu ficaria muito feliz em me juntar a eles. — Ela esperou impacientemente que a irmã de Eliza e seus amigos aparecessem. Quando Mary finalmente chegou na sala de entrada, Julie ficou encantada ao descobrir que a menina era sua alma gêmea, igualmente enérgica e compartilhando um senso de aventura e a mesma impaciência com ficar sentada perto da lareira.

— Os outros estão esperando no carro — disse ela. — Vamos lá. Vamos.

Ao partirem juntas, Beth acenou para Julie pela pequena janela da porta da frente, suspirando de alívio. Ela sentiu Jarrick se aproximar, olhando pela janela por cima da cabeça dela e colocando uma mão em cada um dos ombros dela. Ela se encostou nele, contente. Todos estavam felizes.

— Obrigada — sussurrou ela, assistindo enquanto Julie ficava ao lado do carro, sendo apresentada aos muitos amigos de Mary.

— “Obrigada”? — repetiu ele com uma risada. — Eu estava preocupado que você pensasse que eu estava apenas sendo egoísta.

Beth se virou para encará-lo.

— Oh não, Jarrick, de jeito nenhum. Eu vim aqui para ficar com você. Quero dizer, estou empolgada por levar Julie de volta às montanhas, mas vim passar o Natal com você.

Depois que a árvore foi decorada, Jarrick sugeriu que os dois dessem um passeio. Eles partiram para o dia cinzento, empacotados e preparados para o frio. Beth tentou acompanhar os longos passos de Jarrick com seus passos rápidos e curtos e isso logo a fez se sentir confortavelmente aquecida. Ela apertou sua luva grossa ao redor do braço de Jarrick para ajudá-la a acompanhar o ritmo dele.

Ele olhou para ela e cobriu sua mão com a dele.

— Suas bochechas estão bonitas e rosadas. Já está quentinha?
— Ela acenou com a cabeça, e depois ele perguntou: — O que mais está acontecendo lá no meio do nada? Eles já escolheram um prefeito?
— Seus olhos brilharam com divertimento. — Suponho que Philip não cedeu e deixou que seu nome fosse adicionado à disputa.

— Não, isso teria sido bom. Mas você estava certo. Ele ainda insiste que não está interessado. E eu não posso debater com os motivos dele.

— Quando é a eleição? E quem está na lista?

— Oh, não será até meados de janeiro — disse ela, suas palavras vindo em pequenos intervalos ofegantes. — A cidade ainda nem tem uma lista de candidatos. A câmara municipal foi escolhida. Você provavelmente não conhece a metade deles. Bill Shaw está de volta. E você talvez se lembre de Bardo Mussante, que se casou com Esther Blane. Mas todos os outros são novos. Exceto o Robert, que você conhece.

— Ah sim, eu deveria ter adivinhado que o colocariam na câmara.

— O que há de tão especial nele? — Beth sabia que seus preconceitos estavam aparecendo novamente. Ela se esforçou muito para se lembrar das advertências de Molly.

— Eu acho que ele é uma boa escolha, Beth.

— Sim — ela concordou com relutância, — ele é, de certa forma. Ele é esperto e equilibrado. Mas ele é tão... tão secular, tão cheio de filosofia humanista.

Jarrick fez uma pausa, olhando para o caminho adiante deles, seu rosto era apenas uma silhueta contra as nuvens.

— Não estou certo de que se possa escolher uma câmara baseando-se apenas em crenças religiosas, não é verdade, Beth?

— Mas você não pode dizer que ele tem demonstrado muita sabedoria ultimamente.

— Você quer dizer... por atolar na neve?

— Sim. — Beth podia sentir seu peito apertado. Ela sabia, no momento que suas palavras saíram de sua boca, que ela estava tentando virar Jarrick contra Robert um pouco.

— Eu não sei, Beth. Acho que ele tinha boas intenções, mesmo que isso tenha se tornado algo completamente diferente do que ele pretendia. Eu gostaria que você o tivesse visto. Quando cheguei, os outros homens estavam praticamente forçando-o a sentar-se na caminhonete para se aquecer. Ele estava coberto de neve por tentar desenterrar o carro por conta própria, tão gelado que estava pálido. E ele estava totalmente arrependido e humilhado. Detesto ver qualquer homem parecer tão derrotado.

A imagem tocou o coração terno de Beth.

— Eles foram duros com ele? Os pais? Os outros homens?

— Não — respondeu Jarrick silenciosamente, retomando o ritmo da caminhada. — Mas entre homens, especialmente em uma situação como essa, ninguém precisa falar muita coisa.

Eles andaram em silêncio enquanto Beth lutava com pensamentos conflitantes. *Desculpe-me, Pai. Vou me esforçar mais. De verdade.*

No entanto, ela teimou em reiterar a pergunta que ficou sem resposta: — *Mas e quanto às crianças? Afinal de contas, foi Robert quem colocou os meninos em perigo. E é ele quem tem tanta influência sobre todos eles e lhes dá ensinamentos que deixam Deus de fora. E quanto a eles? Eles não são, juntos, mais importantes do que um só homem?*



Julie tinha trazido os dois vestidos de madrinha de Toronto, e Beth pôde mostrá-los a Jarrick. Eles eram exatamente o que Beth esperava que fossem, embora um pouco mais luxuosos e modernos, com uma mistura de cetim sedoso e renda macia. Mas o tom de azul era perfeito, um belo azul anil que conseguia ser suave e brilhante ao mesmo tempo. Como acessórios para o vestido, Julie havia trazido tiaras feitas com contas e com um pedaço de tule em um dos lados, longos colares de pérolas falsas, luvas brancas que iam até o cotovelo e sapatos de salto baixo que eram quase exatamente do mesmo tom de azul que os vestidos. Beth ficou entusiasmada ao imaginar Marnie vestida com tanta elegância. Jarrick sorriu e acenou com a cabeça enquanto as duas mulheres lhe explicavam tudo, mas elas acabaram morrendo de rir à medida que a expressão dele foi mudando gradualmente de interesse para desorientação e depois para provocação.

Mas melhor ainda, Julie também tinha trazido o estimado vestido de noiva usado pela avó, depois pela mãe e depois por Margret. Ele estava escondido no armário do quarto que Beth e Julie dividiam. Beth o experimentou e ele ficou grande demais para ela. Mas Eliza tinha certeza de que conhecia uma costureira que o faria caber bem, dobrando-o o suficiente para encurtar a saia e movendo uma ou outra prega no corpete, e faria as alterações com cuidado para que pudessem ser tiradas na vez de Julie. *Isso é — Beth pensou, — se Julie estiver disposta a usar um vestido usado, um que ela consideraria bastante antiquado.*

Olhando para seu reflexo no espelho de corpo inteiro, Beth ficou alarmada com o quão magra estava. Ela sabia que sua mãe ficaria horrorizada. Já estava na hora de recuperar um pouco do peso

que ela havia perdido com seus jantares de torradas e chá. Ela precisaria começar a cozinhar frequentemente e não apenas para ela mesma, mas agora também para sua irmã. Se ao menos Julie estivesse interessada em ajudar a fazer as refeições durante sua visita. Infelizmente, isso parecia improvável.

Na noite seguinte ao dia depois do Natal, Beth e Jarrick planejaram jantar sozinhos no restaurante especial deles. Julie ajudou Beth a escolher um vestido e depois se esforçou para fazer um penteado com firula extra, acrescentando acessórios à roupa de Beth até que Beth tivesse certeza de que ela atrairia atenção demais entre as pessoas menos pretensiosas no restaurante.

— Não importa — insistiu Julie. — Se as pessoas aqui não conseguem entender a moda, você deve simplesmente ignorá-las. E nunca se sabe, talvez haja alguém entre eles que aprecie seu *ensemble*.

Beth riu da tentativa de Julie de pronunciar a palavra francesa. Era mais fácil não discutir. Na verdade, ela se sentia bem-vestida. E, de qualquer forma, quase tudo o que Julie tinha feito estaria coberto por um chapéu e por um casaco longo até que Beth estivesse pronta para sentar-se e seria coberto de novo no momento que ela se levantasse para ir embora. *Não vai fazer mal ceder ao senso de moda mais extravagante de minha irmã por uma noite só* — ela disse a si mesma.



Jarrick tinha reservado a mesma mesa onde ele tinha feito o pedido de casamento. A sala de jantar à luz de velas era confortável e familiar, como um retiro particular. Beth se acomodou na cadeira e alisou o guardanapo de pano em seu colo.

— Isto parece um sonho, Jarrick. Lamento que tenhamos de acordar logo. Eu estarei de volta às Montanhas Rochosas, e você estará, bem, em algum lugar.

— Mas não esta noite — disse ele, inclinando-se para frente com os braços cruzados na borda da mesa. — Pois hoje à noite seremos só nós dois, flertando descaradamente à luz de velas.

Beth se aproximou, com a cabeça inclinada para um lado.

— Que escandaloso. Mas que encantador.

Eles falaram sobre o casamento por um tempo. Jarrick encolhia os ombros enquanto Beth descrevia as flores de tecido e os laços de tule.

— Você sabe, é claro, que eu não consigo imaginar nada disso. Sinto muito, mas é assim que as coisas são.

Beth suspirou.

— Espero que seja algo que você goste então.

— É para *você* que eu vou estar olhando — disse ele. — Tenho certeza de que as decorações vão ficar lindas. — Ele pegou a mão dela. — Espero que você goste dos planos que tenho feito sem a sua contribuição.

O sorriso dele fez aparecer a covinha que ela amava ver.

— Como assim, Jarrick? — perguntou ela, curiosa pelo prazer nos olhos dele.

— Planos de casamento, a parte pela qual eu sou responsável por decidir e organizar.

Beth ficou perplexa. Ele não pareceu muito interessado nos detalhes quando estavam na igreja.

— Você sabe que é responsabilidade do noivo planejar uma lua de mel agradável. — Ele fitou o rosto dela de perto.

Os olhos dela suavizaram-se de alegria.

— Uma lua de mel, Jarrick? Podemos... vamos ter tempo para isso?

— Claro que sim.

— Mas, Jarrick, não tenho certeza se conseguirei faltar...

— Conseguirá sim — garantiu ele. — Eu resolvi isso com a câmara municipal.

— Como assim?

Ele riu e rapidamente explicou:

— Enviei uma carta a Bill Shaw, pedindo que lhe dessem uma semana de folga após nossas núpcias. Ele disse que eles poderiam chamar um professor substituto e que você pode facilmente ter esses cinco dias de folga. Isso significa que teremos uma semana inteira e mais um fim de semana de privacidade e descanso antes que precisemos voltar aos nossos trabalhos.

— Oh, isso é maravilhoso! É tão inesperado. Eu nem sequer pensava numa coisa dessas. — Mas então ela ficou novamente intrigada: — Vamos ficar em Coal Valley?

— Não na cidade, não. Vamos para outro lugar, um lugar especial.

— Para onde?

— Não posso lhe contar. Não vou nem deixar você tentar adivinhar. É um segredo e não quero que seja estragado.

Beth balançou a cabeça e sorriu.

— Eu nunca sequer suspeitei que você estivesse fazendo um plano como esse. Que surpresa maravilhosa, querido.

Quando a sobremesa chegou, Beth já estava se sentindo saudosa, sabendo que seu precioso tempo juntos estava chegando ao fim.

— Você já sabe para onde será mandado a seguir?

— Provavelmente para Calgary, por um tempo. Depois disso, não tenho certeza.

— Ah, que pena. Deve ser tão difícil para você, nunca saber.

— Bem, isso faz parte do território. Você sabe disso, querida.

Beth desviou o olhar.

— Eu sei. Mas isso não me impede de me sentir triste.

Ele esticou os braços por cima da mesa e pegou as mãos dela com carinho.

— Não vai ser por muito mais tempo. Quando eu estiver trabalhando para seu pai, você vai poder ficar tranquila. E, bem, podemos jantar em restaurantes elegantes sempre que você quiser.

Beth arrancou as mãos das dele antes de perceber que o tinha feito. O rosto dela corou imediatamente de vergonha. *Estou agindo como a mãe dele? Como a minha mãe? Mas este é Jarrick, e eu nunca conseguiria fazê-lo mudar de opinião. Ou alterar sua decisão sobre a questão de seu próprio trabalho.*

— O que foi, meu amor? — Ele parecia intrigado e um tanto magoado.

Ela ficou arrasada com a expressão dele.

— Eu não quero... Só não consigo pensar nisso agora.

— Por que não?

Eu não quero que você abandone seu trabalho — ela queria insistir. Mas não manifestou o pensamento por medo de ser manipuladora.

— Eu não entendo, Beth. Estou tentando fazer a coisa certa. Mas você obviamente não está satisfeita. Eu preciso saber o que está errado.

Beth podia sentir lágrimas começando a se juntar em seus olhos. Ela piscou com força. Por mais que ela quisesse explicar sua reação a Jarrick, ela não podia se deixar influenciar sua escolha e ser responsável por ela. Ela sabia que o coração dele era muito generoso e terno para com ela. Ela estava certa de que ele faria o que ela pedisse. Portanto, ela estava determinada a permanecer em silêncio.

— Compreendo todas as razões. Mas eu não preciso *querer* que isso aconteça. Não vou achar isso fácil. Mas é claro que farei o que você achar melhor, Jarrick.

Eles voltaram para a casa dos Smiths em um silêncio agonizante.

Na manhã seguinte, a tensão entre Jarrick e Beth não havia sumido e isso partiu o coração dela ao ir embora, deixando-o de pé no

caminho de acesso à casa, bastante desalentado. Ela desejou poder falar tudo o que tinha no coração, mas uma vez ditas, as palavras nunca mais poderiam ser desditas. Ela esperava estar fazendo a coisa certa, a coisa amorosa, ao não falar nada sobre o assunto. A conversa animada de Julie ajudou a cobrir o sofrimento de Beth, ou pelo menos a distrair dele.

Capítulo 18

— Você está morando aqui? — Julie girou em círculo, com os olhos arregalados e as mãos na cintura. — Nesta... bem, não quero chamá-la de pocilga, mas temo que seja exatamente isso, querida. — A reação de Julie às acomodações de Beth foi bastante incisiva.

— É limpa e seca e... bem, é quente, se eu lembrar de acender o fogo corretamente. Portanto, não posso reclamar.

— E você vai morar aqui *com o Jack* depois do casamento? — Julie foi até o quarto e voltou, levantando a pequena cortina de retalhos sobre a janela da cozinha para espreitar lá fora, abrindo e fechando portas e gavetas.

Beth suspirou.

— Esse é o plano. É grande o suficiente para dois e, mais importante, é o que podemos pagar.

— Bem, nós duas ficaremos bem aconchegadas enquanto eu estiver aqui, compartilhando uma cama como fazíamos quando éramos pequenas.

— Julie — disse Beth, balançando a cabeça, — eu nunca dividi uma cama com você.

— Sim, eu me lembro que você dividiu. — Julie endireitou os ombros.

— Não, eu sempre compartilhei com Margret. Você dormia sozinha na bicama ao lado da nossa até que nos mudamos para a casa de pedra, e depois todas nós tínhamos nossos próprios quartos.

— Você tem certeza?

— Absoluta. — Beth cutucou o braço de Julie. — Você só *pensa* que compartilhou comigo porque ficava na minha cama com muita frequência. Você tinha medo de dormir sozinha, principalmente no início. Lembra-se?

— Duvido — Julie teimou. — Eu nunca tive medo de nada. Eu... — Instantaneamente o rosto dela desmoronou e ela se corrigiu: — Bem, exceto...

A testa dela se franziu com força enquanto a memória do verão difícil que tiveram enchia a sala.

Beth colocou seus braços ao redor de sua irmã e repetiu o versículo que elas haviam memorizado juntas quando eram jovens e

que havia sido recitado com frequência nas semanas que se seguiram ao sequestro de Julie:

— “Deus é a minha salvação; terei confiança e não temerei. O Senhor, sim, o Senhor é a minha força e o meu cântico; Ele é a minha salvação!”

— Amém — sussurrou Julie. — Só Ele é a minha salvação. — Durante vários momentos elas permaneceram em silêncio, tranquilizando-se com a verdade das palavras e com a presença uma da outra.

— E, de qualquer forma, Julie — disse Beth enquanto se dirigia para o baú de sua irmã, — você devia ter me visto quando cheguei aqui pela primeira vez. Ouvi barulhos durante a noite! Eu fiquei aterrorizada, asseguro-lhe. Mal dormi por cerca de uma semana. Você teria achado muito divertido e teria dado boas gargalhadas da situação. E mesmo assim, tenho de admitir que eu a queria aqui.

— Barulhos?

Beth baixou a voz dramaticamente.

— Algo arranhando, passos e pancadas de noite...

— Você ouviu sons durante a noite? — Julie estava olhando em volta, com os olhos arregalados. — Você já descobriu o que eles eram? Eles pararam?

— *Eu encontrei* a culpada. Era uma peste.

— Uma o quê?

— Uma praga local. Você gostaria de conhecê-la?

— Do que é que você está falando? — Julie riu por fim, depois olhou à sua volta com desconfiança.

Sem explicar mais, Beth pegou um pequeno pedaço de peixe da geladeira e foi em direção à porta. Julie seguiu, e elas desceram a escada. Beth deu vários passos para mais perto da floresta.

— Penelope — cantou ela. — Vamos lá. Venha aqui, pequenina. Penelope.

Dois olhos brilhantes apareceram debaixo do arbusto favorito dela. Beth abaixou-se, estendendo a mão para que Penelope pudesse alcançar a comida. A gata andou para frente, levantando suas patas de gatinha acima da neve encrostada, seu pelo listrado grosso e cheio por conta do inverno.

Miau. Ela congelou onde estava e olhou fixamente para Julie, suas orelhas trêmulas estavam alertas para qualquer ameaça.

— Esta é Penelope, a gata — disse Beth com uma risada. — Ela meio que veio com a casa.

— E ela vive aqui fora? — Julie agachou ao lado de Beth, tentando persuadir a criatura a se aproximar.

— Você realmente pensa por um minuto que eu a deixaria morar no apartamento? O que a mamãe diria? Aqui, dê o peixe para

ela. É o favorito dela.

— Mas onde é que ela dorme à noite? — Julie ofereceu a comida.

Beth gesticulou em direção à escada.

— Há um pequeno depósito de lenha escondido para guardar minha lenha para o fogão. Teddy o mantém cheio. Acho que ela encontrou um esconderijo em algum lugar atrás da lenha. Suponho que seja seco e quente, mas não é muito grande.

Mas sua irmã estava ocupada atraindo Penelope para perto para coçar a cabeça e as costas da gata enquanto a gata se roçava nas pernas de Julie.

— Ela gosta de você. — Beth sentiu um pouquinho de ciúme. Ela tinha se esforçado tanto, tinha alimentado constantemente a gata e, no entanto, a gata raramente permitia que ela colocasse uma mão em suas costas.

— Desde que ela não se vire contra mim e morda.

Beth riu. Era improvável, mas não impossível.

— Vamos voltar para dentro. Estou congelada.

— **** —

Como era de se esperar, Julie não estava muito impressionada com o progresso da cidade. Com a exceção do novo prédio da igreja, ela não elogiou mais nada. Na segunda-feira de manhã, ela acompanhou Beth à escola, pronta para conhecer o novo professor. Vendo isto como uma oportunidade para possivelmente ver Robert com novos olhos, Beth falou muito pouco sobre o homem antes de apresentá-los.

— Com licença, Sr. Harris Hughes?

Ele se virou do quadro-negro.

— Ah, Srta. Thatcher, por favor, entre. Espero que suas férias tenham sido agradáveis.

— Foram. Obrigada. — Beth puxou sua irmã para frente. — Eu gostaria de apresentar-lhe minha irmã, a Srta. Julie Thatcher. Ela vai ficar comigo por um tempo e vai ajudar de vez em quando em minha sala de aula. Julie, este é o Sr. Robert Harris Hughes.

Robert cruzou a sala, com um meio sorriso no rosto, arrumando a gravata que ele havia afrouxado.

— É um prazer conhecê-la, Srta. Thatcher.

— Ah, por favor, chame-me apenas de Julie. — Ela estendeu sua mão para Robert com modéstia. Ele a apertou levemente e deu um aceno de cabeça.

Beth empertigou-se e olhou de canto de olho para sua irmã. *Esse era um tom íntimo na voz de Julie?*

Beth disse rapidamente:

— Minha irmã está me visitando de Toronto e irá embora com meus pais após o casamento.

— Espero que você aproveite sua estadia em nossa cidadezinha. Ou seja, espero que goste de neve, de silêncio e de isolamento.

— Oh, eu gosto bastante de neve — disse Julie, ignorando a descrição sombria do homem. — Eu acabei de aprender a esquiar e estou tão ansiosa para sair e tentar esquiar aqui. Comprei um par de esquis usados em Lethbridge e consegui trazê-los no teto do carro. — Ela inclinou-se um pouco para frente, enrolando uma mecha de cabelo escura que estava pendurada ao lado de sua bochecha. — Você esquia, Robert?

Ele limpou a garganta.

— Eu esquio, Srta. Thatcher. Mas receio ter deixado meu equipamento em Calgary, onde minha noiva atualmente reside.

Beth ficou aliviada com sua resposta direta e grata por Julie agora não ter motivos para estar interessada. Ela ficou, contudo, desapontada com a atração imediata de Julie pelo novo conhecido.

— Também, Srta. Thatcher, se posso ser franco, insisti bastante em ser chamado pelo meu nome completo enquanto estou em sala de aula. Se você pudesse fazer a gentileza, eu apreciaria muito a sua boa vontade nesse aspecto.

Julie deu um sorriso levado.

— É claro. Como queira. Qual é o seu nome mesmo? Sr. Harris?

— Harris Hughes, senhorita.

Beth se retirou depressa para sua própria sala de aula, puxando Julie consigo.

— Oh, Bethie, que almofadinha!

— Shh! Ele vai ouvi-la.

— Como...?

Beth fez um gesto em direção à porta no centro da parede compartilhada.

— Então por que nós...? — Julie apontou para a sala de entrada e para o caminho mais longo que elas tinham usado.

— Eu nunca a uso. — Beth esfregou uma mão na parte de trás do pescoço e sussurrou: — É tudo que posso dizer. Eu não queria essa porta para começo de história. Eu gostaria muito que alguém a fechasse permanentemente.

Os olhos de Julie se estreitaram, sua expressão bastante presunçosa.

— Percebo que não gostamos dele então. Por que você não me disse isso antes? — Ela piscou para Beth. — Ele é muito bonito, de

uma maneira estudiosa e professoral. E certamente se veste maravilhosamente bem, e se veste assim aqui! — Ela fez um gesto amplo.

Beth se contorceu.

— Não é que eu não *goste* dele. É só que... é complicado.

— Você não vai me contar?

— Por favor, Julie, falaremos sobre isso mais tarde. O pouco que há para contar. Agora, tenho de me preparar. Meus alunos estarão aqui em minutos. Escreva estas questões de aritmética no quadro, sim? Isso me ajudaria bastante. E quando a aula começar, você pode sentar-se no último assento desta fileira. Ninguém fica nessa carteira.

— Minha nossa, que emocionante. Eu nunca me sentei em uma sala de aula como esta. Secretamente, eu tinha inveja das outras meninas que não tinham um professor particular em sua casa. Preciso levantar a mão se eu quiser falar?

— Oh, querida, por favor, não fale nada.

Mais tarde, Beth encontrou uma sessão de leitura para Julie liderar com os menores e riu para si mesma enquanto sua irmã, é claro, incluía expressões extras na história.

No almoço, Julie pediu a chave da porta da casa de Beth, assegurando-lhe de que ela encontraria um passatempo adequado em algum outro lugar e de que talvez experimentaria os novos esquis. Beth deu um suspiro de alívio, seguido rapidamente por uma oração para que Deus mantivesse Julie a salvo e lhe desse sabedoria ao escolher sua atividade por conta própria.

— **** —

— Por acaso você viu o aviso na vitrine da loja? Mostrava a data da sua pequena eleição iminente. — Julie estava estendida no sofá, folheando as páginas de uma revista de moda.

Optando por ignorar a condescendência, Beth respondeu:

— Não, raramente tenho motivos para ir à loja.

— Bem, acho que você deveria começar a ir, então. Você não reiterou várias vezes que esse evento em específico é muito importante para você?

Beth tirou os olhos da lição que ela estava esboçando.

— Muito bem, o que dizia o aviso?

— Bem, entre outras coisas, ele listava os candidatos a prefeito.

— É mesmo? — Agora Beth estava escutando atentamente. —

Quais eram os nomes?

Julie sorriu, aproveitando que tinha a vantagem.

— Apenas duas pessoas. Quer adivinhar?

— Não. Enfaticamente, *não*.

— Você não é nada divertida.

— Quem?

— Tudo bem, então — Julie cedeu. — O ridículo do Sr. Harris Hughes era o primeiro e depois um Sr. Fred Green.

— Fred Green? Como assim? Quem teria indicado o Fred para prefeito? — Beth encarou-a, perplexa.

— Tenho certeza de que não sei.

— Ele era amigo do Davie Grant, o contrabandista preso na primavera passada.

Julie fez uma cara de falsa empatia.

— Você quer dizer, o contrabandista em cuja casa você mora agora?

— Não mais. — Beth balançou a cabeça em frustração. — Esta casa agora é de Abigail. E de qualquer forma, ele já se foi há muito tempo.

— Mas alguém em sua cidade está propondo que o conspirador dele seja eleito prefeito? Bem, isso é incrível.

Beth apoiou a bochecha em uma das mãos, considerando o que isso significava. Pensando em voz alta, ela murmurou:

— Isso significaria que, se Robert perdesse a eleição... Fred seria o prefeito. Bem, isso não é melhor. Na verdade, isso é muito pior.

— Se a escolha for entre esses dois, todos podemos adivinhar quem será eleito por unanimidade.

Beth resmungou:

— Robert provavelmente indicou Fred só para ter certeza de sua própria vitória.

Julie levantou-se do sofá e sentou-se na cadeira ao lado de Beth.

— Ele faria isso? Ele é assim tão manipulador?

Beth balançou a cabeça, desta vez com mais energia.

— Não, não, eu nunca o vi fazer nada do tipo. Isso eu posso afirmar em seu favor. Acredito que ele é *exatamente* o que aparenta ser. E ele tem a audácia de dizer exatamente o que pensa também, tendo ou não razão. — Ela pôs sua caneta em seu suporte e fechou o livro. — O que vamos fazer, Julie?

— Nós? Bem, isso é interessante. De repente você está me incluindo. E imagine só, eu estava procurando algo para fazer, algo que pudesse ocupar o tempo. Ouvi dizer que política pode ser bastante fascinante.

— Não, eu não quero dizer que você deva se envolver. Eu só quero que você me ajude a pensar em algo.

— Tudo bem, então. Faça do seu jeito. Quem mais vive nesta cidade? Quem poderia ser um candidato em potencial?

Beth deixou a cabeça cair para trás e olhou fixamente para o teto. Ela passou pelas possibilidades novamente, para Julie saber,

listando um nome após o outro e rapidamente descartando cada um deles.

— É isso? Esses são todos?

— Sim, praticamente.

— E você nem conhece muitos deles porque são novos na cidade?

— A menos que os operários frequentem a igreja, o que cerca da metade deles faz, eu provavelmente nunca cruzaria com eles, mesmo em uma cidade tão pequena.

— Hum. — Veio o som familiar da mente de Julie trabalhando. — Não podemos convencer nem mesmo aquele charmoso Philip. Ele teria sido ideal. Diga, Bethie, quão jovens eles podem ser? Poderia ser um estudante?

— Eu duvido. Além disso, Teddy e Addison são os mais velhos e têm apenas dezessete anos. Duvido que Frank e Molly deixariam Teddy tentar, e Heidi Coolidge faria...

— O que você disse?

— Eu disse que Heidi...

— Não, tolinha! Você disse Frank e Molly.

— Sim.

Julie bateu uma mão na mesa.

— Mas você não vê, querida? Você não pensou na escolha mais óbvia de todas!

— Molly? Mas ela é...

— Não, Bethie. *Frank*. Você não acha que ele é perfeito?

Beth sentiu seu queixo cair e seus olhos arregalaram-se à medida que ela ponderava a ideia. *Por que eu não pensei no Frank? Ele é certamente um cidadão canadense a esta altura. Suponho que foi por isso que eu acidentalmente o deixei de fora. Ele é perfeito e, agora que está aposentado, ele tem tempo.*

Ela encarou sua irmã.

— Onde eu estava com a cabeça? Você é brilhante.

O sorriso de Julie estava alegre e ela fez uma reverência.

— Eu sei. Obrigada.



Beth e Julie planejaram lançar sua ideia em um inocente Frank depois do jantar na cozinha da Molly na quarta-feira. Pouco tempo depois de se acomodarem na sala de estar, Beth direcionou a conversa para a eleição.

— Frank, você deve ouvir o que as pessoas na cidade falam sobre a eleição. Você acha que Fred Green tem uma chance?

— Oh, eu não sei — ponderou ele. — Aquele professor, ele disse que sentia muito várias vezes por ter colocado os garotos naquela situação. Mas eu acho que as mães se perguntam se podem confiar plenamente nele novamente, não é? Por outro lado, também não consigo imaginar a cidade escolhendo Fred em vez do Sr. Harris Hughes.

— Você está certo. Cada um desses homens é problemático. — Julie exalou lentamente. — Se ao menos houvesse outra pessoa.

Beth estremeceu, de repente desconfortável com a trama delas. Ela franziu o cenho e declarou francamente:

— Frank, eu acho que você deveria concorrer a prefeito.

O rosto de Molly se ergueu rapidamente de onde estava, olhando para sua costura.

— O quê? O que você disse?

Frank sorriu lentamente.

— Alguns dos homens pediram-me para propor o meu nome.

Beth respirou rápido.

— E? O que você disse?

— Eu disse que estou velho demais agora. — Ele deu de ombros. — Isso foi o que eu disse. — Ele se levantou para colocar mais lenha no aquecedor.

— Mas isso não é verdade — argumentou Beth às suas costas. — Laurier foi primeiro-ministro até ter quase setenta anos, e isso é um cargo de tempo integral. Aqui é para prefeito e seria apenas de tempo parcial. E todos confiam em você, Frank. Em vocês dois. — Beth se voltou para Molly, sua fervorosa expressão revelando sua profunda preocupação. — Vocês dois são quase, bem, os *fundadores* desta cidade.

— Ora...

— É verdade, Molly. Vocês vivem aqui quase desde o início. Certamente vocês dois estão aqui há muito mais tempo do que a maioria. E vocês *conhecem* todo mundo, que é uma coisa importante. Minha nossa, provavelmente não há ninguém que um de vocês dois não conheça bem, desde as mães até os mineiros e também os gerentes da empresa. Vejam, ele é perfeito. — Seu olhar contornou a sala e parou em Frank, que estava sentado de volta em sua poltrona.

Frank balançou a cabeça com um risinho.

— O que você acha, Mollina?

— Não sei — disse ela, olhando para sua agulha sem movê-la.

— Eu penso que concordo com o que você disser, Frank. Tenho certeza de que é mais trabalho do que você imaginou para esta época da sua vida, mas, se é isso que você quer, eu não o desencorajarei.

Beth e Julie trocaram parabéns silenciosos uma com a outra. Parecia que elas tinham conseguido seu candidato.

Capítulo 19

A energia considerável de Julie estava agora concentrada em ganhar a eleição para Frank. Embora Beth sentisse que a vitória estava garantida simplesmente escrevendo o nome dele sob o de Fred Green na lista de candidatos na loja, Julie parecia determinada a complicar as coisas. Enquanto acompanhava Beth até em casa depois das aulas no dia seguinte, ela estava cheia de ideias.

— Vamos fazer uma festa. É isso que vamos fazer.

— Uma festa? Onde?

— Na igreja. E...

— Ah não. Não podemos colocar a igreja no centro da eleição. Isso é exatamente o que Philip estava tentando evitar.

Julie girou, gesticulando para o prédio da escola.

— Então a faremos aqui.

— Claro, com o oponente de Frank do outro lado da porta. Você não pode estar falando sério. — Um olhar para sua irmã e Beth sabia que a nova campanha eleitoral de Julie não seria facilmente desviada.

— Então podemos fazer broches eleitorais e distribuí-los. Eles são feitos em todas as cidades grandes.

— Oh, querida, não podemos. Ficaria ridículo. E Frank nunca permitiria que o promovêssemos de uma forma tão... tão gritante. Não seria apropriado neste cenário.

Julie balançou os braços, sua testa franzida igual à que ela fazia quando era criança e tinha sido contrariada.

— O que você vai me deixar fazer? Você descarta minhas ideias tão rápido quanto a mamãe.

Beth encolheu-se com a comparação e forçou suas palavras a virem mais devagar:

— Julie, tudo o que fizermos deve se encaixar com a comunidade aqui. — Ela respirou fundo. — Como posso explicar? Veja, Julie, coisas pequenas importam em Coal Valley. Não precisamos fazer coisas tão grandes. Podemos ser gentis e sinceros, você sabe, dignos.

— Parece entediante.

Beth apoiou-se no corrimão da escada, desviando de Penelope, que estava ronronando e ficando no meio do caminho ainda mais agora que Julie tinha chegado.

— Não é entediante, de verdade. Acredite se quiser, na verdade

isso me assusta. Todas essas coisas. Não sei como você consegue lidar tão bem com ser o centro das atenções. Prefiro não ser vista nem ouvida a maior parte do tempo.

Julie parou Beth, fazendo com que elas se sentassem no degrau, com a respiração formando uma fina névoa branca no ar.

— Eu sei como você vê as coisas, Bethie. Eu não entendo, mas percebo que é assim que você se sente. Então a questão é: como podemos fazer a diferença *da sua maneira*? Suponho que nós... nós... eu não sei, possamos *escrever* alguma coisa.

— Hum, escrever alguma coisa? O que seria?

As irmãs observaram em silêncio a gata se roçando entre os tornozelos de Julie. Lentamente, Julie abaixou a mão e acariciou as costas da gata malhada. Penelope se contorcia de alegria, saía do alcance e depois voltava para a posição novamente.

Julie sorriu.

— Ela gosta de mim.

Beth suspirou e assistiu à irmã criando um laço com a felina exigente. Esticando seu braço com cuidado, ela conseguiu coçar um pouco debaixo do queixo de Penelope.

— O que eu escreveria? Eu não posso ser vista como trabalhando contra Robert.

— Aqui, gatinha — foi a única resposta de Julie enquanto Penelope se fazia de difícil.

De repente, Beth levantou-se.

— É isso! Escreveremos um resumo do que a posição requer e simplesmente informaremos as qualificações de cada pessoa. Ficará óbvio imediatamente que Frank é a melhor escolha para todos. Oh, Julie, que ideia maravilhosa. — Beth já estava se apressando em direção à sua porta. Julie seguiu-a e Penelope se afastou correndo.

— Se isso é tudo que você vai fazer, por que não deixar seus alunos fazerem em seu lugar? Chame de uma aula de educação cívica e deixe-os fazer o trabalho.

Beth estava com a chave na fechadura, mas se virou para olhar para sua irmã.

— Outra excelente ideia! Isso evitará que pareça que eu estou apenas promovendo Frank.

— Mas... você não está?

O projeto rapidamente se tornou um trabalho escolar. Beth tomou algum tempo no dia seguinte, para discutir a eleição com seus alunos e para criar uma lista de perguntas relacionadas à sua cidade. O que o prefeito deveria fazer primeiro? O que Coal Valley mais precisava? Que problemas seus cidadãos notavam? Eles limitaram a apenas seis perguntas. Beth mandou cada estudante copiá-las em uma folha de papel para levarem para casa. Eles foram instruídos a discutir

a lista com suas famílias, incluindo os irmãos mais velhos, e receberiam nota extra se conseguissem encontrar alguém que não fosse membro de suas famílias para entrevistar também. Por fim, eles deveriam escrever as respostas a cada uma das perguntas, e Beth resumiria todos os resultados em um panfleto que seria distribuído como uma boa informação para a comunidade, preparado como um esforço comunitário e como um projeto escolar. A pequena Dorothy Noonan sussurrou para sua amiga, levando Pearl Ruffinelli a levantar uma mão. Beth já previa a pergunta de seus alunos do primeiro ano.

— Srta. Thatcher, e se não escrevermos tão bem? Henry pode me ajudar? E Dotty pode pedir que David, seu irmão mais velho, ajude-a?

— Sim, querida. Desde que ninguém mais faça a entrevista por você. Se você for do segundo ano ou mais jovem, você pode pedir para um membro da família escrever as respostas por você. Mas eu gostaria que fossem vocês a fazer as perguntas. Isso também é uma boa prática de leitura. Por isso, quero que cada um de vocês guie as conversas em casa e que tragam seus papéis de volta na próxima segunda-feira. Vocês todos entenderam?

— Sim, Srta. Thatcher — a turma respondeu em uníssono, a maioria deles parecendo bastante intrigada com esse tipo diferente de tarefa.



Beth e Julie organizaram os resultados na segunda-feira à noite. Nada foi particularmente surpreendente para Beth, exceto que mais atenção foi dada à expansão da cidade do que ela havia esperado. Os pedidos eram para que a loja fosse maior, as ruas mais largas e houvesse mais casas construídas no próximo ano. Beth estava pessoalmente entusiasmada com a linha telefônica solicitada. Isso atenderia a uma necessidade urgente, principalmente em situações de emergência. Embora ela soubesse que trazer linhas telefônicas para as montanhas ainda seria improvável por muitos anos.

Alguns alunos acrescentaram seus próprios pedidos: um carrossel, uma sorveteria e uma pista de pouso para aviões. Porém, Beth ficou decepcionada por não ver nenhum protesto contra aqueles tocos feios, abandonados por toda a cidade. Aparentemente, ninguém mais se sentia como Beth, desejando um programa de remoção.

— O que você precisa agora — Julie resmungou quando terminaram a triagem, — é de uma máquina de impressão.

Beth riu.

— Só precisamos escrever trinta dos panfletos. Isso deve ser o

suficiente para cada família, assim como para os homens solteiros também.

— Por que você não transforma isso em outro projeto sobre a arte da caligrafia?

— Eu poderia, mas isso colocaria todo o fardo sobre a pobre Ida Edwards. Ela é realmente a única cuja caligrafia está à altura da tarefa. As outras não dominaram um tinteiro o suficiente para evitar manchas na página toda. — E com isso, as duas irmãs se puseram a trabalhar.



Com apenas mais dois dias até a eleição, Beth distribuiu as cópias dos panfletos aos alunos para serem entregues aos familiares e amigos. Foi um pouco constrangedor colocar um nas mãos de Thomas Green. Ela se perguntava o que seu pai iria pensar. Seu filho havia escrito a breve descrição das qualificações de Fred Green, tudo sobre pesca, e Beth estava certa de que Thomas contaria ao homem quem havia escrito.

Ida Edwards havia conversado com o Sr. Harris Hughes para fazer sua curta biografia e Wilton Coolidge havia falado com Frank. Eles também foram breves. A de Robert listou sua formação e a de Frank falou de seus muitos anos de trabalho e vida em Coal Valley.

Enquanto Beth observava sua turma sair correndo naquela tarde, segurando os panfletos em suas mãos enluvadas, ela estava certa de que a escolha para prefeito era óbvia. Ela fechou a porta atrás da última criança e orou:

— Deus, que isto faça algum bem a Coal Valley. — Depois ela lembrou-se de acrescentar: — E que seja feita a Sua vontade.



Beth acordou cedo no sábado de manhã e, tremendo na escuridão, acendeu o fogo para que os cômodos já estivessem quentes quando sua irmã se levantasse. Ela acendeu a lamparina a óleo ao lado do sofá e, coberta dos pés ao queixo por um cobertor grosso, pegou sua Bíblia. Suas orações se concentraram principalmente na eleição, no bem-estar das crianças e no momento em que ela iria embora de Coal Valley. E ela sussurrou mais uma vez:

— Ajude Jarrick a saber o que é melhor. Para ele e... e para o nosso futuro casamento.

— Que horas são? — Julie perguntou com um bocejo e uma

espreguiçadela, de pé na porta do quarto.

— Oh, eu esperava que você pudesse dormir mais tempo, querida. Não tenho certeza da hora. Eu não olhei.

Julie levantou um canto do cobertor e se aconchegou debaixo dele com Beth.

— Vou orar com você, se quiser.

— Isso seria maravilhoso. — Suas cabeças se encostaram, as irmãs expandiram o momento de oração para incluir a família e os amigos que estavam em Toronto.

Depois de um café da manhã de panquecas e bacon, Beth e Julie se prepararam para caminhar até a loja do Coulter, onde a urna de votação havia sido montada. Um número considerável de pessoas também se dirigia para a calçada de madeira em frente à loja. Beth ficou espantada ao ver um conjunto de cavalos amarrados às árvores no final do prédio.

— Quem é que poderia ser? — ela se perguntou em voz alta.

— Isso não é comum? — Julie riu. — Um bom e antiquado automóvel do oeste, certo?

Beth não estava com disposição para brincadeiras.

— Ninguém aqui tem um cavalo ou poderia pagar o sustento de um. Trazer cereais e feno suficientes durante o inverno seria impossível. O carro da empresa e duas caminhonetes são o suficiente para nós. — Ela não disse a Julie que uma vez ela havia sugerido trazer uma vaca, por conta de seu leite, para a cidadezinha deles. Ela sentiu seu rosto arder enquanto se lembrava do quão rapidamente foi informada que era impraticável.

Elas sorriram para cumprimentar Betty McDermott e Charlotte Noonan enquanto as senhoras vinham da direção oposta. Carregando sua filha mais nova no quadril, Charlotte agradeceu a Beth pelo projeto escolar que ela segurava firmemente em sua mão, acrescentando:

— Minha Dotty ficou tão empolgada em fazê-lo. Ela me fez sentar enquanto lia as perguntas, muito séria. — Elas riram e entraram.

Grupos, reunidos em vários cantos, discutiam aos sussurros. Uma mesa perto da janela sustentava a urna, esperando o voto de cada cidadão. Os olhos de Beth circularam pela sala, observando quem estava presente.

Fred Green, em um corredor estreito junto dos produtos secos, estava cercado por alguns estranhos com casacos longos e pesados e chapéus de vaqueiro. Beth presumiu que os cavalos que estavam amarrados do lado de fora eram de seus amigos. Ela franziu a testa, perguntando-se se ele estava trazendo-os de outro lugar para aumentar suas chances. *Certamente, existem regras sobre quem pode*

votar.

Toby Coulter encostou com as costas no balcão, os braços cruzados sobre o avental amarrado em torno de sua ampla barriga. Beth tinha certeza de nunca ter tido uma multidão de clientes tão grande na loja. Ele sorria e saudava a todos que entravam.

— Bom dia, senhoras — disse ele por cima do ruído. — Ainda bem que vieram. Temos alguns bons produtos novos para quintais, se estiverem interessadas hoje. — E então: — Ei, Parker, eu vi que o novo par de luvas de trabalho que você encomendou chegou. Você pode pegá-las hoje, se quiser.

Nos fundos da loja, Beth notou outro grupo, maior, de homens. Eram rostos conhecidos, a maioria deles barbudos, de trabalhadores e maridos que frequentavam a igreja. Beth ficou aliviada ao ver Frank entre eles. Ela acenou timidamente, mas ele não olhou para cima.

Sua irmã tinha caminhado até o balcão, sondando a pequena variedade de itens femininos: joias simples, lenços de bolso e afins. Como Julie não ia votar, parecia que ela havia decidido fazer compras enquanto Beth se envolvia em conversas com os habitantes da cidade.

Beth conversou com algumas das mães por alguns momentos, sempre atenta à urna, que esperava na mesa, quase abandonada. Ao ir em direção a outro grupo, ela passou por uma torre de caixotes e se viu cara a cara com Robert. Sem dúvida, ele estava aguardando pacientemente, observando o evento de uma distância segura.

— Bom dia — ela se adiantou, tomando fôlego e endireitando os ombros.

— Bom dia, Srta. Thatcher. Como você está hoje?

— Estou bem, obrigada. — Beth tirou um pouco de pó, que havia caído dos caixotes, da manga, lançando um olhar ao redor na esperança de encontrar um motivo para encurtar a conversa.

— Vejo que veio cedo para votar.

— Sim, não há motivo para adiar. Minha irmã e eu estivemos acordadas... — Ela ainda não havia terminado quando ele ergueu as sobrancelhas e inclinou a cabeça.

— Você e sua irmã têm estado bastante ocupadas, eu percebo.

— Suponho que normalmente estamos. E você está se referindo a...?

— A isto, Srta. Thatcher. — Ele apresentou uma cópia do panfleto.

Beth ficou surpresa por ele ter recebido uma das poucas cópias. *Não há motivo para me preocupar* — ela disse a si mesma, — *não há nada no panfleto a não ser a verdade.*

— Sim — disse ela, olhando diretamente para ele. — Eu penso que a Ida fez um bom trabalho com sua biografia. Obrigada por permitir que ela falasse com você sobre isso. Na verdade, todas as

crianças se empenharam muito neste projeto.

— Devo admitir que não achei que você se importasse tanto com política. Suponho que a julguei mal.

Beth limpou a garganta, tentando manter a compostura.

— Eu realmente não me importo, mas parecia uma boa oportunidade de apresentar aos alunos a importância da responsabilidade cívica e do serviço público.

— Entendo. — Ele sorriu lentamente, e Beth prendeu a respiração. — Então não foi uma tentativa velada de manipular os resultados da eleição?

— Sr. Harris Hughes, devo dizer...

— Não tente negá-lo, Srta. Thatcher. Suas intenções, embora não sejam transparentes para todos, não são especialmente difíceis de descobrir. Não me entenda mal — disse ele, apressado, antes que Beth pudesse responder: — não estou decepcionado com seus esforços. Eu respeito seu desejo de trazer tudo à luz. Apenas acho uma pena que você tenha escolhido esconder seus verdadeiros motivos atrás de uma sala de aula cheia de crianças.

— E do que você está me acusando, senhor?

— Srta. Thatcher. — Ele estalou a língua como se estivesse conversando com uma criança. — Você só apresentou outro candidato quando se tornou evidente que havia uma possibilidade de eu ganhar. E então você o promoveu, de forma eficaz, devo admitir, com este panfleto. Por que não receber todo o crédito por sua ideia? Ela foi muito bem elaborada.

Beth podia sentir suas pernas começarem a tremer. Mas ela queria terminar a conversa sem medo. Ela se endireitou e disse o mais silenciosamente possível, ainda sendo ouvida:

— Você não faz parte desta comunidade, Robert. E você claramente não tem nenhuma intenção séria de fazer parte dela. O prefeito deveria ser alguém dedicado a estas pessoas e trabalhando para o bem delas, não tentando provar ideais que soam bem em uma sala de faculdade longe daqui.

Ele sorriu triunfantemente.

— E então, isso foi tão difícil assim? Falar a verdade sobre seus objetivos?

Beth passou por ele.

— Bom dia, senhor.

— Bom dia, Srta. Thatcher. — Ela podia ouvir a soberba em suas palavras. *E havia algum divertimento também?*

Quando Beth chegou à mesa para votar, suas mãos estavam instáveis. Ela rabiscou o nome de Frank em um pedaço de papel e o enfiou na caixa, forçando um sorriso para Bill Shaw, que estava de vigia a uma curta distância. Ela sinalizou para Julie e saiu correndo

para fora.

Julie a alcançou.

— O que é, Bethie? O que a aborreceu?

— Só quero chegar em casa — sussurrou ela. O ar frio era muito bom em seu rosto ruborizado.



A inquietação de Beth durou até a tarde, mesmo enquanto ela e Julie faziam sua habitual visita de sábado à Molly. Sentadas na sala de estar, com Molly e Marnie costurando a colcha, ninguém falava nada sobre o fato de que os votos estavam sendo contados. Mas um silêncio pesado pairava sobre a sala, ou, pelo menos, na mente de Beth. Finalmente ela notou sua irmã falando em particular com Frank, que acenou com a cabeça e saiu da sala.

— O que você disse a ele? — perguntou Beth.

— Não é nada.

— Julie, o quê?

— Eu só... eu apenas sugeri que você desfrutaria de um bom banho de banheira.

— Oh não, é tanto trabalho. Eu não quero que Frank...

— Ele vai estar ocupado com as banheiras em breve, querida.

— Molly falou do outro lado da sala. — É melhor tomar o banho agora. Vai lhe dar alguma coisa para manter sua mente ocupada.

Envergonhada por sua ansiedade ter sido tão óbvia, Beth aceitou a bondosa oferta e correu para casa para buscar um conjunto de roupas limpas. Quando voltou e se acomodou, grata, na banheira de água quente, ela se permitiu recordar as palavras de Robert e logo suas lágrimas estavam caindo. *Ele sabia, Senhor. Ele sabia exatamente o que eu pretendia. Eu deveria me arrepender? Será que foi errado? Será que eu estava errada?*

Novamente os rostos das crianças vieram à mente. Beth também pensou no conselho de Molly para "fazer um escândalo à maneira bíblica". Ela torcia para que fosse isso o que tivesse feito, e ainda assim o sentimento persistia de que seus motivos eram de alguma forma duvidosos. Ela discutiu consigo mesma para cá e para lá, primeiro de uma forma e depois de outra.

— Eu desisto, Senhor — ela finalmente se rendeu tristemente, sussurrando em suas mãos encharcadas. — Eu não sei se o que eu fiz foi certo ou errado. Sei que orei sobre isso e *pensei* que o Senhor havia me guiado, Pai. Mas aconteça o que acontecer, eu entrego isso ao Senhor. Eu confio em Você. Deus, Você expulsou reis e príncipes, colocou quem Você desejava nos tronos. Você é poderoso e sábio e

totalmente capaz de cuidar desta eleiçãozinha tola em uma cidade muito pequena no meio do nada. Eu entrego minha vontade a Você. O que o Senhor quiser, seja feita a Sua vontade.

A oração de rendição trouxe um novo fluxo de lágrimas, mas o coração de Beth finalmente se sentiu mais livre e com mais esperança.

Uma batida na porta ecoou dentro do pequeno cômodo. A voz de Julie sussurrou alto pelo buraco da fechadura.

— Querida, eles contaram os votos. Foi muito próximo, mas temo que tenha sido Robert quem ganhou.

— Obrigada — Beth conseguiu dizer antes de afundar debaixo d'água. Ela sabia que não poderia se esconder por muito tempo. Mas ela precisaria de alguns momentos para se recompor adequadamente.

Capítulo 20

Beth despertou no dia seguinte com dor de garganta e febre. Sua mente foi inundada de lembranças do Natal do ano anterior em Coal Valley e de quanto tempo havia levado para se recuperar daquela doença. Ela gemeu em voz alta no escuro. Ela havia pensado que a saúde frágil de sua infância era uma coisa do passado ou pelo menos havia desejado que fosse.

— Julie — ela chamou, sua voz áspera. — Julie, estou doente.

A voz atordoada de sua irmã veio do lado dela, de algum lugar debaixo das pesadas cobertas.

— Quer que eu lhe traga alguma coisa? Uma aspirina? Um pano frio?

Beth percebeu que estava tremendo com calafrios.

— Será que você... você poderia acender o fogo?

Julie se levantou, vestiu um roupão e foi para a sala ao lado, arrastando os pés. Logo a luz da lamparina apareceu no vão da porta. Finalmente Julie voltou, deslizando de volta para baixo das cobertas e tremendo um pouco também.

— Minha nossa, está frio mesmo que eu não esteja doente! Eu reacendi o fogo. Acho que está pegando bem. E pendurei o cobertor sobre uma cadeira na frente dele para aquecê-lo para você. Eu o trarei para você daqui a alguns minutos.

— Obrigada — Beth conseguiu dizer. Um ataque de tosse começou a queimar os pulmões dela. Estas sensações familiares tinham todas os sinais de outro terrível surto de gripe. — Julie — acrescentou Beth, — você poderia trazer também o grande balde de lixo, só por precaução? — Beth sentiu as mantas sendo jogadas de lado e ouviu pés correndo no chão mais uma vez.

O restante do domingo foi um borrão para Beth. Ela sabia que Julie estava ao seu lado com frequência, que lhe haviam dado muitos goles de chá e que em algum momento houve uma batida na porta, mas ela não se lembrava de mais nada. Ela estava mais consciente das garras do frio roubando o calor através dos espaços nas camadas de cobertores toda vez que ela se movia.

Abrindo os olhos por fim, ela ficou surpresa ao ver o rosto

redondo e doce da Molly olhando para ela no brilho da lâmpada.

— Bem, olá, querida. Pensei que você fosse dormir durante toda a minha visita. — Uma mão experiente sentiu a testa e as bochechas de Beth. — Sim, a sua febre ainda está muito alta. Veja se você consegue se sentar para tomar uma sopa, e então nós lhe daremos outra dose de aspirina.

Beth moveu-se para obedecer, seus músculos doloridos e rígidos.

— Já é de madrugada?

— Não, é depois da janta.

— Mas amanhã... — Ela se sentou para frente, com os olhos arregalados. — Eu tenho aula.

— Não, não tem. Já cancelei a sua aula. O Sr. Harris Hughes ainda vai dar aula para a turma dele. Então, sem dúvida, os seus alunos estão se vangloriando para os irmãos mais velhos que são eles que vão ficar em casa desta vez.

Beth aprumou-se.

— Não podemos. Eles precisam entregar os trabalhos, e nós finalmente estamos em dia com a matemática e a soletração. Eu não quero ficar para trás novamente.

— O que você não quer não tem nada a ver com isso. Isto é sobre o que você não pode.

Molly colocou um caneco de sopa nas mãos de Beth e a instruiu a fazer o seu melhor. Ela começou a tomar goles com a colher, sentindo dor cada vez que engolia. Sua mente rodopiava pensando em soluções para seus alunos. *Se eu ficar fora por um dia, podemos pôr em dia ainda esta semana. Se eu ficar fora por dois, será necessário refletir e planejar melhor. Quantas semanas ainda temos? Faltam treze até o casamento, portanto vinte até o final do ano letivo. Sim, faremos dar certo. Mas e se houver outra tempestade de neve?*

Molly colocou uma carta sobre a mesa de cabeceira.

— E aqui está a sua correspondência. Talvez você queira ler a carta da sua mãe.

Beth engoliu um pouco mais de sopa.

— Da mamãe? Você pode ler para mim, por favor?

Como Beth esperava, a carta continha o anúncio de que Beth e Julie eram tias uma vez mais. Margret havia dado à luz um segundo filho, Josiah Matthew Bryce. Beth fez uma oração de gratidão por seu novo sobrinho bebê. Depois que Molly partiu, Beth pegou a carta para ler novamente, saboreando cada palavra.

Julie optou por dormir no sofá para que Beth pudesse ter a cama só para ela, mas Beth ainda teve dificuldades para descansar. Sua mente parecia estar trabalhando para resolver as adversidades mesmo quando seu corpo precisava dormir. Ela acordou várias vezes, pensando em seus problemas com Robert, em ter de se mudar para o leste, em Marnie e Harold que eram tão jovens, em seus alunos sem um professor...

Na segunda-feira à tarde, Beth acordou de sobressalto por causa de um pesadelo. No pesadelo, ela estava de pé em um penhasco, tremendo em sua camisola. Muito abaixo, seus queridos alunos estavam sendo perseguidos por um urso. E então o animal havia se transformado em um homem cujo rosto ela não conseguia ver. Agora acordada, ela passou a borda do lençol em sua testa e sob sua linha de cabelo, tentando tirar o suor frio.

— Julie, você está aí? — ela chamou, rouca.

Sua irmã apareceu no vão da porta.

— Onde mais eu estaria?

— Você me faria um favor? Mesmo que fosse pedir muito?

Os olhos negros ficaram vesgos em sua direção.

— O que é agora?

— Ah, querida, desculpe-me por ser um problema tão grande. Por favor, venha sentar-se na cama. — Ela se moveu para o lado para criar espaço.

Julie se aproximou com relutância e ficou por perto, mas ela não se sentou.

— Eu estava pensando: se eu mantivesse as coisas muito simples, talvez até mesmo com só meio dia de trabalho, você estaria disposta a ensinar minha turma?

Julie fez uma careta, riu, passou as costas da mão sobre os olhos e riu novamente.

— Você deve estar desesperada se confiaria *em mim* para fazer isso.

Beth encontrou o olhar de sua irmã, recusando-se a permitir que qualquer expressão de preocupação passasse por seu rosto.

— Claro que confiaria.

— O que você tem em mente? — Ela sentou-se na cama.

— Eu lhe daria os novos trabalhos para distribuir, e você poderia recolher os deveres de casa que já devem estar prontos. Eu a ajudarei, e podemos corrigi-los aqui. Estou me sentindo melhor do que estava. — Beth deu um suspiro longo e ofegante. — Você precisará ensinar de verdade, mas não será difícil. Você terá de mostrar no quadro-negro como fazer as novas questões aritméticas para cada ano. E, Julie, você terá de ir passo a passo, lentamente, para que eles possam acompanhá-la.

Julie deu de ombros.

— Bem, suponho que isso seja melhor do que ficar sentada aqui por mais um dia. Você vai ficar bem sozinha?

Beth empertigou-se no travesseiro, encorajada.

— Sim, eu vou ficar bem. Por favor, vá até a casa da Molly e peça a ela para avisar a todos. As crianças devem vir pela manhã e só terão de ficar até o almoço. Escreverei tudo o que você precisa ensinar. Você precisará ser paciente com elas. Muito paciente.

Mais uma risada.

— E você está preocupada que eu não seja? Não consigo imaginar por quê.

Julie desapareceu por muito mais tempo do que Beth esperava. Parecia uma eternidade com ela deitada na cama, encarando o mesmo teto inclinado e as mesmas linhas no papel de parede. Finalmente ela empurrou seus pés para o ar gelado, para fora dos cobertores, e calçou longas meias de lã. Acrescentando dois suéteres por cima de sua camisola, ela forçou-se a andar, trôpega, até a cozinha. Sua cabeça estava zonzá, mas era bom estar de pé.

Louças na pia, artigos de roupa jogados aqui e ali e a roupa de cama no sofá apontavam para a forma livre como Julie vivia. Vários laços de tule branco que Beth havia pedido para Julie fazer estavam sobre a mesa junto com uma xícara de café meio vazia. Beth se apoiou nos móveis enquanto andava pela sala para empurrar a chaleira para o centro do fogão. *Pobre Julie. Ela deve estar tão infeliz aqui, presa dentro de casa, posando de enfermeira.* Logo a chaleira começou a assobiar.

Ela colocou a água para seu chá, encheu a bacia com o resto da água para lavar a louça e depois ouviu passos correndo escada acima.

Julie entrou pela porta.

— Ótimo, você está acordada. Bem, você não vai acreditar!

— O que...?

— Bethie, você simplesmente não vai acreditar no que eu fiquei sabendo.

— O que aconteceu? É algo ruim?

Julie gaguejou:

— Não... mas... bem, é surpreendente para dizer o mínimo. Chocante na verdade. Não sei se você vai achar que é ruim. Mas provavelmente vai.

Beth encarou-a com impaciência.

— É Marnie. Ela está noiva... do Harry!

Beth apoiou uma mão no balcão para se firmar.

— Fui até a pensão da Molly como você pediu. — Julie já estava levando Beth ao sofá enquanto explicava a situação, empurrando de lado o travesseiro e cobrindo as pernas de Beth com as mantas. — Ela não estava lá, mas eu falei com Frank, e ele disse que

domingo foi o aniversário de Marnie. Ela fez quinze anos...

— Oh não, e eu perdi isso — gemeu Beth. Ela se lembrou do presente embrulhado que estava em seu armário.

— Apenas ouça, Beth! Harry veio comer bolo no final da noite, depois que Molly passou por aqui, e ele tinha uma pequena caixa com ele. Acabou sendo um anel de noivado! Ele fez o anel para Marnie na estação do ferreiro na mina, usando quatro moedas de prata. Você acredita?

Beth não acreditava. O conceito parecia fora de seu alcance, especialmente com sua mente nebulosa.

— Onde está Marnie agora?

— Ainda na escola. Eles serão dispensados em breve.

— E Molly?

— Acho que ela foi falar com algumas das outras senhoras para pedir conselhos, suponho.

Beth sentiu sua boca ficar seca.

Oh, Marnie! — Então: — *Oh, Molly...*



Depois de apenas uma hora, Beth não pôde mais aguentar suas perguntas sem respostas. Ela enviou Julie de volta à casa de Molly para obter mais informações antes de Marnie chegar da escola. Foi mais do que frustrante para Beth sentir-se isolada com tanta coisa acontecendo.

Quando Julie voltou, Beth estava cochilando no sofá.

— Bethie? Bethie, acorde.

Beth se mexeu, girando a cabeça para um lado e depois para o outro para aliviar um doloroso músculo do pescoço. Ela empurrou o cabelo desgrenhado para longe do rosto e apertou os olhos para olhar para Julie.

— O que você descobriu?

— Frank já foi falar com o tio de Harry. Aparentemente os parentes dele não estão discordando do noivado, embora, é claro, eles queiram que eles esperem para se casar. E parece que Molly e Frank tendem a concordar. Estou bastante perplexa. Você consegue imaginar o que nossa mãe teria dito? Mas, como eu disse, parece ser esse o consenso.

Beth fechou os olhos e cerrou os dentes com força. *O que eles estão pensando?*

— Ela é tão jovem — ela quase gemeu. — Como eles podem permitir isso quando ela é tão jovem?

— Eu não sei. Mas todos eles pareciam estar dizendo a mesma

coisa. Ela está pronta. Ela sabe as coisas que uma esposa precisa saber. Tudo isso me pareceu muito antiquado, mas o que eu sei sobre casamento ou sobre a vida aqui? Talvez ela esteja realmente pronta afinal de contas.

As lágrimas estavam se acumulando nos olhos de Beth. Ela não queria falar em voz alta seus medos mais profundos, mas, em sua condição enfraquecida, eles eram mais do que ela podia guardar para si mesma.

— Julie, posso lhe contar algo, algo que eu não disse a ninguém?

— Claro, querida, o que é? — Julie se jogou em cima do emaranhado de cobertas no sofá.

A voz de Beth mal era audível:

— Eu nem sei se *eu* estou pronta... para ser uma esposa. — Ela enterrou o rosto em suas mãos e sentiu um braço reconfortante ser colocado ao redor de seu ombro.

— O que você quer dizer com isso, Bethie? Por quê?

As lágrimas estavam agora caindo por entre os dedos de Beth.

— Ela está mais bem preparada do que eu — ela soluçou. Então ela abaixou as mãos e olhou para Julie. — Você entende isso? Ela consegue fazer *tudo*: ela sabe cozinhar e costurar e limpar. Eu já vi. Não há nada que Molly já não a tenha ensinado.

— Mas você também consegue.

— Oh, não. — Beth balançou a cabeça. — Você sabe que isso não é verdade. Você está vivendo aqui há tempo suficiente para saber que eu quase não sei cozinhar nada. Misericórdia, eu mal consigo manter o fogão aceso. Se eu tentasse assar pão, como eu manteria o fogo na temperatura certa? Se não fosse a Molly...

Julie lhe entregou um lenço limpo.

— Mas é ainda pior do que isso — continuou Beth, sua voz tremendo. — Não tive muito tempo para aprender, mas, para ser realmente sincera, também não quis me empenhar muito nisso. Não, a verdade é que Marnie, mesmo aos quinze anos, será uma esposa muito melhor do que eu.

As irmãs sentaram-se em silêncio por longos minutos enquanto Beth tentava manter suas emoções sob controle. Por fim, Julie falou, pesando cada palavra de forma pouco característica.

— Você não vai voltar para Toronto de qualquer maneira? Para Jack poder trabalhar para o papai? — Agora, apressada, ela disse: — Tenho certeza de que eu não devia saber disso, mas ouvi mamãe e papai falando uma noite, depois do jantar. Desculpe-me se eu ter falado no assunto a aborrece — disse ela rapidamente quando Beth começou a chorar novamente. — Mas eu apenas presumi que você não teria de cozinhar por muito mais tempo. Que você teria uma

cozinha na cidade e que isso não importaria.

Era impossível para Beth formular uma resposta. Seus lábios começaram a se mover, mas nenhuma palavra apareceu. Em vez disso, ela enxugou os olhos com o lenço, sentindo-se patética e infantil. Então Julie continuou:

— Você realmente *gostaria* de viver aqui, Bethie? Aqui, onde tudo é tão rudimentar e, bem, muito mais difícil? Porque, preciso dizê-lo, não sei *por que* você gostaria disso.

Limpando o nariz mais uma vez, Beth conseguiu responder:

— Não é *o lugar* que eu quero. São as pessoas. É o que eu sinto que posso oferecer às crianças e aos seus pais também. E... — Suas palavras sumiram e sua garganta ficou dolorosamente apertada. Ela batalhou para terminar o pensamento: — E eu quero que Jarrick faça o que ele se sentiu chamado a fazer. Estar na RPMC e ser um policial montado.

Julie suspirou e lhe deu palmadinhas nas costas.

— Eu não tinha ideia de que você estava debatendo-se com isso. Lamento muito, Bethie. Então, o que ele disse quando você lhe contou?

Beth olhou tristemente para sua irmã.

— Eu não contei.

— O quê? — Julie encarou-a com os olhos arregalados.

— Eu não contei ao Jarrick.

— Por que não?

Beth torceu o lenço enquanto desabafava:

— Não quero ser eu a decidir isso. É uma decisão tão importante, Julie. Eu quero ser uma esposa submissa e permitir que ele seja o líder. Continuo pensando: e se minha opinião sobre isso for a única razão para começarmos a vida juntos... *no lugar errado*? Sei que ele também está orando sobre tudo isso. Certamente Deus o levará a escolher sabiamente. — Ela tentou dar um sorriso, mas depois disse: — E se... e se eu estiver apenas sendo egoísta com relação a isso, no final das contas?

Mais uma vez, imagens mentais do quanto sua mãe era controladora e da descrição de Jarrick da mãe assertiva dele encheram a mente de Beth. Ela não expressaria esses pensamentos para Julie.

Julie abraçou Beth com mais força.

— Eu acho que você poderia ser sincera com ele. Não exigindo nada, mas sim sendo sincera.

Beth balançou a cabeça, as lágrimas recomeçaram a cair.

— Receio que não posso. Como Jarrick me ama tanto, acho que ele se sentiria obrigado a fazer o que eu quisesse. E então, se as coisas derem errado, eu saberei que sou a culpada.

— Bem, isso não é tão ruim, Bethie, ser tão amada. — Julie

levantou o rosto de Beth e sorriu para ela. — Que problema bom para se ter.

O rosto de Beth se retesou.

— Ah, Julie, eu sei disso, mas também é um peso tão grande para carregar, saber que eu poderia alterar toda a vida dele, tudo o que ele tinha planejado e esperado. Como eu poderia me perdoar se o levasse para longe de onde ele deveria estar? Como eu poderia sentir que *meu próprio* amor era fiel a ele, para seu próprio bem?

— Mas então, você não está bastante convencida de que ele está realmente *destinado* a estar aqui como um policial?

— Eu simplesmente não sei. — Beth deixou sua cabeça cair no colo da irmã. Seus ombros tremiam com a força de seus soluços, toda a emoção reprimida transbordando. — Como posso ter *certeza*? — lamentou ela.

A mão de Julie acariciou o cabelo emaranhado de Beth para longe de seu rosto, sussurrando palavras reconfortantes. Com uma lógica gentil, Julie finalmente disse:

— Mas você não pode nunca *saber com certeza*, Beth, se ele deveria ficar aqui ou se Deus quer que vocês voltem para casa para que ele possa trabalhar para o papai. Portanto, se você conversar com ele, é tão provável que você esteja incitando-o a tomar a decisão certa quanto a errada. E, se você não falar, talvez seu silêncio sobre o assunto o direcione para uma escolha errada. — Julie ficou em silêncio, continuando a acariciar os cabelos de Beth com compaixão. Por fim Beth sussurrou:

— Mas assim que eu der minha opinião, não posso voltar atrás. Por isso, tenho esperado e orado. — Ela tossiu de novo e limpou o nariz dolorido com o lenço de Julie. — E receio não confiar tanto em meus próprios sentimentos quanto costumava. Percebo mais claramente, a cada dia que passa, que sou muito mais egocêntrica do que pensei que era. Essa confusão com Robert, eu não consigo nem descrever isso para você, Julie. E mesmo durante nossa viagem no verão, temo que eu estava bastante propensa a confundir minhas próprias reações emocionais com decência e honestidade. Não sei como diferenciar às vezes.

Beth estava retomando sua calma mais uma vez. Ela se empurrou para cima no sofá e limpou suas lágrimas e seu nariz uma última vez. As emoções tinham piorado sua congestão nasal. Ela decidiu trocar de assunto:

— Bem, e sobre amanhã? Você falou a Molly sobre nosso plano para você dar aulas?

Julie desviou o olhar, depois voltou-o para Beth.

— Bem, não exatamente — ela respondeu.

— O que você quer dizer com isso?

— Ah, querida, não fique brava. Robert, Sr. Harris Hughes, já tomou providências.

— O que... o que você quer dizer?

— Ele vai dar aulas em ambas as salas de aula com aquela porta do meio aberta. Na verdade, ele me abordou na rua no meu caminho para lá e me pediu seus planos de aula.

— Você não lhe disse que ia dar aulas como minha substituta?

— Eu disse, mas ele disse que, se eu não tivesse um diploma universitário, não seria permitido.

— Permitido? Fundamentado em quê?

Julie limpou a garganta.

— Fundamentado na reunião que ele teve ontem à noite com a câmara municipal, eu suponho.

— Eles já se reuniram?

— Sim. E foi decidido como lidar com sua ausência. Ele quer que eu lhe entregue seus planos de aula ainda hoje à noite.

Beth sentiu seu coração apertado por um emaranhado de emoções, nenhuma das quais parecia digna depois de sua recente oração.



Mais dois dias foram necessários para a recuperação de Beth. Ela sabia, na quinta-feira de manhã, que não deveria voltar à escola tão rapidamente, mas sentiu-se compelida. Sua febre tinha desaparecido, e então ela disse a si mesma que os outros sintomas eram inconsequentes. Enfiando vários lenços e o pequeno frasco de aspirina com seus materiais escolares e embrulhando-se com um casaco e o cachecol, ela atravessou a rua no escuro.

Assim que ela dispensou sua turma para o almoço, ela procurou Marnie.

— Posso falar com você?

— Sim, Srta. Thatcher. O que foi?

Beth a puxou para um canto e baixou sua voz.

— Eu gostaria de poder conversar com Harold hoje. Você acha que isso seria possível? Depois do trabalho dele, talvez?

Os olhos de Marnie examinaram o rosto de Beth apreensivamente

— Ele está vindo aqui para almoçar. Você quer falar com ele quando ele chegar aqui?

— Ah sim, isso seria bom. Por favor, diga-lhe que eu estarei na minha mesa.

— Sim, senhora.

Harold chegou logo depois que Beth se acomodou.

— Você queria falar comigo, Srta. Thatcher?

— Sim, por favor. Entre.

Ele assentou-se em cima da carteira mais próxima, aparentemente nem um pouco confuso com o pedido de uma reunião. *Ele provavelmente está se acostumando com estas mesmas perguntas* — Beth conjecturou.

— Harold — ela começou, — ouvi dizer que você e Marnie ficaram noivos.

— É isso mesmo.

— Eu sei que seu tio e os pais de Marnie já conversaram com você. Mas quero simplesmente lembrá-lo de uma coisa, se você me permitir.

— Sim, senhora.

Beth levantou uma mão para pressioná-la contra a testa, sentindo os resquícios de sua doença.

— Você se lembra do que me disse um tempo atrás em nossa caminhada? Que você queria que Marnie terminasse a escola.

— Ah, sim, senhora, eu certamente me lembro.

— E você ainda está comprometido com esse objetivo?

— Sem dúvidas, Srta. Thatcher. Ora, eu não *deixaria* ela desistir antes que ela termine. Isso é muito importante para mim, senhora, para nós dois.

Beth sorriu e suspirou de alívio.

— Estou tão feliz em ouvir isso, Harold. Ela é tão preciosa para todos nós. Nós queremos o melhor para ela, para vocês dois.

— Sim, senhora. Obrigado. É tudo o que você queria saber?

— É.

— Muito bem então, Srta. Thatcher. Tenha um bom almoço. — Ele se levantou e saiu, sem dúvida para encontrar Marnie e relatar a conversa.

A mão de Beth cobriu seu coração enquanto ela o observava partir.

— Senhor, por favor, ajude-os — sussurrou ela.

Capítulo 21

Beth riscou mais uma semana do calendário pendurado ao lado da pia em seu quarto. Ela tentou imaginar o pequeno Josiah, seu sobrinho recém-nascido. Será que ele já está sorrindo? Dormindo bem? Ela balançou a cabeça ao se lembrar que estava lá quando JW era recém-nascido. Esta seria uma experiência muito diferente, até mesmo para a mãe e Margret. Sem Julie e sem mim, o cuidado será compartilhado por menos braços. Beth pôs o lápis de lado, franzindo a testa ao pensar em outra coisa: — E onde Julie tem passado seu tempo nos últimos dias? Ela se ausenta com frequência. Talvez ela esteja esquiando, mas tão repetidamente? Detesto questioná-la sobre isso. Ela é adulta, afinal de contas. E não há muitas possibilidades de atividades por aqui, mas ainda assim, eu gostaria de saber.

Beth suspirou e olhou novamente para o calendário, comparando as semanas que faltavam para o casamento com suas listas. Ela sabia que seria difícil estar com tudo pronto.

Ela chamou pela porta:

— Julie, acho que precisamos planejar uma viagem para a cidade em breve.

— Com este tempo? Você não acha que vai nevar de novo? Não me entenda mal, querida. Eu amaria ir junto. Há bastante tempo que desejo exatamente isso.

— Se quisermos ser incluídas na próxima vez que Alberto for, precisamos lhe dizer nosso desejo agora.

Julie apareceu na entrada do quarto, ansiedade em seu sorriso.

— O que você precisa... — Ela parou antes de terminar e cruzou os braços com convicção. — Que não seja mais tule. Eu não vou fazer mais laços. — Sua expressão dramática dizia mais do que suas palavras enquanto ela gesticulava em volta dos dois cômodos. — Não é possível que você queira mais do que isto. Além disso, onde é que você os guardaria? Parece que já estamos vivendo em um salão de casamento. — De fato, havia laços brancos pendurados em ganchos e fios em cada canto da sala, e fileiras de flores de tecido cobriam o topo da cômoda e repousavam contra os rodapés ao longo de cada parede.

Beth riu.

— Não, não mais tecido. Mas eu tenho uma lista de outras coisas. Não é muito longa, mas preciso ter tempo para preparar tudo. Talvez pudéssemos ir neste fim de semana.

Julie acenou energicamente com a cabeça.

— Deus sabe que eu gostaria de sair deste lugar por um tempo.

— Pobre Julie. Você vai esquiar novamente hoje? — Beth arriscou.

— Não tenho certeza. — Um olhar evasivo nos olhos de sua irmã prendeu a atenção de Beth, mas depois Julie acrescentou: — Vou arrumar um pouco a casa aqui, depois talvez vá dar um passeio ou sentar-me com um livro no café da Abigail. Você consegue imaginar quantos livros eu li desde que vim visitar? Os olhos do papai saltariam para fora ao ver minha pilha alta. Eu só gostaria de realmente apreciar a leitura tanto quanto vocês dois. Suponho que passarão anos, depois de voltar para casa, antes que eu esteja interessada em pegar outro livro.

Beth sentiu uma pontada de culpa que Julie não tinha encontrado nada mais para ocupar seu tempo.

— Bem, se você quiser, apareça na sala de aula. Posso sempre encontrar algumas maneiras de você ajudar os alunos. — E ela acrescentou silenciosamente: — *Não me importa o que Robert pense sobre a sua formação.*

— Você me oferece isso como se fosse ser atraente para mim. Eu prefiro encontrar meus próprios passatempos, muito obrigada. E creio ter pensado em uma atividade maravilhosa.

Beth não disse nada sobre o comentário enigmático. Julie se virou para pegar seu casaco e saiu sem arrumar nada do que ela havia proposto.

Pouco depois de Julie partir, quando Beth estava caminhando pelo gelo com cuidado para ir à escola, ela notou um pequeno grupo de homens saindo do prédio. Robert devia ter tido outra reunião de manhã cedo. Essa era a segunda apenas esta semana. O que ele poderia ter de assunto para discutir tão frequentemente com os membros da câmara?

Bill Shaw tirou seu chapéu para Beth enquanto eles passavam um pelo outro na calçada. Os outros apenas murmuraram seus bons-dias um após o outro.

Beth os cumprimentou em troca e então andou até sua sala de aula. Ela suspirou. Havia tanto para seus alunos alcançarem antes do final do ano letivo. Com os planos do casamento e o clube bíblico noturno, além de Julie e as outras pessoas com quem Beth queria passar um tempo, ela se sentia sobrecarregada. *E depois? Depois que eu estiver casada, depois que o ano letivo tiver terminado? Oh, Pai, o Senhor*

é quem sabe... é Aquele a quem eu posso confiar tudo isso.



— Srta. Thatcher, posso falar com você? — Robert estava na entrada, segurando um caderno de anotações.

— É claro. O que foi?

— Foi-me pedido pela câmara para tratar de uma situação com as crianças.

— Oh?

— Eles têm brincado na floresta, em terras que pertencem à mineradora.

— Sim? — Beth se perguntou o que ele esperava que ela fizesse. Parecia uma questão que deveria ser discutida com os pais.

— Eles parecem estar juntando uma quantidade considerável de sucata lá, como madeira, tábuas descartadas e até mesmo sucata de metal. — Ele fez uma pausa. — É possível que você saiba ou tenha ouvido quais são suas intenções?

Beth sorriu um pouco, então disse:

— Não, simplesmente soa como crianças curiosas e enérgicas que estão procurando algo interessante para fazer.

— Eles não mencionaram se podem estar *construindo* alguma coisa?

— Não, eu não estou sabendo de nada sobre isso. — Ela o olhou com curiosidade. — Você está perguntando sobre os alunos desta sala de aula? Os mais novos? Não consigo conceber como eles conseguiriam criar um distúrbio na floresta.

— Não, eu acredito que são os mais velhos e da minha turma, Srta. Thatcher. Mas... — ele hesitou, seu olhar se desviando em direção à janela, — você parece conhecer a todos bastante bem, então eles confiam em você, mais do que em mim. Eles lhe fariam confidência de seus segredos mais facilmente.

Beth ficou bastante chocada com a admissão.

— Bem, James, Kenny e Peter são um trio formidável. Os meninos Coolidge também podem estar com eles, embora eu não veja por que eles não realizariam qualquer projeto na casa antiga de Frank. Mas posso perguntar às mães deles, se você quiser.

— Receio que isso não tenha sido eficaz até o momento.

Beth se perguntou se o problema era mais sério do que ele havia expressado.

— Eles estão danificando a propriedade alheia?

Robert se aproximou e baixou sua voz.

— A preocupação é que itens podem ter sido levados dos

terrenos da empresa. Ferramentas e afins.

— Minha nossa, isso é mesmo motivo de preocupação. — Beth apressou-se: — Mas, Sr. Harris Hughes, não tenho absolutamente nenhum motivo para pensar que algum dos rapazes que mencionei estaria envolvido em qualquer tipo de roubo. Por favor, não se apresse a julgá-los. Eu mesma falarei com eles se você quiser, mas não podemos presumir que eles sejam culpados sem *alguma prova*.

— É claro, Srta. Thatcher. Entretanto, a empresa está me pressionando muito, como prefeito, para chegar a uma solução. E estou bastante desorientado quanto a como devo proceder.

Ele está admitindo que precisa de ajuda? Da minha ajuda? Beth sentiu uma empatia inesperada por esse homem complicado.

— Farei o que puder. E, se eu pensar em mais alguma coisa, eu o informarei.

— Obrigado, Srta. Thatcher. Agradeço sua ajuda da forma que você puder dar. — Ele se virou, depois voltou-se para ela novamente. — Ah, Srta. Thatcher, tenho um segundo pedido.

— Sim?

— Sabe, Ivy, minha noiva, vai fazer uma visita na próxima semana. Eu tinha esperanças de que você estivesse disposta a jantar com ela no café da Abigail, você e sua irmã se preferir, para dar-lhe as boas-vindas e responder quaisquer perguntas que ela possa ter sobre a comunidade. Eu, claro, cobriria o custo da refeição de todas vocês. Sinto que vocês seriam as companheiras mais adequadas, sendo mulheres de idade e postura similares. Ela chega na tarde da próxima terça-feira, se o clima permitir. Talvez depois das aulas na próxima quarta-feira seja conveniente para você, Srta. Thatcher?

Ah sim, sua noiva... Beth tentou imaginar como essa mulher seria enquanto aceitava sua proposta.

— Eu gostaria disso e tenho certeza de que minha irmã ficaria encantada em conhecer alguém novo. Sua noiva vai ficar por muito tempo?

— Apenas alguns dias.

— Confirmarei esse jantar amanhã, tanto para Julie quanto para mim.

— Obrigado, Srta. Thatcher.

E ele desapareceu pela entrada.



Beth decidiu iniciar sua investigação com os meninos mais velhos. Ela abordou Teddy enquanto ele estava cortando lenha no quintal da Molly.

— Olá. Você tem um minuto para responder uma pergunta?

— Sim, senhora. — O adolescente apoiou a cabeça do machado no chão, com o cabo encostado na perna.

Beth foi direto ao ponto.

— Teddy, disseram-me que um problema está ocorrendo no oeste da cidade. Alguém tem coletado toras e metal e madeira na propriedade da empresa. Você ficou sabendo de algum projeto lá?

Ele deu de ombros despreocupadamente.

— Eu não tenho ido para aqueles lados há algum tempo. Mas eu posso perguntar por aí. Você acha que são crianças?

— Não sei se alguém tem certeza. Mas seria estranho para um adulto se interessar por esse tipo de material de sucata. — Beth optou por não mencionar a alegação de roubo. Não havia necessidade de fazer essa associação ainda.

— Claro, Srta. Thatcher, vou investigar por aí.

— Obrigada. Vou até a casa da Sra. Coolidge hoje e falarei com Luela e Addison.

O cenho de Teddy se franziu.

— Por que não lhes pergunta na escola e se poupa de uma caminhada?

— Bem, eu não quero alarmar ninguém. Estou tentando fazer isso silenciosamente, com discrição. Você entende?

— Claro — respondeu ele. — Você não quer que as crianças culpadas descubram que você está à espreita.

Ela cobriu um sorriso.

— Mais ou menos isso. Mas não é que alguém seja realmente *culpado*. Nós nem sabemos o que está acontecendo. Portanto, não faz sentido causar agitação.

— Eu entendi, Srta. Thatcher. Perguntar por aí, mas fazê-lo em sigilo. — O jovem trouxe o machado para cima para descansar em seu ombro.

— Obrigada, Teddy. — Ela caminhou através da floresta até a antiga casa de Frank. Addison e Luela não lhe deram mais informações, no entanto.



Após dois dias de perguntas, Beth não estava mais perto de encontrar qualquer informação útil. Parecia que nenhuma das mães ou seus filhos sabia de nenhum projeto que se encaixasse na descrição, e ela estava convencida de que eles estavam falando a verdade. Ela teria de dizer a Robert que era incapaz de ajudá-lo.

Os membros da câmara continuaram a entrar e sair da escola

no início da manhã. *Eles parecem bastante preocupados com este transtorno. E, de alguma forma, Robert foi posto no centro da questão.* As sobranças dela se ergueram enquanto ela se perguntava se ele teria deixado seu nome concorrer a prefeito se soubesse desta crise em Coal Valley.

Beth fez os preparativos para uma viagem à cidade no sábado de manhã, mas ela ficou decepcionada depois da escola na sexta-feira ao ver um aglomerado de nuvens escuras e ameaçadoras passando sobre as montanhas e descendo para o vale. Haveria mais neve, as estradas pelas montanhas ficariam perigosas e provavelmente não haveria como viajar para qualquer lugar.

Pobre Julie, ela havia estado ansiosa por outro passeio com a irmã de Eliza Smith, Mary. E havia algo mais. Algo do qual ela parecia apenas dar pistas. Beth sabia, no entanto, que interrogá-la não daria resultado. O momento e o lugar em que ela estaria pronta a compartilhar, apenas Julie decidiria em sua própria maneira.

A especulação sobre o que estava acontecendo na floresta havia se tornado uma conversa pública durante o almoço entre os alunos reunidos na sala de aula de Robert. Todos eles eram enfáticos de que não estavam envolvidos. Na segunda-feira à tarde, até mesmo o lado de Beth da escola estava cheio de conjecturas, grande parte da conversa começando com "minha mãe disse...". Beth reiterou para as crianças de que eles não iriam entrar nesse tipo de assunto durante as aulas.

Frank mencionou, na segunda-feira à noite, que a estrada deles havia sido poupada da pior parte da última nevasca e que estava limpa novamente e provavelmente permaneceria acessível pelo menos até depois do fim de semana. Principalmente para o bem de Julie, Beth estava feliz que elas conseguiriam fazer sua viagem até Lethbridge. E ela também estava contente por Robert e torcia para que a noiva dele tivesse uma viagem agradável no dia seguinte.



— Srta. Thatcher, não posso descrever o quanto estou entusiasmada em conhecê-la. Robert disse tantas coisas elogiosas a seu respeito.

Beth ficou sem palavras por um momento, depois conseguiu:

— Ora, obrigada. É muito gentil da parte dele, tenho certeza.

Ivy cumprimentou Julie, depois enfiou um braço pelo de Beth e levou as duas em direção a uma mesa de canto no café da Abigail. Parecia que Ivy tinha chegado mais cedo e feito os preparativos para sua refeição.

— Vamos sentar aqui, meninas. Já pedi um prato de sanduíches, uma pequena bandeja de doces e um pouco de chá, se não houver problema. Mas, oh, vocês preferem café? Robert me disse que isso é mais comum aqui.

Julie sentou-se em sua cadeira, seu encanto pela visitante claramente visível em seu rosto.

— Bebemos principalmente chá. Isso soa muito bom, Srta....

— Oh, eu não gosto de formalidade. Pode me chamar de Ivy. Todos chamam.

Enquanto Beth tomava seu assento, ela ainda estava reformulando sua ideia imaginada da noiva de Robert. Ivy era extrovertida e exuberante, com uma presença natural e confiante. Ela também era muito marcante, embora não fosse o que muitos classificariam como uma beleza clássica. Ela tinha traços bastante acentuados e angulares, que eram suavizados por cachos loiros contornando seu rosto. Suas unhas estavam pintadas com um vermelho escuro. Tudo na Ivy era completamente moderno e estiloso.

Julie estava hipnotizada.

— Posso perguntar onde você comprou seu vestido, Ivy? É deslumbrante.

— É absurdo, eu sei. Eu não deveria tê-lo usado hoje, mas é o preferido de Robert e eu queria fazê-lo sorrir. Eu vou diminuir a extravagância quando me mudar para cá, usarei vestidos mais práticos e coisas assim. — Ela piscou para Julie.

Beth na verdade não se lembrava de ter visto Robert sorrir, já que não contava seus sorrisos irônicos.

Ela olhou para sua própria saia e blusa simples, para suas unhas que precisavam muito de cuidados, e não conseguiu evitar um pequeno suspiro.

— Espero que tenha tido uma viagem agradável e que as estradas não estivessem muito escorregadias.

— Minha nossa, elas não são uma loucura? Achei que cairíamos da beira de um penhasco meia dúzia de vezes. Lembro-me de pensar que era uma viagem tão linda quando vim no final do verão. As vistas grandiosas são tão diferentes nesta época do ano.

Julie se inclinou para frente, o entusiasmo com esta nova amiga estava claro em seu rosto e em sua voz.

— Quando você planeja se casar? E onde você vai morar?

O riso da mulher foi contagiante.

— Está tudo muito incerto neste momento. Robert quer definir logo. Você sabe, elaborar um plano. Ele gosta muito de organizar as coisas. Mas receio que eu esteja me divertindo bastante em Calgary. Eu canto em uma casa noturna de lá. É muito divertido. E por isso não sei quando quero mergulhar de cabeça. Mas isso não o faz ir mais

devagar. Ele já está negociando para comprar o terreno ao lado deste, então suponho que ele começará a construir uma casa assim que a primavera chegar. Minhas queridas — disse ela, piscando os olhos recatadamente, — ele me escreve com frequência dizendo que está simplesmente perdido sem mim. As mais meigas cartas de amor, como um menininho apaixonado. — Ela riu. — Conheci muitos homens, mas Robert é... bem, ele é certamente único entre todos eles. Tão sólido e previsível. Sempre sei o que ele fará a seguir. Ele nunca me surpreendeu, e acho que nem tentou, e suponho que gosto dele bem assim. — Ela riu de novo.

Beth optou por ignorar a descrição que Ivy fez de seu noivo. *Ela se refere ao terreno entre o prédio de Abigail e a pensão de Molly. É onde fica a horta comunitária que fornece comida para muitas das famílias, comida necessária.*

— A quem pertence o terreno? — Imediatamente, Beth desejou que suas palavras tivessem soado menos bruscas.

— Creio que pertence ao mesmo casal que costumava ser dono deste prédio. — Ivy fez um gesto ao redor do café de Abigail. — O nome é Grant, creio eu. Os Davie Grants.

Beth limpou a garganta, ignorando as emoções que o nome suscitava.

— Eles estavam planejando vender?

— Não tenho certeza. Eu sei que eles não vivem mais aqui na cidade. Robert não me falou muito mais que isso. Mas ele geralmente encontra uma maneira de conseguir o que quer.

Julie se aproximou de Ivy e baixou sua voz.

— Bem, você não acreditaria na história dos Grants se eu lhe contasse.

Ivy se inclinou com um sorriso.

— Conte.

— Veja bem, o Sr. Grant...

— Julie — Beth disse silenciosamente, cutucando a irmã. — Não é apropriado que contemos isso.

Os dois pares de olhos analisaram Beth, parecendo debater se deveriam ou não ignorar sua repreensão.

— Bem, de qualquer forma — disse Ivy, quebrando a tensão, — quase todos vendem se você oferecer dinheiro o suficiente, e Robert tem dinheiro. Então... — O gesto confiante da mão dela disse mais do que as palavras.

— Que tipo de casa você vai construir? — perguntou Julie.

Ivy encolheu os ombros.

— Não será grande, mas será de tijolo para que fique confortável e quente neste frio horrível. E terá um aquecedor a óleo de verdade para esquentar a casa, não apenas um fogão a lenha.

— Eletricidade?

— Infelizmente, não aqui. Mas vamos nos virar de alguma forma, como os pioneiros de antigamente. Imaginem a mim, uma desbravadora! Quem teria adivinhado?

— Oh, Bethie, isso não será ótimo para eles?

— Sim, tenho certeza de que será encantador. — Beth reclinou-se de volta em sua cadeira, seus pensamentos a distraíndo da maior parte do restante da conversa. *É possível, então, que eles morem ao lado e que Jarrick e eu sejamos forçados a vê-los regularmente como vizinhos? Mas não vamos ficar por muito tempo de qualquer maneira. Apenas até o final do ano letivo.* Ela não conseguiu conter o suspiro que se seguiu.

Capítulo 22

A neve estava caindo suavemente na manhã de quinta-feira enquanto Beth se apressava para chegar à escola. Ela passou enquanto Robert se despedia de Ivy na escuridão, iluminados apenas pela lua, antes da chegada dos alunos. Mais tarde, durante o almoço, Beth observou, pela janela da sala de aula, a tempestade reunindo forças. Ela temia que a nova nevasca atrasasse mais uma vez a excursão com Julie a Lethbridge. É bom que Ivy tenha conseguido vir a tempo — ela pensou ao se voltar para sua mesa.

A página do calendário havia sido virada para março, mas parecia que a primavera não tinha a intenção de aparecer tão cedo.



No clube bíblico, Beth ficou surpresa ao notar que algumas das mães dos alunos estavam se agrupando no fundo da sala enquanto ela terminava de dirigir o elenco da história do dia. Beth encerrou a reunião com uma oração e foi cumprimentar as convidadas inesperadas. As mulheres estavam todas sorridentes.

— Achamos que seria tão bom encontrá-la aqui quanto em qualquer outro lugar — explicou Abigail, parecendo um pouco misteriosa. — Sua irmã disse que você estava se sentindo muito melhor agora e não se importaria de ficar fora um pouco mais.

— Obrigada, sim, estou de volta ao normal agora. — Beth olhou ao redor enquanto biscoitos, tortas e café quente eram trazidos da sala ao lado. Elas tinham começado a mover as cadeiras para formar um círculo. *É uma reunião de oração? Uma noite de jogos?*

— Estou confusa, Abigail. Para que exatamente vou ficar acordada?

Sua pergunta foi recebida com um sorriso misterioso e um aperto leve em sua mão. Abigail olhou em volta, e, quando ela acenou com a cabeça, as mulheres reunidas gritaram:

— Seu chá de panela!

Beth arfou e levantou a mão rapidamente para cobrir sua

surpresa.

— Oh, isso é tão gentil... tão gentil de sua parte. — *E tão generoso. Tão singelo!* Beth recordou-se das casas pouco equipadas, das roupas usadas e remendadas que seus filhos vestiam. Na verdade, ela havia conseguido comprar tudo o que precisava para cuidar da casa quando chegou. As lágrimas encheram seus olhos e ela as segurou.

Julie entrou para se juntar a elas no círculo de cadeiras cheio de amigas de Beth, incluindo as meninas mais velhas. Elas riram juntas e apreciaram suas sobremesas enquanto Beth abria cada embalagem embrulhada com papel pardo. Uma após outra, Beth as abria para encontrar panos de prato bordados e confeccionados com sacos de farinha, toalhinhas de renda feitas à mão, uma delicada xícara de chá e um conjunto de fronhas, um colorido tapete de cozinha de crochê feito com retalhos, um espanador e um abafador de chaleira, e um quadro feito com ponto cruz de um versículo da Bíblia. Beth ficou comovida com o amor e a bondade delas. Ela olhou para os tesouros maravilhosamente simples colocados diante dela, e seu coração se partiu com a tristeza que já era familiar. *Jamais esquecerei todas vocês. Vocês são pessoas tão queridas. Como eu gostaria de poder ficar.*

— E agora de nós duas, Marnie e eu. — Molly piscou enquanto Marnie levava uma grande embalagem e a colocava no colo de Beth, ficando por perto enquanto a professora desatava o cordão e abria um canto do papel. Era a colcha, o desenho da Pata de Urso que elas haviam se esforçado para terminar. Beth olhou para Marnie, depois para Molly, e sussurrou um agradecimento trêmulo.

— Vocês precisavam de algo mais quente para vocês dois, e não tinha motivo para não ser bonito também — disse Molly a Beth.

— Oh, e é mesmo, Molly. E Marnie, eu sei que você tem se empenhado tanto nisto. — Beth ficou de pé e colocou seus braços ao redor da jovem, puxando-a para perto e sussurrando: — Eu amei, querida. É lindo demais para palavras. — Ela se afastou e murmurou: — Mas você também vai precisar de uma colcha...

— Eu posso fazer outra — disse Marnie rapidamente, sorrindo de orelha a orelha. — A senhorita Molly e eu já começamos. Mas não é só isso, Srta. Thatcher. Você tem de olhar nas dobras.

Beth sentou-se novamente, enfiou uma mão dentro da colcha e tirou um livro. Ela o ergueu e viu que era um diário.

— Não é um diário em branco — explicou Marnie depressa. — A senhorita Molly e eu escrevemos todas as coisas que achávamos que você precisaria saber sobre cuidar da casa. Tínhamos esperança de que fosse uma ajuda para você.

Beth colocou o diário em seu colo, pôs o rosto nas mãos e riu ao mesmo tempo em que chorava.

Julie disse:

— É o que você precisava, certo, Bethie?

Suas palavras provocaram mais gargalhadas e mais lágrimas. Beth abriu o diário em uma página aleatória e leu em voz alta:

— Johnny Cake — estava escrito na cuidadosa letra da garota, depois notou a receita que se seguiu. Ela virou algumas páginas e encontrou: — Removendo manchas — estava escrito no topo com categorias listadas e instruções para cada uma, e em outra folha: — Como e quando fazer uma cataplasma.

— Oh, Marnie, eu não consigo nem descrever...

A garota estava rindo, obviamente encantada com a reação de Beth.

— Eu não poderia ter escrito nada disso se você não tivesse me ensinado tão bem. Por isso, gosto de poder ensiná-la também. — Ela acrescentou rapidamente: — E, claro, a Srta. Molly também ajudou com todas as receitas e conselhos.

Beth abraçou Molly e Marnie mais uma vez, depois abraçou cada uma das amáveis participantes, tentando expressar o quanto sua generosidade atenciosa a havia tocado profundamente.

Depois que o grupo partiu e Beth enviou os presentes para casa com Julie e Marnie, Molly permaneceu. Ela organizou uma fileira de carteiras enquanto Beth preparava os itens para as aulas do dia seguinte. Finalmente, Molly sentou-se e falou quietamente:

— Quero que você saiba que seu diário já foi uma bênção imensa para mim e para a Marnie.

— Como assim? — Beth sentou-se ao lado dela, desta mulher que tinha se tornado uma segunda mãe.

Molly esfregou o seu joelho por um momento.

— Ele nos deu tanto sobre o que falar, coisas práticas e profundas. Todos os traços do que é ser uma mulher casada de acordo com Deus. Ela escreveu um versículo de Provérbios 31 na capa, mas nós lemos o capítulo inteiro e estudamos tudo. Ela está determinada a ser uma esposa assim um dia. Estou orgulhosa daquela garota.

— Você deveria estar, Molly — Beth respondeu com muita emoção. — Ela está se tornando muito parecida com você. E isso é o melhor que nossa Marnie poderia ser. Você tem sido uma guia maravilhosa, uma professora para ela, e ela será o mesmo tipo de professora para outra geração.



A notícia de que Alberto iria para a cidade com um carro depois das aulas na sexta-feira significava que Beth e Julie poderiam

finalmente fazer a viagem junto de outros passageiros: Harold e Marnie. Apesar do espaço apertado, Beth estava feliz em compartilhar a viagem e passar mais tempo com os dois jovens. Harold estava levando Marnie para apresentá-la à sua família, que se juntaria a eles para visitar alguns parentes que moravam em Lethbridge.

A empolgação da garota estava à vista de todos enquanto seu noivo colocava suas malas no porta-malas.

Para Beth, esta viagem seria útil para fazer suas últimas compras, mas, mais do que isso, ela lhe daria mais uma oportunidade de passar tempo com Jarrick. E Julie teria a chance de visitar Mary e seus amigos e de sentir a agitação da cidade. Eles planejaram passar a noite com Dillard e Eliza novamente, e naquela noite Jarrick trouxe o jantar de um dos restaurantes locais.

— Ah é — disse Eliza em uma pausa na conversa, — você não viria comigo, Beth? Eu tenho algo para você. — As duas foram até o armário do quarto, e Eliza apresentou o vestido de noiva da avó de Beth, já alterado para caber bem. O estômago de Beth tremeu e as lágrimas encheram seus olhos enquanto ela olhava para o lindo vestido, lembrando de todas as memórias que ele representava. — Tenho uma caixa pronta para que você possa levá-lo para casa. Se nós o dobrarmos cuidadosamente, com papel entre as camadas, acho que qualquer amassado sairá sozinho antes do casamento.

— Eliza, não sei como lhe agradecer — Beth sussurrou ao tocar o cetim e a renda. — É tão maravilhoso tê-lo pronto.

— Não falta muito tempo agora.

Beth sorriu, mas não disse: — *Parece que estas últimas semanas vão se arrastar eternamente.*

A impaciência só aumentou quando ela andou com Jarrick até a porta da frente para se despedirem, relutantes, no fim da noite.

— Sinto que não tivemos quase nenhum tempo juntos, Jarrick. Sei que pensarei em um milhão de coisas assim que minha cabeça cair no travesseiro — murmurou ela na segurança de seu abraço.

— E amanhã eu vou para o norte, para Athabasca. Duvido que esteja de volta até duas semanas antes do casamento. Mas vou enviar cartas o tempo todo, prometo. Você precisa de mais alguma coisa de mim por ora?

Beth sorriu.

— Bem, *há* uma coisa. Uma pergunta que eu gostaria de ver respondida.

— Qual é, querida?

— Aonde vamos em nossa lua de mel? Preciso saber para poder fazer as malas. Acho que você não entende que uma mulher precisa se preparar para essas coisas.

— Eu não posso contar — disse ele, sorrindo. — Tenho me

divertido demais mantendo-a em suspense. Mas vou lhe ajudar um pouco. Você não precisará se vestir com elegância, com a exceção de talvez uma noite. Você deve estar preparada para se vestir de maneira confortável e casual. Talvez levar um bom par de sapatos para caminhar. Isso ajuda?

— Hum. — As palavras só criaram mais perguntas. — Eu suponho que isso terá de ser o suficiente, então.

Ele sorriu novamente, beijando seu nariz levemente.

— Mas a boa notícia é que não precisaremos nos preocupar com a opinião de outras pessoas.

As sobrancelhas de Beth se ergueram.

— Então não estaremos na casa de alguém. Isso só pode significar um hotel. Mas eu não conheço nenhum hotel, exceto em Lethbridge. Mas isso seria na cidade, e nós precisaríamos nos vestir adequadamente para isso. — Ela franziu a testa. — Você me diria a verdade, certo? Você não vai me levar para algum lugar sem que eu tenha a roupa adequada?

Ele riu.

— Garanto-lhe que você vai ficar bem. Entretanto — acrescentou ele, — essa é a última pergunta que vou responder sobre o assunto. Você terá de confiar em mim, Beth.

Ela balançou a cabeça para ele, abraçou-o com força mais uma vez e fechou a porta quando ele saiu. Ela estava determinada a não reclamar mais sobre o segredo dele. Por mais difícil que fosse esperar, ela gostava da expressão de prazer dele em esconder isso dela.



A manhã seguinte foi ocupada com compras. Logo depois que haviam começado, Julie anunciou que conseguiria fazer muito mais sozinha, e Beth estava de acordo. No entanto, sua irmã apareceu no almoço com mais sacolas do que Beth esperava.

— Não há muito espaço no carro, querida — Beth a lembrou. — Especialmente porque estamos em cinco e tem nossa bagagem e o meu vestido de noiva. Não queremos ter de amarrar as coisas na capota. Você realmente precisa de tanta coisa sendo que não tem muito mais tempo...

— Confie em mim — disse Julie com sua confiança de costume.

Harold e Marnie estavam de mãos dadas quando chegaram à casa dos Smiths naquela tarde para a volta deles. Os olhos de Marnie cintilavam.

A família de Harold deve tê-la recebido de braços abertos —

concluiu Beth.

Alberto virou o carro em direção às montanhas do oeste enquanto Beth, sentada na frente com os pacotes de Julie empilhados em volta de seus pés, encostou a cabeça na moldura da porta e fechou os olhos.

Ela acordou para descobrir que o carro estava de volta em Coal Valley, em frente à pensão, com várias pessoas em pé do lado de fora, envoltas em uma conversa bastante barulhenta.

Ela se inclinou para frente para ver melhor através da janela, e lá estava Molly, com os braços cruzados, exigindo:

— Esse era o seu plano o tempo todo?

— Sim, senhora. Era. Eu admito. Mas isso não muda nada. — Harold estava torcendo a aba do chapéu com os nós dos dedos brancos.

— Ah, sim, muda, Harry Edwards. Isso muda tudo.

Marnie implorou:

— Srta. Molly, eu...

— Agora você volte para casa, Marnie. Acho bom você entrar agora mesmo, sem nem mais um pio.

Beth rapidamente puxou a maçaneta da porta e saiu para ver Molly conduzindo Marnie para dentro de casa enquanto Harold ficava sozinho ao lado do carro, olhando para baixo.

— O que aconteceu? — Beth sussurrou para Julie.

Os olhos de sua irmã estavam arregalados. Ela engoliu, então disse:

— Eles fugiram para se casar, como Frank e Molly. Foi por isso que eles foram conosco.

— Mas ele me disse, ele prometeu... minha nossa!



Beth, relutante em entrar na pensão naquela noite, hesitou na varanda da frente até que Julie passou por ela. Ela seguiu com cautela, com medo de que houvesse uma tensão desconfortável. Mas tudo parecia tranquilo quando encontraram Frank na sala de estar, mexendo em uma maçaneta oscilante de uma das portas.

— Entrem, entrem — ele convidou. — Tínhamos medo de que vocês não viessem nos visitar esta noite.

— Boa noite, Frank — respondeu Beth, o olhar dela sondando cautelosamente os arredores.

— Eles não estão em casa. Todos eles foram falar com o pastor. — Beth ficou aliviada. Philip daria conselhos excelentes. Ela orou por ele e sentou-se no sofá.

— Você não foi?

Ele balançou a cabeça.

— Minha Mollina, ela é uma mulher forte, mas isso não significa que ela seja sempre calma. Eu não me meto nisso, certo? Eu dou minha ajuda quando é necessário.

— Mas o que aconteceu? O que eles estavam pensando?

Frank pôs de lado seu projeto de conserto.

— Alguém lhes disse que, se casassem, a empresa lhes daria uma casa, um lugar próprio, porque o rapaz, ele trabalha lá.

— Mas eles sabem que já não há casas suficientes.

— Eles ouviram dizer que haveria uma disponível, que os McDermotts estão se mudando e que, se eles se apressassem, ela poderia ser deles.

— E eles, os McDermotts, estão mesmo se mudando?

— Sim, em breve. Howard conseguiu um emprego de gerente nas minas perto de Lethbridge. Mas a casa deles foi atribuída ao seu amigo professor.

— A Robert?

— A ele e à sua esposa.

— Mas Ivy, sua noiva — Beth explodiu, — disse que eles não se casariam tão cedo e que estão planejando *construir* uma casa.

— Sim, ele comprou o terreno dos Grants, mas a casa só começará a ser construída quando o solo descongelar e não será concluída até o final do verão. Por isso, eles vão alugar a casa da empresa até que a outra esteja pronta.

Beth balançou a cabeça em perplexidade.

Frank encolheu os ombros.

— Ele falou como se ela fosse vir logo. Ele parece tão ansioso para trazê-la para cá. Acho que ele se sente solitário aqui. Você não acha?

Beth não respondeu, forçando seus pensamentos a voltarem para Marnie e Harold.

— O que você acha que acontecerá nessa reunião com Philip? Eles tentarão anular o casamento? Ou será que será dada uma casa para os dois em algum lugar?

Frank permitiu que um leve sorriso aparecesse em seu rosto barbudo.

— Vou esperar para descobrir junto com vocês. — Ele balançou a cabeça. — Mas tenho esperanças de que essas pessoas sejam gentis com minha doce menina. Ela não é má e ele também não. Eles estão apaixonados demais para pensar claramente, não é?

Beth se lembrou da primeira esposa de Frank, sua Colette, e em como haviam dito a eles que eram novos demais. Ela presumiu que ele estava pensando nela também.

— Orarei com você, Frank, para que eles sejam tratados com delicadeza e gentileza.

Molly voltou logo com Marnie. A garota correu para cima, e Molly se arrastou pelo chão da sala, sentando-se na outra ponta do sofá.

Beth se esticou para repousar uma mão no braço de Molly.

— Espero que Philip tenha sido capaz de dar alguns bons conselhos.

— Não há muito a ser feito — disse ela com um suspiro. — Parece que aqueles jovens já fazem decisões por si mesmos. Agora, eles têm de arcar com as consequências dessa escolha.

O rosto de Beth ficou contorcido de preocupação.

— E a educação de Marnie?

— Ah, ele tinha uma resposta para essa também — disse Molly sombriamente. — Ela vai terminar a escola, diz ele. Na mente dele, não há nenhuma razão para ela não poder ser esposa e estudante ao mesmo tempo.

Beth se perguntou sobre a opinião de Robert sobre esse assunto, mas simplesmente propôs silenciosamente:

— Eles podem morar no meu apartamento, Molly.

— Oh não — disse Molly, balançando a cabeça com firmeza, — eles não vão receber mais do que merecem só porque forçaram as coisas. Eles ficarão no quarto de Marnie até que algo melhor apareça. E só o bom Deus sabe quanto tempo isso vai demorar.

Beth acenou com a cabeça, sentindo-se mal por Marnie e por Molly.

A mulher balançou a cabeça tristemente de novo.

— Harry disse que ela ficou muito bonita com aquele vestido que você lhe deu.

— Que vestido?

— O que era para o casamento.

— O vestido de madrinha, o azul?

Molly acenou com a cabeça, e Beth suspirou novamente, imaginando Marnie ao lado de Harold, com o vestido azul anil. A imagem causou impressões conflitantes em Beth, uma mistura confusa de romantismo e sofrimento.

— Lamento muito, Molly.

Os olhos de Molly já tinham fechado.

— Não lamente, querida. Pelo menos ela tinha algo bonito para vestir. Nunca seríamos capazes de lhe dar algo melhor.

Capítulo 23

A notícia chocante circulou por Coal Valley em velocidade recorde. Beth seguiu Molly, Frank, Harold e Marnie para seu banco habitual no domingo de manhã e observou os vários membros da igreja avaliando a situação. Ela distinguiu simples curiosidade e interesse, além de vários graus de simpatia e apoio, enquanto alguns poucos rostos mostravam condescendência.

Após o almoço de domingo, Frank foi para sua rotineira visita aos seus amigos, e Beth retirou-se para a cozinha com Julie para ajudar na limpeza. Harold e Marnie saíram silenciosamente para um passeio, e Beth avistou Robert saindo pela porta da frente com suas roupas e botas de caminhada, como era seu costume de domingo.

Quando Frank voltou, ele trouxe o tabuleiro de xadrez e desafiou Beth para uma partida. Ela foi rápida em aceitar, e logo eles estavam competindo jogada a jogada, peça a peça.

— Temo que sua mente esteja em outro lugar hoje, Frank. Estou lhe acompanhando, para variar — brincou ela.

Ele pareceu surpreso por um momento e depois admitiu, esfregando o queixo:

— Sim, estou pensando em outras coisas agora.

Em Marnie e Harold — Beth presumiu.

Ele curvou-se sobre a mesa e estudou Beth por um momento, então deve ter decidido confiar nela com o assunto.

— Eu estava voltando do rio, onde encontrei meus amigos, e vi muitas pegadas de animal na floresta onde se dizia que as crianças estavam brincando com os objetos descartados da empresa.

— Era de veado ou talvez de alce?

— Era de cavalo. Mas quem era o cavaleiro, isso eu não sei. É estranho, não é?

— Sim. Sim, é.

Frank moveu sua mão para levantar uma de suas peças de xadrez e parou novamente.

— É uma bobagem, e ainda assim a cidade está culpando seu amigo professor. Está lhe causando muitos problemas.

— Mas por quê? Certamente eles não pensam que ele esteja

envolvido.

— Eles acham que ele deveria saber o que as crianças estão fazendo.

— Mesmo quando seus próprios pais não conseguem explicar?

— Sim, alguns deles mesmo assim. Eu acho que ele caiu da graça e as pessoas não confiam mais tanto nele.

A mente de Beth se prendeu às misteriosas pegadas.

E se não forem as crianças?



Na segunda-feira de manhã, Julie estava finalmente pronta para admitir o motivo por trás de suas muitas compras na cidade.

— Eu providenciei uma mostra na loja do Coulter. É para as mulheres de Coal Valley. Cremes, maquiagem e loções. Ivy foi quem me encorajou. Afinal, essas coisas são realmente necessárias aqui onde o clima é tão rigoroso para a pele de uma mulher. Então por que não disponibilizar minha experiência significativa para ajudar essas mulheres a descobrir cosméticos?

— Julie, essas mulheres têm dificuldades até para colocar comida na mesa.

— Bobagem. O que eu tenho não é muito caro. Levei isso em consideração e só trouxe o mais básico e econômico.

Beth ia levantar mais objeções, mas estava simplesmente cansada demais depois de se preocupar com Marnie e se inquietar com o futuro dela mesma e de Jarrick. *O que poderia dar errado se Julie tentasse vender alguns produtos de beleza? Ao menos isso a manterá ocupada.*

Naquela tarde, ao chegar da escola, Beth não se surpreendeu ao encontrar Julie colocando etiquetas em pequenos frascos espalhados pela mesa da cozinha e empilhados em um pequeno caixote na segunda cadeira. Beth tirou o casaco, com as bochechas congeladas de frio. Uma nevasca estava vindo sobre a cidadezinha, e ela havia liberado seus alunos mais cedo para que eles pudessem chegar em casa a salvo antes da tempestade.

— Bem, já que é quase primavera, o que você acha do nosso clima, Julie?

— Se isso criar muita neve fresca para esquiar, eu fico feliz. Tem havido muita neve com crosta e gelo demais para o meu gosto. Isso é o que eu acho.

— Você sabe que isso significa que a escola estará fechada e provavelmente ficaremos presas aqui dentro por um ou dois dias.

— Minha querida, senti-me presa no apartamento desde que

cheguei aqui. E, de qualquer forma, podemos terminar aqueles folhetos do casamento que você tem me importunado para fazer.

— Eu não tenho lhe importunado para nada. Ora, eu...

— Você tem correspondência, Bethie. — Julie sorriu docemente e fez um gesto em direção ao pequeno armário da despensa.

— Uma carta da mamãe — disse Beth enquanto olhava rapidamente os envelopes. — Estou contente. Já não tenho notícias dela há algum tempo. Provavelmente são algumas histórias sobre o bebê Josiah e mais perguntas sobre o casamento. Talvez agora eles já saibam quando chegarão. — Ela colocou a carta de lado. — E uma de Margret. Oh, espero que ela tenha mandado fotos. — E depois: — Julie, o que é isto?

Outro objeto estava preso atrás do envelope da Margret.

— É um telegrama — comentou Beth, procurando o nome do destinatário. — Deve ter sido enviado da cidade junto com a correspondência.

— Para quem é? Para você ou para mim?

— Nenhuma das duas, é para... é para o Robert! Deve ter vindo para nós por acidente. Teremos de entregá-lo a ele o mais rápido possível.

Julie tentou pegar o telegrama, mas Beth imediatamente o escondeu no bolso do casaco.

— Eu disse que é para o Robert. Não podemos lê-lo.

— Ele nunca vai saber. Ele...

— Julie! Não vamos ler o telegrama de outra pessoa. Vamos levá-lo para ele na pensão.

— Besteira! Então, mais vale lê-lo. Se ele souber que estava com você, presumirá que você sabe o que está escrito nele.

Beth se afastou da mesa e depois voltou.

— Então vamos levá-lo de volta para a loja — disse Beth firmemente. — Agora, o que vamos fazer para o jantar? É melhor começarmos. Eu acenderei o fogo enquanto você descobre o que será.



Julie estava certa sobre os preparativos adicionais que eram necessários para o casamento. A carta da mãe revigorou Beth para terminar as coisas já começadas, incluindo copiar e dobrar os folhetos, enquanto Julie usava suas habilidades artísticas para acrescentar uma trepadeira de rosas ao redor do escrito.

Beth ainda não havia resolvido a questão do arco para o centro

do altar, mas ela esperava que uma ideia surgisse em breve. Uma ideia que fosse simples de montar e que agradasse a sua própria mãe e talvez até satisfizesse a sua futura sogra.

Na tarde seguinte, as irmãs se cobriram com camadas, deixaram alguns restos de comida para Penelope no pé da escada e correram para a pensão da Molly, apertando os olhos por conta dos cristais gelados que eram lançados pelo vento.

Teddy respondeu à batida delas, apressando-as a entrar e fechando a porta firmemente atrás delas.

— Pensamos que vocês poderiam aparecer, agora que o pior já passou.

Julie bateu seus pés no tapete e desenrolou o cachecol do pescoço.

— Não me parece que o pior tenha passado! — brincou ela. — Vocês têm estado todos ocupados? Que coisas interessantes vocês encontraram para se divertir?

— Quase nada — ele resmungou. — A menos que vocês queiram assistir à Marnie e ao Harry se derretendo um pelo outro na sala de jantar. O resto de nós está na cozinha.

Beth e Julie o seguiram até o cômodo quente onde Frank e Molly estavam bebericando café.

— Olha só para vocês — brincou Molly, — duas mulheres da montanha saindo no meio de uma tempestade como pioneiras.

Beth se jogou na cadeira mais próxima, esfregando as mãos.

— Oh, Molly, faltam menos de quatro semanas para o casamento. E se as estradas não estiverem transitáveis e meus pais não puderem vir? Oh, misericórdia, e se nem *Jarrick* conseguir passar?

— Um policial montado? Não conseguindo viajar no meio de um pouco de neve? Bobagem, querida. E um dia bom e ensolarado pode trazer algumas mudanças surpreendentes. Espere e verá.

— Espero que sim.



Elas estavam prontas para ir para casa quando Beth encontrou o telegrama ainda em seu bolso. Ainda decidida a não o deixar para o Sr. Harris Hughes na pensão de Molly para ele não descobrir que o telegrama estava em sua posse, ela tinha certeza de que devolvê-lo à loja seria o melhor.

— Diga, Teddy, você sabe se a loja está aberta hoje?

Ele balançou a cabeça.

— Não. Molly me enviou para checar. Talvez amanhã. O que você precisa?

— Ah, nada, na verdade. Mas eu recebi a correspondência de outra pessoa por engano.

— Eu vou sair bem cedo amanhã se o vento se acalmar até lá. Vou me encontrar com Addie para pescar no gelo. Quer que eu a devolva para você?

Beth, aliviada, disse:

— Sim, por favor. É um telegrama para o Sr. Harris Hughes. — Ela entregou-o ao rapaz. — Não tenho ideia do que diz, mas se valia a pena pagar para enviá-lo, provavelmente é importante. Você não vai perdê-lo, Teddy, ou esquecer? — ela advertiu enquanto virava as costas para ele.

— Ei, diz aqui que o Sr. Harris Hughes vai embora em breve.

Beth congelou. Ela queria muito pedir uma explicação, mas sabia que o rapaz já tinha falado demais.

— Isso não lhe pertence. Feche-o, Teddy.

— Tudo bem. — Ele encolheu os ombros. — Mas é muito estranho que ele iria embora, sendo prefeito agora e tudo mais. Mas acho que isso não impediu o Sr. Ramsey de se mudar.

Beth ficou parada por um momento, tentando decidir como proceder. Se ela deixasse o telegrama na posse de Teddy, a informação provavelmente seria espalhada.

— É melhor você me dar isso — ela finalmente disse. — Eu o devolverei pela manhã. E Teddy, você precisa prometer que não vai contar a *ninguém* o que leu aqui. Você estava errado ao lê-lo. É informação particular — ela lhe disse ao enfiar o telegrama de volta no bolso.

— Sim, senhora. Se você diz.

Beth sabia que ele era de confiança, mas as perguntas criadas pela descoberta dele rodavam em sua mente enquanto ela seguia Julie pela rua coberta de neve. *Robert está realmente planejando partir? Mas Ivy disse que eles iam construir uma casa em breve. Será que eles fariam isso se não pretendessem permanecer por pelo menos um tempo? Talvez eles só estejam fazendo planos de curto prazo. Ou talvez Ivy esteja errada em sua análise das intenções de Robert. Afinal de contas, ela falou em termos de supor o que ele faria em seguida.* Então Beth lembrou que Frank havia mencionado que a compra do terreno já havia acontecido.

Ao chegar em casa, ela cobriu o fogo com cuidado, perdendo tempo com as últimas tarefas da noite. Julie se recolheu primeiro, e ainda assim Beth demorou-se, lutando contra a vontade de ler o telegrama. Finalmente ela foi se trocar para dormir, movendo-se lentamente no escuro para não perturbar o sono de Julie. Ela estava feliz por ter sido vitoriosa enquanto entrava debaixo das cobertas.

De manhã bem cedo, Beth se arrumou apressadamente para sua tarefa. Parada à porta, ela perguntou a Julie se havia algo que ela gostaria que trouxesse da loja.

— Alguma coisa doce, por favor? Um doce duro ou um pacote de biscoitos?

— Vou ver o que eles têm. — Beth saiu para o patamar, protegendo seus olhos da neve que voava, e desceu a escada com cuidado. O familiar toque do sino por cima da porta da loja anunciou a chegada de Beth.

Toby apareceu quase instantaneamente do fundo, sorrindo alegremente.

— Eu me perguntava quem viria aqui primeiro hoje. Você deve estar sem café, ou talvez chá, no caso de você e sua irmã.

— Não, nada disso. Eu gostaria de comprar uma resma de papel branco e Julie gostaria de algo doce. Vou dar uma olhada em seus biscoitos embalados. — Beth tirou a luva de uma das mãos e procurou dentro do bolso o que ela queria. — Eu também quero devolver este telegrama. Ele deve ter ficado acidentalmente no meio da minha correspondência.

Toby coçou a cabeça, pegando o telegrama com a outra mão.

— Isso é estranho. Minha culpa, eu acho. Deve ser o do Sr. Harris Hughes. Eu me perguntei para onde foi. Obrigado por trazê-lo de volta. Ele não me parece ser o tipo que possa facilmente ignorar tal erro.

Beth sorriu, feliz por se livrar da tentação.

— Vou procurar os biscoitos da Julie e volto em um instante.

— Não se apresse. Não tenho mais ninguém para ajudar. — Ele levantou um canto do livro de contas no centro do balcão e empurrou o telegrama para baixo.

Beth notou uma mesa coberta por uma toalha perto da janela da frente e deu um passo para mais perto, estudando as filas de produtos que formavam a mostra de Julie. Por um capricho repentino, ela apanhou um pequeno frasco de loção. *Posso muito bem incentivá-la um pouco.* Ela o levou com ela até o mostrador de produtos de confeitaria.

O sino da frente tocou novamente e Toby chamou:

— Bem, falando nele... Bom dia, Sr. Harris Hughes. Saiu-se bem nessa nevasca toda? Já fez sua caminhada esta manhã?

Beth se abaixou um pouco enquanto Robert se dirigia para o balcão.

— Bom dia, Sr. Coulter — disse ele, seu tom caloroso. — Como

você está? Eu tenho apenas uma pequena lista hoje.

— Você sabe que nem sempre temos o que você quer em estoque e nós não recebemos a última entrega por causa da tempestade. Mas eu farei o que puder.

— É claro — respondeu Robert. — É claro.

Toby tirou uma pequena caixa de debaixo do balcão e começou a coletar os itens da lista de Robert. Beth manteve a cabeça baixa na esperança de não ser vista.

— Um telegrama chegou para você, Sr. Harris Hughes. Da sua cidade natal. Ficou colado em alguma correspondência da Srta. Thatcher. Mas ela o trouxe de volta. O homem que o escreveu disse algo sobre uma aposta que ele fez com você. E que ele irá encontrá-lo na estação de trem para cobrar quando você voltar para casa em junho. Vai voltar logo para o leste?

Beth sentiu-se petrificada. *Toby simplesmente anunciou o conteúdo em voz alta. E ele disse a Robert que eu recebi a mensagem primeiro por engano!* Todo o esforço dela foi em vão.

Robert limpou sua garganta.

— Receio que isso seja um assunto particular, Sr. Coulter. E peço-lhe que respeite minha privacidade nisso.

— Claro, claro — respondeu o dono da loja com um sorriso, parecendo estar bastante satisfeito consigo mesmo. Ele lançou um olhar em direção ao corredor onde Beth estava tentando se esconder. — De qualquer forma, aqui está. — Ele passou a página dobrada para Robert.

Beth fez uma oração para que a lista de Robert fosse prontamente preenchida e procurou desesperadamente por uma outra saída do lugar.

De repente Toby gritou:

— Já encontrou os biscoitos que você quer, Srta. Thatcher?

Beth sentiu suas bochechas enrubescerem, mas não havia mais nada a fazer a não ser dar um passo adiante e colocar o pacote de Oreos que ela estava segurando no balcão.

— Estes servirão bem, Sr. Coulter. Você poderia adicioná-las à minha conta, por favor? E este frasco de creme da mesa da minha irmã.

— Claro, senhorita. E aqui está o seu papel branco. Você gostaria de uma caixa?

Beth manteve seus olhos fixamente no rosto de Toby e respondeu:

— Não, obrigada. Eu posso carregá-los bem sem uma. — Ela recebeu os itens e moveu-se em direção à porta, seu olhar no chão para evitar interagir com Robert.

— Srta. Thatcher — ele falou severamente. — Bom dia.

Ela olhou para ele, disse um rápido bom-dia e escapou pela porta.



Beth conseguiu evitar Robert pelo resto do dia, mas ela temia o que poderia acontecer na quinta-feira antes das aulas. Ela não tinha nenhuma dúvida de que ele mencionaria a confiança traída e o conteúdo da mensagem. *Será que ele vai negá-la? Será que vai tentar explicá-la? Ou vai simplesmente reconhecer seu intuito de demitir-se no final do ano letivo?*

Embora Beth previsse uma batida naquela porta compartilhada, mesmo assim ela ficou nervosa e assustada quando finalmente ouviu a batida.

— Srta. Thatcher, poderia me conceder um momento de seu tempo?

— Claro. — Ela colocou o giz na borda do quadro e endireitou os ombros para criar confiança. *Não faz sentido esperar que ele fale primeiro* — ela disse a si mesma.

— Presumo que seja a respeito do telegrama. Quero assegurar-lhe, Sr. Harris Hughes, que eu mesma não o li em momento algum. Que eu, na verdade, fui muito cautelosa quanto à confidencialidade de sua mensagem. Mesmo assim, lamento sinceramente que o Sr. Coulter... que seu conteúdo tenha sido divulgado. Você deve estar bastante transtornado.

Robert levantou as sobrancelhas e inclinou a cabeça com um meio aceno de reconhecimento.

— Eu aprecio sua franqueza, Srta. Thatcher. Na maioria das situações, eu simplesmente deixaria o que aconteceu no passado, mas senti que era necessário dar-lhe uma explicação neste caso, especialmente porque sua opinião passou a ser importante para mim.

— Tenho certeza de que não é necessário. — As palavras de Beth soaram fracas a seus ouvidos, e sua mente estava girando. *O quê? O que eu penso é importante para ele? O que eu penso?*

— Ainda assim — disse ele, limpando a garganta, — é verdade que eu pretendo voltar para o leste, Srta. Thatcher. E quando o fizer, espero ter dados suficientes para mostrar que minhas técnicas educacionais são eficazes. Espero publicá-las e assim ampliar minha influência.

— Entendo.

— Entretanto, um ano de sucesso seria totalmente insuficiente para tal empreitada, como já expliquei muitas vezes ao meu amigo que enviou o telegrama. Minha intenção é permanecer nesta cidade

por dez anos, uma década inteira. Meu amigo, que optou por ridicularizar minha resolução, estava *zombando* em sua mensagem. Mas eu lhe asseguro que, uma vez que tome uma decisão, como já o fiz neste caso, não vejo razão para que eu vá embora a qualquer momento antes que os dez anos completos tenham passado. Durante esse período, espero produzir melhorias mensuráveis nos alunos que são moldados por esta pequena escola.

Dez anos inteiros? Beth sentiu uma sensação estranha na boca de seu estômago. Não era raiva ou mesmo frustração. Era inveja, forte e cobiçosa. *A maioria dos meus alunos já terá se formado até lá. Ele vai ensinar a todos, praticamente sozinho. O que eles se tornarão sob a influência dele durante esses anos?*

— Entendo — Beth murmurou novamente.

— Eu imagino que terá outro professor designado para esta escola quando você partir, talvez um que compartilhe da minha filosofia. Mas... — Ele hesitou, olhando de volta para a porta de entrada. — Eu teria preferido continuar com você, Srta. Thatcher. Você tem sido respeitosa, honesta e confiável, mesmo que nossas crenças dificilmente pudessem estar mais distantes.

— Você é bondoso em dizer isso, Sr. Harris Hughes.

Ele inclinou sua cabeça como cumprimento e voltou para a outra sala de aula. Beth se jogou em uma cadeira e se empenhou para recuperar sua calma. Seus alunos chegariam em breve. Mas eles não seriam dela por muito mais tempo, eles seriam dele.

Capítulo 24

Beth saiu para a calçada após as aulas na sexta-feira e olhou para o céu azul que tinha uma fila de nuvens brancas delicadas cruzando-o. O calor do sol já estava derretendo a neve da calçada e da rua, uma gota por vez. O primeiro dia oficial da primavera — ela exultou, depois se lembrou de que outra nevasca poderia vir, até mesmo amanhã. Mas ela estava determinada a aproveitar este dia enquanto ele durasse.

Por impulso, ela empilhou seus livros nos degraus que levavam até seu apartamento e saiu para dar um passeio para comemorar a mudança de estação e para passar alguns momentos em oração. Pedacos da luz do sol que brilhavam através das árvores a levaram até a estrada principal para Lethbridge. *Em direção a Jarrick* — ela pensou, com saudades dele mais uma vez.

Enquanto caminhava, ela pensou novamente sobre a revelação de Robert e sobre as crianças com quem ela tanto se importava. Mas ela disse silenciosamente a si mesma: — *Eu orei pela vontade de Deus, fosse o que fosse. Não vou retomar minha submissão a Ele, não importa o quanto eu acredito que sei o que deveria acontecer.*

Ela pensou em Marnie e Harold a seguir, tão apaixonados e entusiasmados para estarem juntos. E ainda assim, sua decisão impulsiva havia criado uma situação de moradia tensa, deixando a família de Molly suspensa em tensão desconfortável até que algum tipo de solução fosse encontrada. *Por quanto tempo, Pai? Não posso imaginar como eles conseguirão pagar um aluguel. Será que eles se mudarão para minha casa depois que eu tiver partido?* Essa pergunta a fez lembrar que ela se sentia no limiar de ir embora de Coal Valley mesmo que o final do ano letivo ainda estivesse a semanas de distância.

Beth ficou no meio da rua, respirando profundamente com o rosto voltado para cima, em direção ao sol. Ela levantou as mãos em direção ao calor. *Você sabe tudo sobre o que vai acontecer, Senhor Deus. Você tem uma solução perfeita. Eu esperarei pelo Senhor.* E ela disse em voz alta aquelas palavras eternas:

— “Mas aqueles que esperam no Senhor renovam as suas

forças. Voam alto como águias". — Ela queria isso, ter força enquanto esperava, sua esperança no futuro encontrando asas para voar acima de suas preocupações. Nunca era fácil, esta espera, ela sabia disso muito bem. Mas Deus sempre tinha estado com ela, mesmo em suas horas mais sombrias.

Finalmente, ela voltou para casa, rejuvenescida pelo frescor deste dia cheio da esperança da primavera. Sua mente se concentrou agora nos últimos planos para o casamento. Não restava muito a fazer, e ela acreditava que não seria muito difícil.

Assim que Beth se aproximou da escada que levava à sua casa, ela ouviu um barulho nos arbustos onde Penelope frequentemente ficava.

Beth caminhou em direção à área conhecida e puxou os galhos grossos, mas, ao invés da pequena gata malhada, ela viu pelo preto. Muito pelo preto. Ela soltou um grito e largou os galhos, que estalaram ao voltar ao lugar. O rugido intenso confirmou que era um urso.

Beth cambaleou para trás, suas pernas fracas de medo e seus pés se recusando a funcionar. Um sapato se prendeu ao outro, e ela caiu de costas sobre o chão úmido. Mais rugidos, e um focinho marrom apareceu, farejando o ar. Beth soltou um grito agudo e se arrastou depressa para trás, em direção às escadas, arranhando mãos e pernas no chão áspero. Agora, uma cabeça preta larga, balançando para um lado e para o outro, emergiu e a boca aberta emitiu outro som gutural prolongado.

— Vá embora — gritou ela, ainda de frente para o animal. — Suma! — Segurando desesperadamente o corrimão da escada para evitar desmoronar, Beth subiu as escadas devagar. — Socorro!

Um sibilo feroz de algum lugar abaixo de seus pés precedeu uma mancha cinzenta correndo em direção ao animal. Penelope estava de pé em suas patas traseiras, suas patas dianteiras se esticando bem acima de sua cabeça, garras golpeando o ar, para parecer muito maior do que ela era. A gata uivante arremeteu e bateu no focinho, que desapareceu, recuando para dentro da folhagem.

Beth ouviu passos rápidos vindos do lado do prédio.

— O que aconteceu? — Abigail perguntou.

Beth apontou.

— Um urso! Nos arbustos!

Abigail bateu palmas para afastar ainda mais o animal ao mesmo tempo em que gritava o alerta por cima do ombro:

— Urso! — Ela bateu palmas e gritou ainda mais alto, agitando seu avental: — Vá embora! Suma! Saia daqui!

Penelope desapareceu nos arbustos e seguiram-se terríveis rugidos e rosnados, bramidos e grunhidos. As lágrimas deslizavam

pelas bochechas de Beth. Os sons eram absolutamente aterrorizantes, e ela lutou contra a vontade de se adiantar para salvar a gata.

Depois veio uma explosão de tiros de algum lugar na rua, e os ruídos terríveis sumiram na floresta. Por fim, houve silêncio.

— Quem o viu?

— De que tamanho era? — Uma multidão já havia se reunido.

— Beth viu — respondeu Abigail, pressionando suas mãos contra as bochechas. — Mas a gata lutou com ele, então não devia ser muito grande.

— Um filhote? — perguntou um homem.

— Provavelmente um urso jovem explorando por conta própria, ainda novo demais para saber que deve ficar longe dos sons das máquinas.

— Então a mãe certamente deve estar perto.

Mais homens chegaram. De sua posição na escada, Beth ficou espantada com a quantidade de armas que tinham sido montadas tão rapidamente.

— Bethie! Você está ferida? — Julie correu para frente, abraçando Beth firmemente.

— Era um urso, Julie. — Beth tentou impedir que sua voz tremesse.

— Você o viu?

— Se eu o vi? — Beth chorou. — Eu estava tão perto que podia tê-lo estapeado!

Um grupo de busca foi organizado apressadamente para procurar o filhote e sua mãe. Eles entraram na floresta, gritando instruções uns para os outros enquanto andavam. Beth estava certa de que nunca olharia para as árvores próximas da mesma maneira.

— Julie — ela quase gemeu, — Penelope lutou com ele. Mas eu não a vi desde então. Temos de checar os arbustos.

Ambas as faces brancas, com as mãos bem apertadas, elas puxaram cautelosamente os galhos. Havia tufo de pelos, mas nenhum sinal de sua amiga felina.

— O que você acha que aconteceu, Bethie? Ele a comeu?

— Acho que não. Não acho que houve tempo suficiente.

— Oh, Bethie! Isto é horrível!

Beth olhou para Julie com os olhos arregalados.

— Poderia ter sido você, na floresta, quando estivesse esquiano. Você não deve mais ir a lugar algum sozinha, querida. O que você teria feito se tivesse encontrado um urso lá?

Julie encarou-a de volta.

— Não tenho a menor noção.

Beth e Julie correram para sua despensa e voltaram com um prato de sobras de comida.

— Aqui, gatinha! Penelope! Por favor, volte para casa. — Finalmente os olhos familiares piscaram nos arbustos e sua gata trotou para frente, não parecendo estar machucada, com a exceção de alguns pedaços de pelo faltando.

— Oh, querida gatinha, você está aqui. Você está viva. — Elas a levantaram e se sentaram em um degrau baixo. Penelope andou entre os colos delas, desfrutando do carinho enquanto elas davam-lhe na boca pedaços do seu jantar.

— Você é tão corajosa — Beth se agitou. — Você afugentou um urso!

— Bem, querida, para ser mais precisa — corrigiu Julie, — o tiro afugentou-o para longe. Eu vi Toby Coulter disparar um tiro ao ar. Mas ela é uma gatinha corajosa da mesma forma. — Julie acariciou o pelo por um momento. — Não deveríamos levá-la para dentro de casa, Bethie? Ela pode ser uma gata doméstica agora? Por favor.

— Sim, claro... oh, mas não podemos ainda — lamentou Beth, lembrando-se de seu vestido de noiva, dos montes de flores de tecido e laços, além das outras decorações arrumadas cuidadosamente para a cerimônia. — Ela estragaria tudo. Eu quero, Julie, mas não podemos deixá-la entrar.

— Você está certa, é claro. Mas teremos de arrumar um lugar para ela aqui fora. Um lugar agradável, macio e quente.

— Nós vamos — prometeu Beth. — Vamos usar o galpão de lenha.

Fiéis à palavra delas, as irmãs costuraram uma almofada de cetim e encheram-na com restos de tule. Elas cuidadosamente tiraram as camadas de toras do interior do galpão até encontrar o espaço que parecia pertencer a Penelope. Beth forrou o fundo com mais do cetim e Julie afofou o travesseiro para criar uma cama macia. Em seguida, elas recolocaram as toras ao redor e por cima da cama até terem certeza de que estava firme e que teria uma entrada satisfatória.

Por fim, Beth drapeou uma pequena lona que comprou de Toby para protegê-la de todas as intempéries.

— Isto é bom — declarou Julie. — Ela ficará quente, segura e seca.

Beth teve um pensamento repentino.

— Mas como vamos conseguir mais lenha quando precisarmos dela?

Após uma pausa, Julie disse:

— Iremos à pensão da Molly. Nós as carregaremos da pilha dela. Afinal de contas, elas vêm de lá de qualquer forma. Isso só vai poupar a Teddy o trabalho de reabastecer aqui.

Era bobagem, Beth sabia, mas ela rapidamente concordou.

Uma batida soou à porta no momento em que Beth começou a servir o cozido de legumes em tigelas para ela e Julie. Sua irmã levantou-se e abriu a porta até a metade, depois quase caiu para trás.

— O que está acontecendo?

— Surpresa! — Beth ouviu. — Espero não ter chegado em uma hora ruim.

Julie riu alegremente e puxou o visitante para dentro. Beth colocou as tigelas sobre a mesa e correu para mais perto.

— Jarrick! Oh, Jarrick, é você!

Ele pegou Beth em um forte abraço, levantando-a do chão e girando-a.

— Eu não podia esperar mais. Precisava ver você e, com a melhora do clima, pensei em fazer uma viagem rápida.

Beth sentiu o chão debaixo dos pés de novo, embora ela preferisse ter ficado nos braços dele.

— Esta é uma surpresa maravilhosa!

Os olhos dele cintilaram enquanto ele olhava ao redor da sala.

— Acho que vocês têm trabalhado um pouco nas coisas do casamento.

Julie riu, revirando os olhos.

— Isso é um eufemismo, Jack. Bethie nos fez fazer o suficiente para *três* casamentos.

Jarrick olhou cuidadosamente para Beth.

— Ouvi falar da fuga de Marnie para se casar. O que aconteceu depois?

Beth suspirou.

— Foi terrivelmente difícil para Frank e Molly no início, principalmente para Molly. Mas eu acho que eles estão se acostumando com a ideia. E Marnie continua frequentando a escola, embora ninguém tenha dito nada ainda sobre o ano que vem.

Julie acenou para Jarrick se sentar em uma cadeira.

— Tire seu casaco, fique um pouco. Acho que podemos conseguir outra tigela do cozido.

Logo eles estavam comendo, e Jarrick as elogiou pela simples refeição. Beth desejou ter tido tempo para acrescentar carne ao cozido. Ela não havia pensado que era necessário somente para Julie e ela.

Eles conversaram por algum tempo sobre o clima, sobre as missões mais recentes de Jarrick, sobre as notícias da escola e sobre os projetos que ainda precisavam ser feitos para o casamento. Julie insistiu em contar ela mesma a história do urso, e Jarrick olhou de

uma para a outra, tanto consternado quanto se divertindo com o relato dramático e levemente exagerado.

— Mas, Beth — disse ele, voltando-se para ela com a testa franzida, — poderia ter sido muito pior se a mãe...

— Sim, eu sei disso, Jarrick — ela falou, percebendo sua grande preocupação. — Estou muito grata por não ter sido e agradeço ao Senhor por Sua proteção. — Ela fez uma pausa, depois acrescentou brincando: — Ele recrutou nossa pequena Penelope para me salvar!

Eles riram novamente.

— Ah, e eu recebi uma carta da mamãe — disse-lhe Beth, feliz por trocar de assunto. — Eles compraram suas passagens de trem e estão planejando chegar no fim de semana antes do casamento. No domingo, daqui a pouco mais de duas semanas.

— Meus pais também enviaram uma carta. — Sua voz soou estranhamente artificial. — Eu a trouxe comigo para que você possa lê-la, Beth. Tenho certeza de que haverá tempo mais tarde.

Ela examinou seu rosto, procurando pistas para a óbvia significância. Julie se mexeu e disse:

— Digam, vocês dois. Eu posso ir até a casa da Molly... ou até a loja. Eu não me importo.

— Não, não — disse Jarrick, fazendo um gesto com a mão para que ela ficasse. Beth sabia que ele nunca faria algo que não fosse considerado decente, como ficar sozinho com ela, na casa dela, antes de se casarem.

Beth ficou de pé.

— Vamos todos. Frank e Molly vão querer vê-lo... todos vão. Ainda há tempo para fazer uma visita a eles esta noite se nos apressarmos.

— Vamos parar primeiro na loja — insistiu Julie. — Vou lhe mostrar o que tenho feito com um pouco do meu tempo livre, Jack.



A chegada de Jarrick na pensão de Molly trouxe família de todos os cantos. Teddy desceu os degraus dois de cada vez, Marnie e Harold vieram depressa da sala de estar e Frank seguiu Molly para fora da cozinha. Seu visitante inesperado foi levado a um assento na mesa da cozinha quase antes de retirar seu casaco. Molly foi ao trabalho providenciando uma sobremesa e um café.

Jarrick ficou meio de pé e se esticou por cima da mesa para apertar a mão de Harold.

— Ouvi dizer que felicitações são devidas, Harry. Como você descobriu, Marnie é uma excelente moça.

— Obrigado, Sr. Thornton — Harold respondeu. — Sinto-me muito abençoado por chamá-la de minha esposa agora. — Os olhos do jovem se desviaram para Molly e ele acrescentou seriamente: — Talvez tenhamos pulado algumas etapas, mas...

— O que está feito está feito, Harry — disse Molly do fogão. — Não é preciso continuar repetindo isso.

Pancadas na porta fizeram todos se virarem ao mesmo tempo.

— Teddy Boy, você pode atender, por favor? — Molly perguntou.

Então uma voz rouca exigiu:

— Frank está?

— Sim, senhor. Ele está na cozinha. Eu vou chamá-lo.

— Não é necessário. — Botas pesadas se aproximaram e um rosto que Beth não conhecia apareceu na porta da cozinha. — Tenho novidades, Frank.

— O que você descobriu, Morgan? — O homem sério hesitou, lançando um olhar em direção a Jarrick. — Este é o policial Jack Thornton — esclareceu Frank. — Ele é um oficial da Polícia Montada. Você pode dizer o que precisar.

Morgan grunhiu em aceitação.

— Eu fiz o que você pediu, Frank. Eu segui o rastro das pegadas até a curva do rio. Havia um acampamento, uma fogueira e algumas árvores derrubadas para criar um pequeno curral. Não tinha ninguém lá, pelo menos durante os últimos dois dias.

— Que pena. Eu esperava que você os encontrasse.

O homem passou a mão pela sua longa barba grisalha.

— Encontrei mais pegadas também. Algumas delas estão perto da serraria, nas sombras, onde a neve ainda não derreteu. Terão desaparecido depois de amanhã com certeza. É melhor você vir cedo se quiser vê-las por si mesmo.

— Eu vou. E, se ele estiver disposto, eu levarei meu convidado, tudo bem?

— Como queira. — Morgan retirou-se pela porta da frente e tudo ficou quieto.

Jarrick rompeu o silêncio.

— Um problema por aqui, Frank?

Frank seguiu as linhas da madeira da mesa com seus dedos enquanto explicava a Jarrick sobre o estranho monte de sucata na floresta. Beth quase se esquecera disso.

— Alguns homens pensaram que era coisa dos nossos alunos e pressionaram muito o novo prefeito para que ele descobrisse mais. Mas eu nunca pensei que fosse uma criança. Era peso demais para elas, demais para carregar e até mesmo para arrastar. — Ele fez uma pausa e franziu o cenho. — E então encontramos pegadas de cavalos.

Não temos cavalos por aqui, Jack.

— Eu entendo. Mas quem...?

— Isso, eu não sei. Mas, se conseguirmos encontrá-los, podemos perguntar, não é?

Jarrick pôs seu copo vazio sobre a mesa.

— Tenha cuidado, Frank. Não há como saber no que você está se metendo.

Frank esfregou o coto de sua mão direita com a esquerda.

— Você quer saber o que eu penso?

— Claro que sim.

— Não há motivo para isso, Jack. Não faz sentido. — Ele apertou os lábios. — Nada de grande valor é levado. E há muitas outras coisas que poderiam ter sido roubadas com facilidade. Nada foi quebrado. Eu acho que é uma peça. Uma brincadeira.

— Mas por quê?

— Algumas pessoas aqui não gostam do novo homem — disse Frank e encolheu os ombros. — Eles não gostam que ele é nosso prefeito, que parece pensar que sabe mais do que todos os outros. Então, como eles fazem com que ele pareça um tolo? — Ele levantou sua mão. — Simples, não é? Eles lhe dão um problema que ele não consegue resolver. Não faz mal a ninguém, mas faz o professor parecer tolo, inútil. Talvez eles tenham a esperança de mandá-lo embora. Talvez um homem que queria ser prefeito alcance o seu objetivo. Isso é o que eu penso.

Beth baixou o olhar para o colo. *Será possível? Será que Fred é tão astuto assim?* Ele certamente estava ligado aos homens a cavalo, os únicos cavalos que ela se lembrava de ter visto na cidade. Ela analisou o rosto de Frank. À sua maneira cautelosa, Frank tinha acusado-o. *Certamente ele não é o único por aqui a se perguntar se Fred Green é o instigador.*



A lua brilhava intensamente enquanto Jarrick seguia Beth e Julie pelo portão da frente e saía para a rua principal. Julie correu em frente enquanto Beth permanecia ao lado de Jarrick, na esperança de ter alguns momentos de privacidade. Eles haviam ficado na casa de Frank e Molly até quase meia-noite e Molly insistiu que Jarrick dormisse em seu sofá para não acordar Philip tão tarde.

— Estou tão feliz por você ter vindo — murmurou Beth.

Ele tomou a mão dela na dele e retardou o avanço deles.

— Tive tantas saudades suas. Há um milhão de coisas que eu queria lhe dizer e agora não consigo pensar em nenhuma delas.

Beth se aproximou.

— Quanto tempo você pode ficar?

— Tenho de partir amanhã, o mais tardar no início da tarde.

— Isso não é muito tempo.

— Eu sei, mas pelo menos é alguma coisa.

Eles passaram pelo seu carro estacionado em frente ao café da Abigail.

— Oh, espere, eu poderia ler aquela carta para você agora. Eu não quero esquecer.

Beth olhou em volta. A lua não estava suficientemente brilhante para iluminar uma página escrita.

— Venha sentar-se no carro — propôs ele. — Vai ser mais quente, e eu tenho uma lanterna. Não vai demorar muito, mas quero que você a ouça. — Ele abriu a porta do passageiro para Beth e a fechou silenciosamente, depois deu a volta e entrou no seu lado, com a lanterna na mão. Ele disse sobriamente: — Você se lembra da história que lhe contei de quando eu era jovem, o incidente com o trator do vizinho?

— Sim. Foi danificado de propósito, mas ninguém sabia quem era o culpado.

— E meu pai acabou pagando por ele já que eu tinha sido acusado.

Beth podia ouvir a dor que ainda havia em sua voz por causa da memória.

— Eu me lembro. Você disse que às vezes as pessoas na cidade, mesmo em sua própria família, ainda falam disso, alguns fazendo brincadeiras sobre o assunto.

Ele acenou com a cabeça.

— Bem, acabei de receber isto de minha mãe. Ela escreveu que, quando aquele vizinho faleceu, sua esposa encontrou algo em sua mesa e pensou que eu gostaria de tê-lo. Sua esposa disse à minha mãe que nunca acreditou que tivesse sido obra minha, que simplesmente não se encaixava com o rapaz que ela conhecia. A carta é de meu pai para o vizinho, Ernest Adler, e foi enviada junto do pagamento.

Beth aceitou o pedaço de papel amarelado, posicionando-o sob a luz da lanterna.

Prezado Sr. Adler,

Estou lhe enviando o pagamento pelos danos causados à sua máquina. Quero que você saiba que isto não é, de forma alguma, uma indicação de minha convicção de que meu filho é culpado. No entanto, o senhor declarou que sua intenção é levar o assunto ao tribunal, e na Palavra de Deus somos advertidos como cristãos que o irmão não deve levar irmão aos tribunais do mundo. Portanto, estou pagando a quantia que você pediu, mesmo que eu ainda tenha fé na

honestidade de meu filho a respeito do assunto. Acredito que o Juiz de todos irá retificar as coisas um dia.

Humildemente seu,
Graeme Thornton

Beth pôde sentir as lágrimas enchendo seus olhos.

— Ele sempre acreditou em você, Jarrick — disse ela com a voz trêmula. — Estou tão feliz por você. — Descansando a cabeça no ombro dele, ela perguntou delicadamente: — Você vai voltar agora e tentar limpar seu nome? Eu sei o quanto isso era importante para você.

— Não há necessidade. — Jarrick redobrou a página. — Meu pai confiou em mim, apesar de nunca ter encontrado palavras para me dizer ele mesmo. Isso é tudo o que preciso saber. E é um fardo tão grande tirado dos meus ombros. Sinto-me livre, limpo por dentro e por fora, de certa forma. Tanto meu pai terreno quanto meu Pai celestial me declararam inocente. Portanto, não importa realmente o que os outros dizem.

— É tão estranho — ela conjecturou. — Ele poderia ter facilmente falado com você sobre isso a qualquer momento. Eu me pergunto por que ele não o fez.

— Não sei. Talvez ele nunca tenha pensado que fosse importante. Talvez ele não quisesse me envergonhar ou simplesmente não tivesse certeza de como falar sobre isso. Meu pai não é um homem de muitas palavras.

— Mas você carregou a dor por tanto tempo.

— Eu sei. Porém, eu também poderia ter perguntado a ele sobre isso. E eu não perguntei. Às vezes o que fica por dizer é doloroso. Não tenho certeza por que não conversamos mais livremente. — Ele enfiou a carta de volta em seu bolso. — Não sejamos tolos dessa maneira, Beth. Sejam abertos e sinceros um com o outro.

— Sempre.

Beth se aconchegou, encostando-se em seu braço, grata por ele ter recebido a afirmação pela qual havia ansiado ao longo dos anos.



Bem cedo na manhã seguinte, Beth correu para a pensão da Molly para ter o máximo de tempo possível com Jarrick. Ela soube que ele já tinha saído com Frank para investigar a neve ao lado da serraria em busca de pegadas.

— Marnie, você sabe quando eles voltarão? — ela perguntou, desapontada.

— Eles não disseram.

Beth sentou-se à janela da sala de estar, com uma xícara de café. Ela esperou duas longas horas antes de os homens aparecerem na rua, Robert com eles. Ela se afastou da janela e deixou a cortina de renda cair de volta no lugar. Ela desejava que pudesse não precisar interagir com o homem, mas ela queria estar com Jarrick durante o tempo em que ele estivesse disponível. Com relutância, Beth foi em direção à entrada.

O rosto de Jarrick se iluminou assim que ela apareceu.

— Bom dia.

— Você encontrou alguma coisa?

Uma de cada vez, ele tirou as botas de seus pés, expondo grossas meias de lã cinza.

— Não, elas tinham desaparecido, mas não tenho dúvidas de que o amigo de Frank viu o que ele alega ter visto. E ele também nos levou até o acampamento na curva do rio. Se fosse uma investigação oficial, eu registraria sua declaração, mas ninguém parece estar interessado em tomar uma posição firme neste caso.

Robert tinha deitado seu casaco sobre o braço, estava carregando as botas na outra mão e estava pronto para se retirar para o seu quarto.

— Não espero ouvir mais sobre este assunto depois que a câmara for informada dos recentes acontecimentos. E por isso sou grato, policial. Sr. Russo. — Ele tirou seu chapéu para os dois homens.

— Frank fez a maior parte do trabalho nisto. Frank e Morgan — disse Jarrick. — Mas fico feliz em saber que este absurdo logo terá passado. Ainda não sabemos exatamente quem é o porquê, mas parece provável que o motivo tenha sido criar problemas para você, Robert.

— Devo-lhe uma, de qualquer forma. — Robert começou a subir a escada e depois virou-se para trás. — Ah, sim, e abordando um segundo assunto, se me permite. Recebi um... bem, um sinal bastante claro da minha noiva de que não precisaremos de uma casa tão cedo quanto eu tinha previsto inicialmente. A casa que estamos construindo aqui deve estar concluída em um prazo adequado. Portanto, recomendarei que a casa que pretendíamos alugar da empresa seja atribuída ao Sr. e à Sra. Harold Edwards, se isso for satisfatório.

Beth tapou a boca com a mão. *Os McDermotts vão se mudar em menos de uma semana!* Molly se apressou a vir da cozinha, o rosto iluminado, e Frank estava sorrindo de orelha a orelha.

— É muito gentil da sua parte, Sr. Harris Hughes. Muito generoso.

— De jeito nenhum. Eu mesmo estaria vivendo lá no êxtase do casamento se conseguisse fazer com que minha Ivy se casasse comigo. Mas Ivy é assim, ela decide por si mesma. — Ele se virou de forma

bastante abrupta para continuar subindo a escada.

Capítulo 25

Acenar adeus a Jarrick depois de tão pouco tempo com ele foi quase mais doloroso do que não o ter visto. Os pés de Beth se recusaram a sair da varanda, seus olhos fixos no local onde o carro de Jarrick havia desaparecido.

Traga-o de volta em segurança, Pai. Ela voltou para a pensão com a firme determinação de ajudar Harold e Marnie a se mudarem para uma casa própria. *Do que eles vão precisar?* Ela categorizou o que tinha mentalmente, pensando em vários itens que ela nunca usava e que poderia facilmente viver sem: uma segunda frigideira de ferro, um banco de pés almofadado, uma lamparina a óleo sobressalente, um conjunto de lençóis e algumas louças. Ela as reuniria para os recém-casados.

Julie também tinha decidido contribuir com um presente de inauguração da casa para Marnie, determinando que daria um pequeno conjunto de cremes e alguns sabonetes cheirosos da mostra na loja. Ela pediu a Beth que fosse com ela para montar o presente.

O sino acima da porta anunciou a presença delas, e elas se juntaram a um número bastante grande de clientes no interior. Acenando com a cabeça para cumprimentar a todos, elas foram em direção à pequena mesa de Julie. Para a surpresa delas, elas encontraram Robert com um frasco de loção aberto na mão, cheirando-o cuidadosamente. Ele recolocou a tampa e trocou o frasco por outro. Beth ficou espantada, mas Julie foi direto para o lado dele com um sorriso.

— Posso ajudá-lo, Sr. Harris Hughes?

Ele olhou para cima rapidamente, obviamente desconfortável.

— Oh, sim, pensei que poderia... poderia comprar uma loção. Você pode me dizer o que... qual Ivy gostaria?

— Claro que sim. Esta é uma que ela me recomendou. — Julie entregou para ele. — Ela está na cidade? Ela está planejando visitar? Eu amaria vê-la novamente.

— Não. Não, só estava pensando nela. — Ele limpou a garganta e retrocedeu. — Hã, obrigado, mas acho que vou esperar até ter algo mais para comprar também. — Ele saiu correndo para fora.

— Que coisa! — Beth observou-o sair. — Ele estava nervoso de verdade.

Julie pegou o braço de Beth.

— Você sabe o que ele estava fazendo? Ele não planejava comprar nada para ela. Ele apenas sente a falta dela tanto assim.

— Eu não entendo.

— Ele queria cheirar um pouco da fragrância dela para sentir como se ela estivesse perto novamente.

Maravilhada, Beth balançou a cabeça enquanto Julie reunia os itens que ela havia planejado para Marnie. E então, sua irmã riu e segurou uma das loções restantes.

— Vou dar isto a Robert. Colocarei na mesa dele — ela anunciou com um piscar de olhos. — Eu gosto que ele sinta tanto a falta dela. É romântico!

Como pode um homem tão lógico como Robert estar tão profundamente apaixonado? Parece uma enorme contradição.



Na quarta-feira, os McDermotts se despediram antes de ir em direção à pradaria. Cada centímetro de seu caminhão emprestado estava cheio com todos os seus bens. Beth ficou no meio da multidão que se despidia deles depois de dar bilhetes de encorajamento para Peter e Alice, dois adolescentes em crescimento de quem Beth sabia que iria sentir falta. Ela lamentava que Sadie Shaw estivesse perdendo sua melhor amiga e que James e Kenny não fariam mais parte de um trio.

Logo ela estava com Marnie, Molly e Julie na casa vazia, determinando o que deveria ser feito primeiro. Uma batida anunciou a chegada de Abigail e Ruth com baldes e panos, prontas para ajudar na limpeza. A ajuda delas não era realmente necessária, uma vez que a casa era pequena, mas sua conversa alegre e entusiasmo eram mais apreciados do que sua parte no trabalho.

Marnie pendurou um lençol gasto sobre a janela do quarto, descrevendo efusivamente as cortinas que ela logo faria para substituí-lo.

— Uma área toda azul escura com estrelas de aplique salpicadas, porque assim sempre parecerá noite — explicou ela. Ela se inquietou com todos os aspectos da casa, seus olhos brilhantes incapazes de esconder sua empolgação enquanto cada móvel era arranjado e rearranjado. Era uma terra dos sonhos para Marnie, seu próprio pedacinho do céu na terra. Beth queria tanto ficar entusiasmada pela garota. No entanto, ela não podia deixar de se

perguntar se haveria mais no futuro da menina ou se isto seria tudo que seria designado a Marnie na vida.

Demorando-se depois que as outras foram embora, Beth subiu precariamente em cima da pequena mesa de jantar para limpar a última das vigas por causa das teias de aranha.

— Acho que isso é tudo, Marnie.

— Oh, Srta. Thatcher, muito obrigada. Tudo parece tão novo e limpo. Não posso acreditar que conseguimos uma das casas novas. Nem parece que outra pessoa morou aqui.

Beth forçou um sorriso e lhe deu um último abraço antes de pegar seu casaco.

— Quando Harold volta para casa?

— Seu turno está quase acabando. O apito vai soar a qualquer momento. E a sopa que a Molly trouxe já está esquentando. Acho que vou fazer alguns biscoitos para acompanhar. Eu não tenho uma assadeira para fazê-los, mas posso usar aquela frigideira que você trouxe. Funcionará no forno se eu a untar bem.

Beth apertou o ombro da Marnie.

— Deus a abençoe, querida.

Marnie corou.

— Ele tem abençoado. Oh, Ele realmente tem.

Saindo da casa para o patamar, Beth enfiou as mãos nos bolsos para afastar o frio. *Ela está tão feliz. E isso é alguma coisa, uma coisa importante.* Então ela pensou em bebês e em como Marnie parecia ser impaciente com tudo. *Por favor, Pai, Você pode ajudá-los a esperar? Pelo menos até depois de ela terminar a escola.*

Lentamente ela desceu os degraus da casa de Marnie até a rua, o chão agora congelado mais uma vez, seus pensamentos ainda na esposa muito jovem que ela acabara de deixar. *Se ao menos ela puder terminar a escola.*

O céu estava cheio de nuvens e, com tão pouca luz, Beth achou difícil andar através do pequeno quintal e pelo atalho entre as casas. Seu sapato ficou preso em um toco fino e ela tropeçou. Com as mãos presas no fundo dos bolsos do casaco, Beth caiu para frente em cima do ombro, batendo o lado da cabeça no chão duro. Por um momento, ela ficou parada, atordoada, lágrimas enchendo seus olhos por causa da dor.

Ela conseguiu tirar suas mãos dos bolsos do casaco e se empurrar para cima e para longe do chão gelado. Imediatamente suas emoções agitadas haviam se transformado em raiva, que crescia a cada passo que ela dava, mancando, em direção à sua casa. *Aqueles tocos horríveis! Eu sabia que eles causariam acidentes. E tenho certeza de que não sou a primeira.* As lágrimas secaram rapidamente ao se aproximar do portão da Molly, seu sangue agora fervendo. *Vou pegar o*

machado de Teddy no galpão de lenha. Ela mesma cortaria aquela coisa horrorosa. O toco não era muito grande. Seria apenas uma pequena vitória, mas ela talvez se sentisse um pouco melhor.

Retornando ao local, ela sentiu com o pé na área escura até ter certeza de que estava alinhada com o toco correto. Ela segurou o longo cabo do machado e levantou a pesada lâmina acima de sua cabeça. Ele desceu quase de lado, golpeando o chão com um baque. Ela o levantou novamente e posicionou a cabeça do machado com mais precisão. Desta vez, ele apenas ricocheteou na parte superior estreita do toco.

Ela murmurava a cada tentativa bem-sucedida:

— Os homens deveriam estar fazendo este trabalho! Por que os pais não cuidaram disto há muito tempo? — Beth cortou e cortou, cobrindo o tronco estreito com feridas. — Sou a única na cidade que se preocupa com as crianças? E se uma delas tropeçar e cair em cima dele? Não há nenhum médico por quilômetros! — O trabalho era frustrante, e novas lágrimas e suor deslizavam pelo rosto e pelo pescoço dela. Mesmo assim, ela não tinha conseguido separar o tronco teimoso de suas raízes.

— Olá?

Beth congelou, o machado levantado acima de sua cabeça. Ela esperou, torcendo para que a voz feminina estivesse falando com outra pessoa.

— Quem está aí? — perguntou a mulher novamente.

Beth abaixou o machado.

— Sou só eu, Beth Thatcher.

— O que é que você está fazendo, Srta. Thatcher?

— Bem, eu... estou tentando cortar este toco.

— Como é?

— Há um toco aqui. Eu tropecei nele. Então eu pensei que poderia apenas... removê-lo para que ninguém mais tropeçasse nele.

A mulher era apenas uma silhueta na escuridão.

— Querida, há tocos demais para retirar. É melhor deixá-lo onde está. Além disso, é trabalho demais, principalmente no escuro. Esses tocos têm uma raiz forte que percorre um longo caminho para baixo. É bem difícil para um homem. É provável que você apenas se desgaste tentando.

Beth sentiu seu rosto enrubescer ainda mais ao reconhecer a mãe de Sadie, Rose Shaw, que tocava o órgão. Ela esperava que sua voz não tremesse:

— Eu poderia tentar um pouco mais. É... é um pouco gratificante neste momento. — Mas Beth desistiu de tentar fazer outra pessoa entender quando nem ela mesma conseguia.

Rose puxou para mais perto o lenço que a envolvia.

— Você pode fazer o que quiser, querida, mas cuidado para não morrer de frio.

— Obrigada. Sim, obrigada. — Assim que Rose desapareceu ao virar a esquina, Beth fugiu. Era uma tentativa vã e infantil de conseguir uma pequena vitória. *Para quem? Para as crianças? Para a Marnie? Ou para mim mesma?*

Quando ela devolveu o machado e caminhou silenciosamente para sua escada, Beth se perguntou quantas crianças estariam rindo amanhã enquanto recontavam a história de Rose sobre o encontro noturno com a professora e mostravam o toco batido, mas ainda intacto, como prova.



Apesar de estar irritadiça a maior parte da manhã, Beth ficou surpresa e aliviada por ninguém mencionar o incidente. Ela seria sempre grata a Rose se a história permanecesse um segredo. Mas, quando o marido de Rose apareceu na entrada enquanto os alunos estavam indo embora, Beth se perguntou se algo viria à tona afinal de contas.

— Srta. Thatcher. — Bill Shaw tirou seu chapéu, mas simplesmente passou reto pela porta dela, batendo na porta da sala de aula de Robert. — Robert, algo mais surgiu. — A voz dele era assustadoramente alta. Beth notou que a porta entre as salas de aula estava entreaberta. Ela andou devagar em direção a ela, com a intenção de fechá-la rapidamente sem ser notada.

— Misericórdia. O que é agora?

— Mais grave desta vez, eu temo. É sobre uma aluna. Bem, uma aluna recente desta turma.

Um baque, como se Robert tivesse fechado um livro com força.

— E quem seria?

— Alice McDermott.

Beth parou, sem fôlego com o susto.

— E de que sou acusado? — Uma cadeira arranhou o chão, e ele limpou a garganta.

— Foi-me dito que você se encontrou com ela em particular em mais de uma ocasião. Que você não se comportou como um cavalheiro e que possivelmente foi por esta razão que os pais dela se mudaram.

Beth sentiu-se começar a tremer e apoiou-se contra a estante, fechando os olhos para bloquear as palavras horríveis.

— Isso é ridículo! — ele esbravejou. — Ela é uma criança. E eu estou noivo. — Beth conseguia ouvir o barulho do amontoado de moedas no bolso de Robert, podia imaginar a postura dele agora

mesmo. — Eu suponho que me encontrei com ela duas ou três vezes para lhe dar aulas de matemática. Mas sempre havia outros por perto. Foi no almoço, eu creio.

— Robert, você sabe que é meu trabalho levar estas coisas a sério.

Mais passos, mais alto desta vez.

— Sr. Shaw, eu lhe imploro. O que você está dizendo é um absurdo. Não há um pinga de verdade nisso e nenhuma prova também.

— Nós já começamos a investigação.

— Como assim?

— Irei amanhã com Lloyd Edwards para falar com os McDermotts. Se eles confirmarem alguma coisa, haverá uma audiência formal. Quando chegar a isso, estará fora do meu alcance, Robert. O distrito assumirá.

Um longo silêncio, então:

— Eu entendo. — Um suspiro pesado. — Faça o que achar melhor. Eu me submeto à sua autoridade.

Beth se afastou, levantando silenciosamente o casaco de seu gancho e abandonando a correção de tarefas. Ela escapou pela porta de entrada e correu para casa, chegando pálida com o choque.

Ao ver o rosto de Beth, Julie se levantou para aproximar-se dela.

— O que há de errado, Bethie?

— Ah, tudo. Apenas tudo.



Sentada do lado de fora, no degrau mais baixo, Beth assistiu ociosamente à formação de nuvens sombrias. *Neve novamente, e mamãe e papai chegam logo.* Penelope roçou seu corpo gordo por entre as pernas de Beth, implorando por mais comida, da qual já havia recebido muita desde o incidente com o urso.

— Venha cá, gatinha querida — Beth murmurou, esticando o braço para coçar o queixo de Penelope, o lugar preferido da gata malhada. Ronronando alto, o animal caiu de costas no chão e se contorceu com gratidão.

Há alguma verdade na acusação? Robert poderia ter tirado vantagem de sua posição? Por mais baixa que fosse a opinião de Beth sobre ele, não havia dúvidas sobre o que ela acreditava em seu coração. Isso não pode ser verdade. A menos que eu ouça isso da própria Alice ou de seus pais, não posso acreditar numa coisa tão horrível sobre ele. Beth lembrou da descrição de Ivy. *Ela está certa. Ele é muito*

previsível e... qual foi a palavra dela? Sim, sólido. É quem ele é. Assim como honesto. E sincero até demais. Ela se recordou de como ele foi generoso com Harold e Marnie e como a jovem esposa tinha reluzido quando soube de sua oferta.

Beth pegou a gata e a acomodou no colo, acariciando as costas de Penelope e ouvindo o ronronar dela. Uma percepção repentina a deixou absolutamente imóvel. *Eu fiz mais esforço para fazer amizade com esta gata abandonada do que para cuidar ou estender uma mão de amizade a Robert. Criado à imagem de Deus, ele é uma pessoa pela qual Jesus morreu, quer ele reconheça isso ou não.*

A noção toda era terrível de se considerar. Ela pôs a gata no chão e se inclinou, com o rosto nas mãos. *Sinto muito, Senhor. Sinto muito por ter sido impiedosa, por minha atitude não cristã e pela forma como alimentei meus preconceitos contra ele.*

Depois de mais um tempo de oração em profunda penitência, ela sentiu uma paz começar a invadir seu coração e ela sabia que estava perdoada. *Agora, Senhor, o que o Senhor quer que eu faça em relação a Robert? Por favor, dê-me sabedoria e graça durante este momento tão difícil.*



Frank acabou sendo a fonte das informações de Beth sobre a situação de Robert. Seu colega professor não havia dito nada a Beth na escola e havia se tornado até bastante recluso. Frank explicou que a viagem até a pradaria onde agora viviam os McDermotts havia se provado bastante infrutífera. Embora Alice tivesse declarado que todas as acusações eram falsas, outra pessoa já havia contatado o distrito por conta própria. Uma audiência tinha sido marcada. Beth ficou chocada ao saber que ela seria realizada em Coal Valley, no mesmo dia que o seu casamento.

Pobre Robert! Pobre Ivy! Querido Deus, ajude-nos a todos.



— Molly, você tem um momento para conversar?

— Claro, querida. Do que você precisa?

Beth respirou fundo. *Como começo?*

— É sobre Robert. Receio, bem, que eu tenha sido bastante injusta com ele, não importando o que se revelar como verdade na audiência.

— Acredito que eu a avisei.

Beth apoiou seus cotovelos sobre a mesa onde Molly estava fazendo uma torta e suspirou.

— Sim. Sim, você avisou.

— E agora?

— Agora sinto que estou entre a cruz e a espada. Eu acredito que ele está sendo falsamente acusado. Provavelmente os mesmos encenqueiros que empilharam o amontoado de lixo na floresta aumentaram seus esforços para expulsá-lo da cidade. Mas tenho vergonha de admitir que tenho sido tão boa amiga para ele quanto eles são.

Molly não discordou, sugerindo apenas:

— Não é tarde demais para corrigir suas atitudes.

Mais uma vez, Beth suspirou. Molly deslizou um descascador para Beth, que pegou uma das maçãs da tigela, removendo lentamente uma longa linha de casca. Molly começou a fazer o mesmo com um outro descascador.

— Eu realmente tentei manter meu coração puro, especialmente depois que você e Frank oraram comigo sobre isso.

— Oh, seguir um coração é uma má escolha. É tão facilmente enganado.

— Eu sei disso agora. E me arrependo de ter levado tanto tempo para reconhecer o meu erro de julgamento.

Molly pousou seu próprio descascador de forma bastante abrupta e descansou seus braços sobre a mesa.

— Vou lhe contar algo sobre o qual eu não falo há muito tempo, querida, pelo menos com qualquer outro que não seja o Frank.

Beth continuou a descascar, perguntando-se o que viria em seguida.

— Eu lhe disse que levou algum tempo para que eu aprendesse minhas lições também.

— Eu me lembro.

— Mas eu imagino que devia ter sido mais clara. Devia ter confessado o *quanto* eu estava errada. — Molly balançou a cabeça lentamente. — Há muito tempo, quando meu Bertram e eu viemos pela primeira vez a Coal Valley e compramos esta grande e velha casa, isso me subiu à cabeça e me fez sentir acima de todos. Sabe, eu nunca havia vivido tão bem antes. Por isso, creio que fiquei muito orgulhosa. Havia mineiros por toda parte, mas não muitos deles se estabeleciam o suficiente para trazer suas esposas. E eles vinham à nossa porta para as refeições e para conseguir um quarto. Então eu me sentia um pouco como a rainha deles.

Beth ergueu as sobrancelhas, tentando imaginar Molly fazendo pose de superior.

— E então um jovem que eu nem conhecia declarou seu

interesse por uma menina. Ela era um pouco nova demais, com certeza, mas ela era apta para casar-se mesmo assim. E houve fofoca. Muita fofoca. Que ele não era bom o suficiente para ela, por ser um humilde imigrante, e assim por diante. Eu me deixei participar. — Ela fez uma pausa. — Eu devia ter sido mais sábia mesmo naquela época, mas eu me envolvi.

Beth congelou e prendeu a respiração.

— Frank.

Molly já estava enxugando os olhos. Ela engoliu com força antes de dizer:

— Sim, meu Frank e sua doce Colette.

— Oh, Molly!

— Vê, querida? Você vê como um coração pode estar errado?

Eu me convenci de que sabia o que era melhor, que aquilo não devia ser tolerado. E fiquei do lado daqueles que tentaram mantê-los separados. Graças ao bom Deus que Ele sabia mais.

Houve silêncio enquanto Molly ajuntava seus pensamentos e Beth assimilava tudo que estava implícito.

— Mas ele a perdoou, Molly.

— Sim, ele perdoou. Ele tem uma boa alma. Ele havia resolvido a parte dele muito tempo antes de eu me conformar com a minha. Sabe, eu estava lá quando ela deu à luz a filha deles. Não havia mais ninguém e eu fiz o melhor que pude para salvá-las. As duas. Mas elas morreram apesar de tudo que eu tentei. — As palavras foram forçadas a sair, o queixo dela tremendo. — E meu Bertram ajudou a cavar seus túmulos. Bertram e alguns outros homens. Nesse momento, todos nós sentíamos muito, mas às vezes não se pode voltar atrás para corrigir um erro.

Beth repousou sua mão no braço de Molly.

— Não foi culpa sua que elas tenham morrido, Molly. Tenho certeza de que eles sabiam que você fez o seu melhor.

— Eu fiz mesmo. Mas eles deveriam ter tido a chance de ficar juntos antes. O tempo deles foi tão curto, mas eles podiam ter tido mais um ano de alegria.

Molly tirou um lenço da manga e assoou o nariz.

— Como eu disse, eu conversei com Frank. Fizemos nossas pazes com o passado. Mas eu não quero ver você fazer a mesma coisa. Não vale a pena, querida. Você tem de deixar Deus ser Deus e você precisa lembrar que você não é Ele.

Beth encostou sua cabeça no ombro de Molly.

— Eu entendo o que você quer dizer, mas como? Como que eu sei...

— O melhor que eu posso dizer é que você deve seguir as duas regras: amar o Senhor, seu Deus, com todo o seu coração e com toda a

sua alma e amar as outras pessoas como a si mesma.

Beth se engasgou um pouco.

— Eu pensei que... eu estava tentando proteger as crianças, da maneira como não protegi Julie do Nick no sequestro.

— Mas, Beth, você não é toda-poderosa. Você não pode nunca completamente proteger alguém. Você faz o que pode, e Ele faz o resto.

O pensamento começou finalmente a repercutir em sua mente. Nunca lhe havia sido atribuída a responsabilidade sobre essas questões tão abrangentes. Ela não tinha o poder para *garantir* a segurança de ninguém. Ela podia fazer o que ela sabia ser certo, e o resto estava nas mãos de Deus.

Molly continuou:

— Quando você assume o controle, você pressupõe que você sabe tudo. Que você pode ver o fim desde o início. Mas nenhum de nós pode. Tudo o que podemos fazer é voltar aos passos número um e número dois. Temos de amar e então amar mais um pouco. E precisamos orar para que Deus faça Sua parte e faça a proteção que nós não somos capazes de fazer. Eu sei que nunca fui para a faculdade, mas já passei por todos os níveis da escola da dura realidade, acredite em mim. E finalmente tenho esse tanto de senso na minha cabeça.

— Oh, Molly. Às vezes eu acho que nunca crescerei.



— Srta. Thatcher, poderíamos conversar por favor?

Beth já estava esperando por isso, ela tinha a certeza de que eventualmente Robert iria abordar a questão. Se a "boa opinião" dela fosse importante para ele, como ele havia afirmado, ela sabia que ele sentiria a necessidade de falar com ela.

A voz dela mostrava compaixão:

— É claro, Sr. Harris Hughes. Por favor, entre.

Ele deu meio passo à frente, com as mãos nos bolsos, e fez uma nova pausa. Ele estava olhando para além dela, como se analisasse a imagem do rei pendurada na parede acima da cabeça de Beth.

— Srta. Thatcher, sem dúvida você está ciente da situação difícil em que me encontro agora. Não adianta eu negar-lhe as alegações que foram feitas. Você já deve ter tirado suas próprias conclusões sobre o assunto.

As sobrancelhas de Beth se uniram e ela finalmente conseguiu falar:

— Disseram-me que a própria Alice disse que você não fez nada de errado, Sr. Harris Hughes.

Ele soltou um longo suspiro.

— Mas Alice não está aqui, Srta. Thatcher. E, portanto, o assunto foi agravado.

— Sim, eu entendo. O que eu posso fazer?

Houve um silêncio pesado, como se ele estivesse tentando juntar coragem.

— Eu tinha a esperança de que... que você pudesse falar em meu favor como uma testemunha de caráter, durante a audiência no outro sábado.

— Sinto muito. — Beth balançou sua cabeça lentamente. A expressão triste dele foi quase insuportável para ela. — Receio que isso seja impossível. Será realizada no mesmo dia do meu casamento. Não há como adiar a cerimônia. Toda a minha família estará aqui e a família de Jarrick também. Não há como eu estar disponível nesse dia. Lamento muito mesmo.

Ele limpou a garganta.

— Eu entendo. Obrigado da mesma forma — disse ele, sua voz forçada.

Pela primeira vez, Beth desejou poder ter oferecido um abraço. Uma palavra gentil pareceu-lhe extremamente insuficiente.

— Vou orar por você, Robert. Orarei por justiça.

Ele deu um sorriso fraco e suspirou.

— Neste momento, Srta. Thatcher, aceitarei ajuda de onde quer que ela venha.

Capítulo 26

Beth e Julie andavam de um lado para o outro, impacientemente, na calçada de madeira em frente à loja do Coulter, com os olhares fixos na estrada para o leste. Os últimos dias, como uma fila de dominós, tinham passado um após o outro em alta velocidade, e agora era a tarde de domingo antes do tão esperado sábado.

Por mais entusiasmada que ela estivesse com o evento que se aproximava, Beth já estava consciente do fato de que sentiria muita falta de sua irmã imprevisível e jovial. Todos os pertences de Julie haviam sido empacotados, até mesmo os esquis haviam sido cuidadosamente embrulhados para o transporte para o leste. A pequena morada de segundo andar logo seria o lar de Beth e Jarrick, pelo menos até o final do ano letivo. Beth sacudiu um pouco a cabeça para espantar as incertezas do futuro. *Obrigada, Senhor, porque posso confiar tudo isso ao Senhor.*

Até mesmo a pequena mostra de loções de Julie dentro da loja havia sido desmontada e, depois que uma caixa havia sido posta de lado para Ivy, os itens restantes foram distribuídos para as mulheres da cidade. *Nunca foi para ganhar dinheiro* — pensou Beth, olhando com amor para esta querida irmã. — *Ela não está decepcionada com seu pequeno negócio, apenas satisfeita por ter tido algo para fazer e talvez por ter tido uma maneira de deixar sua marca em nossa pequena cidade.*

Não havia tido nenhuma carona para Lethbridge disponível para encontrar seus pais na estação de trem. As irmãs ficaram aliviadas ao saber que Jarrick havia providenciado a solução, alugando um carro para trazer seus pais para Coal Valley. Eles deveriam chegar a qualquer momento.

A semana seguinte seria intensa, com a escola e os preparativos finais para o casamento, além de desfrutar do pouco tempo juntos. Na sexta-feira de manhã, Jarrick viria de carro com sua família.

Houve um ronco baixo à distância e um carro preto emergiu na última curva, diminuindo a velocidade à medida que se aproximava da calçada.

Beth e Julie correram em direção ao veículo, saudando-os e abrindo as portas do banco de trás antes que o carro tivesse parado

completamente. Beth jogou seus braços ao redor do pai.

— Sonhei com isto por tanto tempo, mal posso acreditar que vocês estão realmente aqui.

— Minha nossa — respondeu ele, descendo para a rua de terra e rindo enquanto devolvia o abraço entusiasmado dela. — Com uma recepção tão enérgica, eu me perguntei se vocês duas estavam nos assaltando.

— Ah, pai. — Beth se jogou novamente em seus braços. Todos eles fizeram uma rodada de abraços, embora a mãe estivesse um pouco distraída com suas tentativas de ver os arredores.

— É muito pequena, querida. Você nos disse isso, mas eu tinha imaginado algo um pouco maior.

— Bem, há mais casas mais para baixo da colina — assegurou-lhe Beth. — Realmente não dá para vê-las todas daqui, algumas estão atrás daquelas árvores. Mas vocês vão ficar ali, na pensão. Ela é da Molly, e acho que vocês ficarão muito confortáveis. E — Beth abriu bem os braços e girou onde estava, empolgada por compartilhar seu amor pelos seus entornos — o que vocês acham desta vista?

— É magnífica — respondeu o pai por ambos. — Já ouvi estas montanhas sendo descritas ocasionalmente, mas as palavras não lhes fizeram justiça e nem mesmo as fotografias. Elas são absolutamente majestosas, Beth. E bastante assustadoras de carro. — Todos eles riram, exceto a mãe, que ainda estava olhando ao redor.

Beth abraçou a mãe novamente quando o pai foi em direção ao porta-malas e à bagagem.

— Querida — disse a mãe, — eu pensei que ficaríamos com você. Estava ansiosa para que você nos hospedasse.

— Isso quase aconteceu — disse Beth com uma risada. — E você não tem ideia da bênção que é não ficar no meu apartamentozinho. A filha de Molly, Marnie, acabou de se casar e se mudar. É uma longa história. Mas vocês vão ficar no quarto que era da Marnie na pensão.

— A casa de Beth é bem ali — Julie apontou, — acima do café. No segundo andar. — Ela deu um sorriso levado enquanto esperava a reação deles.

— No segundo andar? *Tem* um segundo andar?

— Ora, sim, mamãe — respondeu Julie. — Mas é, digamos, bastante pequeno, escondido debaixo do telhado. Um sótão, na verdade. No entanto, é muito aconchegante e confortável, pelo menos tem sido para nós duas. Quatro... bem, isso teria significado você e o papai dormindo na cama, e Beth e eu compartilhando um colchão emprestado enfiado debaixo do beiral!

Beth não sabia se devia rir do prazer da irmã em aumentar a consternação da mãe ou dar-lhe um olhar severo. Ela decidiu não

fazer nenhuma das opções quando viu as incertezas da pobre mulher. Ela deu um passo adiante para guiá-la.

— Por aqui, mãe, não é muito longe.

O pai enfiou uma mala menor debaixo do braço e levantou mais duas pelas alças.

— Bem, você terá de nos mostrar onde você mora mais tarde. Por ora, leve-nos para onde vamos ficar.

Beth guiou seus pais até a casa da Molly, preenchendo a curta caminhada com breves informações sobre a cidade e seus moradores. A porta se abriu ao colocarem o pé no patamar, e Frank os recebeu calorosamente.

— Entre, por favor — disse ele, com entusiasmo em seu rosto barbudo. — Estamos tão contentes em vê-los chegar em segurança.

— Pai, este é Frank Russo. Frank, estes são meus pais, William e Priscilla Thatcher. E esta é a esposa de Frank, minha querida amiga Molly Russo, e o filho deles, Teddy.

— Estamos tão felizes que vocês podem ficar conosco — disse-lhes Molly, com sinceridade em cada ruga e expressão, enquanto apertava as mãos deles.

Eles foram levados ao quarto, tiveram a oportunidade de lavar as mãos e os rostos e logo se acomodaram confortavelmente na sala de estar, desfrutando da modesta hospitalidade que Molly oferecia. Beth ficou quase extasiada quando sua mãe apresentou um pequeno álbum de fotos do bebê Josiah e ela e Julie se agruparam em volta dele, exclamando com admiração a cada marco na história de três meses do bebê.

Parecia quase inacreditável para Beth que tantas das pessoas que ela amava pudessem estar em um só lugar. Ela lançava olhares rápidos para sua mãe, que parecia ter se conformado com o ambiente austero e estava fazendo questão de se juntar às conversas, particularmente com histórias sobre o jovem JW, que havia se proclamado o chefe de cuidados do seu "*irmonzinho*". Após o jantar, seu pai convenceu Frank e Beth a tocar vários duetos em seus violinos, terminando a noite com tranquilidade. Pela primeira vez desde a chegada de seus pais, Beth pôde ver que sua mãe estava realmente impressionada.

A manhã de segunda-feira chegou e a escola tinha suas próprias exigências, independentemente dos visitantes. Enquanto Beth levava para casa as lições diárias para correção, ela ficou feliz ao ver Julie, mas também com um pouco de inveja por sua irmã poder passar tanto tempo com seus pais. Além das responsabilidades normais, Beth agora tinha de fazer preparativos extras para sua ausência na próxima semana para a lua de mel. Jarrick não havia sequer insinuado mais detalhes em sua última carta, mas era um segredo agradável pelo qual

esperar.

— Bethie? Eu lhe fiz uma pergunta.

Beth voltou-se para sua irmã.

— Desculpe. O quê?

— Perguntei-lhe se amanhã à noite terá o clube bíblico.

— Não. Não, nós decidimos que terminamos por este ano. Na verdade, as mães sugeriram isso. Elas acharam que eu estaria muito ocupada com os planos para a cerimônia de casamento e com as responsabilidades de um casamento.

— Bem, eu prevejo que você terá dificuldade em se concentrar em qualquer outra coisa por um tempo — brincou Julie, — se hoje é algum sinal do que está por vir.

Beth olhou para a página em branco do caderno de planos de aula. Robert supervisionaria a turma dela na sexta-feira, e o novo conselho escolar havia encontrado um substituto para a semana da lua de mel. Seus planos de aula completos para esses dias eram essenciais. *Eu tenho de me concentrar* — ela disse a si mesma enquanto se curvava sobre a página. *Eu preciso terminar isto.*

— Há mais alguma notícia sobre Robert?

Na verdade, muito havia sido falado sobre a situação difícil de Robert. Os moradores se reuniam em pequenos grupos onde quer que seus caminhos se cruzassem para compartilhar sua consternação e suas opiniões sobre o que estava acontecendo. Beth frequentemente se posicionava em sua defesa. Alice não fez nenhuma acusação contra seu professor. Mas a comunidade estava, em grande parte, contra Robert. *Se ao menos houvesse uma maneira de trazer a menina, e talvez sua mãe, de volta a Coal Valley para testemunhar na audiência. Certamente, isso daria um fim a quaisquer outras perguntas.* Beth bateu sua caneta no tinteiro pensativamente. *Eu me pergunto se Ivy também fará uma aparição, uma demonstração de apoio.*

— Bethie — disse Julie com uma voz professoral, balançando o dedo, — você nunca terminará se não conseguir focar no plano de aula.

Rindo, Beth respondeu:

— Então você precisará parar de me fazer perguntas, minha querida.



Na quinta-feira, os nervos de Beth estavam ficando desgastados. Pelo menos as atribuições escolares estavam terminadas. O plano era decorar a igreja naquela noite. O grande desfile de levar todas as coisas que Beth, Marnie e Julie tinham preparado para a

cerimônia até a igreja começou logo após o jantar e tirou vantagem de toda a ajuda disponível. Um carro foi oferecido, mas Beth ficou com medo de que os tecidos delicados fossem esmagados se empilhados uns sobre os outros. Ela se sentiu um pouco exigente por insistir em fazer do seu próprio jeito, mas ela deu instruções de qualquer forma. As peças delicadas foram carregadas até a igreja à mão.

O pai de Beth e Frank separaram e penduraram a decoração seguindo as instruções, deixando as mulheres se preocuparem com os detalhes das peças, afofando e reposicionando as camadas. À medida que cada laço era cuidadosamente inspecionado e debatido entre as mulheres — Priscilla e Julie, Beth e Molly — os homens se afastaram e escutaram silenciosamente, esporadicamente dando meios sorrisos e murmurando comentários que não queriam que fossem ouvidos. Sempre que era pedido, eles davam de ombros e reposicionavam qualquer coisa que não estivesse boa.

Logo o templo começou a parecer uma cena nevada de um conto de fadas, exatamente como Beth havia imaginado. Os bancos escuros estavam decorados com laços brancos delicados, as janelas tinham conjuntos de flores de tecido branco e o altar estava drapeado com tule branco. Estava tudo lindo, tudo exceto o arco que Beth esperara que pudesse ter sido montado para o altar.

— Que tal ter algo pendurado no teto, querida, talvez com arames? — a mãe perguntou.

— Alto demais — Molly refutou, batendo no lábio com o dedo enquanto olhava para cima. — Os arames se enfraqueceriam e pareceriam derretidos. Alguma coisa de madeira?

Priscilla balançou a cabeça, incerta.

— Não seria terminado a tempo.

— Você está certa, mãe. — Beth balançou a cabeça. — Está tudo ótimo como está. Na verdade, está muito lindo. Ninguém mais estará esperando um arco, então não vão sentir falta dele.

— Mas *you* vai sentir falta dele — contestou Julie. — E você tem um pouco de tecido sobrando. Está na sala dos fundos. Você quer que eu pegue?

— Não, obrigada. Eu não preciso ter *tudo* o que eu possa querer. Está elegante assim. Sou tão grata, tão abençoada.

Ao fechar a porta atrás deles, ela se lembrou de que estava, de fato, encantador. Ela podia focar no que estava incompleto ou podia apreciar a beleza e apreciar a bênção de ter tantos membros da família presentes.

— Mamãe, gostaria de apresentá-la a William e Priscilla Thatcher — Jarrick anunciou por cima da agitação na entrada lotada da casa da Molly. — Senhora Thatcher, esta é Sigrd Thornton. E meu pai, Graeme — disse ele, gesticulando na direção do pai, — está pendurando os casacos. — Ele apontou acima das cabeças. — E na porta estão meus irmãos, Wilfred e Roland, e minha irmã mais nova, Laura.

— Muito prazer em conhecê-los a todos. — A mãe de Beth estendeu uma mão para a mãe de Jarrick. — Estou feliz por terem chegado a salvo. Vocês devem estar bastante cansados de sua viagem.

— Foi bem apertado ter tantos de nós em um só carro, mas Jarrick veio atrás, em uma caminhonete emprestada, com nossa bagagem e com seus próprios pertences para se mudar para Coal Valley quando retornarem da lua de mel. De qualquer forma, estamos finalmente aqui. E estamos tão entusiasmados em conhecer todos vocês. Jarrick tem falado tantas coisas boas.

A mulher era pequena, e Jarrick havia claramente herdado sua altura de seu magro pai. Mas não havia dúvidas quanto a quem havia lhe passado seu cabelo ruivo. A mulher miúda ainda estava usando um chapéu preto, mas tranças vermelhas e grossas surgiam de debaixo dele.

— Agora, onde está sua Beth? — perguntou ela, olhando em volta.

— Eu estou aqui. — Beth rapidamente veio para a frente, com borboletas no estômago. — Estou tão feliz por terem vindo para tão longe, Sra. Thornton. Bem-vinda. — Ela estendeu o braço para apertar a mão e pôde sentir os olhos de sua futura sogra avaliando-a.

— Não viemos de tão longe quanto seus próprios pais. Minha nossa, de Ontário! Deve ter sido uma viagem e tanto de trem.

A mãe de Beth disse:

— Foi longa, mas não desagradável. Sentimos que conseguimos ter uma boa noção da paisagem de Manitoba ao passarmos, é um território muito *amplo*, bastante plano. No entanto, tenho certeza de que deve ser o sonho de um fazendeiro.

— Não tão plano quanto Saskatchewan, eu acho.

Beth podia sentir a discussão ganhando força. Ela lançou um olhar para Jarrick na esperança de que ele encontrasse uma maneira de desviar a conversa.

— Eles já descarregaram, mamãe? Deveríamos fazer isso agora?

— Não há necessidade ainda. Nós pediremos para vocês daqui a pouco. Por enquanto, tenho certeza de que todos nós gostaríamos de nos conhecer melhor. E, Sra. Russo, se não for muito incômodo, algo quente seria muito bem-vindo agora.

— A chaleira já está no fogo, Sra. Thornton. Assim que começar a apitar, haverá chá e café, ou água gelada, se você quiser. Por que vocês não se sentam na sala de jantar? Vou trazer alguns doces para começarmos.

Beth entrou junto dos outros, cada um hesitando em pegar um dos poucos assentos. Teddy começou a levar mais cadeiras da cozinha para a sala. Logo eles estavam todos sentados, bem perto uns dos outros, ao redor da grande mesa, com Beth e Jarrick entre as duas mães.

— Sua casa é muito agradável, Sra. Russo — disse-lhe a Sra. Thornton. — Não é de se admirar que Jarrick a tenha descrito como o centro da cidade.

Molly deu de ombros e respondeu naturalmente:

— Ninguém mais tem uma casa grande o suficiente para tantos. Sou grata pelo que Deus proporcionou, mas acima de tudo pela minha família.

A mãe de Jarrick só levantou as sobrancelhas em resposta.

Beth pôde sentir seus dedos apertados no colo. *É apenas o meu nervosismo ou já existe tensão? Não consigo conceber por quê. É isto que Jarrick queria dizer?*

A hora do chá prosseguiu com uma conversa casual, mas Beth continuou a sentir que as pessoas estavam sendo forçadamente simpáticas. Ela temia que isso não fosse um bom presságio de seu tempo juntos.

Para sua estadia em Coal Valley, a família de Jarrick havia optado por dormir na escola, na sala de aula de Beth. Eles colocariam colchões no chão, usariam o banheiro atrás do prédio e levariam baldes de água para se lavar. Era rudimentar, mas não era muito diferente de como o resto dos cidadãos da cidade vivia.

Molly havia convidado os visitantes de fora da cidade a comer em turnos em sua casa. O pai de Beth insistiu em pagar por sua hospitalidade, e os dois ainda estavam presos em uma cortês guerra de vontades sobre o assunto. Beth estava bastante certa de que o pai sairia vitorioso, de uma forma ou de outra. *Embora eu acredite que ele tenha encontrado uma oponente à sua altura.*

Assim que a mãe de Jarrick enviou seus três filhos para levar a bagagem da família para a sala de aula, quase no momento exato em que a porta se fechou atrás deles, ela se voltou para Beth:

— Ouvi dizer que você já decorou a igreja. Teríamos ajudado. Laura e eu somos boas com detalhes.

— Não foi um problema, Sra. Thornton. Só uma coisa a menos a fazer.

— Podemos vê-la, querida?

Beth desejava que houvesse alguma maneira de sugerir que

esperassem por Jarrick, mas sua mente falhou em pensar em uma.

— É claro. — Ela tentou sorrir.

Liderando o caminho, Beth caminhou com as cinco mulheres até a igreja, seu coração palpitando de apreensão. Ela estava certa de que sua própria mãe não aceitaria bem nada que soasse como crítica. Ela abriu a porta lentamente, aliviada por ter realmente ficado muito bonito. *Eu só espero...*

— Ora, está lindo. E você fez todas estas flores, querida, à mão? — A Sra. Thornton elogiou. — Que inteligente. Mas não havia rosas em lugar nenhum? Tenho certeza de que você poderia ter encomendado algumas. Talvez pudéssemos tê-las trazido conosco. O que você vai fazer para o buquê?

A mãe limpou a garganta como se quisesse responder, mas Beth apressou-se com a resposta:

— Também estamos fazendo isso, Julie e eu, mas... hã, vai ser uma surpresa. — Mordendo uma unha, ela seguiu o grupo, tentando evitar comentar e se recusando a olhar para Julie. Ela sabia, sem olhar, que sua irmã já corria o risco de revirar os olhos em frustração.

— Seus laços do corredor são encantadores. Será que uma ou duas rosas vermelhas não os teriam melhorado? Ou lírios cor-de-rosa vindos de uma estufa? Sim, isso é o que eu teria feito. O que você acha, Laura? Ah, bem, o que está feito está feito. — Ela caminhou até a frente e olhou para o altar por um momento. — Oh, está faltando algo. Você não acha? Precisa de um ponto focal central. Algo para atrair os olhares.

A voz de Julie atrás de Beth ecoou confiante pelo grande salão:

— Oh, não vai faltar nada amanhã, Sra. Thornton. Veja, Bethie será o ponto focal. Todos os olhos estarão nela e em Jarrick. Não queremos que nada distraia as pessoas disso, certo? — Passando por perto, Julie estendeu a mão para apertar a de Beth e seguiu em frente.

A mente de Beth zumbiu, tentando avaliar as dificuldades. *Amar a Deus. Ah sim. Amar as pessoas, bem, isso é mais difícil. Mas este também é o casamento do filho dela. Algo que ela quer há algum tempo. Vou tratá-la com respeito e com amor, não apenas por Jarrick, mas por ela mesma.*

— Lamento que não seja o que você imaginou, Sra. Thornton — começou Beth. — É o melhor que temos para oferecer estando tão longe de... bem, tão longe de quase tudo. — Ela fez um gesto em direção às janelas. — Mas por favor lembre-se da vista maravilhosa. A criação de Deus é deslumbrante, muito mais do que qualquer coisa que possamos tentar produzir. Sou tão abençoada por me casar em um ambiente tão extraordinário. — Beth rapidamente mudou de assunto: — Vocês encontraram tudo de que precisavam na escola? Talvez possamos deixá-los mais confortáveis lá. Vocês têm cobertores

suficientes?

O pequeno grupo logo terminou sua inspeção, e Beth suspirou de alívio enquanto fechava a porta da igreja.

Capítulo 27

Embora Beth lamentasse ter deixado sua mãe sozinha com a Sra. Thornton e Molly, ela ainda precisava montar seu buquê nupcial. Seus dedos tremiam um pouco enquanto ela tirava a caixa de onde estava no guarda-roupa e organizava o projeto final do casamento sobre a mesa. Não havia dúvidas sobre o que sua futura sogra pensaria. Artesanal, sem flores frescas. A mulher o acharia insatisfatório. Mas eu amo e estou certa de que Jarrick também irá amar. Portanto, não vou deixá-la roubar a minha alegria.

Trabalhando cuidadosamente com os materiais delicados, Julie e Beth juntaram as flores brancas que tinham feito com lenços de renda dobrados e as prenderam a arames longos para formar os caules. Beth as reuniu cuidadosamente em um ramalhete redondo e apertado. Um após outro, ela adicionou vários broches de prata brilhantes, que estavam montados em arames do mesmo comprimento para ficarem na mesma altura das flores de renda, para criar uma distribuição de brilho e elegância. Por último, ela pegou o melhor lenço bordado de Molly, que era o *algo emprestado* de Beth, vindo de uma pessoa muito especial, e enrolou-o cuidadosamente ao redor dos caules falsos.

Quando Beth segurou o buquê acabado, Julie o declarou digno de qualquer casamento da alta sociedade. Ela tirou-o de Beth e o segurou na frente do vestido de noiva, agora pendurado na parte de fora do guarda-roupa, e ambas arfaram de surpresa pela forma como as duas peças do casamento realçavam uma à outra.

Em seguida, vieram os simples arranjos de lapela feitos de botões brancos de vários tamanhos, com dois ou três deles empilhados e depois agrupados sobre um lenço masculino azul anil bem dobrado. Quando as irmãs estavam guardando as últimas peças prontas, elas ouviram uma batida na porta.

Beth levantou-se para abri-la, um pouco temerosa de quem ela encontraria do outro lado, e ficou aliviada ao ver Jarrick.

— Podemos ir para algum lugar? — disse ele perto do ouvido dela.

— Claro. Julie, eu voltarei em breve. — Pegando seu lenço, ela

saiu para o patamar e o seguiu pela escada.

— Sei que está quase na hora do jantar — disse ele suavemente, pegando o braço dela e guiando-a atrás do prédio em direção à clareira onde Beth havia feito o piquenique. — Mas quero um tempo com você, sozinho.

— Eu também gostaria disso.

Beth sentou-se em um toco, e Jarrick puxou um tronco para perto para se sentar.

— Como foi com minha mãe na igreja? Eu tinha tanto medo de que ela criticasse.

Beth encolheu os ombros.

— Ela criticou. Mas ela também elogiou algumas coisas. Sinto muito que não esteja a par do que ela havia imaginado, realmente sinto. Mas preciso dizer que estou muito contente e até orgulhosa do que Julie e eu conseguimos fazer, e Marnie também. É um trabalho de amor para nós, Jarrick, e desde que estejamos satisfeitos, acho que é suficiente.

— Tenho certeza de que é mais do que qualquer coisa que eu tenha imaginado.

— Sem dúvida é. — Beth riu e pegou a mão dele. — Já que você não quis imaginar muito.

Ele também riu, parecendo um pouco envergonhado. Então sua expressão se tornou séria.

— Desculpe-me por não prepará-la melhor para conhecer a mamãe. Pensei no que mais poderia lhe dizer tantas vezes, mas tinha medo de como soaria; efetivamente criticar minha mãe antes mesmo de você conhecê-la. Eu não queria lhe virar contra ela. E na verdade, o que eu quero, mesmo agora, é ajudar você a *compreendê-la*.

Beth acenou com a cabeça cautelosamente, e ele continuou:

— Veja, ela é de uma família grande, e sua própria mãe, minha avó, é bastante franca e direta. As filhas naturalmente pegaram seu jeito. Eu prometo a você, Beth, acho que elas nem sabem como soam para as outras pessoas. Todas elas se amam, mas não percebem o que os outros podem pensar, além da esfera familiar. — Jarrick colocou seu braço em volta dos ombros dela. — Mas Laura me contou o quanto ela foi brusca, e quero que saiba que tenho certeza de que ela não queria ofender. Esse é só o jeito dela. É a única maneira que ela conhece para participar, para tentar se envolver com você no casamento.

É isso que eu devo esperar? Anos dessas opiniões terrivelmente diretas?

— Você está pedindo que eu simplesmente a ignore?

Ele esfregou uma mão no rosto e então puxou-a para mais perto.

— Não, não para ignorá-la. Estou pedindo que você a ame. Mas, de uma forma, é ainda mais difícil do que simplesmente ignorar as palavras dela. Peço-lhe que se una a mim para confrontá-la de forma respeitosa e amorosa de vez em quando, para comunicar a ela alguns limites que não a deixaremos ultrapassar, para nos mantermos firmes sobre como administramos nossa própria casa. Esta foi uma das coisas que passei mais tempo conversando com Lester Carothers, o homem que me aconselhou. — Ele se virou para fitar Beth, seu rosto mostrando o carinho que tinha para com ela e sua preocupação. — Eu sei que é pedir muito, minha Beth. Mas prometo estar com você e ser um portão para você, pronto para me colocar entre vocês e fechá-la para fora quando for demais. E só lhe peço que esteja pronta para deixá-la entrar tanto quanto conseguir. — A mão dele foi para a própria bochecha, e Beth percebeu, chocada, que ele estava enxugando uma lágrima. Sua voz se apertava de emoção. — Eu a amo, Beth. Ela é minha mãe, afinal de contas. E amar alguém nem sempre é fácil.

Achegando-se para abraçá-lo, Beth aproximou o seu rosto do dele.

— Eu farei. Eu a amarei com você.

— Tinha certeza de que você o faria. — Os braços dele a cercaram. — Já vi você amar todo tipo de pessoas, dar-se livremente e se sacrificar por elas. É uma das muitas coisas que aprecio a seu respeito. Eu estava convencido de que você poderia lidar com a mamãe também, de que poderíamos fazê-lo juntos, de que formaríamos um vínculo suficientemente forte para resistir a qualquer tempestade. Não é realmente o que uma noiva quer ouvir, eu suponho. Mas, se servir para tornar nosso casamento mais forte no final, isso não será uma bênção?

Com a cabeça no ombro dele, ela silenciosamente acenou em concordância.

Ele começou a rir, e ela levantou a cabeça para olhar para ele.

— Sabe, eu me lembro quando nos conhecemos, muito tempo atrás — explicou Jarrick. — Você perguntou como minha mãe me chamava, e eu lhe disse “Jarrick”, e você sempre me chamou disso ao invés de Jack como todos os outros. Eu não disse nada na época, mas demorou um pouco para que eu me acostumassem com sua decisão. Porque eu nem sempre gostei do meu nome. Ou, talvez mais precisamente, da forma como ele era falado. — Ele a beijou gentilmente. — Mas soa tão diferente vindo de você. Isso me fez pensar em como eu até gosto mais de quem sou quando estou com você, por causa da maneira como você me desafia e espera o melhor de mim. Acredito que somos pessoas melhores quando estamos juntos. Pelo menos espero que a faça sentir da mesma maneira.

Os braços de Beth se apertaram ao redor do pescoço dele.

— Eu sei que quero ser sua esposa mais do que tudo. Sei que você é a pessoa que Deus trouxe à minha vida para ser meu marido. Por isso, aceitarei o que vier com você também.

Jack roçou a bochecha contra o cabelo de Beth e depois se afastou para olhar para o rosto dela.

— Há algo mais que precisamos discutir. Seu pai me encurralou esta tarde, Beth. Ele quer seguir em frente com os planos para nossa mudança para o leste neste verão. — Beth encarou-o de volta, mantendo-se quieta. — Eu não tinha certeza de como responder a ele.

— Você não tinha? — ela sussurrou.

Jarrick hesitou.

— Eu quero que você tenha tudo, querida. Mas eu ainda não tenho paz sobre essa decisão. Toda vez que oro, não me parece muito certa.

Beth fechou os olhos, orando por coragem para falar o que ela sentia com sinceridade, como ela havia lhe prometido, e para deixar o resto com o Senhor.

— Fico aliviada em ouvir isso.

— O que... o que você quer dizer?

— Tentei não o conduzir e deixá-lo tomar a decisão, mas temo que minha atitude não tenha sido útil.

— Mas, Beth, pensei que você *gostaria* de estar perto da família, de ter a comodidade da cidade. Eu simplesmente assumi que seria o que você...

— Oh, Jarrick — Beth sussurrou, ansiosa, — quando foi que eu já disse tal coisa? Mas a culpa é minha, na verdade. Eu devia ter conversado sinceramente com você muito antes disso. Eu só não queria... soar como a *sua* mãe ou como a minha. Eu queria deixar você ser o líder de nossa nova família. Mas o que eu realmente fiz foi deixá-lo carregar este fardo sozinho. E eu não penso que isso seja o que Deus pretendia que uma esposa fizesse também.

Ele balançou a cabeça e inspirou profundamente.

— Oh, Beth, estou tão aliviado, tão feliz que você tenha expressado isso.

— Bem, eu prometi ser sincera. E acho que agora entendo o que isso significa um pouco melhor.

Ele pôs os dois braços em volta dos ombros dela e riu.

— Espere até eu contar isso a Philip. É o que ele tem dito o tempo todo.

Beth sorriu e relaxou em seus braços. *Como nós dois nos preocupamos à toa.*

— E agora é a sua vez, Jarrick.

— Para quê?

— Para ser sincero.

Ele franziu a testa.

— Mas eu tenho sido...

— Receio que não — ela disse com as sobrancelhas erguidas.

— Sinto muito, Beth. Eu não sei o que você quer dizer.

— Aonde iremos, Jarrick? Acho que é hora de você me contar seu segredinho.

Um sorriso apareceu lentamente em seu rosto.

— Você quer saber o destino da lua de mel.

— Acho que é o melhor.

Ele riu.

— Eu realmente achei que você teria adivinhado. Nós vamos para Banff. Não para aquele castelo grande e chique. Eu não tinha dinheiro para isso. Mas ficaremos em um chalé muito confortável e aconchegante. E há um restaurante no hotel. Assim, você não terá de se preocupar com nada.

Beth riu.

— Isso é um alívio. Teremos uma primeira semana feliz juntos antes de você ser apresentado à minha culinária. — Ela olhou nos olhos sorridentes dele. — Isso é maravilhoso. É perfeito.

Ela parou um momento, com o olhar distante.

— Sabe, Jarrick, acredito que Banff foi onde minha tia, a primeira Elizabeth Thatcher, foi em sua lua de mel. — Ela voltou a fitar o rosto dele. — Amo que você o tenha escolhido para nós também.

— **** —

Era bobo, talvez, que um carro estivesse esperando na frente da escada para levar Beth pela curta distância até a igreja, mas o querido e atencioso Frank tinha providenciado o empréstimo do carro da empresa e pedido a Alberto para dirigi-lo. Ele havia insistido que ela não deveria precisar se preocupar com a bainha de seu vestido de noiva na estrada de terra.

Com Julie atrás dela, Beth ajustou as camadas da saia de princesa e pisou na escada pela última vez como Srta. Elizabeth Thatcher. Mas seu olhar foi atraído instantaneamente para os dois veículos estacionados em frente ao prédio da escola. *A audiência de Robert. Oh não, está acontecendo agora.* Beth de alguma forma havia esquecido que Robert estava enfrentando seus acusadores hoje. Por conta de toda a correria de última hora, ela havia até esquecido de orar por ele como havia prometido.

Pai celestial — ela começou depressa, — por favor, ajude a verdade a vir à tona para Robert hoje. Por favor, proporcione pessoas para

falar em favor dele para que a justiça seja feita, para que Fred Green, ou quem quer que tenha começado esta mentira cruel, não destrua sua vida.

Mas quem se pronunciaria a favor de Robert? Quase todos os que poderiam falar por ele já estavam esperando na igreja. *E a cerimônia de casamento está prestes a começar* — ela pensou em pânico.

Beth virou-se desamparadamente para sua porta e para Julie, que parecia confusa e depois incomodada. O pai delas estava no pé da escada, esperando para ajudá-la a entrar no carro. Ela deu-lhe um sorriso fraco. Mesmo a esta distância, ela conseguia ver que os olhos dele estavam úmidos de emoção ao ver sua filha usando o mesmo vestido que a mãe dela estava usando quando eles se casaram.

Mas, justamente naquele momento, Beth lembrou do olhar no rosto de Jarrick ao descrever como ele foi injustamente acusado pelas pessoas de sua própria cidade e os muitos anos de sofrimento que uma acusação falsa poderia causar. *E a acusação de Robert é muito pior. E se ele for condenado e mandado embora injustamente?*

Uma imagem da igreja lotada de familiares e amigos lhe passou pela mente. *Talvez Jarrick já esteja na frente. Ou será que ele ainda está esperando no escritório de Philip?* Ela passou um dedo no cabo de seu buquê, traçando as linhas do lenço de Molly. *O que Molly faria? Será que ela deixaria de se pronunciar em nome de alguém que precisasse só por ser em um momento tão inoportuno, em um momento tão difícil? Será que isso quebraria a tão importante segunda regra?*

Beth desceu lentamente as escadas, com Julie segurando a parte de trás do vestido. O pai a encontrou embaixo, estendendo a mão e guiando-a até a porta aberta do carro. Beth deslizou para dentro do carro e amontoou o vestido em volta dela enquanto Julie entrava pelo outro lado. *E se eu simplesmente parar na escola?* Ela olhou para o traje dela, que seria obviamente inadequado. *Mas será que eu posso viver comigo mesma se eu simplesmente ignorar este momento? Afinal de contas, é apenas um vestido. Mas o que todos vão pensar? O que a mãe de Jarrick dirá?*

Seu rosto pálido se virou para o pai.

— Tenho de fazer uma parada primeiro — sussurrou ela.

— O que... o que você quer dizer, minha querida?

— Há algo que preciso fazer agora mesmo.

O pai ficou sem palavras e Julie a encarou como se ela tivesse perdido a cabeça.

— Alberto — implorou Beth, — você poderia parar primeiro do outro lado da rua? Por favor, deixe-me sair bem na calçada para que eu não suje meu vestido com lama, mas preciso parar na escola por apenas um momento.

— Sim, senhorita — ele respondeu uniformemente.

O rosto do pai estava cheio de consternação.

— Oh, Beth, você não pode!

Beth passou o buquê para Julie.

— Eu tenho de fazer isso, pai. Eu nunca mais terei outra chance. E talvez seja o suficiente para mudar o resultado da audiência de um homem, de sua vida. Não há mais ninguém que possa falar a favor de Robert hoje. Não posso explicar tudo agora. Você vai ter de confiar em mim.

Ele sacudiu a cabeça do banco da frente.

— Faça o que você tem de fazer.

O carro se moveu para frente em um ângulo acentuado, fazendo um retorno de três pontos na rua e parando devagar para que a porta de Beth se abrisse diretamente ao lado da calçada de madeira. Reunindo novamente as dobras de renda, ela aceitou a ajuda do pai para sair do carro. Ela andou cautelosamente em direção à porta familiar, sua mão tremendo enquanto ela a abria.

O som de conversa veio da sala de Robert, e ela bateu na porta timidamente. Uma voz abrupta disse:

— Entre.

Beth entrou na sala, e as expressões do círculo de pessoas não poderiam ter sido mais boquiabertas. Toda a discussão parou no meio de uma frase para assimilar esta noiva que obviamente estava no lugar errado. O olhar de Beth e o de Robert se cruzaram, e ela sorriu fraca e apologeticamente. Ao lado dele estava Ivy, com o queixo caído de incredulidade.

— Sinto muito por interromper, senhores — começou Beth. — Acho que está claro que preciso estar em outro lugar agora mesmo. — Ela tentou dar uma risada, mas sua boca estava muito seca. — Eu simplesmente não podia ignorar o fato de esta audiência estar acontecendo e quero falar em favor do Sr. Harris Hughes, se eu puder fazê-lo muito rapidamente.

Ainda sem palavras, o dirigente fez um gesto para chamar Beth para a frente e ela avançou, forçando seu corpo a permanecer firme. De frente para os rostos austeros de três estranhos, assim como para os da câmara municipal, Beth fez uma oração por coragem.

— Meu nome é Elizabeth Thatcher. Eu sou a outra professora aqui em nossa escola. Quero deixar registrado que nunca vi o Sr. Harris Hughes se envolver em qualquer atividade que fosse inapropriada. Ele sempre demonstrou o decoro e o respeito adequados em todas as situações em que o observei. Também me foi assegurado por vários de seus alunos, aqueles que estavam por perto enquanto ele ensinava Alice McDermott, que eles nunca sentiram que ele tivesse ultrapassado qualquer limiar de impropriedade. — Ela limpou a garganta, esperando que suas próximas palavras fossem eficazes. — E embora eu mesma não a tenha ouvido dizer isto, uma fonte muito

confiável me informou que Alice McDermott negou qualquer verdade às acusações trazidas hoje.

— Isso é tudo, Srta. Thatcher? — perguntou calmamente o dirigente.

A boca dela se abriu e depois fechou novamente.

— Suponho que sim. Há algo que você queira me perguntar?

— Não, acho que o que você disse é o bastante.

Beth acenou com a cabeça.

— Srta. Thatcher? — Bill Shaw perguntou, com um sorriso torto no rosto.

— Sim?

— Não seria mais indicado que você se apressasse para ir à igreja? Sem dúvida há um jovem muito ansioso para vê-la aparecer.

— Sim, obrigada. — Beth virou-se mais uma vez para olhar para Robert e Ivy.

Lágrimas deslizavam pelas bochechas da mulher. Ivy agradeceu-a silenciosamente, movendo os lábios para formar a palavra.



O pai estava andando de um lado para o outro ansiosamente quando Beth emergiu, e eles correram para o carro que estava esperando. A curta viagem colina acima em direção à igreja havia sido realizada antes que ela fosse capaz de responder completamente às perguntas dele para dizer-lhe que as coisas tinham corrido bem.

— Estou orgulhoso de você, querida. De verdade. — Então ele balançou a cabeça novamente em incredulidade. Julie havia finalmente encontrado suas palavras e colocou um braço em torno de sua irmã.

— Bethie, eu não posso acreditar que você fez isso! Você é tão corajosa!

Beth riu.

— Isso significa tanto vindo de *you*, querida.

Na igreja, Beth pegou o braço oferecido pelo pai e Julie novamente levantou a saia dela enquanto eles andavam pela grama. Beth entrou no saguão e permitiu que Julie ajustasse rapidamente o tecido do vestido. Ela conseguia ouvir Rose Shaw começando o Coró nupcial de Wagner no órgão. *É a hora. Chegou a hora.*

Logo Julie estava andando pelo corredor com Will Thornton. Então Marnie seguiu, segurando o braço de Roland. Beth olhou para o pai, e ele deu um tapinha na mão dela.

Ela deu seus primeiros passos para dentro do templo e ofegou.

Lá, centrado no altar, Beth viu um lindo caramanchão branco feito de galhos de bétula branca. Na base de cada lado, havia um conjunto de pequenos tocos de bétula unidos que escorava o arco.

— Pai?

Ele permaneceu no mesmo lugar por mais um momento, permitindo que Beth admirasse.

— Frank nos envolveu a todos para fazê-lo. Ele tinha certeza de que você pensaria que era perfeito — murmurou ele.

— Oh, papai, e é mesmo. É mesmo.

Capítulo 28

Os olhos de Beth concentraram-se em Jarrick durante toda a cerimônia, como se não houvesse mais ninguém na igreja.

Ela escutou sem fôlego quando ele lhe prometeu seu amor e depois ela repetiu essa mesma promessa para ele. Parecia que num instante eles já estavam caminhando pelo corredor de novo, desta vez juntos. *Juntos. Para o resto de nossas vidas* — o coração dela regozijou-se enquanto ela sorria para sua família e seus amigos, de cada lado da igreja, que estavam celebrando com eles.

Como não havia outro lugar para fazer uma festa tão grande, nem mesmo as salas de aula da escola, as mulheres da igreja levaram café e bolo e os colocaram em mesas no fundo da igreja para as pessoas se servirem. Uma segunda mesa foi montada no altar, onde Jarrick, Beth e seus padrinhos estavam sentados em frente ao lindo arco de bétula branca. Beth manteve uma mão ao redor do braço de seu novo marido, não querendo largá-lo nem por um momento. *Estamos casados agora!* — ela pensava cada vez que seus olhares se encontravam.

Olhando para o agrupamento de amigos sentados nos bancos, ela notou Robert e Ivy entrando no meio deles.

Levantando discretamente a mão para eles, os olhares de Beth e Ivy se encontraram e Beth sorriu. Ivy acenou de volta, acenando com a cabeça para confirmar que tudo havia corrido bem. *Oh, obrigada, Deus.* Beth suspirou de alívio.

Marnie passou, no braço de Harold, vestindo o vestido de madrinha que também tinha servido como vestido de noiva, claramente florescendo em seu novo papel.

Rosto após rosto conhecido emergiu da multidão enquanto Beth examinava as mulheres que ela havia aprendido a estimar. Eliza, sentada ao lado de Dillard na frente, trabalhava ativamente no ministério junto de seu marido em Lethbridge e abria sua casa graciosamente para estranhos. Na mesma fila, Esther com seu marido, Bardo, e seus três filhos ao lado de seu novo papai. Esther, que havia encontrado uma nova vida após a perda penosa do primeiro homem que ela amou. Esther, que uma vez havia agradecido a Beth por ter

sido usada por Deus para renovar a fé dela através das histórias atuadas com as crianças durante o clube bíblico.

Sentada na fila atrás, Beth notou que Kate tinha vindo com Edward. Kate, a silenciosa boneca de porcelana que, tão encantada por seu noivo, o seguiria claramente para qualquer lugar. E Beth viu Ruth e Abigail de pé ao lado da mesa da comida, servindo mais uma vez. Beth pensou no café da Abigail, que sem dúvida não havia sido a primeira escolha de Abigail, e ainda assim a mulher determinada estava prosperando em seu empreendimento e continuando a servir e a amar sua comunidade.

O pensamento levou a atenção de Beth para Molly, que havia vivido a morte de seu amado Bertram e depois seguido em frente com força para se tornar a mãe substituta de Teddy e Marnie e até de uma jovem professora ingênua que era nova no oeste. O casamento de Molly com Frank teria parecido inacreditável há apenas dois curtos anos e, no entanto, cada um deles havia visto além das diferenças culturais do passado e haviam se tornado um casal carinhoso, cuidando um do outro nestes anos mais avançados.

Beth sussurrou a Jarrick que voltaria muito em breve, uma promessa feita com um sorriso. Ela se levantou e foi primeiro para sua mãe, dando-lhe um longo abraço e palavras de agradecimento por tudo que ela e seu pai haviam feito ao criá-la para conhecer Deus. Em seguida, Beth abordou a mãe de Jarrick:

— Mamãe Thornton — disse ela, — eu queria agradecê-la por seu filho maravilhoso e por tudo que você fez para ensiná-lo no caminho em que ele deveria andar. — Surpreendida, a mulher recebeu o caloroso abraço de Beth.

Caminhando pelo meio da multidão, Beth dirigiu palavras de gratidão a várias outras por compartilharem esta cerimônia com Jarrick e ela.

Logo, ela e Molly estavam se abraçando, chorando um pouco e depois rindo porque estavam chorando. Beth lhe disse novamente o quanto sua amizade foi importante para "uma jovem totalmente inexperiente com um chamado para ensinar no oeste".

Juntando-se a Jarrick na mesa do altar novamente, Beth ficou emocionada em pegar sua mão mais uma vez. Ela enxugou uma lágrima, lançando outro olhar ao redor do lugar. Estas mulheres, tão diferentes em personalidade, mas semelhantes nas vidas difíceis que tiveram, continuariam a criar e cuidar de suas famílias e, cada uma a sua maneira, de suas comunidades.

E agora, com alegria incontida, Beth permaneceria no oeste, podendo considerar a si mesma uma desbravadora do Canadá. Ela sabia que não seria um papel glamoroso e que às vezes exigiria dela mais do que ela pensava ter, e ainda assim ela se sentia honrada em

assumir a função, seguindo seu novo marido, que estava seguindo o Pai celestial deles, onde quer que Ele os conduzisse.

Sobre as Autoras

Autora best-seller, Janette Oke é aclamada por sua significativa contribuição ao ramo dos livros cristãos. Seus romances venderam mais de trinta milhões de cópias e ela é a ganhadora do Prêmio ECPA President, do Prêmio CBA Life Impact, do Gold Medallion e do Prêmio Christy. Seu romance Quando Chama o Coração, que apresenta Elizabeth Thatcher e Wynn Delaney, foi a base para uma série de filmes e televisão do Hallmark Channel com o mesmo nome. A saga Retorno ao Oeste Canadense conta ainda mais sobre a história da família Thatcher. Janette e seu marido, Edward, vivem em Alberta, Canadá.

Laurel Oke Logan, filha de Edward e Janette Oke, é a autora de Janette Oke: Um Coração para a Pradaria, assim como o romance Dana's Valley, que ela coescreveu com sua mãe. Laurel e seu marido têm seis filhos e sete netos e moram no estado de Illinois, nos Estados Unidos.

[1] No Brasil as meninas “se despedem da infância” aos quinze anos, mas, nos países do norte do continente, é celebrada a chegada à idade adulta aos dezesseis, com bailes de debutantes e presentes especiais.